

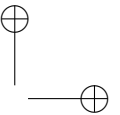
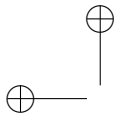
ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO  
COMMUNICATION STUDIES  
ESTUDIOS EN COMUNICACIÓN  
ÉTUDES EN COMMUNICATION

REVISTA . REVIEW . REVISTA . MAGAZINE

Nº 2 . DEZ'2007







## DIRECTOR

João Carlos Correia (Universidade da Beira Interior, Portugal)

## EDITORES | EDITORS

João Carlos Correia (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Anabela Gradim (Universidade da Beira Interior, Portugal)

## PAINEL CIENTÍFICO INTERNACIONAL | INTERNATIONAL SCIENTIFIC BOARD

António Fidalgo (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Afonso Albuquerque (Universidade Federal Fluminense, Brasil)

Alfredo Vizeu (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

António Bento (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Barbie Zelizer (University of Pennsylvania, USA)

Colin Sparks (University of Westminster, United Kingdom)

Eduardo Camilo (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Eduardo Meditsch (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

François Heinderyckx (Université Libre de Bruxelles, Belgique)

Elias Machado (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Francisco Costa Pereira (Escola Superior de Comunicação Social, Portugal)

Gil Ferreira (Universidade Católica Portuguesa)

Helena Sousa (Universidade do Minho, Portugal)

Javier Díaz Noci (Universidad del País Vasco, España)

Jean Marc-Ferry (Université Libre de Bruxelles, Institut d'Études Européennes, Belgique)

João Pissarra Esteves (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Joaquim Paulo Serra (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)

José Bragança de Miranda (Universidade Lusófona; Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

Liesbet van Zoonen (University of Amsterdam, Holanda)

Manuel Pinto (Universidade do Minho, Portugal)

Mark Deuze (Indiana University, USA)

Maria João Silveirinha (Universidade de Coimbra, Portugal)

Mário Mesquita (Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, Portugal)

Marcos Palácios (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Martin Jay (University of California, Berkeley, USA)

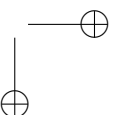
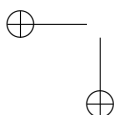
Miguel Rodrigo Alsina (Universitat Pompeu Fabra, España)

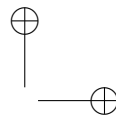
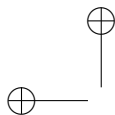
Michael Gurevitch (University of Maryland, USA)

Nelson Traquina (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

Nico Carpentier (Vrije Universiteit Brussel -VUB- , Katholieke Universiteit Brussel - KUB)

Nathalie Zaccai - Reyners (Université Libre de Bruxelles, Belgique)





Paula Espírito Santo (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Portugal)

Peter Dahlgren (Lunds Universitet, Sweden)

Pedro Coelho (SIC, Jornalista; Investigador)

Ramón Salaverría (Universidad de Navarra, España)

Stephen K. White (University of Virgínia, EUA)

Rosental Calmon Alves (University of Texas, USA)

Steve Reese (University of Texas, USA)

Susan Buck-Morss (Cornell University)

Tito Cardoso e Cunha (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Todd Gitlin (Columbia University, USA)

Xosé López García (Universidad Santiago de Compostela, España)

#### DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Moura (Labcom – Universidade da Beira Interior)

Catarina Rodrigues (Labcom – Universidade da Beira Interior)

João Nuno Sardinha (Labcom – Universidade da Beira Interior)

#### AGRADECIMENTOS

Marco Oliveira, Filomena Matos, António Tomé, Ivone Ferreira e Manuela Penafria (UBI)

© Estudos em Comunicação | Communication Studies

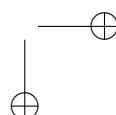
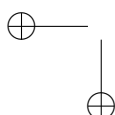
LabCom – Laboratório de Comunicação e Conteúdos On-Line – [www.labcom.ubi.pt](http://www.labcom.ubi.pt)

UBI – Universidade da Beira Interior <http://www.ubi.pt> – [www.ubi.pt](http://www.ubi.pt)

Dez. 2007 ISSN: 1646-4974

Periodicidade semestral | Semestral periodicity

Contacto dos Editores: [joaocarloscorreia@ubi.pt](mailto:joaocarloscorreia@ubi.pt), [agradim@ubi.pt](mailto:agradim@ubi.pt)



# Índice

|   |            |
|---|------------|
| <b>MUDs and Power. Reducing the democratic imaginary?</b><br><i>por Nico Carpentier; Niky Patyn</i>   | <b>1</b>   |
| <b>Cibercidadania na República Tecnológica: contribuições info-inclusivas dos novos paradigmas transculturais canadenses.</b><br><i>por Ricardo Nicola</i>  | <b>47</b>  |
| <b>What is Visual and What is Evident About Racial Definitions in Media Representations? Journalism rhetoric, crimes reports and racial profiling practices. Two Cases Involving Brazilians.</b><br><i>por Juliana Santos Botelho</i> | <b>71</b>  |
| <b>Journal télévisé et information d'urgence. Vers une nouvelle approche sémiotique</b><br><i>por Alexandre Manuel</i>  | <b>83</b>  |
| <b>Entre crime e terrorismo: O dilema apresentado pela <i>Folha de S. Paulo</i></b><br><i>por Beatriz Marocco</i>   | <b>95</b>  |
| <b>O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais</b><br><i>por Rogério Christofolletti, Marjorie K. J. Basso</i>   | <b>111</b> |
| <b>Espaço público no Brasil: visões da tragédia</b><br><i>por Verónica Aravena Cortes, Célia Regina da Silva, Maria Cleidejane Esperdião</i>  | <b>127</b> |
| <b>Risco, <i>dispositivos de informação</i> e a questão do governo em sua relação com a saúde nas sociedades contemporâneas</b><br><i>por Mónica Carvalho</i>   | <b>147</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>Verdade e rigor no Jornalismo: A intersubjetividade como referência na construção da notícia</b><br><i>por</i> <b>Heitor Costa Lima da Rocha</b>         | <b>171</b> |
| <b>Comunicação e política nos discursos presidenciais de tomada de posse: 1976-2006</b><br><i>por</i> <b>Paula do Espírito Santo</b>                        | <b>185</b> |
| <b>Da nação à região: as eleições legislativas na imprensa regional</b><br><i>por</i> <b>José Ricardo Carvalho</b>  | <b>217</b> |
| <b>Figuras do discurso eleitoral nas Presidenciais de 2006: Comunicação, participação política e deliberação</b><br><i>por</i> <b>Gil Baptista Ferreira</b> | <b>239</b> |
| <b>A verdade dos Factos: Excursão sobre o serviço “FactCheck” no jornalismo político</b><br><i>por</i> <b>Isabel Salema Morgado</b>                         | <b>255</b> |
| <b>Oposição não convencional em Portugal e em Espanha entre 1980 e 1995. Um primeiro estudo comparativo</b><br><i>por</i> <b>António Rosas</b>              | <b>275</b> |
| <b>La ideología liberal y los medios de comunicación en Polonia: Varios efectos de la transición poscomunista</b><br><i>por</i> <b>Radoslaw Sajna</b>       | <b>289</b> |
| <b>Investigative Romanian journalism in electoral campaigns: 2000 vs. 2004</b><br><i>por</i> <b>Valentina Marinescu</b>                                     | <b>307</b> |
| <b>Horizontes do webjornalismo</b><br><i>por</i> <b>Rui Torres</b>  | <b>315</b> |
| <b>O Espaço Público na rádio do século XXI: Interação para a cidadania ou para o consumo?</b><br><i>por</i> <b>Vítor Soares</b>                             | <b>333</b> |
| <b>Evolução da regulamentação da mídia eletrônica no Brasil</b><br><i>por</i> <b>Edgard Rebouças, Mariana Martins</b>                                       | <b>357</b> |



## MUDs and Power. Reducing the democratic imaginary?

Nico Carpentier; Niky Patyn

*Nico Carpentier - Vrije Universiteit Brussel (VUB - Free University of Brussels);*

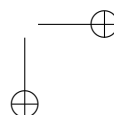
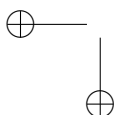
*Niky Patyn - Independent researcher*

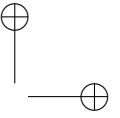
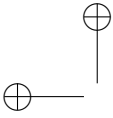
E-mail: Nico.Carpentier@vub.ac.be; niky.patyn@gmail.com

### ICTs and the democratic imaginary

**I**NFORMATION and communication technologies (ICTs) have received ample attention as potential tools for democratic innovation. Without entering all too deep in the discussion on this utopian claim, it should (at least for now) be noted that the emerging virtual communities were seen as one of the promising areas for new (democratic) practices to take place. Although critical voices were soon to be heard, they usually focused on retorting the utopianism. This article wants to take these analyses one step further, by not (just) arguing for ordinariness in stead of newness (including the “normal” presence of disciplining and surveillance (Lyon, 1994)), but by analysing the extraordinary quasi-authoritarian power relations in two specific virtual communities, both Multi User Domains/Dungeons (MUDs).

We knowingly enter with this choice into the world of play and fantasy, but at the same time we want to avoid underestimating the importance of this sphere. All forms of human encounter need in our opinion to be considered vital learning sites through interaction (as was already argued in symbolic interactionism). This social learning also immediately includes democratic and political learning, if a broad definition of democracy and politics is accepted. From this perspective MUDs act as virtual places where subjects are confronted with the workings (or micro-physics as Foucault would call them) of power, authority and hierarchy. Although the specificity of these playful environments also needs to be respected, MUDs cannot remain imprisoned in the un-real. The discourses that are produced at the level beyond the un-real through the mediation of play become again (politically) very real and relevant.





In order to show this reality, we have analysed the power relations in two MUDs, using a methodology based on participant observation. This analysis is theoretically framed by the key concepts of play and power, a discussion, which we will commence first.

## MUDS as playful on-line communities

Pavel Curtis (1997: 121-122), creator of LambdaMOO<sup>1</sup> and researcher at Xerox PARC, proposes the following definition for MUDs, which is unfortunately again characterised by an emphasis on the used technology. Despite these shortcomings, it still proves to be a decent starting point.

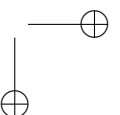
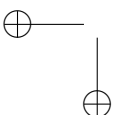
A MUD is a software program that accepts “connections” from multiple users across some kind of network (e.g., telephone lines or the Internet) and provides to each user access to a shared database of “rooms”, “exits”, and other objects. Each user browses and manipulates this database from “inside” one of those rooms, seeing only those objects that are in the same room and moving from room to room mostly via the exits that connect them. A MUD, therefore, is a kind of virtual reality, an electronically-represented “place” that users can visit.

### Types of MUDs

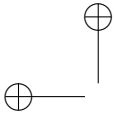
Another approach towards defining MUDS is to categorise them, and to take into account the diversity of MUDs. According to Hart (2003), an author writing for the Agora-website, which evolved out of the MUD-dev (short for MUD-development) mailing list at Kanga.nu, these MUDs can be categorised in three major categories: chatters/talkers, levelling games and pure role-playing games. Of course, this classification is in reality seldom as straightforward as this. The majority of MUDs is a mix of two or even all of these categories, combining for example the levelling aspect with role-playing.

---

<sup>1</sup>LambdaMOO is the most widely used MOO-server. MOO is short for MUD, Object Oriented, which indicates that the MUD was written in an object oriented programming language. This allows for certain functionalities that were not available before, such as user-created objects and rooms.







### A. Chatters/talkers

Chatters are also known as social MUDs and run on code bases such as TinyMUD or MOO<sup>2</sup>. A social MUD is a “safe” place, in such that it contrasts with “dangerous” adventure MUDs, where people can come together to talk. They don’t have to worry that other players or monsters will kill their characters, nor do they have to make sure their character eats and drinks enough to stay alive. The focus is on social interaction and not on survival, as is the case with levelling games. The hierarchy on social MUDs is not as strict as on other MUDs and the player ranks are based on interaction and contribution (Reid, 1999: 125-126)<sup>3</sup>.

- [OOC] Mudder117: “are there penalties for being hungry/thirsty?”
- [OOC] Mudder8: “you don’t heal as fast”
- [OOC] Mudder8: “but that’s it. You can be hungry indefinitely and never starve”

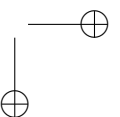
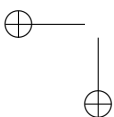
### B. Levelling games

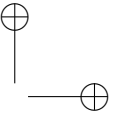
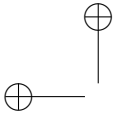
Levelling games or adventure MUDs (mostly running on Diku- or LP-servers<sup>4</sup>) differ strongly from the social MUDs in several ways. The MUD environment is “dangerous” and the characters can die, and do so quite often too. The characters are subject to “natural” forces such as hunger, thirst and exhaustion. And besides that, they are regularly confronted with monsters that can shorten the characters’ lifespan considerably. The focus of the game is to survive and this constant danger translates into strong ties of camaraderie between the users of the MUD. The hierarchy is often strict and based on competition and strength.

<sup>2</sup>TinyMUD was designed for creating social and role-play settings, and thus did not include a combat system. MOO is also used mostly for social MUDs.

<sup>3</sup>Logs MUD2, 19-11-02.

<sup>4</sup>DikuMUD was one of the first widely available MUD-servers, developed at the university of Copenhagen, but based on AberMUD and the original MUD, written by Richard Bartle. LP-MUD is also derived from AberMUD and was written in the LPC-programming language.





- [OOC] With horror, you realise your body is decaying into dust. You try to shout out, but all that remains...is darkness.
- [Info] Dimmu has died due to malnutrition! <sup>5</sup>

### C. Role-playing

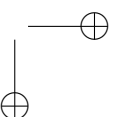
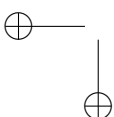
Role-playing MUDs can be both social or adventure oriented. The only difference lies in the way in which the users communicate with each other, since it is determined by the setting of the MUD. In a Star Trek environment, the player is supposed to adopt Star Trek-jargon, while such a mode of communication will not be welcomed in Tolkien-based MUDs. Blackmon (1994: 629) poses that the users are encouraged to become their characters and to act out their fantasy, albeit within the rules provided by the game design. The success of this type of game lies, according to Toffler (1970) in his analysis of the “old” Dungeons & Dragons, in the fact that it allows the player to “escape” from the routines of everyday life. This, however, is true for almost any type of recreational activity (Lancaster, 1994: 76).

### MUDS as play

The above categorisation already shows the main weakness of Curtis’ definition, as the user and the specificity of user practices in a MUD-environment are disregarded. Firstly, Remy Evard (1993: 3) underlines in his definition the importance of the real-time interactivity between multiple users. Curtis’ definition incorporates the fact that the server accepts connections from multiple users, but it leaves out the interactions that construct this online environment. An even more important feature refers to the specificity of this interaction, as it is based on the creation of a fantasy world where players take on one or more roles. As Turkle (1995: 182) remarks, a defining element is the distinction<sup>6</sup> between the player and the character(s) of the player.

<sup>5</sup>Logs MUD-1, 05-12-02. Dimmu is the name of our own character on MUD-1 and has not been changed, in order to make the researcher distinguishable from the other players (Reid, 1999: 120-122).

<sup>6</sup>Although it should be noted that at the ontological level this distinction is less obvious than it seems.



This allows us to exemplify the importance of the notion of play, especially in the levelling games and the role-playing MUDs. Following Caillois' (2001) classification of games, levelling games are related to the Agon-group, which are games built on competition. Role-playing games on the other hand fall within the Mimicry-group, as simulation is their main characteristic. As Caillois (2001: 19) puts it: "*all play presupposes the temporary acceptance, if not an illusion (...) then at least of a closed, conventional, and in certain aspects, imaginary universe*". Despite Callois' scepticism towards the viability of combining Agon and Mimicry – a combination which is "*merely viable*" (Caillois, 2001: 72) or even "*immediately destructive*" (Caillois, 2001: 78) – the MUDs that combine levelling and role-playing show that this combination can effectively be realised and sustained. Both types of MUDs can moreover create Ilinx, the third type<sup>7</sup> Caillois distinguishes. Ilinx, or a sense of vertigo is also referred to in the more recent literature on computer-mediated communication as immersion (Murrey, 1997), or being encapsulated in a flow (Csikszentmihalyi, 1975).

Reverting to play theory also allows highlighting the specificity of MUDs in relation to other types of on-line communities. MUDs are fantasy worlds that facilitate interaction, simulation and competition, which places them in a specific relationship towards non-play (social and political) realities. Sutton-Smith (1997: 106) summarises this by writing that "*play is about the ontology of being a player and the dreams that that sustains.*" At the same time play provides participants indirectly with "*solidarity, identity and pleasure*" (Sutton-Smith, 1997: 106). Although some authors do stress the educational potential of play, especially in relation to children and adolescents (Groos, 1898, 1901; Coleman, 1961; Piaget, 1962; Bateson, 1976; Vygotsky 1977, 1978), play remains important as a primarily autonomous human activity which serves its own purpose. Nevertheless, play as a human activity needs to be culturally contextualised and cannot be seen in isolation from (among many other things) the power relations that structure and construct society: "*talking about the game independently of the life of the group playing it, is an abstraction*" (Sutton-Smith, 1997: 106, see also Gruneau, 1980; Hughes, 1983). From this perspective MUDs can be seen as virtual places where, through the

<sup>7</sup>The fourth type of game Caillois distinguishes is Alea (chance).

mediation of play, discourses on power, authority, hierarchy, participation and democracy are generated and (re)constructed.

MUDs cannot be seen in isolation from the networked technologies that provide the communicative medium and form the construction of (on-line) community. Yet again, play theory is instrumental on both levels. An early example is Stephenson (1967), who in his book *"The play theory of mass communication"* emphasises the role of media technology and culture by highlighting that all media constitute play forms: audiences that make use of the mass media are for Stephenson essentially at play. Later analysis of networked communication place even more emphasis on the playfulness that is created by the (relative) interactivity and anonymity of the virtual worlds (Turkle, 1995; Aycock, 1993, 1995; Danet, 2001). Haraway's (1991) "Cyborg Manifesto" for instance contains the "ironic dream" of transgendered bodies that are able to playfully free themselves from the limits of human biology and the social inscriptions of modernism. A more down-to-earth example can be found in Danet's work (1998: 138), where she illustrates the "textual cross-dressing" by listing the 11 genders that are available on LambdaMOO and/or MediaMOO. This list for instance includes the so-called Spivak-gender, which provides users with the following terms to express one's gender: "e, em, eirs, eirself", available for playful use.

Play is also related to the construction of community and communal identities. Although the role of play in sanctioning community is often related to festivals, parades and carnivals (Fernandez, 1986; 1991), also other types of play (as for instance those types that can be found in MUDs) generate community. As Sutton-Smith's (1997: 102) discussion of the so-called "*power-oriented ludic identities*" shows, the performance of these communal identities can also be aimed towards an outside threat (e.g. a colonising power or the power holders<sup>8</sup>). The presence of these antagonistic or resistant identities immediately and necessarily implies processes of exclusion and inclusion. These power tactics are not only situated at the level of "traditional" communities but also play at the level of all different types of community. Here Sutton-Smith (1997: 103) refers to children's play, where for these children "*the most important thing about play is to be included and not excluded from the group's activities*".

<sup>8</sup>See for instance Bakhtin's (1984) discussion of the carnivalesque.



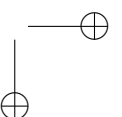
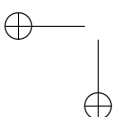
## Power relations in Giddens and Foucault's work

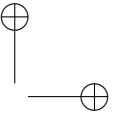
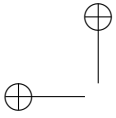
The mere fact that these environments are communities that are formed on the basis of play, does not exclude the presence of power in these playful relationships, as is the case in any type of community. Communities are invested with an enormous potential for solidarity and kindness (as for instance Tonies (translation 1963) did) and simultaneously regarded as the locations of processes of disciplining and othering. This duality necessitates an approach to power that incorporates both aspects, which can be found in the work of Foucault and Giddens.

Both authors stress that power relations are mobile and multidirectional. Moreover they both claim that their interpretations of power do not exclude domination or non-egalitarian distributions of power within existing structures. From a different perspective this implies that the level of participation, the degree to which decision-making power is equally distributed and the access to the resources of a certain system are constantly (re-)negotiated.

Both authors provide room for human agency: in his dialectics of control Giddens (1979: 91) distinguishes between the transformative capacity of power - treating power in terms of the conduct of agents, exercising their free will - on the one hand, and domination - treating power as a structural quality - on the other. This distinction allows us to isolate two components of power: transformation or generation (often seen as positive) on the one hand, and domination or restriction (often seen as negative) on the other. In his analytics of power, Foucault (1978: 95) also clearly states that power relations are intentional and based upon a diversity of strategies, thus granting subjects their agencies.

At the same time Foucault (1978: 95) emphasizes that power relations are also "*non-subjective*". Power becomes anonymous, as the overall effect escapes the actor's will, calculation and intention: "*people know what they do; they frequently know why they do what they do; but what they don't know is what what they do does*" (Foucault quoted by Dreyfus and Rabinow (1983: 187). Through the dialectics of control, different strategies of different actors produce specific (temporally) stable outcomes, which can be seen as the end result or overall effect of the negation between those strategies and actors. The emphasis on the overall effect that supersedes individual strategies (and agencies) allows Foucault to foreground the productive aspects of power



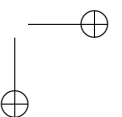
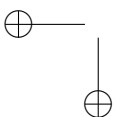


and to claim that power is inherently neither positive nor negative (Hollway, 1984: 237). As generative/positive and restrictive/negative aspects of power both imply the production of knowledge, discourse and subjects, productivity should be considered the third component of power<sup>9</sup>.

Based on a Foucauldian perspective one last component is added to the model. Resistance to power is considered by Foucault to be an integral part of the exercise of power. (Kendall and Wickham, 1999: 50) Processes engaged in the management of voices and bodies, confessional and disciplinary technologies will take place, but they can and will be resisted. As Hunt and Wickham (1994: 83) argue:

---

<sup>9</sup>Not all authors agree upon the distinction between the Foucauldian concept of productive power and the Giddean concept of generative power. We here follow the interpretation Torfing (1999: 165) proposes: “Foucault aims to escape the choice between ‘power over’ and ‘power to’ by claiming that power is neither an empowerment, potentiality or capacity [generative power], nor a relation of domination [repressive power]”.



*Power and resistance are together the governance machine of society, but only in the sense that together they contribute to the truism that “things never quite work”, not in the conspiratorial sense that resistance serves to make power work perfectly.*

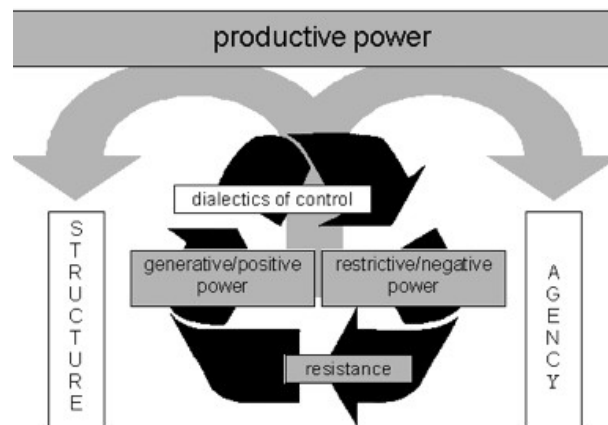


Figura 1: Foucault's and Giddens views on power combined

In what follows this model of productive, generative and restrictive power mechanisms and the resistance they provoke, will be applied to the power relations in the world of MUDs.

## Power and resistance in two MUDs

In order to show (and analyse) the presence of these power relations in the playful environment of the MUDs, this article reports on the case study of two MUDs (conveniently called MUD-1 and MUD-2). Both MUDs are (each in their own way) a combination of a levelling game and a role-playing MUD. MUD-1 is fantasy-based in the broadest meaning of the word: there are dragons, faeries and ghosts, but there are also Smurfs and light-sabres. The players are free to just play the game or role-play: there is no common theme present. On the other hand, MUD-2 is very rigidly based on the world as described in The Wheel of Time-books by Robert Jordan. This series presently

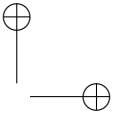
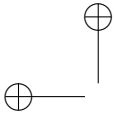
counts eleven books, with Brandon Sanderson finishing the twelfth book after Jordan's death on September 16, 2007. The complexity and rich details of that world are incorporated in MUD-2's areas and the players are thus encouraged to build their role-play around the given setting.

One researcher participated in both MUDs for a period of two months, and these interventions were logged during this period. Eventually twelve logs for each MUD from the first month were selected for analysis<sup>10</sup>. The method used for this case study is thus based on participation observation (in gathering the data), in combination with qualitative content analysis, based on Wester's methodology (1995) for analysing the logs that captured the observations. The choice for participatory observation is legitimised by its capacity to study processes, relationships, the organisation of people and events, and patterns, without loosing the connection with the context in which they unfold. Understanding the context is the only way to infer the meaning of complex social situations (Lang and Lang, 1995: 193). Moreover participant observation also has the advantage that it allows the researcher to adjust his/her focus as changes occur in the setting, sometimes yielding unexpected results (Giddens, 1997: 542-543).

Key sensitising concepts for the analysis of power relations in the MUDs, and their (non-)egalitarian nature, can be found in the above discussion on the differences between generative and restrictive power aspects. The focus is more specifically placed on the power relation between the "ordinary" players and the "owners" of the two MUDs. It is contended in this article that the equality in power relations can be analysed by making two comparisons. Firstly the generative and restrictive aspects in the power relations between the different (categories of the) subjects involved are compared. Secondly the restrictions encountered by the players who hold weak powers (Fiske, 1993) are compared with the resistance that these players can exercise vis-à-vis these restrictions. The importance that is attributed to the equality of power relations in the context of play can be found (and legitimised by) the need to he-

<sup>10</sup>The length of the sessions and the interval between them changed according to several factors, such as the total of on-line players and whether it was at the beginning or at the end of our research. Therefore the gaps between sessions will be bigger near the end of the research period. After carefully reviewing the logs, we chose twelve logs for each MUD from the first month. These logs were the richest, or contained in other words the most useful information. Together, the twenty-four logs counted almost 200.000 words.





gemonise democratic practices (Laclau & Mouffe, 1985) or to strive towards communicative action – in contrast to strategic action (Habermas, 1984), even in daily life settings that are embedded in fantasy.

### Restrictive power aspects

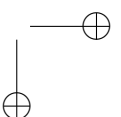
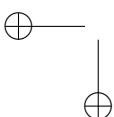
The two MUDs are initially created by a distinct group of people, that own (or rent) the server space on which the MUDs are located. This results in a privileged position for this relatively limited group of people. They, and some of the people they select, acquire spatial control over the area in which the playful mimicry can take place. This spatial control is not limited to the construction phase of (an area of a) MUD, but also implies rights of surveillance and unrestrained movement. Their position is also translated in the occupancy of the top levels of the social hierarchy that is embedded in the competitive form of the MUD, thus bypassing the required need to accumulate points. Moreover, they retain control on who is (in a later stage) allowed to join their ranks. Finally they can exercise regulatory control in order to keep players in line and to deal with recalcitrant MUDders. It is no accident that this privileged group makes explicit reference to a deistic discourse by naming itself “immortals”, with the “implementator” at the top of this social pyramid. As the example below illustrates, the immortals’ ability to punish and the directness of their regulatory interventions are crucial components in the power relations of the MUD.

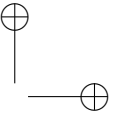
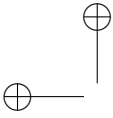
- Mudder3 gossips “hey mudder71”
- Mudder3 gossips “didn’t mudder2 warn you already?”
- Mudder71 gossips “sorry”
- Mudder71 gossipcs “trigger testing :)”
- Mudder3 gossips “final warning”<sup>11</sup>

The two MUDs cannot be seen in isolation from the social. In contrast to what for instance Rheingold (2001) and Castells (1999: 362) seem to sug-

---

<sup>11</sup>Logs MUD1, 04-12-02.





gest, on-line communities still remain communities. As communities they are characterised by the presence of a social structure. The above-mentioned hierarchy is for instance more complex than the basic dichotomy between immortals and “ordinary” players. The accumulation of capital (=points), gained through the competition (fights with an outside threat or in-fights<sup>12</sup>), leads to an increase in status within the player community, translated by upward mobility in the player hierarchy. Players can be granted “immortality” on the basis of their knowledge, expertise and status, although the explicit approval of the implementator (or other high-ranking immortals) remains a requirement. As in most social systems, the regulatory framework is not solely based on the presence of an explicit system of rules, but consists also out of a pattern of norms or informal rules, that are not only imposed by the immortals, but also guarded by all players. Again, one’s position on the social ladder of the MUD will affect one’s capability to successfully intervene when a social norm is trespassed.

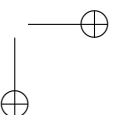
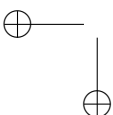
In the following part these components of the dialectics of control are illustrated on the basis of the analysis of the restraining power practices on the two MUDs: four specific elements are distinguished: spatial control, social hierarchy, formal rules of interaction and etiquette / netiquette / MUDiquette.

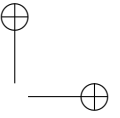
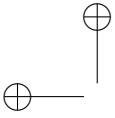
### 1. Spatial control

MUDs are vast virtual spheres, consisting of several areas, which all have several rooms. The rooms and areas are created (and known) by the immortals of the MUD. An average area has between 100 and 200 rooms, which can bring the total number of rooms on a MUD from about 3,000 to up to 15,000 and more<sup>13</sup>. Areas can be compared with regions or even countries. Mostly, they are designed around a single theme or plot, such as an Elves forest or a haunted mine. The rooms within an area can be almost any type of place that exists in the physical world. So even though they are called “rooms”, they still can be a path in a forest or a stretch of river, as well as a royal audience room

<sup>12</sup>External fights are with hostile characters called “mobiles” or “mobs”, while in-fights are with other players. This second category is usually highly regulated, for instance restricted to a free zone for so-called player-killing. Both categories clearly introduce the notion of competition, linking it to the Agon-group of games that Callois has defined.

<sup>13</sup>According to the advanced MUD search-engine at [Mudconnector.com](http://Mudconnector.com)





or a sewer pipe. These rooms are connected with “exits” that allow players to move from one room to another.

Players have to walk or fly from room to room in order to get from A to B, so it is necessary for them to have enough movement points and to know the way<sup>14</sup>. This system obviously forces the players to learn the layout of the MUD by travelling through it, but the immortals can by-pass these restrictions: they can either set their number of movement points to the maximum amount or they can use the “goto”-command<sup>15</sup> that instantly transports them to any place on the MUD.

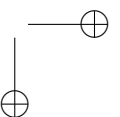
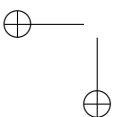
The creation of rooms and areas also allows the integration of surveillance systems. Some rooms will log anything that happens inside them, while others allow a user to look inside other rooms without being seen him/herself (like a one-way-mirror). Another method is what is called “a trigger”. Sometimes, a room will “listen” for a specific event and start a series of actions when it is “triggered”<sup>16</sup>. It is obvious that this technique can easily be used to automate surveillance and even punishing. There are also rooms that restrict players from performing certain actions, like killing a mobile – in this particular case a high priest – in what is called a “peaceful room” .

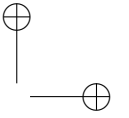
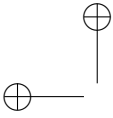
---

<sup>14</sup>Sometimes there are exceptions: on MUD-1 some players – so-called psionics or masters of the mind – have special powers that allow them to also skip these restrictions.

<sup>15</sup>With the “goto”-command, the immortals can choose to travel directly to a certain player, mobile or room.

<sup>16</sup>For example, there is a room with a secret door and a button. Nothing will happen until a player pushes the button. This means that the room was “listening” for someone who pushes the button. The action of pushing the button is what triggers the room.





- Chamber of the High Priest
- You have entered the chamber of the most holy man in this city. The High Priest advises the Sultan on all matters in the world of the sacred. From what you have heard however, this holy man has a bit of a temper, and he doesn't look very happy that you've disturbed his prayers.
- The only obvious exit is south.
- [Exits: south]
- (White Aura) The high priest rests here meditating, well he WAS meditating.
- <196hp 172m 210mv> kill priest <sup>17</sup>
- It's too peaceful to kill in here<sup>18</sup>

Other techniques are “snoop”<sup>19</sup>, which allows the immortal to see everything the target sees, and the “at” command<sup>20</sup>, which lets the immortal manipulate things at another place without having to move him/herself to that place.

Immortals can also create access restrictions: some rooms have special purposes and some are only accessible by certain types of players. How these regulations are applied shows us the players' hierarchical classification<sup>21</sup>. There are also special areas with their own specific rules. The arena on MUD-1, for example, is an area where players can go to fight each other without having to fear the negative consequences of a player-to-player fight in the rest of the MUD. Player-killing is strictly forbidden in all other areas

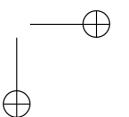
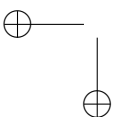
<sup>17</sup>This is the prompt with the hit, mana en movement points.

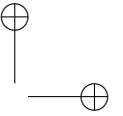
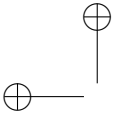
<sup>18</sup>Logs MUD-1, 04-12-02.

<sup>19</sup>“Snoop” allows the immortal to see through the eyes of the player, thus seeing exactly the same as the target along with his/her own output.

<sup>20</sup>For example, when an immortal would type “at Mudder6 look”, the immortal would see the same as when s/he would type “look” in the room where Mudder6 resides at that time.

<sup>21</sup>Experience points (or XP) are used to determine the level of a character: the higher the amount of experience points, the higher his or her level.

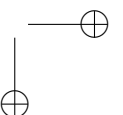
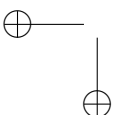




of MUD-1, and if someone would try to kill another player outside the arena, s/he would probably be banned from the MUD.

## 2. Player hierarchies

MUDs, like any other community, have a social structure. In both MUD-1 and MUD-2 this structure is very rigid and based on a strict hierarchy. This hierarchy is mostly dependant on a player's level on the MUD (as it is the case on MUD-1), although other elements, such as role-play ability (especially on MUD-2) or knowledge of the MUD, can also influence it. Upward mobility is possible by advancing in the game but once a player becomes an immortal, the levels remain fixed. One can only rise by getting a promotion from a superior immortal, and mostly it is only the implementor who has the power to do so. Player-levels are omnipresent on these MUDs, and can be consulted at any given time. When for instance a player on MUD-1 types "who", s/he gets a list that resembles the following.



- Players in MUD-1
- \_\_\_\_\_
- [ Deity ] I hope to go to Heaven, whatever Hell that is -Mudder3 (idle, brak)
- [ Archangel ] Error 501: Mudder20 Not Implemented. (AFK<sup>22</sup>, brak)
- [Lord Champion] Mudder37 the killer attack champion
- [ Lord Knight ] Mudder41 the killer attack squirrel
- [ Hero Monk ] Mudder18 the Royal Cartographer
- [ Hero Cleric ] Mudder42, not quite Mudder37, but, it should suffice!
- [ Hero Psionic ] Mudder22 killer attack mouse
- [ 20 Druid ] Mudder4.5.2 (idle 3m)
- [ 15 Ranger ] Mudder12 the Hunter (AFK, idle 5m)
- [ 10 Druid ] Dimmu the Novice Herbilist
- [ 6 Warrior ] Mudder24 the Warrior
- 11 visible players.
- Total number of mortals in the game: 9<sup>23</sup>.

The list is sorted according to level, starting with the highest (Mudder3) and ending with the lowest in rank (Mudder24). Besides the level, we also see

<sup>22</sup>AFK is the short form for “away from keyboard”

<sup>23</sup>Logs MUD-1, 05-12-02.

the class of the character<sup>24</sup>. The sentence behind the names is called a title. It allows players to give more information about themselves, their characters, or just to make some witty comment. Players can modify these once they reach level 20. Below that, the title is pre-set by the immortals and it changes automatically when a new level is gained. Behind the title we also get some information about idle-time and other flags, like the AFK-flag<sup>25</sup>.

Players on MUD-1 and MUD-2, and the immortals as well, are classified into categories. There are newbies<sup>26</sup>, player-killers<sup>27</sup>, builders and coders<sup>28</sup>. Every player also chooses a race<sup>29</sup> and a class when they first log on. And later they can join clans, guilds or tribes<sup>30</sup>. This also tends to vary from MUD to MUD. While MUD-1 offers guilds but no clans or tribes, MUD-2 has a variety of clans and tribes, but no guilds. These organisations have their own specific hierarchy that can be just as rigid as the one of the MUD itself. Every organisation has their own leader(s) and they all have separate classifications for aspirant and regular members.

The hierarchy on MUD-2 is stricter than on MUD-1, mostly because its link with Robert Jordan's Wheel of Time-series is closely protected. There is a precarious balance between level of experience points and role-play level.

---

<sup>24</sup>The class is what one could call a profession. This ranges from warrior to thief and from priest to magician. Some MUDs (mostly role-play MUDs) also allow more common professions like carpenters, blacksmiths and merchants.

<sup>25</sup>Flags are indications that there is something special with a character or item. The idle-flag shows which player is idle, but most flags on items are invisible unless looked at after using the identify-flag. These item-flags show if an item has spells cast on it.

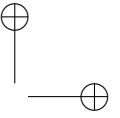
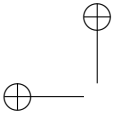
<sup>26</sup>Newbies are new players who are still learning how to play the game.

<sup>27</sup>Some MUDs allow "player-killing" (PK) where one player kills another. Some players enjoy this aspect of the game so much that they mostly play on the MUD to PK. These players are called "player-killers" or PK'ers.

<sup>28</sup>Coders can be seen as builders, but they change the MUD at a more profound level. While builders change it by modifying rooms, the coders change how the combat-system works or how magic spells have their effect.

<sup>29</sup>Race means the species a player wants to play. Some MUDs offer the more conventional fantasy races, such as humans, dwarves, elves, orcs, etc., while others even allow their players to play cats, dragons or butterflies.

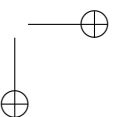
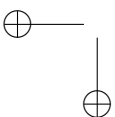
<sup>30</sup>Clans, guilds and tribes are communities inside the MUD. The clan is mostly based on a similar interest or belief, while the guild is based on the profession of the players. Tribes are, rather logically, based upon the race of the players.



During role-play one can only use the skills one knows code-wise<sup>31</sup> as a character, but it depends on the role-play level how well this skill can be used. This means that both levels are to be taken into account when we want to look at the hierarchy on MUD-2. In the following extract we witness a discussion between an immortal and a guild leader who wishes to get promoted. It shows the decision-making powers of the implementators.

- [OOC] Mudder2: “hrmm so when do i get promoted ?”
- [OOC] Mudder2 looks around and whistles innocently.
- [OOC] Mudder1: “Couple years.”

<sup>31</sup>Some skills are coded, which means that they can be gained automatically from certain mobiles on the MUD. Other skills can only be used during the role-play and are therefore called IC-skills or in-character skills.



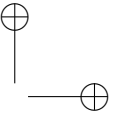
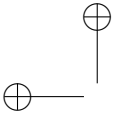


- [OOC] Mudder2: “oh come on i like getting Mudder21 all buggy”
- [OOC] Mudder1: “I’m afraid if I promote you.. and mudder20.. mudder21 may commit suicide.”
- [OOC] Mudder2: “good deal”
- [OOC] Mudder2 falls to the ground and rolls around laughing hysterically.
- [...]
- [OOC] Mudder2: “Mudder20 deserves to be promoted”
- [OOC] Mudder1: “I don’t promote guildleaders that often. So don’t hold your breath:)”
- [OOC] Mudder2: “i don’t”
- [OOC] Mudder1: “I haven’t even rp’ed mudder6’s promo yet.”
- [OOC] Mudder2: “hehe”
- [OOC] Mudder1: “I told mudder13 to do it.”
- [OOC] Mudder1: “But mudder13 doesn’t like mudder6.”
- [OOC] Mudder2 falls to the ground and rolls around laughing hysterically.
- [OOC] Mudder1: “so he never will do it”
- [OOC] Mudder2 falls to the ground and rolls around laughing hysterically<sup>32</sup>.

While other players are promoted by their guild leaders, the guild leaders themselves can only be promoted by the immortals. The first type of promo-

---

<sup>32</sup>Logs MUD-2, 15-11-02.

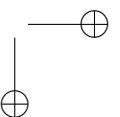
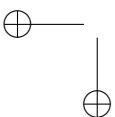


tion only affects the role-play hierarchy and thus only has a modest impact on the overall hierarchy.

### 3. Formal rules of interaction

The formalised rules on the two MUDs are created by the immortals. Sometimes only the implementor, who owns the MUD, has the right to change these rules, and sometimes, like on our two MUDs, there is a council of immortals, strengthened with a few high-level characters, which can propose new rules or change the existing rules.

The formalised rules are enforced with punishments or at least with the threat of punishment. It is important to note that both immortals and players are bound by these rules, although the immortals do have some privileges on the two MUDs we studied. The form of punishment is usually mentioned in the same help-file as the rules, so we could say that these retaliations are also formalised. The main rules on MUD-2 can be invoked by typing “help rules” at the prompt. The player is informed of this when s/he first creates and every time s/he logs on after the initial creation. It is expected that every player takes the time to read them and thus also that they know and respect them.



MUD-2 has three major divisions of rules, each having five major rules.

The divisions are:

#### OOO<sup>33</sup> Rules

- 1) Be Respectful to All Mudders.
- 2) No Multiplaying
- 3) No Botting<sup>34</sup>
- 4) No Exploitation of Bugs<sup>35</sup> or Immortal Powers
- 5) Ignorance is NOT an excuse.

#### Player Killing Rules

(You may Player Kill in the Following Situations)

Player Killing is IC<sup>36</sup> When Used:

- 1) To initiate a sneak attack in Major Roleplay Only.
- 2) Your IC actions are ignored during roleplay.

Player Killing is OOC When:

- 3) If someone is harassing you in an OOC manor.
- 4) Both parties Agree.
- 5) Someone not in your guild is in your guild recall<sup>37</sup>

#### Roleplaying Rules

<sup>33</sup>OOO is short for Out Of Character. In a role-play setting, where everyone plays a role, it can be beneficial to sometimes step out of that role in order to say something that is not related to the ongoing role-play. When players do this, they are OOC.

<sup>34</sup>“Botting” is the practice of using automated scripts in order to play on the MUD. A “bot” allows the player to leave his chair, while the scripts control his character.

- 1) Grouping<sup>38</sup> is ALWAYS IN CHARACTER.
  - 2) Never cut/paste information for roleplay of any kind.
  - 3) Major Roleplay must always take place where your Major Roleplay Location is.
  - 4) Major Roleplay Location is where your stories put you.  
To move you must post a story to ALL/Anyone Moving the subject: Movement: From to To, Who is Moving How?  
help distance chart for more info.
  - 5) Your character may only use abilities that they gained OOCly, and only as well as their Roleplay Levels reflect.
    - Helpfiles are available for any terms you do not understand.  
ie: help Player Killing.
- Please contact the staff for any clarification. Mudder1 holds the final say in any matter.

The “Out Of Character” rules are the same as on most MUDs. The other rules are specific for MUD-2, hence the stress that is put on the issues about role-play on the MUD. The rules concerning player-killing have been changed on a number of occasions in an attempt to fit it in the concept of Role-Playing

<sup>35</sup>Bugs are, just like in other software, mistakes in the program-code. It is general policy that these bugs should be reported in order to get them fixed as soon as possible.

<sup>36</sup>IC is short for In Character. It is the opposite of OOC.

<sup>37</sup>Players have a “recall”-command, which allows them to instantly transport themselves to their guild.

<sup>38</sup>Players can form groups with other players. This allows them to fight and kill bigger monsters and thus speed up levelling.

and “Out Of Character” killing<sup>39</sup>, but we will get back on that in the section on collaboration and co-deciding in the discussion on generative powers in this paper.

Extensions to these basic rules can be found by browsing the help-files on the MUD. New rules will also be announced at the “changes” -section of the bulletin board. These rules are of course never definite. And again, the immortals (and in this case especially Mudder1) have the prerogative in the interpretation and implementation of these rules; witness the statement that “*Mudder1 holds the final say in any matter*”.

#### 4. Etiquette / Netiquette / MUDiquette

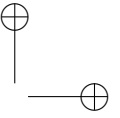
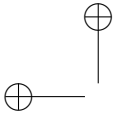
Not the entire regulatory framework on the two MUDs is formalised, as part of it is embedded in norms of “good” behaviour. These are not included in any help-file, nor are they enforced by “official” punishments. They are supposedly internalised. The majority of the players and even the immortals abide by them and they all, through a diversity of social sanctions, enforce these non-formalised rules. As is the case in many forms of social sanctioning, processes of inclusion and exclusion are at the very core of this normative enforcement.

Etiquette (or widely accepted rules of public conduct) makes up a large part of the non-formalised rules. Another form is netiquette, which is an adaptation of etiquette with a focus on interaction on the Internet. But not all interactions are structured in a similar way on the Internet. Therefore we need to make a further distinction to include the etiquette that is specific for MUDs. Or even for each MUD separately since these rules vary according to the type of MUD. This last form we will call MUDiquette.

MUDiquette is a collection of MUD-specific non-formalised rules. It can be seen as a localised version of the more general netiquette, in prescribing how the interpersonal interaction should be conducted on a MUD. In our two MUDs this consists, among other things, of how to greet each other, what to do when a character gains a level, how to behave towards immortals, and what to say to a player whose character just died. Not abiding to these rules might attract negative reactions (or sanctions). Some of the rules of MUDiquette

---

<sup>39</sup>Players on MUD-2 can kill other players. When this fits in the role-play, we speak of IC-killing and it is allowed. However, when there is no IC-reason for the action, we speak of OOC-killing, which is forbidden on MUD-2.



are also formulated negatively (as a restriction). On MUD-2, for example, the advertising of other MUDs is seen as something that is simply not done since it might make players leave. This rule is not found in the formalised help-files, and yet the players abide to this unspoken restriction.

- [Newbie] Mudder61: “do you know any muds that have the Asha’man<sup>40</sup> and rand<sup>41</sup> and stuff?”
- [...]
- [Guide] Mudder52: “not that I’m going to advertise here”
- [Guide] Mudder52: “i would get in trouble”
- [...]
- [Newbie] Mudder61: “why, i want to play on one, but i can’t find any and it makes it almost pointless to make a male channeler<sup>42</sup>”
- [...]
- [Guide] Mudder52: “cause we don’t advertise other muds here”
- [Guide] Mudder51: “you aren’t supposed to advertise others muds on here while you play here. it isn’t considered proper etiquette”

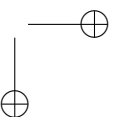
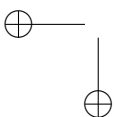
Although Mudder61 asks it nicely, the other players will not tell him of another MUD where he can create a male channeler. He will have to go look one up himself, or concede to the restrictions for male channelers<sup>43</sup> on MUD-2 and stay there. Although these rules are mostly non-formalised, they can also become formalised. Just like formalised rules will eventually be perceived as MUDiquette. The distinction between formalised and non-formalised rules in gaming practice may therefore not be as clear as portrayed here.

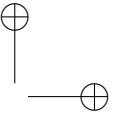
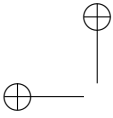
<sup>40</sup>Asha’man are the male counterpart of Aes Sedai. It can be seen as a guild of male magic-users.

<sup>41</sup>Rand is one of the main characters in the Wheel of Time series.

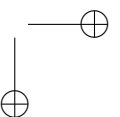
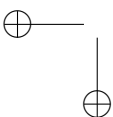
<sup>42</sup>Logs MUD-2, 19-11-02.

<sup>43</sup>“Channeler” is the term Robert Jordan gives to magic users in his Wheel of Time-series.



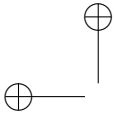
**Player resistance to restrictive power aspects**

The heavy load of these restrictions might create the expectation that the unequal power balance provokes fierce resistance. In contrast, a high degree of compliance can be observed on the two MUDs. Only a few rare occasions of resistance occurred. In the following excerpt we see a trace of resistance: one of the immortals (Mudder13) sets things straight after their decisions have been questioned. The immortal firmly reaffirms the decision made before, and re-establishes his own authority and that of the leader of the guard, with the following statement: *“I expect this to settle any disputes now, and give Mudder2 to handle any disagreements as he sees fit with consultation with Mudder1 and I”*. The player (Mudder38) that questioned the decision gives in and apologises for having started the discussion. He does add the sarcastic note to his statement: *“Just trying to make sure Mudder21 gets the recognition he deserves. Didn’t know it was against the rules”*. Although some resistance can be read in this exchange, it is marginal.



- Area: OOC - Note #494
- From: Mudder13
- To: towerguard whitetower
- Subj: Leadership within the Towerguard
- Time: Tue Nov 19 21:07:31 2002
- Lately I have heard from several sources, and seen on guildchat and through notes several disputes over who is the leader of the Towerguard, Mudder2 or Mudder21. Yes they both have the same rank but Mudder1 and I have both placed Mudder2 in overall command of the Towerguard. Mudder2 did the necessary Guild Leader RP's in order to obtain his rank and also handles all of the Guild Quests I assign to Towerguard every week. Imm alts cannot rise to a higher rank then GL 3 in any guild, nor should they ever be the head commanding officer of a guild since it is impossible to dedicate the necessary amount of time to both. I expect this to settle any disputes now, and give Mudder2 to handle any disagreements as he sees fit with consultation with Mudder1 and I.
- -Mudder13
- —
- Area: OOC - Note #496
- From: Mudder38
- To: whitetower mudder13
- Subj: Re: Leadership within the Towerguard
- Time: Tue Nov 19 21:25:55 2002





- —
- OK, sorry about the note then. Just trying to make sure Mudder21 gets the recognition he deserves. Didn't know it was against the rules<sup>44</sup>.

### Generative power aspects

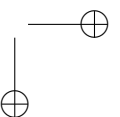
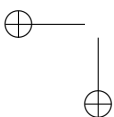
Despite the relative long list of player restrictions, and the limited opportunities for resisting them, MUDs do provide the players with gaming pleasure through the interaction between the players and the MUD and through the interaction between the players themselves. From this perspective the social sphere of the MUD is highly dependant on the presence of sufficient players, which in turn is dependant on their pleasure. Through (the lack of) experiencing pleasure, players have the power to decide on the future existence of the MUD. Moreover the interaction on a MUD is not limited to the game itself, as ample fora for “out-of-character” discussion exist. This also creates possibilities for negotiation, and bypassing the rigid hierarchical structure. Thirdly, as has been mentioned before, some forms of collaboration and even more formal platforms of co-decision do exist. And finally, the MUD remains a community, which has several identities or sub-communities (such as newbies or guilds). On the basis of these identities specific allegiances can emanate from the gaming practices, thus strengthening the weak power base of the “ordinary” players.

#### 1. (Lack of) pleasure

The main reason of existence of a MUD is the pleasure that this environment can produce for its players, who can take on a plurality of identities. The absence of pleasure would result in its demise. And while this is mostly taken for granted, it sometimes is explicitly mentioned. The following note was posted on MUD-2 and discusses a new idea that was brought up. The original idea was that when a player attacked a mobile, the mobile would get marked by that player, ensuring that only that player would be able to kill it and thus

---

<sup>44</sup>Logs MUD-2, 20-11-02



receive the experience points that he deserves. This came up during a discussion on kill-stealing, where one player killed a high-level mobile in a single blow because another player had wounded it severely. The first player received the experience points, while the other, who did all the work, did not get anything. The writer of this note, Mudder47, agrees that the implementation of this rule might “reduce the fun factor”, unless the stipulation of one mobile was added as well. This shows that gaming pleasure is a rather important (and even explicitly discussed) issue on MUD-2.

- —
- Area: Ideas - Note #566
- From: Mudder47
- To: All
- Subj: RE: My mark...
- Time: Wed Nov 27 07:39:33 2002
- —
- Mudder36,
- I believe Mudder8 mentioned that the tag skill in question would only work on one mob at a time. If I tagged one Defender, then tagged another one, the previous tag would be erased and the second one would now be tagged. I agree that “marking” one’s territory by tagging all the mobs would hinder levelling for all players and reduce the fun factor; however, the stipulation of one mob would alleviate the concern<sup>45</sup>

Players do not only expect the opportunity to interact with the MUD itself, but also expect to interact with the other players. In the following example Mudder5 complains through a public channel about the fact that he does not get any response from the other players. Interestingly enough Mudder2, who

---

<sup>45</sup>Logs MUD-2, 28-11-02.



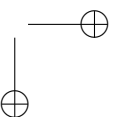
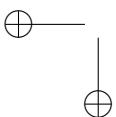
is an immortal on MUD-1 and at that point in time at work, immediately reacts, thus showing that there is activity on the MUD. At the same time this message is combined with a clear indication of the presence of surveillance by (at least one of) the immortals.

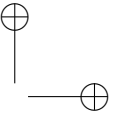
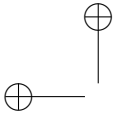
- Mudder5 gossips “mmm”
- Mudder5 gossips “second attack next level”
- Mudder5 gossips “sounds usefull”
- Mudder5 gossips “you know”
- Mudder5 gossips “you shouldn’t talk all at once, that’s impolite”
- Mudder2 gossips “some of us work”
- Mudder2 gossips “some of us play”
- Mudder5 gossips “all work and no play makes mudder2 a dull boy?”
- Mudder2 gossips “in the evenings i have time to play”
- Mudder2 gossips “now i’m just keeping an eye on you”<sup>46</sup>

One of the moments in time where the gaming pleasure becomes apparent is when a player moves up in the playing hierarchy of the MUD. In the example below a player has reached his third Lord-level<sup>47</sup>, and he clearly shows his satisfaction. The varying reactions of the other players show the complexity of the game played at the MUD, as it is at least partially based on competition. The achieving of levels, and especially the Lord- and Lady-levels, is an essential part of MUD-1, which provides players the ability to distinguish themselves. Most MUDders though choose to congratulate MUDder38 with his achievement. A balance deemed acceptable by the players between both types of reactions is vital in the production of pleasure.

<sup>46</sup>Logs MUD-1, 21-11-02.

<sup>47</sup>When a player on MUD-1 has gained the status of Hero, they can choose to become Lords or Ladies. There are ten Lord Levels.





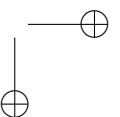
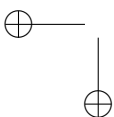
- [Info] Mudder38 “trained to lord level 3!”
- [Gratz] Mudder38: “GASP”
- [Gratz] Mudder38: “GASP”
- [Gratz] Mudder37: “MUDDER38!:P”
- [Gratz] Mudder6: “noooooooooooooooooooooooooooooooooo”
- [Gratz] Someone: “nooooooooooooooooooooooooooooo”
- [Gratz] Mudder6: “whore :p”
- [Gratz] Mudder8: “Mudder38!”
- [Gratz] Mudder38: “Hey... I rule :p”
- [Gratz] Mudder53: “gratz”
- [Gratz] Mudder6: “:p”
- [Gratz] Mudder81: “mudder38”<sup>48</sup>

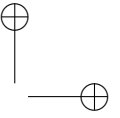
## 2. Negotiating solutions

People use the two MUDs not only to play the game in a rather solipsist meaning, they also want to communicate with the other players. The players have several channels through which they can communicate: there are public channels with specific purposes and there are private channels, which can be used for the communication between two players. These channels can also be used for (attempts in) negotiating solutions for both specific gaming problems and more structural characteristics of the gaming environment. Although the final decision on whether to provide answers or structural improvements rests again with the immortals, the players are provided with opportunities to negotiate and generate changes.

---

<sup>48</sup>Logs MUD-1, 15-12-02.

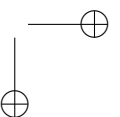
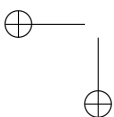




In the excerpt below, we can read the discussion between Mudder8's, who is exploring a new area, and Mudder29, who built that area. What this lengthy extract shows is that the warriors on MUD-2 feel discriminated because they do not have a skill to open locked doors without the proper key. The other classes, like channelers and rogues<sup>49</sup>, do have that skill. During the discussion we notice that they all are trying to protect their own class, either by trying to get certain skills or by making sure that other classes will not receive the skills that they possess. It even reaches the point where they have no other arguments left and Mudder8's reasoning and bargaining is simply ignored or met with irony (see Mudder1's reaction). The attempt to negotiate a solution fails.

---

<sup>49</sup>Rogues is the term that is used to group thieves, assassins, bandits, robbers, burglars and bounty-hunters.



- [OOC] Mudder8: "Mudder29, there IS a key into this fort, right?"
- [OOC] Mudder29: "Yes"
- [OOC] Mudder8: "or is it another channies-and-rogues-only fort"
- [OOC] Mudder29: "godan isn't rogue/channie only"
- [OOC] Mudder29: "there is a key, but it's inside the fort"
- [OOC] Mudder8: "found a key INSIDE the fort, but it doesn't work"
- [OOC] Mudder29: "you first need a channie/rogue"
- [OOC] Mudder8: "the silver one?"
- [OOC] Mudder29: "yeah"
- [OOC] Mudder8: "well, is this like that one?"
- [OOC] Mudder29: "i'm not telling"
- [OOC] Mudder11: "It's"
- [OOC] Mudder20: "snicker"
- [OOC] Mudder8: "cuz if it is, I'm wasting my time"
- [OOC] Mudder8: "has his lawyer write Mudder29 a long legal letter about anti-warrior discrimination"
- [OOC] Mudder1: "awww a warrior who wants rogue skills.. how cute;p"
- [OOC] Mudder8: "doesn't have to be the exact same skill"

- [OOC] Mudder8: “how about a strength-based “smash door” skill?”
- [OOC] Mudder1: “Why not just remove all the doors and keys on the mud?”
- [OOC] Mudder29: “\*scream\* all my secret stuff!”
- [OOC] Mudder8: “no...cuz you have to HAVE the skill”
- [OOC] Mudder29: “NOOOO! Warriors must not have it!”
- [OOC] Mudder8: “and you could make it a level 70 or 90 skill”
- [OOC] Mudder29: “all of the high level armour and super damage weapons I make”
- [OOC] Mudder8: “I mean, there are entire areas that we warriors have no access to w/o help<sup>50</sup>”

### 3. Collaboration and co-deciding

Usually the immortals create the rooms and areas on the MUD. But since it is such a tedious work, inspiration does not always come easily. So, although it is the immortal that makes or remakes the space on (in this case) MUD-2, the mortal’s input can be welcomed as well, as the note below illustrates. Mudder32 is trying to make the area “Carysford” enjoyable once again and kindly asks for ideas. He even goes so far as to give out rewards to the players with the best ideas by making it a quest (see the subject line of the posting) in order to ensure a minimum amount of response. Although the final decision (on which ideas to include) remains firmly in the hands of the immortal, these types of collaboration allow “ordinary” players to have a say on the structural and spatial characteristics of the MUD.

---

<sup>50</sup>Logs MUD-2, 17-11-02.

- —
- Area: Quests - Note #475
- From: Mudder32
- To: all
- Subj: A Small Quest (prizes negotiable)
- Time: Fri Nov 15 23:48:59 2002
- —
- I am looking for ideas to enhance Carysford and make it memorable instead of that little village you levelled in. I dont have a ton of time so these ideas can only take a day to do. This includes aggressive mobs, ideas for mprogs, etc. The deadline is Tuesday, November 19th. I have a few inns, some restaurant type places, a stable, and a small neighbourhood. I look forward to your ideas.
- Mudder32<sup>51</sup>

Another form of co-deciding that is in effect on both MUDs is the player council. The player council consists of high-level players and it is their job to convey the problems that players experience to the immortals. They can make suggestions to change certain formalised rules, but, as always, the final say is in the hands of the immortals. In the next note we can see how an immortal defends the balance between role-playing (RP) and player-killing (PK) at MUD-2. Not only does he refer to the importance of pleasure ("personal enjoyment"), he also emphasizes the decision-making capacity of the player council.

---

<sup>51</sup>Logs MUD-2, 16-11-02.



- Area: OOC - Note #65
- From: Mudder125
- To: mudder1 immortal mudder6 mudder25 mudder15 mudder2 all
- Subj: Player Council Exam Number One
- Time: Sat Oct 19 12:08:21 2002
- —
- One of the most important decisions any MUD has to make is where the balance between RP and PK will lie. So far, this turn, I don't have many complaints on this matter. A majority of the player base does an admirable job RPing regularly, and takes great personal enjoyment from this. It will be a grave error to reward players who RP with experience, money, etc. because then it loses its sense of fun and purpose.
- Acting as your character (RP) should be a great enough reward in itself. Once you resort to bribing people to RP, you are taking away genuine motivation to participate and influence the RP activities of this MUD. Recently, MUD-2 has been experiencing the difficulty of organizing large scale RP events, such as the battle for Malkier. This is very common and should have been expected.
- Most of the people involved have either full-time jobs or school. I happen to have both, so I can easily sympathize with them. There is nothing you can do to remove OOC priorities, so just keep trying Mudder13 \*grin\*. Now, the problem of PK. It's an issue as divided and tedious to make a decision on as abortion. Someone is always going to disagree with what the immortal staff, and the player council, decides.

- One thing that I feel very strongly about on PK is that it CANNOT be allowed to have IC consequences. PK is just like RP, something you should do if you enjoy, within well-defined boundaries, and with moderated results.
- (...) <sup>52</sup>

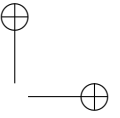
#### 4. Community

MUD-1 and MUD-2 can be seen as communities that are based on a sense of belonging to a gaming environment characterised by a specific culture and language, a complex balance between personal achievement, competition and solidarity and protected by a highly rigid regulatory framework and hierarchy. Within this community different allegiances exist, based on specific identities and sub-communities. These identities and sub-communities can create forms of solidarity among players, which is often based on an antagonistic relationship with other identities and sub-communities. These forms of solidarity nevertheless improve the power base and generative capacities of the players involved.

On MUD-2, for example, we have Mudder1 and Mudder2 discussing the difficulty of levelling. When Mudder1 talks of his past experiences on MUD-3, which we did not study in this paper, he constantly uses the “we” -form. He also refers to “us big levellers” when talking about himself and his fellow-MUDders. Even although MUD-3 has ceased to exist for over a year now, Mudder1 still feels part of that community and even of the group of the “big levellers”.

---

<sup>52</sup>Logs MUD-2, 26-11-02.



OOO Mudder1: “We had several levelling trains on MUD-3.”

OOO Mudder1: “Sometimes though a few of us big levellers would group together.”

OOO Mudder2: “personally i wouldn’t let peeps have ic skills unless they get them levelling and finding trainers”

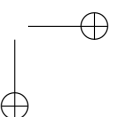
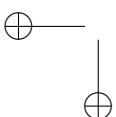
OOO Mudder1: “But normally we were more interested in pkill<sup>53</sup>.”

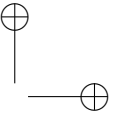
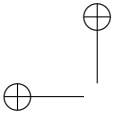
## 5. Conclusion

The power relations in the two MUDs are clearly unbalanced. “Ordinary” players become docile virtual bodies that are confronted with a high degree of restrictions, with relatively little options for resistance and with little capacities for generating their own impact on the structure and functioning of the MUD. The restrictions caused by the rigid hierarchy, the formalised rules and their enforcement leave little irony in the deictic discourse the implementators and immortals use. Although some room for negotiation, solidarity, collaboration and co-deciding does exist, the overall effect produced by these workings of power approximates a quasi-authoritarian position. The only room for “real” resistance that remains (fortunately) left is the solution to simply leave the MUD, which may shed a different light on the often high player mobility and what Barney (2000) calls the lack of rootedness of virtual communities.

Two nuances should nevertheless be made: firstly MUDs are gaming environments and structuring rules are not an exception in this domain of the social. These rules have in some cases become part of tradition, being passed on for generations, while other (more commodified) games are considered incomplete without the booklet describing their rules. But it should not be forgotten that the game-as-game is surpassed on two levels. The simulation of play is surrounded by dialogues on the way the game is played. Players leave the world of simulation repeatedly for moments of reflexivity, which are as “real” as any type of communication. In other occasions that

<sup>53</sup>Logs MUD-2, 19-11-02.





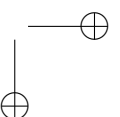
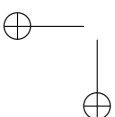
in-character and out-of-character mode even blend into each other. Moreover, the game-as-game is also surpassed because it constructs a community of players, with non-simulated consequences. Also at the ontological level the dichotomy between simulation and reality poses problems, especially when combined with the socially often-depreciated notion of leisure time. All the elements legitimise the importance of MUDs as sites where “genuine” and “real” discourses on power, authority, hierarchy, democracy and participation are produced.

As the analysis shows, these MUDs can hardly be considered as sites of democratic practices. When concerned with the democratisation of society at all levels, with the democratic learning which might take place in the diversity of local sites and with the role the Internet can play in these areas, the MUDs offer a troublesome negation of democracy.

Despite their problematic lack of internal democracy – and this is the second nuance – these MUDs do offer the players a fair amount of pleasure and the structural hierarchy and power relations contribute in the construction of a player’s community. Rules have considerable integrative effects, they are guidelines that help new players fit in quickly and they offer the more experienced players a familiar and carefree environment. The strong management and the vertical power structure succeed in both MUDs in organising the creative process of (among many other things) the continuous construction of the MUD, in dealing with high player mobility and the resulting need to socialise new players quickly, and in stabilising the potential conflict that might arise during play. At the same time it should be noted that efficiency is not a sufficient reason to abandon more democratic solutions to the problems related to the organisation of creative processes, the socialisation of members and the resolution of conflict.

## 6. A brief note on ethics and participant observation

Analysts of MUDs (and on a broader level: virtual communities) are quickly confronted with the problem of observer anonymity. The problems of covert participant observation are well documented. It can be seen as a violation of the principle of informed consent, since the subjects of research are kept ignorant of the researchers true identity. The subjects have no other choice but to participate. Furthermore it can also become an invasion of privacy, since the



observer can gain access under false pretence to certain personal details the subject would never knowingly give out to a researcher (Bulmer, 2001: 55). But, as Fielding (2001: 149-150) points out, sometimes it is not possible to work overtly, for example when studying settings where outsiders are regarded with distrust. But even in “normal” settings, it can be beneficial to observe covertly, since people tend to censor themselves or adapt their behaviour when they know they are being watched (De Waele, 1992: 48). In reality, however, the two methods of overt and covert participant observation often shade into each other, making every form of participant observation a combination of both overt and covert roles (Fielding, 2001: 150).

When using participant observation for the study of MUDs, we need to keep one peculiarity in mind: the fact that the people on the screen are mostly known only by their nicknames. Their “real life” names are not known to other players, and mostly not even to the immortals of the MUD. Consequently, this player-initiated form of anonymity makes it virtually impossible for others, like researchers, to identify the various people behind the characters on the MUD. Another difficulty that presents itself to researchers is that MUDs tend to generate quite some traffic. People come in and leave as they please. And, most importantly, the players do not have to provide a valid e-mail address upon character creation and if they do, it is only accessible by the staff of the MUD. It is clear that in such a setting it is impossible to get an informed consent from everyone present at any given time. Although there is some irony (given the subject of this paper) in this *modus operandi*, we have asked, and received, permission from the implementers of the MUD, as they are its highest authority. This, of course, does not imply that everything collected can be used disregarding the responsibility every researcher has towards his/her research-subjects. People’s rights to privacy and confidentiality should be kept in mind when processing the collected data, ensuring their anonymity at all times, since although the persons behind the characters cannot be identified by their nicknames, their characters on the MUD can. Therefore, in our logs, all (nick)names have been changed, as well as the names of the MUDs. Each player received a pseudonym based on his/her order of appearance in the logs. This means that the first player in the logs will be called “Mudder1” and the second “Mudder2” . These numbers have thus nothing to do with rank or preference. Room descriptions were also omitted since they are irrelevant for the research and can lead to the identification of the MUDs.

## References

- Aycock, A. (1993). Virtual play: Baudrillard on-line. *Electronic journal of virtual culture*, 1, (7).
- Aycock, A. (1995). Technologies of the self: Foucault on-line. *Journal of computer mediated communication* 1(2).
- Baker, P., Ward, A. (2000). Community formation and dynamics in the virtual metropolis. *National civic review*, 89 (3).
- Bakhtin, M. (1984). *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Barney, D. (2000). *Prometheus wired: the hope for democracy in the age of network technology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bateson, G. (1976). A theory of play and fantasy. In: Bruner, J.S., Jolly, A., Sylva, K. (eds.), *Play: Its Role in Development and Evolution*. New York: Basic Books.
- Blackmon, W. (1994). Dungeons and Dragons: the use of a fantasy game in the psychotherapeutic treatment of a young adult. *American Journal of Psychotherapy*, 48 (4).
- Bolter, J., Grusin, R. (2001). *Remediation: understanding new media*. Cambridge: The MIT Press.
- Bulmer, M. (2001). The ethics of social research. In: Gilbert, N. (ed.), *Researching social life*. London: Sage.
- Caillois, R. (2001). *Man, Play and Games*. Urbana & Chicago: University of Illinois Press.
- Casey, E. (1997). *The fate of place*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Clark, D. B. (1973). The Concept of Community: A Reexamination. *Sociological Review*, 21.

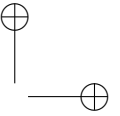
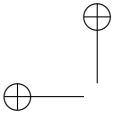
- Cohen, A. P. (1989, 1985). *The symbolic construction of community*. London: Routledge.
- Coleman, J. S. (1961). *The adolescent society*. New York: Free press.
- Csikszentmihalyi, M. (1975). *Beyond boredom and anxiety*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Curtis, P. (1997). Mudding: social phenomena in text-based virtual realities. In: Kiesler, S. (ed.), *Culture of the Internet*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Danet, B. (1998). Text as a mask: gender, play and performance on the Internet. In: Jones, S.G. (ed.), *Cybersociety 2.0: Revisiting computer-mediated communication and community*. Thousand Oaks & London: Sage.
- Danet, B. (2001). *Cyberpl@y: Communicating on-line*. Oxford & New York: Berg.
- Escobar, A. (2000). Place, power, and networks in globalisation and post-development. In: Wilkins, K. G. (ed.), *Redeveloping communication for social change: Theory, practice and power*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- Evard, R. (1993). *Collaborative networked communication: MUDs as system tools*. In: Proceedings of the 7th System Administration Conference (LISA '93). Monterey.
- Fernandez, J.W. (1986). *Persuasions and performances: the play of tropes in culture*. Bloomington: Indiana University Press.
- Fernandez, J.W. (ed.), (1991). *Beyond metaphor: the theory of tropes in anthropology*. Stanford, Cal.: Stanford University Press.
- Fielding, N. (2001). Ethnography. In: Gilbert, N. (ed.), *Researching social life*. London: Sage.
- Fiske, J. (1993). *Power plays, power works*. London, Verso.

- Giddens, A. (1997). *Sociology: third edition*. Cambridge: Polity Press.
- Groos, K. (1898). *The play of animals*. New York: D. Appleton and Co.
- Groos, K. (1901). *The play of man*. New York: D. Appleton and Co.
- Gruneau, R. S. (1980). Freedom and constraint: the paradoxes of play, games and sport. *Journal of sport history*, 7 (3).
- Hampton, K., Wellman, B. (2001). Long distance community in the network society. *American behavioural scientist*, 45 (3). London: Sage.
- Haraway, D. (1991). A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist Feminism in the Late Twentieth Century. In: Haraway, D., *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge.
- Hart, S. (2003). *Agora: Types of virtual worlds*. January 14, 2003. Retrieved May 21, 2003.
- Hollander, E. (2000). On-line communities as community media: A theoretical and analytical framework for the study of digital community networks. *Communications: the European journal of communication research*, 25 (4).
- Hughes, L. (1983). Beyond the rules of the game: why are Rooie rules nice? In: Manning, F. (ed.), *The world of play*. West point, NY: Leisure press.
- Jones, S. G. (1995). Understanding Community in the Information Age. In: Jones, S. G. (ed.), *CyberSociety; Computer-mediated Communication and Community*. London: Sage.
- Kitchin, R. (1998). *Cyberspace: the world in the wires*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Lancaster, K. (1994). Do role-playing games promote crime, Satanism and suicide among players as critics claim? In: *Journal of popular culture*, 28 (2).

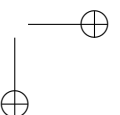
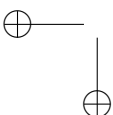


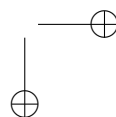
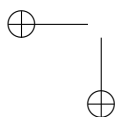
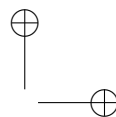
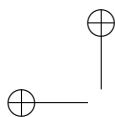
- Lang, K., Lang, G. (1995). Studying events in their natural settings. In: Jensen, K., Jankowski, N. (eds.), *A handbook of qualitative methodologies for mass communication research*. London: Routledge.
- Lawrence, J. (s.d.). *Kanga.nu MUD-dev list*. Retrieved May 21, 2003 from <https://www.kanga.nu/lists/listinfo/mud-dev/>
- Lewis, J. (2002). *Cultural studies: The basics*. London: Routledge.
- Lewis, P. (1993). Alternative media in a contemporary social and theoretical context. In: Lewis, P. (ed.), *Alternative media: linking global and local*. Paris: Unesco.
- Lindlof, T. R. (1988). Media audiences as interpretative communities. In: Anderson, J. A. (ed.), *Communication yearbook*, 11. Newbury Park, CA: Sage.
- Lyon, David (1994). *The electronic eye: The rise of the surveillance society*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Martin-Barbero, J. (1993). *Communication, culture and hegemony: From the media to mediations*. London, Newbury Park, New Delhi: Sage.
- Marvin, C. (1988). *When Old Technologies Were New: Thinking About Communication in the Late Nineteenth Century*. Oxford: Oxford University Press.
- Merton, R. K. (1957, 1968 enlarged edition). *Social theory and social structure*. New York: The Free Press.
- Mitchener, B. (2002). *Agora*. January 28, 2002. Retrieved May 21, 2003 from <http://agora.cubik.org>
- Morris, A., Morton, G. (1998). *Locality, community and nation*. London: Hodder & Stoughton.
- Murrey, J.H. (1997). *Hamlet on the Holodeck: the future of narrative in cyberspace*. New York: Free Press.
- Piaget, J. (1962). *Play, dreams and imitation in childhood*. New York: Norton.

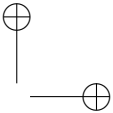
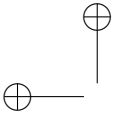
- Preece, J. (2001). Sociability and usability in on-line communities: determining and measuring success. In: *Behaviour & Information Technology*, 20 (5).
- Rheingold, H. (1993). *The virtual community: homesteading on the electronic frontier*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley.
- Rheingold, H. (2001). *Mobile Virtual Communities*. July 9, 2001. Retrieved May 21, 2003.
- Said, E. W. (1986). Foucault and the imagination of power. In: Hoy, D. C. (ed.), *Foucault: a critical reader*. Oxford: Basic Blackwell.
- Sefton-Green, J. (1998). Introduction: being young in the digital age. In: Sefton-Green, J. (ed.), *Digital diversions: youth culture in the age of multimedia*. London: UCL Press.
- Stephenson, W. (1967). *The play theory of mass communication*. Chicago: University of Chicago Press.
- Sutton-Smith, B. (1997). *The ambiguity of play*. Cambridge & London: Harvard University Press.
- Toffler, A. (1970). *Future shock*. New York: Random House.
- Tonn, B., Ogle, E. (2002). A vision for communities in the 21st century. In: *Futures*, 34 (8).
- Tonnies, F. (1963). *Community and society*. London: Harper and Row.
- Turkle, S. (1995). *Life on the screen*. New York: Simon and Schuster.
- Van Dijk, J. (1998). The reality of virtual communities. *Trends in communication*, 1 (1).
- Van Dijk, J. (1999). *The network society*. London: Sage Publications.
- Van Dijk, J. (1999). *The Network Society*. London: Sage.
- Vygotsky, L. (1978). *Mind in society*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.



Vygotsky, L.S. (1977). Play and its role in the mental development of the child. In Bruner, J. S., Jolly, A. Sylva, K. (eds), *Play: Its Role in Development and Evolution*. New York, Basic Books.







## Cibercidadania na República Tecnológica: contribuições info-inclusivas dos novos paradigmas transculturais canadenses.

Ricardo Nicola

*Universidade Estadual Paulista & pós-doutor/sênior McLuhan Fellow da  
Universidade de Toronto*

E-mail: [midia.press@uol.com.br](mailto:midia.press@uol.com.br)

O conceito de cibercidadania está presente todos os dias em nossas vidas. Frequentemente acessamos os sistemas *on-line* tanto por razões particulares quanto públicas. Este artigo pretende descrever como algumas destas principais atividades no mundo *on-line* estão mudando a forma como relacionamo-nos com este espaço tecnológico bem como conosco mesmo. Que impacto social está presente neste processo comunicacional? Em outras palavras, há direitos e deveres no mundo *on-line*? E, caso positivo, como eles se manifestam no ciberespaço?

Como apresentado em outros artigos, enfatizo a minha pretensão nesta pesquisa de examinar este conceito focado mais sob a ótica das ciências sociais aplicadas, tendo também como pano de fundo a noção da pós-modernidade e sua desterritorialização, ao realizar, portanto, uma investigação híbrida, que procurou contemplar alguns aspectos do direito - através da ciberlaw - usando as ferramentas do jornalismo comunitário *on-line*, ou ainda, das comunidades virtuais.

Ciberdemocracia, info-inclusão e cibercidadania não são, obviamente, sinónimos, embora muitos assim os vêm tratando. Antes de mais nada, há muitas relações entre estes termos que necessitam definição e até mesmo redefinição e este artigo pretende apresentar alguns apontamentos práticos nessa direção.

O projeto de pesquisa “Cibercidadania e seus discursos transculturais - a natureza do ecossistema digital em questão” (2006-2007) procurou encontrar um atalho mais seguro para tentar ampliar a concepção desses novos horizontes sociotécnicos por intermédio, principalmente, da noção da transculturalidade hibridizada aos avanços info-inclusivos presentes na sociedade canadense.

Para dar sequência, portanto, à compreensão do desdobramento deste projeto, é necessário entender a razão pela qual decidi-me pela concepção da cibercidadania. Diante disso, aproveito dizer que venho de uma trajetória acadêmica em que se desvela minha preocupação emergente com os fenômenos comunicacionais tecnológicos, e, de forma especial, através do jornalismo *on-line*. A propósito, o projeto de pesquisa apontado acima foi elaborado tendo como base um anterior, datado de 2004, cujo título era “O cibercidadão do mundo *on-line* -desafios e (re) descobertas”. Ambos foram desenvolvidos na Universidade Estadual Paulista, câmpus Bauru (SP)(Unesp-Bauru), e Universidade de Toronto (UofT), câmpus Toronto(ON, Canadá), através do programa *McLuhan in Culture and Technology*; este último projecto (2006) foi, contudo, financiado pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) no período de agosto/2006 a julho/2007.

Este artigo procurará apresentar algumas das principais etapas na caminhada pela construção e/ou reconstrução do cibercidadão baseado em minha própria experiência empírica e teórica, envolvendo algumas instituições no Canadá e no Brasil. Foquei minha pesquisa em estudos transdisciplinares tanto quanto em uma extensa bibliografia cibernética. Identifiquei, ainda, amplos abismos entre teoria e prática no campo sóciotécnico - *fomentado principalmente pela desequilibrada distribuição de recursos de tecnologia de informação e de comunicação (TIC) no Terceiro Mundo* - e, por outro lado, selecionei alguns *websites* no Canadá, que têm propiciado a info-inclusão e a promoção social decorrentes da cibercidadania ativa.

### **Espaço transcultural como o início da nova fronteira entre cidadania e cibercidadania.**

Durante minha estadia em Toronto, encontrei muitos projetos sobre Internet no Canadá que envolviam direta e indiretamente um debate mais aprofundado das questões da cibercidadania. Um exemplo destes está localizado na *UofT - campus Toronto*: o *Citizen Lab* (Laboratório da Cidadania, [www.citizenlab.org](http://www.citizenlab.org)) - figura 1 - coordenado e supervisionado pelo professor e pesquisador Ronald Dieper, que desenvolve vários ferramentais digitais para desbloquear e impedir a censura *on-line* em países onde os Direitos Humanos (ou Pós-Humanos) são desconsiderados. O *Citizen Lab* recebeu recentemente

a quantia de US\$ 3 mi de uma consórcio transnacional envolvendo instituições americanas e canadenses.

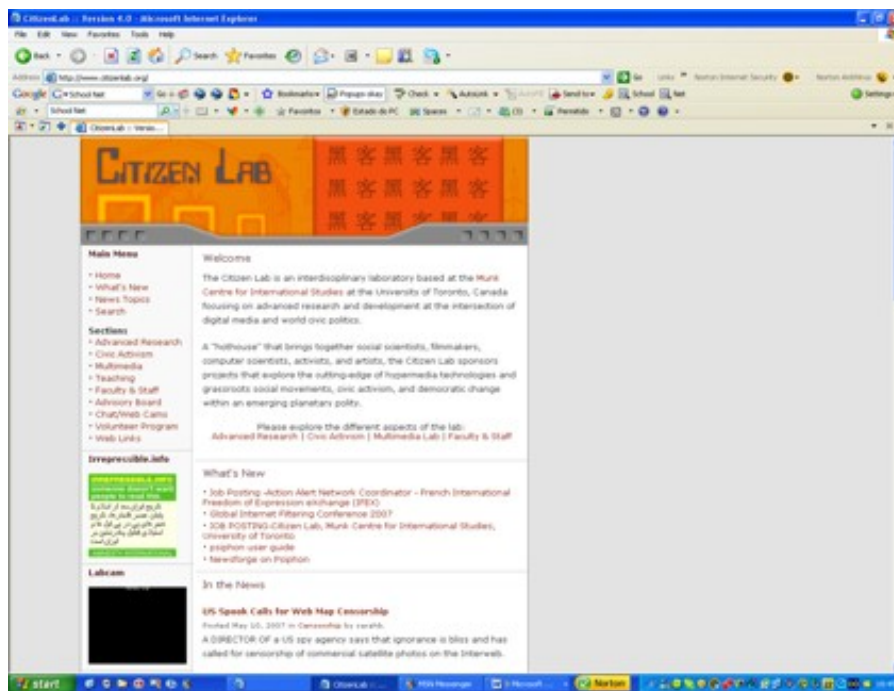


Figura 1: *Citizen Lab (Munk Centre - UofT).*

Outros projetos similares existem no Canadá e alguns deles estão disponíveis em diferentes províncias. Projetos como o *Community Access Program* (Programa de Acesso Comunitário) - figura 2 -, que disponibiliza pontos de acessos *on-line* em todo o país. Há, inclusive, um mapa que indica para o usuário onde ele pode acessar os serviços governamentais. E o *School Net* (Escola na Net)<sup>1</sup> - figura 3 -, *Toronto Ombudsman Online* (TOA), - figura 4, responsável para avisar aos cibercidadãos dos cursos *on-line* oferecidos pelo governo e instituições privadas, bem como apresenta uma lista de empregos disponíveis e as exigências de qualificações. Também há o projeto *Media*

<sup>1</sup>Community Access Program em <http://cap.ic.gc.ca> e <http://www.schoolnet.ca/home/e/>. Acessos em 10 de Maio de 2007.

*Ecology Café/New Democracy Workshop*, coordenado pela professora Liss Jeffrey do *McLuhan Global Research Network*<sup>2</sup> - figura 5 - que promove estudos sobre a ciberdemocracia e atua nas eleições canadenses.

A propósito, estes projetos continuam atuando ativamente e têm auxílio financeiro tanto governamental como privado.



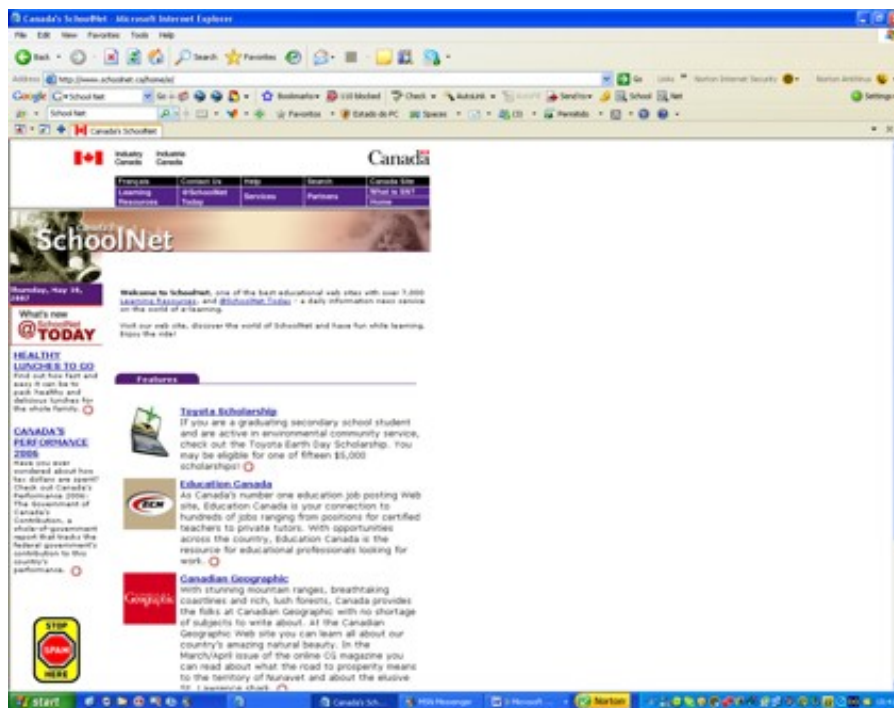
Figura 2: *Community Access Program* (Programa de Acesso Comunitário).

No Brasil, temos alguns bons exemplos, embrionários, porém, que avançam consideravelmente, como estes abaixo (figuras 6 e 7):

---

<sup>2</sup><http://netizen-news.ca>



Figura 3: *School Net* (Escola na Net).

Para entender como os serviços digitais canadenses estão funcionando, é necessário compreender as bases em que se solidificaram. É bem provável que as experiências transculturais, como política de povoamento do Canadá, podem ser uma das suas principais raízes. Assim sendo, o que representariam essas “experiências transculturais” neste mundo *on-line* em que as fronteiras estão sempre em crise?

Observando a revolução tecnológica comunicacional daquele país, está evidente que a transculturalidade está presente no seu universo digital, haja vista ser considerado uma nação com o maior número de comunidades étnicas do mundo, e com a maior cobertura wireless do planeta. A Grande Toronto (TGA), por exemplo, é a cidade modelo de convivência entre culturas pela ONU. Fala-se na cidade mais de 120 idiomas, o que vem propiciando a transculturalidade.

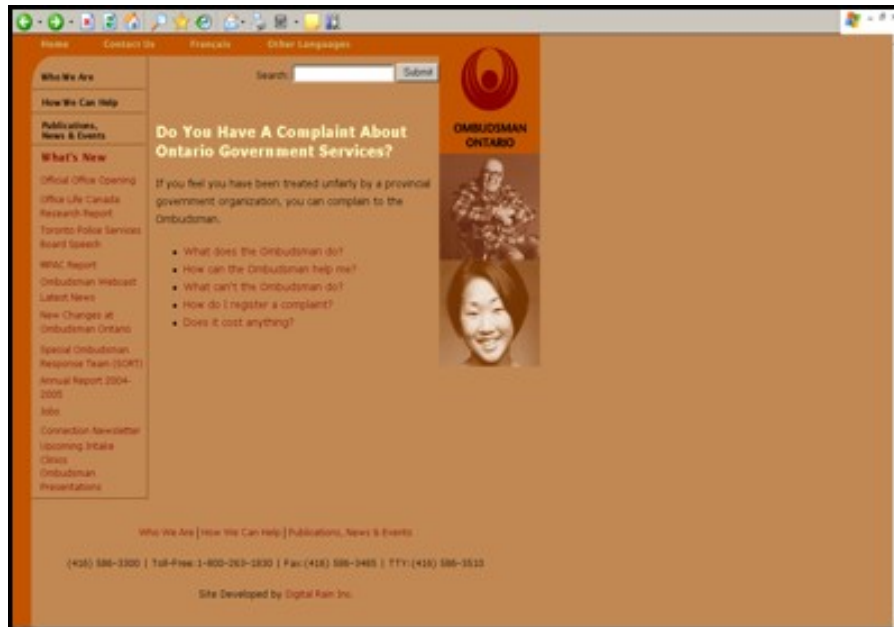


Figura 4: *Toronto Ombudsman Association.*

Claude Grunitzky (2006), define o fenômeno explicando que alguns indivíduos encontram formas de transcender sua cultura primeira, de modo a explorar, examinar e infiltrar a cultura estrangeira. Essas pessoas são “transculturalistas” tais quais suas experiências<sup>3</sup>.

Quando dizemos experiências, isto significa que elas estão envolvidas em novos modelos de expressão da mídia também. Estão criando ferramentas de linguagem para identificar a si mesmas nestes sistemas, ou melhor, sistemas digitais. De acordo com este mosaico de novas estruturas da linguagem, a cibersociedade está se enriquecendo com novas idéias e processos comunicacionais. Então, novas fronteiras têm sido criadas no mundo *on-line* onde as categorizações estão desaparecendo com o espaço e o tempo. Este mundo

<sup>3</sup>Do original: “*this phenomenon explaining that some individuals find ways to transcend their initial culture, in order to explore, examine and infiltrate foreign culture. These people are “transculturalists” and their experiences*” (Grunitzky, Claude. *Transculturalism – the world is coming together*, 2006.)

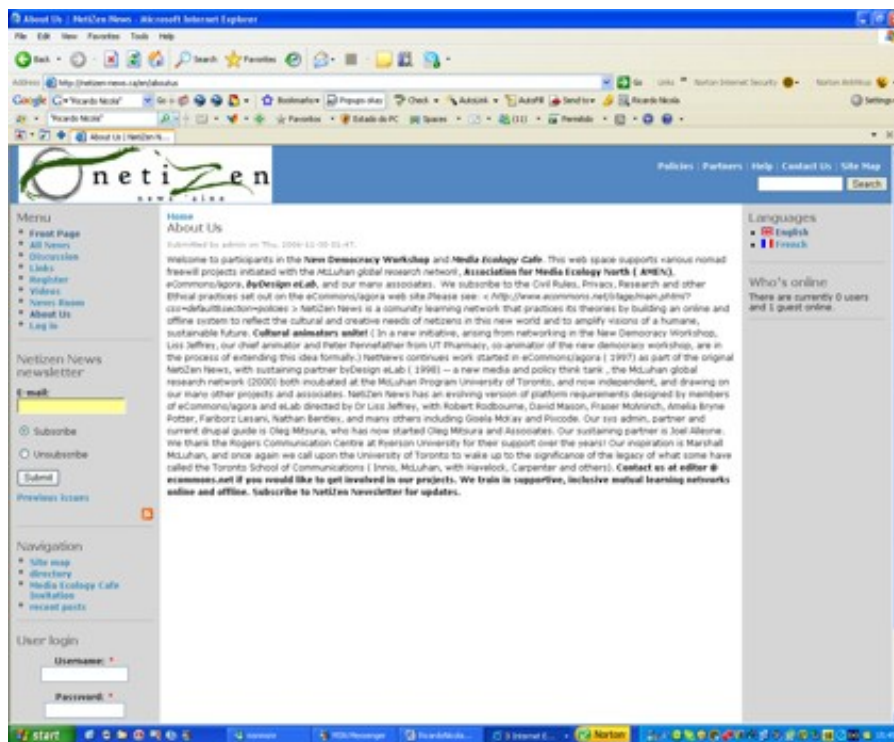


Figura 5: *McLuhan Global Research Network*.

complexo exige ferramentas com a mesma dimensão complexa e que torne capaz analisar a natureza híbrida (virtual e real) deste mundo volátil, reconstruída, agora, numa base de espectro transcultural.

## Desafios e (Re)descobertas

O ciberespaço tem enfrentado cada vez mais desafios para sua evolução. Um deles é a sua incapacidade de definir o processo que resolva problemas como a exclusão informacional, as questões de segurança, a censura, o agressivo *Apartheid* digital entre muitos outros<sup>4</sup>. Diversos grupos, entre eles, os pesqui-

<sup>4</sup>WILHELM, Anthony G. *Digital nation: toward an inclusive information society*, 2004.



Figura 6: Agência da Câmara (*Chamber Agency*) promove chat about crime on the internet.

sadores, os governos, os mercados e as grandes corporações pelo mundo afora provêem diferentes cenários para analisar estas questões apontadas. Contudo, estes grupos remam isoladamente em suas respectivas redes ao invés de se integrarem dentro de um trabalho também híbrido. Como exemplo, seis redes principais contróem o conteúdo da Internet. São elas: rede de símbolos (signos), línguas, mercados, máquinas, povos e comunidades<sup>5</sup>. Soluções deveriam se apontar da integração - senão completa, porém parcial - da integração delas e não se manterem isoladas.

Ante esse diagnóstico, é possível de se entender como as culturas da emergência e da linguagem<sup>6</sup>, *que correspondem a um resultado holístico oriundo*

<sup>5</sup>Estas redes também foram apontadas por LÉVY, Pierre em uma palestra apresentada no Congresso de Educação e Tecnologia, realizado no Hotel Meliá, São Paulo, em 2002.

<sup>6</sup>LOGAN, Robert K. *The sixth language – learning a living in the internet age*, 2000.



Figura 7: Câmara do Comércio Eletrônico *Electronic Commerce Chamber*.

dos confrontos entre fenômenos das matrizes comunicacionais cibernéticas - podem oferecer importantes *insights* para encontrar uma solução integrada.

Aplicativos como SECOND LIFE®, IPOD®, SPYPE®, MSN MESSENGER®, ORKUT®, MySpace®, etc., têm reunido comunidades de diferentes culturas e, como um espelho, procuram refletir nosso próprio espaço geográfico. Os usuários estão sendo capazes de construir e reconstruir a cibersociedade, criando um novo espaço que mimetiza, ou ainda aproxima-se, dos modos e valores da vida real.

A princípio, estes aplicativos eram considerados apenas jogos infantis e para adolescentes, ou ainda eram comunicadores instantâneos porque tinham como base as estruturas do jogo de papéis, conhecido como RPG (*Role Player Games*). Agora eles não são mais jogos, no sentido de entretenimento somente, mas ultrapassaram tais fronteiras e têm sido responsáveis pela criação de novos espaços de ambientes virtuais, mídias, textos, transtextos, hipertextos

tos, etc. Trata-se da vida virtual com suas regras virtuais<sup>7</sup> e é, sem dúvida, esta a *morada* dos direitos e deveres do mundo *on-line*.

Temos que nos deparar com os problemas das fronteiras quando se discute ciberespaço, do contrário, nós ofuscaríamos a discussão e suas regras.

Para isso, é mister que apresentemos este complexo mosaico de relações ciberespaciais de modo que sejamos capazes de examinar como as condições da vida estão sendo reformuladas no espaço digital. Seria a Web semântica uma ferramenta para ser usada à vida virtual?<sup>8</sup>

Podemos formular e reformular muitas questões que atendam ao impacto das tecnologias do virtual na vida social, mas estas devem se direcionar às suas reais necessidades e, como já apontado, numa forma integrada, que contemple as várias redes envolvidas.

## O legado McLuhaniano: Um retrato da “Aldeia *glocal* cibernética”.

Por décadas, pesquisadores, marqueteiros e cientista sociais dos mais diversos têm escrito sobre o impacto da tecnologia na cultura e na sociedade. Muitos desses comentários inferem sobre estes tópicos já destacados, e representam impressões sobre o futuro de nossas comunidades. “Aldeia Global”, por exemplo, é um termo cunhado por Wyndhan Lewis em seu livro “América e o Homem Cósmico” (1948).

Herbert Marshall McLuhan usou este termo para explorar a idéia de como a mídia de massa eletrônica mudaria os modos como nos comunicamos globalmente. Como resultado dessa mudança na tecnologia de mídia está afetando a forma de vida dessas tribos, McLuhan (1962) se inspirou para escrever “A Galáxia de Gutenberg: O Homem Tipográfico”<sup>9</sup> e “Guerra e Paz na Aldeia Global”<sup>10</sup>. Nestes trabalhos, ele descreveu o impacto da tecnologia nas comunidades globais e na mídia:

<sup>7</sup>Turkle, Sherry. *Marshall McLuhan lectures with Sherry Turkle*, Mar 28, 2007.

<sup>8</sup>Lévy, Pierre. *Cibercultura*, 1999.

<sup>9</sup>Do original: “the world of visual perspective is one of unified and homogeneous space. Such a world is alien to the resonating diversity of spoken words. So language was the last art to accept the visual logic of Gutenberg technology, and the first to rebound in the electric age”, in: MacLuhan, Marshall. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, 1962

<sup>10</sup>Id. *War and peace in the global village*, 1968.

”O mundo da perspectiva visual é um dos espaços homogêneos e unificados. Tal qual o mundo é alienígena para ressoar a diversidade das palavras faladas. Assim a língua foi a última arte para aceitar a lógica visual da tecnologia Gutenbergiana, e a primeira a rebocar-se na era da eletricidade.”<sup>11</sup>

As observações de McLuhan permitem-nos repensar o que está acontecendo ao mundo em termos de comunicação. McLuhan não viu a *World Wide Web* nascer mas certamente a previu. Não há dúvida de que sua visão neste campo social é um bom exemplo do fenômeno da comunicação.

Diante disso, podemos otimizar estas observações na construção de uma matriz que figure as comunidades cibernéticas de hoje, que eu aproveito agora para cunhar “aldeia *glocal* cibernética”.

Durante a evolução da mídia, tem sido muito difícil diferenciar o termo globalização como uma ferramenta para compreender o impacto da mídia na ecologia do sentido. Contudo, eu citarei McLuhan ao usar o termo ecologia da mídia que vislumbra a mídia, antes de tudo, como um ambiente da comunicação, com suas particularidades de ecossistema. Mas, antes, porém, é preciso compreender o papel das fronteiras nessa relação mídia/ecossistema.

Se nós estamos na Web, automaticamente estamos no ciberespaço. Evidentemente, estar no ciberespaço não é radicalmente novo como vemos experienciando no crescimento deste território pós-industrial. Esse panorama, contudo, direciona para enfretarmos alguns desafios provindos da condição pós-moderna.

A propósito, que tipo de desafios estamos falando? Esses desafios constroem e reconstróem o conceito de direitos e deveres na ágora informacional.

Anterior à resposta a esta questão, é necessário definir cibercidadania, do contrário seria difícil identificar seus efeitos no cibersociedade.

A princípio, a cibercidadania possui um denso conceito. Define-se por uma aproximação das relações da vida real e desvela quão complexas são essas relações. Assim, analisarei o conceito usando os postulados da vida pós-moderna que é sedimentada nas matrizes do significante e do significado, entre outras inter-relações<sup>12</sup>.

<sup>11</sup>Ibid. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, 1962, p. 130.

<sup>12</sup>Jameson, Friedrich; Lyotard, Jean; et al.

De forma geral, Howard Rheingold introduziu o conceito de cibercidadania “como um contrato de representação informal e não-escrito”<sup>13</sup>. Bem, esta introdução esboça o mundo *on-line* como um terreno no qual exige de nós envolvimento contextual para sua compreensão.

### **Conceito: Contexto ou/ *Transtexto***

Quando estamos imersos na ágora digital, muitas estruturas de informação do ambiente online justificam o comportamento do usuário. Partindo deste princípio, a cibersociedade encontra um novo paradigma social.

Ao evocar uma provável analogia à vida virtual, Lévy descreve como este comportamento influencia as bases da cibercidadania como “*um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensar e valores no ciberespaço*”<sup>14</sup>.

Se você considerar a definição clássica, a cidadania expressa um conjunto de direitos que concede ao indivíduo a possibilidade de agir ativamente como partícipe das escolhas da vida do povo e do governo. Portanto, aquele que não tem cidadania está à margem ou excluído da decisão da vida social, mantendo-se numa posição de inferioridade dentro do grupo social<sup>15</sup>.

Jean Jacques Rousseau define a cidadania como um arcordo entre indivíduos que concedem alguns dos seus direitos para tornar-se cidadão. A base deste acordo seria atender a vontade, identificada com a coletividade, e portanto, a soberania seria a marca significativa da cidadania entre o desejo individual e o geral<sup>16</sup>.

Quanto ao mercado da informação, Dertouzos explica a cibercidadania como um nova ética da manufatura e a apresenta através de diferentes concepções em algumas culturas:

*”Com sua ênfase no povo que foi tão frequente ao redor do mundo, vários grupos nacionais, independentemente, invocaram um nome especial pra ela. Os suecos falam de desenvolvimento de capital humano. Os japoneses*

<sup>13</sup>RHEINGOLD, Howard. *The virtual community: Homesteading on the electronic frontier*. 2d ed. Cambridge, pp.19, 2000.

<sup>14</sup>Lévy, Pierre. *Cybercultura*, pp. 128-9, 1999.

<sup>15</sup>Dallari, Felix. *Direitos humanos e cidadania (Human right and citizenship)*, pp. 14, 1998.

<sup>16</sup>Rousseau, J. *Do contrato social*, pp. 53, 1973.



*dobram-se ao sentido de ferramentas humanas. Os franceses a chamam de Toyotismo. E os americanos chamam-na da nova cidadania económica*".<sup>17</sup>

Distante por um momento deste conceito de mercado, a cibercidadania encontra-se intrinsecamente relacionada ao espectro simulado. No reino da simulação<sup>18</sup>, muitas estruturas de linguagem têm mudado de forma considerável.

Os modos como os usuários se expressam através de textos e imagens estariam redefinindo a si mesmos quase em todo instante na comunidade virtual. Podemos, parcialmente, justificar esta redefinição pelo impacto do mundo pós-moderno delineado por Jameson em seu famoso livro "Pós-modernismo, ou a Lógica Cultural do Capital Tardio"<sup>19</sup>.

Apesar de mais de duas décadas, de acordo com sua concepção, o mundo pós-moderno precisa de um "novo mapeamento da estética cognitiva"<sup>20</sup>, e os computadores oferecem uma soma de matrizes simuladas onde esta realidade permite identificar-se.

Estamos à procura deste mapeamento cognitivo não somente no campo da estética, mas também em seus aspectos sociais. Depois da procura pelas razões estética, por hora há uma razão de sobrevivência; seria o ecossistema digital poluído pelo mercado financeiro, ou não? Como tal mapeamento pode ser aplicado no sistema *on-line*?

Em geral, é difícil separar o ciberespaço em categorias<sup>21</sup>. O ciberespaço está cheio de *dados híbridos* e não pode ser analisado em fragmentos, mas como um todo. Devido a sua natureza diversa, as ciberidentidades precisam ser reestudadas segundo uma aproximação holística.

<sup>17</sup>Do original: "With its emphasis on people, was so prevalent around the world that the various national teams independently invoked a special name for it. The Swedes talked about the development of human capital. The Japanese dubbed it human ware. The French called it Toyotism. And the Americans called it new economic citizenship". in Dertouzos, Michael. What will be - how the world on information will change our lives, 1997, pp. 213

<sup>18</sup>Baudrillard, Jean. *Simulations*, 1983.

<sup>19</sup>Jameson, Fredric. *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*, pp. 53-92

<sup>20</sup>Ibid, pp. 89

<sup>21</sup>De acordo com a concepção do autor sobre o ciberespaço: "Devemos considerar a Internet um ambiente em si mesmo ou devemos considerá-lo uma parte complementar ou uma extensão de nosso próprio ambiente?" Veja em Jones, Steve G. *Doing internet research: critical issues and methods for examining the net*, 31 pp., 1999.

Por aceitar este fato, a cibercidadania é definida como um mosaico de relações focado na ciberidentidade no mercado de símbolos (sinais) também, ou melhor *transtexto*.

*Transtexto* consiste de duas palavras em fusão: *trans* que vem da trans-disciplinaridade, e *texto* refere-se ao significante e ao significado, objeto e sujeito... etc. *Transtexto* representa inúmeras conexões hipertextuais que tem criado “um admirável mundo novo”<sup>22</sup>, ou admirável mundo *on-line* novo... Ao contrário, este mundo não é tão admirável nem mesmo novo, mas na realidade, este mundo *on-line* idealizado está longe do “perfeito”.

O papel do cidadão é definido nas relações com os outros e se reflete no mundo online. De acordo com Kingwell, há muitos tipos de papéis sociais:

*“O cidadão é na verdade um dos papéis entre outros na completa e bem-ordenada vida. Nós somos também mães e pais, estudantes e profissionais, cineatas e donas de casa, e muitas outras coisas mais. (...) Somos (1) questionados, em busca da verdade e sobre o universo que vivemos. Somos (2) agentes morais, buscando e discernindo, e em defesa daquilo que consideramos a coisa certa. Somos (3) donos/donas de casa e consumidores, envolvidos na ronda diária da casa, do comer e do entreter-se. Somos, necessariamente, (4) trabalhadores ou agentes econômicos, engajados no trabalho para tornar o lar possível. Somos (5) seres culturais, que saboreia os frutos da criatividade humana em todos os estágios performáticos (...) E somos (6) íntimos, criadores de conexões emocionais e de amor em nossas relações com nossos amigos e famílias.”*<sup>23</sup>

No mundo cibernético, a situação não é diferente. Metaforicamente, as identidades *on-line* estão em fragmentos num jogo de complementaridade em

<sup>22</sup>Huxley, Aldous. *Brave new world*, 1983.

<sup>23</sup>Do original: “Citizen is of course just one role among others in a full and well-ordered life. We are also mothers and fathers, students and professionals, moviegoers and householders, and many other things besides. (...) We are (1) inquires, seeking the truth about our lives and the universe in which we live. We are (2) moral agents, seeking and discern, do, and defend what we consider is the right thing. We are (3) householders and consumers, involved in a daily round of dwelling, eating, and entertaining. We are, necessarily, (4) workers or economic agents, engaging in the labor that makes dwelling possible. We are (5) cultural beings, who enjoy the fruits of human creativity in everything from staged And we are (6) intimates, creators of love and emotional connection in our relationships with our friends and families” in Kingwell, Mark. *The world we want: restoring citizenship in a fractured age*, pp. 13-14, 2000.



busca do significado. Estes fragmentos compõem um vórtex digital construído pelas inter-relações dos usuários. Não é uma tarefa fácil para compreender esta dinâmica.

As sementes deste vórtex estão espalhadas por todo o sistema, permitindo ágoras nas quais o significado da cibercidadania *deseja* ser relevante para a convivência social. Este reino não é o da fantasia, mas uma forma de hiperrealidade: video-games, domínios multi-usuários, MOO, etc.

De modo a compreender o “não-lugar” e/ou sociedade global e os resultados do seu ambiente social, Kingwell enfatizou:

*“A lição de Arcade, se se está discutindo o até mesmo não-espacial e projeto global de Benjamin - porém carinhosamente inacabado - no qual ocupamos hoje, infere-se que se pode pensar em obter nosso lugar ao sol de forma sempre acelerada, seguindo à frente, ou numa decisão inversa? E demais, a verdade é que nem este percurso nos levará para onde queremos ir. Então qual será este percurso?”*<sup>24</sup>

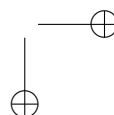
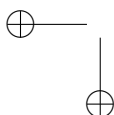
Talvez esta observação implica numa análise mais recente sobre o problema das fronteiras e suas distinções delineadas pelo limite do discurso do usuário pois no mundo *on-line* palavras são ações<sup>25</sup>; palavras são paralelepípedos nesta *super infovia*.

A idealizada cibercidadania usa suas diferenças como contribuição da consciência coletiva. Este aspecto não tem sido considerado em muitos estudos.

O cadastro - por assim dizer - do usuário não é um mistério, mas suas vulnerabilidades se firmam num conteúdo volátil; as características do usuário estão sendo obscurecidas pela exploração intencional e excessiva do mercado midiático (*Google, American Online*, etc.). Logo, pesquisas se direcionam por institutos para redescobrir a natureza virtual do sujeito em questão. Acredita-

<sup>24</sup>Do original: “The lesson of the Arcades, whether we are discussing the ones Benjamin depicted so lovingly in his unfinished Project or the global and even no spatial ones we occupy today, points to this: we keep thinking that we can get home by going more quickly forward or by retreating more decisively back. And yet, the truth is that neither course will really take us where we want to go. So what will?” In, Id, pp. 174.

<sup>25</sup>TURKLE, Sherry. *The second self: computers and the human spirit* – 20th anniversary ed. Boston, 2005.



se que, portanto, a compreensão do que venha a ser *limite* e *fronteira*<sup>26</sup> será o primeiro passo na construção da identidade cibernética como interfaces transculturais nas quais minimizam-se os apelos do jogo financeiro dessas grandes corporações ponto.com<sup>27</sup>.

Como resultado dessas relações cibernéticas, em 2007, um mapa dos acessos a Internet foi elaborado pelo grupo *Miniwatts Marketing* e está disponível em <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

, onde apresentam-se as estatísticas “admiráveis” de um mundo digital bem desequilibrado, cujos números e seus cruzamentos apresentam-se a seguir:<sup>28</sup>

Estas estatísticas têm demonstrado um amplo panorama da realidade *on-line* e esboça um cadastro aproximado do usuário em todo o mundo num espectro preocupante e injusto. Esta distribuição desleal é um resultado de um somatório de decisões políticas e públicas dentre as quais sumarizam as respectivas prioridades dos seus países: *venda, mercado de mídia, info-inclusão, partidos políticos, políticas tecnológicas, etc.*

## Nova Face: Considerações Finais?

Afinal, ante o exposto, seremos capazes de compreender a nova face do cibercidadão e seu papel dentro do ecossistema digital? Portanto, na certa a fisionomia virtual do usuário vem se construindo dentro do ciberespaço com todas essas variáveis.

Sabemos que a língua do cibercidadão é o *Globlish - híbrido de Inglês e códigos transnacionais de mercado*<sup>29</sup> - e sua rede de relações é, por excelência, um *Apartheid* digital, sendo seus direitos e deveres contratos fronteiriços

<sup>26</sup>Aqui os conceitos de limite (*boundary*) e fronteira (*frontier*) terão significados diferentes, com seus correspondentes em inglês. Limite será tratado como borda fixa, e, em oposição, estará a fronteira, que pode ser todavia renegociada nas relações do ciberespaço.

<sup>27</sup>BARNEY, Darin. *One nation under google ? citizenship in the technological Republic*. Hart House Lecture Press, 2007.

<sup>28</sup>Miniwatts Marketing Group, on <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>, April 18, 2007.

<sup>29</sup>PAGON, Elia Patricia Pekica. *GLOBISH the communication of the future*. France, Jean-Paul Nerrière Ed/GNU Public License, 2004. Access at <http://www.jpj-globish.com/articles.php?lng=fr&pg=171> (April, 20 2007).

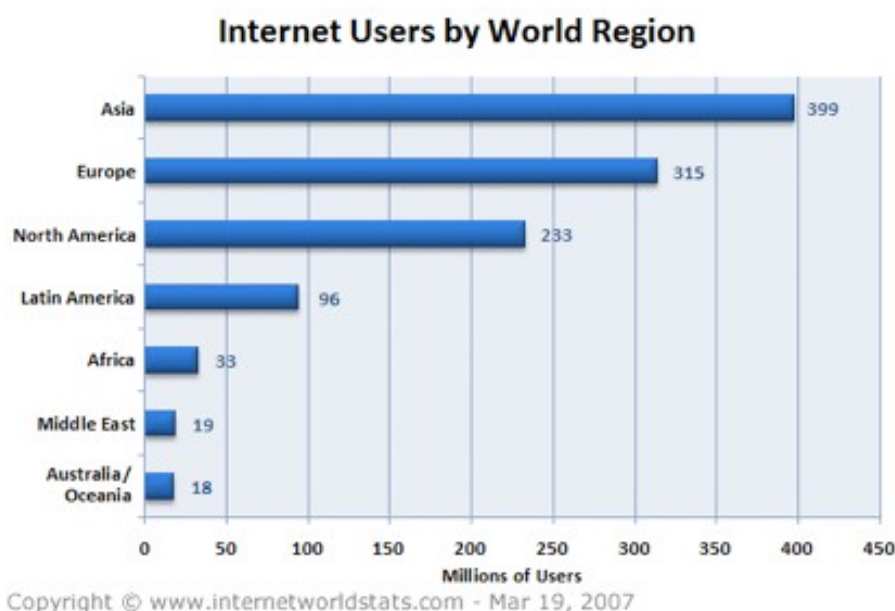


Figura 8:

da cultura da senha (código) e sempre renegociáveis, que viajam pelas interfaces das redes transculturais. Mas, a este ponto, este artigo apresentou alguns dos principais aspectos da cibercidadania e os projetos dela decorrentes, que estarão mais detalhados no livro “Cibercidadania -o que é direito e dever no mundo *on-line*? (Versões Inglês/Português)”.

Assim sendo, este artigo procurou expor as principais bases em que se fundamentam a cibercidadania, evitando-se apenas tópicos teóricos, mas técnico-práticos para defrontar o *gap* existente entre os discursos e as práticas, repensando as análises do *digital divide*, que justifica o aumento da info-exclusão e suas agressivas nuances. Portanto, a vida *on-line* ou virtual têm legitimado cada vez mais a bem conhecida frase de McLuhan sob a condição glocal cibernética, onde “na era da eletricidade, nós vestiremos toda a humanidade como nossa pele”<sup>30</sup>.

<sup>30</sup>Ibid, *Understanding media ? the extensions of man*, 1964.

| WORLD INTERNET USAGE AND POPULATION STATISTICS |                            |                          |                                |                                 |                        |                              |
|--|----------------------------|--------------------------|--------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------------|
| World Regions                                  | Population<br>( 2007 Est.) | Population<br>% of World | Internet Usage,<br>Latest Data | % Population<br>( Penetration ) | Usage<br>% of<br>World | Usage<br>Growth<br>2000-2007 |
| <a href="#">Africa</a>                         | 933,448,292                | 14.2 %                   | 33,334,800                     | 3.6 %                           | 3.0 %                  | 638.4% %                     |
| <a href="#">Asia</a>                           | 3,712,527,624              | 56.5 %                   | 398,709,065                    | 10.7 %                          | 35.8 %                 | 248.8% %                     |
| <a href="#">Europe</a>                         | 809,624,686                | 12.3 %                   | 314,792,225                    | 38.9 %                          | 28.3%                  | 199.5 %                      |
| <a href="#">Middle East</a>                    | 193,452,727                | 2.9 %                    | 19,424,700                     | 10.0 %                          | 1.7 %                  | 491.4 %                      |
| <a href="#">North America</a>                  | 334,538,018                | 5.1 %                    | 233,188,086                    | 69.7 %                          | 20.9%                  | 115.7 %                      |
| <a href="#">Latin<br/>America/Caribbean</a>    | 556,606,627                | 8.5 %                    | 96,386,009                     | 17.3 %                          | 8.7 %                  | 433.4 %                      |
| <a href="#">Oceania / Australia</a>            | 34,468,443                 | 0.5 %                    | 18,439,541                     | 53.5 %                          | 1.7 %                  | 142.0 %                      |
| <b>WORLD TOTAL</b>                             | 6,574,666,417              | 100.0 %                  | 1,114,274,426                  | 16.9 %                          | 100.0 %                | 208.7 %                      |

NOTES: (1) Internet Usage and World Population Statistics were updated on Mar. 10, 2007. (2) CLICK on each world region for detailed regional information. (3) Demographic (Population) numbers are based on data contained in the [world-gazetteer](#) website. (4) Internet usage information comes from data published by [Nielsen//NetRatings](#), by the [International Telecommunications Union](#), by local [NICs](#), and other other reliable sources. (5) For definitions, disclaimer, and navigation help, see the [Site Surfing Guide](#). (6) Information from this site may be cited, giving due credit and establishing an active link back to [www.internetworldstats.com](#)

Copyright © 2007, [Miniwatts](#) Marketing Group. All rights reserved worldwide.

Figura 9:

## Referências Bibliográficas

- BARNEY, Darin. *One nation under google – citizenship in the technological Republic*, Toronto, UofT/Hart House Lecture Press, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulations*, New York, Sémiotext(e), 1983.
- DALLARI, Felix. *Direitos humanos e cidadania*, S.Paulo, Moderna, pp. 14, 1998.
- DENNING, Dorothy E. & LIN, Herbert S.(ed). *Rights and responsibilities of participants in networked communities*, Washington, D.C., National Academic Press, 1994.
- DICKIN, Janice. *The internet as a site of citizenship*. Canada, Calgary/Montréal, University of Calgary and Université de Montréal, 2002

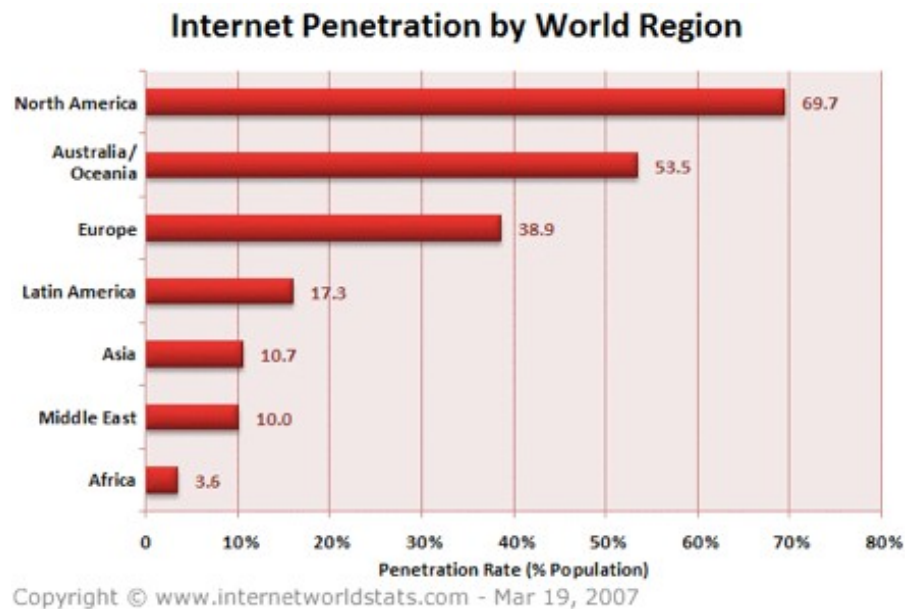


Figura 10:

GILLMOR, Dan. *We the media – grassroots journalism by the people, for the people*, New York, O'Reilly Media, 2004.

*ILLEGAL and offensive content on the internet: the Canadian strategy to promote safe, wise and responsible internet use. Ottawa, Data and map & government information service, 2001.*

JAMESON, Friedrich. *Pós-modernismo ou A Lógica do Capitalismo Tardio*, São Paulo, Summus, 1998.

JONES, Donald E. *Avatar: Constructions of Self and Place in Second Life and the Technological Imagination*, Georgetown University, Communication, Culture and Technology, 2007.

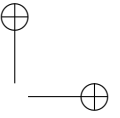
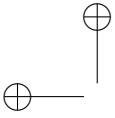
JONES, Steve G. *Doing internet research: critical issues and methods for examining the net*, Thousand Oaks, California, Sage Publications, 1999.

- HUXLEY, Aldous. *Brave New World*, New York, Harper Perennial Modern Classics, 1998.
- KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura*, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997
- KERCKHOVE, Derrick de & FEDERMAN, Mark. *Understanding media*, Toronto, University of Toronto Press, 2002.
- KINGWELL, Mark. *The world we want: restoring citizenship in a fractured age*, Toronto, Viking, 2000.
- LESSIG, Lawrence. *Code and other laws of cyberspace*, New York, Basic Books, 1999.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34, 1999.
- LYOTARD, Jean. *A condição pós-moderna*, São Paulo, Ed. 34, 1999.
- LOGAN, Robert K. *The sixth language – learning a living in the internet age*, Toronto, Stoddart, 2000
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, São Paulo, Cultrix, 1973.
- MCLUHAN, Marshall. “Cibernação e cultura.” in DECHERT, Charles R. (coord) *O impacto social da cibernética*, Rio de Janeiro, Bloch, 1977.
- MCLUHAN, Marshall. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, Toronto, University of Toronto Press, 1962.
- MCLUHAN, Marshall. *War and peace in the global village*, Toronto, University of Toronto Press, 1968.
- MCLUHAN, Marshall. “Communication in the Global Village” in *This Cybernetic Age*, edited by Don Toppin. 158-67. New York, Human Development Corporation, 1969.
- MORIN, Edgard. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000. (org.) *E-dicas: o direito na sociedade da informação*, São Paulo, Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico/Usina do Livro, 2005



- MOSS, John & MORRA, Linda M. *At the speed of light there is only illumination: a reappraisal of Marshal McLuhan*, Ottawa, University of Ottawa Press, 2004.
- NICOLA, Ricardo. *Cibersociedade – quem é você no mundo on-line?*, São Paulo, Senac, Coleção Ponto Futuro, 2004.
- NICOLA, Ricardo. “Cibercidadania & relações on-line: conflitos nas mídias digitais – Caso Canadá-Brasil” in RETZ, Célia (org). *Opinião pública e as relações (im)possíveis*, Bauru, Faac/Unesp-Bauru, 2005.
- PAASONEN, Susanna. *Figures of fantasy: internet, women, and cyber discourse*, USA, New York, Peter Lang Publishing, 2005.
- PAGON, Elia Patricia Pekica. *GLOBISH the communication of the future*, France, Jean-Paul Nerrière Ed/GNU Public License, 2004. Access at <http://www.jpn-globish.com/articles.php?lng=fr&pg=171> (April, 20 2007).
- RHEINGOLD, Howard. *Smart Mobs: The Next Social Revolution*, Cambridge, MA, Perseus, 2002.
- RHEINGOLD, Howard. *The virtual community: Homesteading on the electronic frontier*, 2d ed. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.
- ROUSSEAU, Jean Jacque. *Do contrato social*, São Paulo, Hucitec, 1973.
- SANDKÜHLER, Hans Jörg & LIN, Hong-Bin (eds.) *Transculturality: epistemology, ethics, and politics*, New York, Pert Lang, 2004.
- SCOLA, Nancy. *Avatar politics: the social applications of Second Life*, 2207. Access at <http://nancyscola.com> (April, 25 2007).
- SHELLING, Jeffrey M. *Cyberlaw Canada*. North Vancouver, BC, 1998.
- SOLOVE, Daniel J. *The digital person: technology and privacy in the information age*, New York, New York Press, 2004.

- TAPSCOTT, Don. *Growing up digital – the rise of the net generation*, New York, McGraw-Hill, 1998.
- TOMAS, David. *Transcultural space and transcultural beings*, USA, Boulder Colorado, Westview Press, 1996.
- TORQUATO, Cid & BRASIL, Marco A. *Cartilha do e-consumidor – preserve o ecossistema digital*, São Paulo, Câmara Brasileira do Comércio Eletrônico/Usina do Livro, 2005.
- TURKLE, Sherry. *Vida no ecrã – identidade na era da internet*, Lisboa, Relógio D’água Ed., 1997.
- TURKLE, Sherry. *The second self: computers and the human spirit – 20th anniversary ed.*, Boston, MIT Press, 2005.
- TOFTS, D. *Avatars of the Tortoise: Life, Longevity and Simulation*, Digital Creativity, 14.1, 54-63, 2003
- ODZER, Cleo. *Virtual spaces: sex and the cyber citizen*, New York, Berkley Books, 1997.
- WARSCHAUER, Mark. *Technology and social inclusion – rethinking the digital divide*, Boston, MIT Press, 2004.
- WEBSTER’S NEW INTERNATIONAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, *Second Edition*, Unabridged, W.A. Neilson, T.A. Knott, P.W. Carhart (eds.), G. & C. Merriam Company, Springfield, MA, 1950
- WELLMAN, Barry & HAMPTON, Keith N. *Examining community in the digital neighborhood early results from Canada’s wired suburb*. In, ISBISTER, Katherine & ISHIDA, Toru (ed). *Digital cities: technologies, experiences, and future perspective. Lecture Notes in Computer Science 1765*, Heidelber, Germany, Springer-Verlag, pp. 194-208, 2000.
- WILHELM, Anthony G. *Digital nation: toward an inclusive information society*. Boston/Cambridge, Mass, MIT Press, 2004.



## Sites

<http://www.well.com>

<http://www.canlaw.com/rights/resource.htm>

<http://www.utoronto.ca/mcluhan/>

<http://www.mcluhan.utoronto.ca/academy/mms1>

<http://midia.press.sites.uol.com.br>

<http://www.ombudsman.on.ca>

<http://www.dhnet.org.br>

<http://www.sas.upenn.edu/transcult/>

<http://spoke.compose.cs.cmu.edu/digital-citizen/>

<http://www.cybercitizenship.org/index.html>

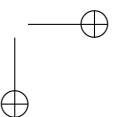
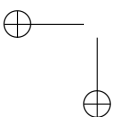
<http://cyber-village.org/>

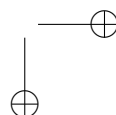
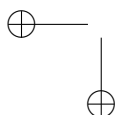
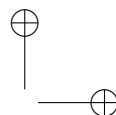
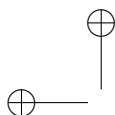
<http://www.cybercrime.gov/>

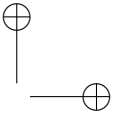
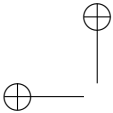
<http://www.cap.ic.gc.ca/index.htm>

<http://www.schoolnet.ca/home/e/>

<http://netizen-news.ca>







## What is Visual and What is Evident About Racial Definitions in Media Representations? Journalism rhetoric, crimes reports and racial profiling practices. Two Cases Involving Brazilians.

Juliana Santos Botelho  
*Université du Québec à Montréal*  
E-mail: julianasbotelho@hotmail.com

### **The polemics of the “shoot-to-kill” policy and practices of racial profiling**

**M**UCH has been said recently about Scotland Yard’s “shoot-to-kill” policy, but very little attention has been given to the fact that such a policy relies fundamentally on someone’s ability to assess another person’s racial or ethnic profile.

In this paper, I will exam two cases in which Brazilians were mistakenly killed by police forces. The first case took place on the 22<sup>nd</sup> of July, 2005 in the city of London, England, and involved a police attack against a suspected suicide bomber in the city metro, which lead to the death of Jean Charles de Menezes. The second case took place on the 3rd of February, 2004 in the city of São Paulo, Brazil, and reveals unofficial racist procedures currently being employed by Brazilian police. Such procedures resulted in the death of Flavio Ferreira Sant’Ana.

What did these two victims have in common? Besides being Brazilian citizens, they were also victims of a “biase” visual framework that connects “visual evidence” to “suspicious behavior”. In the first case, De Menezes, a 27-year-old electrician, was mistaken for a Muslim kamikaze. In the second case, Sant’Ana, a Black 28-year-old dentist, was mistaken for the robber of a grocery store. In both cases, the circumstances under which the police shootings took place remain highly controversial, raising serious questions about the reliability of the corresponding official police accounts. Moreover, both events were being reported in the Brazilian media at almost the same time,

since the trial of Sant'Anas' murderers was initially set to take place at the beginning of August 2005, that is, a few days after Menezes' death.

In addition to exposing to public scrutiny current practices of racial/ethnic profiling by police forces in different countries, such cases help us to raise questions about racial frameworks embedded in any multicultural society's everyday life. In the two cases involving Brazilians, police forces were called upon to give public explanations and they provided explanations that ranged from "human failure" in a legitimate shoot-to-kill situation, in the first case, to "self-defensive shooting" in the second. In the De Menezes case, the shooting promptly raised public protests of indignation and national pride. In the Sant'Anas case, the shooting, though extensively exposed through media coverage, was primarily polemicized by human rights groups and other movements concerned with racial minorities.

My main argument is that these two events - and the corresponding Brazilian public reactions they produced in Brazil and elsewhere - give expression to:

1. the problem of uncertainty inherent in any racial profiling system, especially in multicultural or highly mixed societies;
2. the specificity of Brazilian popular reactions and claims for justice in the cases above.

An overall analysis of certain media procedures at play in both cases may provide us with valuable clues with which to tackle the current Brazilian racial debate.

## Bearing witness

Media accounts here and elsewhere have provided viewers and listeners with details about the "visual evidence" that prompted police officers to react as they did and have suggested possible interpretations of the ways in which such evidence was connected to supposedly "suspect behavior".

But let us firstly recall what has been "officially" said so far about De Menezes' death.

According to an official statement released three days after the incident by Radio Canada, De Menezes, a 27-year-old electrician,

“[...] left his house on Tulse Hill on the morning of July 22nd to go to work. Plainclothes police officers followed him to the Stockwell Station, where he was ordered to stop. Refusing to stop, De Menezes continued on his way, allegedly running. At the moment he was shot, De Menezes was immobile, lying down on the metro floor”<sup>1</sup>.

However, this plain, “impartial” statement hides from much of the controversy over the circumstances under which the victim was killed. Moreover, it says little about the victims’ appearance and attitude *before* being approached by police forces, or why he was identified as suspicious. Because the police officers rarely report their own perception of what is considered to be “suspect behavior” directly to the media, much of what is known or considered to be the “suspect behavior” is not found in the officers’ testimonials, but is to be inferred from the *eyewitness* reports.

In De Menezes’ case, many testimonials of face-to-face encounters with the victim were put into circulation by Reuters Press Agency and promptly disseminated elsewhere by media such as Sky News TV (UK), *Le Devoir* (Quebec) and *Folha de São Paulo* (Brazil) the day after the incident. One witness, Mark Whitby, “who was sitting on the Tube at Stockwell when the man ran into the carriage”<sup>2</sup>, describes De Menezes as an “Asian guy”<sup>3</sup> who “looked like a Pakistani”<sup>4</sup> and was wearing a baseball cap and thick coat. Mr. Whitby, who says De Menezes was “no more than five yards away”<sup>5</sup> from where he was sitting, and who reported a self-confident “I saw it with my own eyes”<sup>6</sup> to Sky News TV on the 24<sup>th</sup> of July, adds: “he was quite large, big build, quite sort of a chubby guy”<sup>7</sup>.

The same Asian origins were attested to by another witness, Teri Godly, who was also in the carriage when De Menezes boarded the metro. Accor-

<sup>1</sup><http://radio-canada.ca/nouvelles/acces/suite.asp?lien/nouvelles/International/nouvelles/200507/24/001-Londres-Ordre-Tuer.shtml>

<sup>2</sup><http://www.sky.com/skynews/article/0,,30000?13391824,00.htm>

<sup>3</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)

<sup>4</sup><http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/atory/2005/07/050723alexri-cardoml.shtml>

<sup>5</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)

<sup>6</sup><http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/07/050723reacao-comunidade.shtml>

<sup>7</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)

ding to Godly, De Menezes looked like a “tall Asian man with a beard and a rucksack”<sup>8</sup>. Another eyewitness, Anthony Larkin reported to BBC that De Menezes was wearing a “bomb belt with wires coming out”, whereas Vivian Figueiredo, a cousin of De Menezes, claimed that she had been told by the Metropolitan Police that De Menezes was wearing a denim jacket<sup>9</sup>. Another cousin of De Menezes, Patricia Armani, told BBC that she does not remember ever having seen Charles with a denim jacket. “He has almost never felt cold. He even used to go out in a t-shirt during winter time,” she argued. It is worth noting that all these testimonials were partially or completely challenged later on in various print media.

Moreover, there seems to be an abnormal amount of disagreement between eyewitness perceptions of De Menezes’ appearance and the police records. Though he was mainly perceived as Asian-like by some eyewitnesses, a full Internet report on De Menezes’ case published by Wikipedia, an online encyclopedia, argues that the officers implicated in the shooting “were watching three men who they claimed were Somali or Ethiopian in appearance”<sup>10</sup>, who were believed to be implicated in a failed bombing the day before the shooting.

But the controversy lies not only in De Menezes’ appearance but also in what was meant by “suspicious behavior.” According to the police statement published by BBC<sup>11</sup>, De Menezes was running and did not stop for the police.

However, the victim’s cousin, Alex Alves Pereira, 27, challenged the official version of events, explaining to the BBC that he believes his cousin’s death “was the result of police incompetence”<sup>12</sup>. “Why did they let him get on a bus if they are afraid of suicide bombers?” He could have been running, but not from the police. When the Underground stops, everybody runs to get on the train. That he jumped over the barriers is a lie<sup>13</sup>. According to the Wikipedia report, “police have refused to release CCTV footage, even to the family.” Yet, a theory put forth by the journal *The Scotsman* a few days af-

<sup>8</sup><http://www.sky.com/skynews/article/0,,30000'13391824,00.htm>

<sup>9</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)

<sup>10</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)

<sup>11</sup><http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/07/050723reacao-comunidade.shtml>

<sup>12</sup>*idem*.

<sup>13</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)



ter the incident suggests that the person eyewitnesses may have actually seen jumping over the turnstile was one of the pursuing officers:

The way De Menezes was shot was another matter for discussion. Eyewitnesses attested that De Menezes was shot five times, whereas official records admitted later on that he had in fact been shot eight times<sup>14</sup>. In this matter, De Menezes' cousin Alex Pereira himself became an eyewitness. He says: "I pushed my way into the morgue. They wouldn't let me see him. His mouth was twisted by the wounds and it looked like he had been shot from the back of the neck"<sup>15</sup>. In any case, Metropolitan Police Commissioner Sir Ian Blair stated in a press conference that a warning was issued prior to the shooting and that a shoot-to-kill approach aimed at overall protection is still the current policy<sup>16</sup>.

Now, let us move to our second case, the death of Flávio Ferreira Sant'Ana. The 28-year-old dentist was stopped by two police officers on his way home. The first official records say that Sant'Ana was driving a car in his own neighborhood, Higienópolis, in the city of São Paulo. After being identified as the robber of a nearby grocery store, Sant'Ana resisted and tried to shoot at the police. The police reacted and shot Sant'Ana twice in the chest. The wallet of the grocery store's owner was later found in one of Sant'Ana's pockets<sup>17</sup>.

Unlike the De Menezes case, Sant'Ana's shooting has no eyewitnesses to challenge the first police records. However, this initial version was challenged a few days after the shooting by one indirect witness, Antônio dos Anjos, 29, the grocery store's owner. The witness denied the police statement according to which he had identified Sant'Ana as the actual robber.

Lacking veracity, the police version of a dentist robbing a grocery store fell definitively apart seven days after the shooting due to claims by none other than the General Commissioner of São Paulo's police, Colonel Alberto Silveira Rodrigues. In an interview with the *Journal Folha de São Paulo* on the 10<sup>th</sup> of February, 2004<sup>18</sup>, Rodrigues states that according to recent disclosures, the police officers' version of events is untrue because "a confession by one of them suggests that a wallet was later put in the victim's pocket." And he

<sup>14</sup><http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story2005/07/050726blair-meetsfn.shtml>

<sup>15</sup>[http://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Charles\\_de\\_Menezes#Controversy\\_over\\_police\\_procedure](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Charles_de_Menezes#Controversy_over_police_procedure)

<sup>16</sup><http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2005/07/050726blairmet-sfn.shtml>

<sup>17</sup><http://www.mundonegro.com.br/noticias/index.php?noticiaID=265>

<sup>18</sup><http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u89837.shtml>

adds: “We will by no means support the actions of bad police officers”. This bombastic statement was made public right after a visit to the victim’s father, Jonas Sant’Ana, himself a retired police officer.

According to the pronouncement of Judge Marco Antonio Martins Vargas on August 10<sup>th</sup>, 2005 – almost one year after the incident – seven officers directly implicated in Sant’Ana’s case were required to face the judgment of a jury within a month. Final sentencing was not actually handed down until October 19<sup>th</sup>, 2005. Two officers directly implicated in the crime were sentenced to 17 and 1/4 years imprisonment for double qualified homicide, fraudulent representation and illegal possession of weapon. Three officers received shorter sentences; one each for fraudulent representation, illegal possession of weapon and homicide.

No decisions were taken in regard to the seventh guilty officer who had been killed in a police confrontation prior to sentencing<sup>19</sup>.

In the De Menezes case, the Independent Police Complaints Commission’s (IPCC) court verdict made known on November 1<sup>st</sup>, 2007, the Metropolitan Police was found “guilty of charge of breaching health and safety laws”<sup>20</sup>. However, the circumstances surrounding both his shooting and the police procedures employed remain largely obscure. According to a national campaign launched by De Menezes’ family and the Fathers 4 Justice Association, none of the officers implicated in the shooting were individually censured or submitted to discipline of any kind. The IPCC’s report remains secret and there has been no further explanation given concerning the purpose of Operation Kratos; neither publicly nor to De Menezes’ family. Despite the sad episode, the “shoot-to-kill” policy was not discontinued<sup>21</sup>.

## Blaming-the-victim strategy

“Blaming the victim” seems to be the first self-defensive strategy used by the police in similar cases. However, as the investigation goes on, new evidence may turn up and shed new light upon the previous statements. Inasmuch as eyewitnesses’ reports may be discredited, it is curious to note a second device

<sup>19</sup>[http://www.ovp-sp.org/exec\\_flavio\\_santana.htm](http://www.ovp-sp.org/exec_flavio_santana.htm)

<sup>20</sup>[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/7073347.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/7073347.stm)

<sup>21</sup><http://www.justice4jean.com/news.html>

being used in media reports: namely, the release of new versions of events based upon documents leaked from the official inquiry.

The following extract was taken from *The Times*' online edition of August 17<sup>th</sup>, and presents a revised police version of the death of De Menezes:

Friday, July 22

(...)

9.30am: Officers see De Menezes walking to a bus stop and boarding a bus heading to Stockwell Tube station. He is wearing a light denim jacket and not the heavily padded coat capable of hiding an explosives belt that was initially claimed. A surveillance officer at Tulse Hill checks the photographs of the terror suspects and decides "it would be worth someone else having a look" to see if Mr. de Menezes matches them. He himself has mis-seed Mr. de Menezes's departure as "I [he] was in the process of relieving myself [himself]", and was thus unable to transmit his observations and turn on his video camera. Officers assume that de Menezes's "description and demeanour" match one of the terror suspects, including Hussain Osman, the alleged Shepherd's Bush bomber. Gold Command instructs them to stop de Menezes from getting on the Tube (...)

10am: CCTV footage shows de Menezes entering the station at a normal walking pace, picking up a free Metro newspaper, and slowly descending on an escalator. (...) Hearing a train pulling in, he runs across the concourse, gets into the train and sits down on the first available seat. (...) At that point, armed officers were "provided with positive identification", the document says.

The officers start to shout, including the word "police". De Menezes got up and advanced towards the CO19 officers, according to one surveillance officer.

Another member of the surveillance team grabs him and holds him down in his seat. "I grabbed the male in the denim jacket by wrapping both my arms around his torso, pinning his arms to his side. I then pushed him back on to the seat where he had been previously sitting ... I then heard a gun shot very close to my left ear and was dragged away on to the floor of the carriage."<sup>22</sup>

Let us now move to the recent developments in Sant'Ana's case. In August, 2005, the Brazilian newspaper *O Estado de São Paulo* reported the latest statements of the police defense in the trial of Sant'Ana's killers:

<sup>22</sup><http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article556227.ece>

Police officers insist on the thesis according to which the dentist was killed because of a sudden reaction during the police approach and not because he was black. In their records, they state that after leaving the dentist in the hospital emergency service, they went to the 13<sup>th</sup> Police Station Office, where they presented the false version of events, fearing “administrative sanctions”.

Five officers have already admitted in their statements to the Civil Police that they fabricated the crime’s evidence and omitted information while the occurrence was being registered, but they deny acting out of racism.

The defense’s strategy is now to say that it is a matter of a blameless homicide. Moreover, three out of the five police officers are themselves Black.

The officer Ricardo Arce Rivera acknowledged he had placed the crime weapon next to the dentist with the aim of simulating resistance on the part of the victim. According to the defense, it is also Rivera who put Antonio Alves dos Anjos’ wallet in the dentist’s pocket - Anjos was said to have mistaken Sant’Ana for a robber<sup>23</sup>.

Although the means by which armed officers were provided with “positive identification” remain open to speculation in De Menezes’ case, much of what was initially said about his “suspect behavior” is being called into question. In contrast with Sant’Ana’s death, which took place outside the reach of public means of surveillance, Menezes’ case now has the benefit of another source of visible evidence: the CCTV footage. However, despite the lack of visual support in Sant’Ana’s case, the addition of new information has led to a new version of events, one which reinforces the thesis that police acted based on racial bias.

## Who else can be blamed?

The following statement is credited to Sant’Ana’s father: “If he [his son] had written I am a dentist’ on his face, would he be alive today?”<sup>24</sup> What is intriguing about Sant’Ana’s father’s statement is that it suggests that there is nothing new about Black and colored people being killed by police forces and that this is a standard procedure. Furthermore, it suggests that there is only

<sup>23</sup><http://conjur.estadao.com.br/static/text/36475,1>

<sup>24</sup><http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=264FDS003>

one way out of this pattern of treatment for colored people: getting a university education. If possible, one should write evidence of an education on his/her own face.

Sant'Ana's father's statement is reinforced by statistics that were released around the time of his son's shooting: according to a DataFolha survey, 91% of young black men between 17 and 24 years old have already been questioned by police<sup>25</sup>. There also seems to have been an increase in the number of killings committed by police forces, and a very upsetting one, it must be said. In 2001, the police of Sao Paulo committed 385 "acts of resistance". "Acts of resistance" is the Brazilian official terminology for deaths resulting from police confrontation. In 2003, this number rose to 868, for an increase of 225%<sup>26</sup> and, by 2005, the number of "acts of resistance" had reached 1.098 in the state of Rio de Janeiro. At the time of Sant'Ana's death, sociologist Julita Lemgruber, in a polemic interview with *Época Magazine* in Brazil, expressed the same opinion as the victim's father: "the victims of such police violence are mainly poor, Black and live in the outskirts"<sup>27</sup>, she argues. "Police forces state that most of these people die during confrontations [with the police]. But we know, as much research has indicated, that in most of these deaths, people were shot in the back or in the head"<sup>28</sup>. And she concludes: "it seems evident to me that these deaths do not result from confrontations. These are actually executions".

In a text published on the *Media Watch Brazil* website on February 17<sup>th</sup>, 2004<sup>29</sup>, Alexandre Cruz Almeida raises another intriguing question: "why has the media been insisting so much on the fact that he was a dentist," if Sant'Ana had graduated only five days before his killing? To which he adds: "Let's be sincere: you see a newspaper hanging on the newsstand as you pass by, late for work. You see in the headlines: "Young man in the outskirts is killed by police officers." "Would you stop to read? Surely not!" He argues that neither this, nor a phrase like "Black male is killed by the cops" merits attention in the news. "The only way to be in the news is to render the young man more

<sup>25</sup><http://www.educafro.org.br/noticia/Infos/inform050304.html>

<sup>26</sup>[http://www.ucamcesec.com.br/md\\_part\\_texto.php?cod\\_proj=1](http://www.ucamcesec.com.br/md_part_texto.php?cod_proj=1)

<sup>27</sup><http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT678129-1666,00.html>

<sup>28</sup><http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT678129-1666,00.html>

<sup>29</sup><http://www.sobresites.com/alexandreacruzalmeida/artigos/dentista.htm>

important than he actually is. Which means that his intrinsic relevance as a Human Being, a citizen and a son is worth absolutely nothing.”

And if De Menezes had written “I am a Brazilian,” on his forehead would he now be dead? Well, probably not. Sir Ian Blair’s decision to keep the “shoot-to-kill” policy, despite the tragedy, suggests that De Menezes’ death fit in with his plan to give the world an exemplary demonstration of the U.K.’s determination to fight against terrorists. Furthermore, English public opinion seemed to support the police force and its shoot-to-kill policy, even in the immediate aftermath of the shooting. In a survey published only three days after the shooting, 71% of British citizens supported shooting aimed at the head, rather than at the torso or anywhere else, as a means of killing a suspected suicide bomber<sup>30</sup>. One wonders if they still support this in light of the new evidence being turned up during the De Menezes investigation.

But what if De Menezes had actually been Arabic? Would this make a difference? Well, maybe for a “white” Brazilian middle class, which is not used to seeing itself as a potential racial target for police officers. As the Black militant and journalist Eloisa Helena has argued: “Global society is shocked by the murder of the young Brazilian in London and ignores the fact that many Flavios [Sant’Anas] are being executed daily, without being considered important enough for the newspaper headlines”<sup>31</sup>.

In any case, what seems evident is that the shoot-to-kill policy both reinforces and renders explicit a society’s underlying visual racial biases, which are inherently contextual and socially constructed in character. But what role does the media play in this type of situation?

Certainly, the media is not responsible for the crimes themselves, but it may inflict a secondary form of violence on the victims. That is, in cases in which the “visual evidence” related to the crime was not immediately available to the audience (whether because the killing occurred outside of public scrutiny and the technical means of recording, as in Sant’Ana’s case, or whether the access to such information was highly controlled by police forces, as in De Menezes’ case), the media does play an active roll by forging a “truthful version” of what might have occurred outside the reach of the media cameras. In this sense, the narratives concerning the murder of De Menezes

<sup>30</sup>Le Devoir, July 26th 2005 : section “Le Monde”, page 3.

<sup>31</sup>“Preto parado é suspeito e correndo é ladrão”.

<http://br.groups.yahoo.com/group>

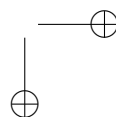
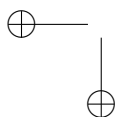
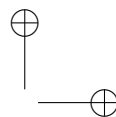
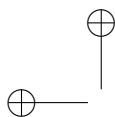
presented by the English news, especially those given by the eyewitnesses, were very much inflected by the same racial bias we found in the police action towards the victims.

However, it is important to note that both Sant'Ana and De Menezes were what we might call "the wrong victims," the former being an educated dentist and the son of a retired policeman, and the latter, a (non-Arabic and non-Muslim) Brazilian immigrant. Such "evidence," though not immediately recognized at the time of their respective murders, came out in the news and called for police forces and political representatives to give further public explanations. In light of newly released information, media also acted more reflectively, finding itself forced to revise the narratives released previously. After being confronted with its own racial bias, media was able to enhance the public debate and call for more public scrutiny.

To conclude, it is worth making a few brief comments regarding the Brazilian media's coverage of both crimes. Broadly speaking, De Menezes' death merited more extensive coverage in the news than Sant'Ana's. But there is another subtle difference between the two. As suggested by the General Commissioner of the São Paulo Police's statement, Flavio Sant'Ana was killed largely as a result of the way in which his Blackness was perceived, that is, as visual evidence of his being a bandit or a robber. De Menezes, conversely, not only was not Black, but was also a good example of how racial visual codes may be highly contextual.

My sense is that much of the controversy surrounding his killing, and all the nationalist protests it raised, were a consequence of the fact that, according to Brazilian racial codes, De Menezes would be more likely to be considered White (even though he might have had an afro-ascendance in the last four generations). Due to this, Brazilian media were more pro-active than English ones, casting the official police records under suspicion from the very beginning. What many people have failed to note is that the Brazilian media, the same media that fights racism abroad, is unable to perceive how racist it can be when it comes to national matters.

*Montreal, August 20th, 2007.*





## Journal télévisé et information d'urgence. Vers une nouvelle approche sémiotique

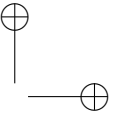
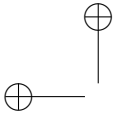
Alexandre Manuel

Laboratoire: LASELDI - Université de Franche-Comté, Besançon, France

E-mails: laboratoiresonore@hotmail.fr

**25** décembre 2005, un séisme sous-marin déclenche une vague gigantesque qui ravage les côtes de la plupart des pays bordés par l'océan indien (à savoir l'Inde, l'Indonésie, le Sri Lanka, la Thaïlande, les Maldives, la Malaisie, le Bangladesh), laissant derrière elle de nombreuses victimes humaines. A partir de ce jour, les télévisions ont transmis jour par jour des masses d'informations à ce sujet, relatant à chaque édition l'évolution de la situation dans ces pays. Pendant près de deux semaines, les médias télévisuels n'ont cessé de diffuser les mêmes images de la catastrophe, essayant de décrire l'évolution de la situation dans chacune des régions concernées. En effet, les informations relatives au Tsunami ont été l'objet d'une grande médiation à l'échelle mondiale: entre images amateur surexposées, panoramas redondants, témoignages de tous horizons, la machine médiatique semble s'être emballée.

Par ailleurs, elle a été accompagnée d'un élan de solidarité qualifié de "sans précédent" par les responsables des ONG, (au point qu'ils ont demandé de ne plus envoyer de dons). La question qui pourrait surgir à l'esprit serait de savoir si c'est l'événement en lui-même qui légitime sa priorité au sein de l'espace télévisuel et public. Mais la réponse est évidemment non, puisque par exemple d'autres catastrophes de même nature n'ont pas connu une telle diffusion ni provoqué la même effervescence (par exemple le tremblement de terre de Bam en Iran). Si le tsunami a été considéré comme une catastrophe à part, c'est que les téléspectateurs ont entretenu une relation privilégiée avec elle à travers l'information et plus précisément une autre utilisation de matériaux sémiotiques. Sa représentation dans les journaux télévisés est donc elle aussi investie d'une singularité, qu'il s'agit pour nous d'explorer. La diffusion de ces informations n'a évidemment pas créé à elle seule l'élan de solidarité, mais elle l'a sans doute accéléré. C'est pourquoi selon nous, le traitement télévisuel du tsunami constitue le modèle d'un nouveau genre d'information,



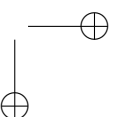
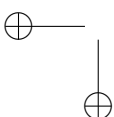
que nous nommons: *information d'urgence*. Afin de prendre en compte la dimension internationale des événements et l'importance de la culture dans la structure des informations. Nous avons constitué un corpus d'analyse à partir des journaux télévisés des chaînes publiques de deux pays européens: la France (France2) et le Portugal (RTP). Après avoir défini cette information d'urgence, nous en exposerons ses éléments constitutifs.

### **Quelques remarques épistémologiques**

La dénomination information d'urgence consiste moins à une catégorisation, à une délimitation subjective des séquences télévisuelles, que la volonté de faire surgir ce qui selon nous constitue une propension contemporaine, peut-être révélatrice d'une société emprise avec le temps et l'espace. Cet écrit constitue ainsi une proposition d'orientation théorique, bien plus qu'une assertion réduite à un seul corpus. L'information d'urgence est donc une concession théorique dans la mesure où elle peut constituer un point de départ vers une sémiotique de l'urgence, une sémiotique où le survenir met en exergue un autre mode d'existence du ego *hic et nunc*. C'est-à-dire à partir de laquelle la relation privilégiée entre téléspectateur et événement s'intensifie de manière à créer un nouvel espace-temps propre à la structure du discours, et conduisant ainsi à une présence pathémique systématique. L'information d'urgence est donc avant tout une singularité extraire du vaste chantier télévisuel

### **De l'urgence dans l'information à l'information d'urgence**

Nous savons tous ce qu'est l'urgence sans pour autant pouvoir en donner une définition parfaitement stable. On s'accorde à dire qu'il s'agit d'un état ou une situation qui requiert une action immédiate. L'urgence est pour le sociologue Luc Boltanski une figure manifestée par la posture d'un énonciateur qui sollicite une action pour briser une soumission à la fatalité même si cette vision de l'urgence est différente de celle de Bourdieu (qui la qualifie plutôt comme rapidité de l'information sous la pression concurrentielle, il existe néanmoins une similitude entre ces deux conceptions: c'est leur rapport au temps, et plus précisément à la vitesse, c'est-à-dire un rapport entre une durée et une distance. Dans l'urgence il n'y a pas de temps à perdre. Elle traduit un savoir



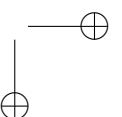
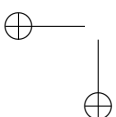


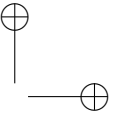
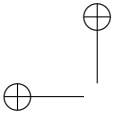
dans la rapidité et implique une action dans un temps lui aussi le plus court possible. Cette urgence dont le rôle est de faire savoir qu'il y a un besoin d'action immédiat confère au discours d'information médiatique une singularité sur le plan de l'espace, du temps, impliquant comme nous allons voir le téléspectateur au cœur de l'événement.

Concernant l'information, on pourrait concevoir l'urgence de deux manières: elle évoquerait la production de l'information soumise au temps de la concurrence, concurrence qui impose de couvrir l'événement le plus rapidement possible avec le plus d'images possible. Elle évoquerait également le monde auquel elle se réfère, c'est-à-dire l'événement qui nécessite une aide immédiate. L'information d'urgence est donc une information qui alerte, qui intervient comme une alarme dans le discours médiatique. C'est la manifestation de ce qui survient dans le présent et qui doit faire l'objet d'une action immédiate. Elle dévoile la rationalité du pathos (entendue ici comme l'inscription d'un cadre passionnel qui est susceptible de valoir pour le téléspectateur) en ce sens qu'elle intervient comme une réaction à un jugement de valeur à travers une relation étroite que les téléspectateurs ont entretenue avec l'événement, suggérée par les différents éléments que nous allons énoncer.

## Eléments constitutifs

Dans le schéma suivant, nous pouvons voir que l'information d'urgence est articulée autour d'un noyau pathémique. Certains éléments gravitent autour de ce noyau et chargent le pathos en intensité: il y a tout d'abord les topiques de la souffrance et de l'angoisse, qui sont comme le souligne P. Charaudeau des catégories de la langue, des termes généraux regroupant certaines figures qui favorisent les mêmes effets pathémiques. À côté nous avons une dimension spatio-temporelle et un ancrage ethnocentrique manifestés par deux dispositifs principaux que nous allons voir qui, agissant comme des moteurs, entraînent le discours pathémique dans l'expression de l'urgence. Le cercle en pointillé traduit le lien culturel qui s'exerce dans la production du sens. Par exemple, dans les informations de la chaîne RTP, Les interviews de touristes Macanais justifient une présence historique portugaise non loin de la zone touchée par la catastrophe, favorisant la proximité et ainsi témoignent d'un intérêt particulier à la diffusion de l'événement.



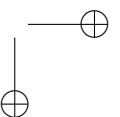
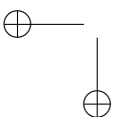


## Topique de la souffrance

La topique de la souffrance est à la base des discours sur les catastrophes et participe à *l'attendrissement* du téléspectateur. Dans le cas du tsunami la souffrance est montrée par des images de populations autochtones pleurant ou dans des postures d'impuissances devant le désastre. On le voit à travers les prises de vue dans les hôpitaux improvisées où défilent de nombreux cadavres et corps blessés. D'autres images montrent les pêcheurs comme étant les premières victimes. On a souvent parlé dans les commentaires de bateaux détruits qui sont, nous citons: *les seuls moyens de survie des pêcheurs*. Les commentaires insistent sur l'innocence et la fragilité de la population qui, atteinte par la pauvreté, fait preuve de courage à vivre de la nature et qui se voit être condamné par la nature même. Les premières victimes sont donc les plus fragiles, et leur souffrance est exposée par les pleurs et les cris des villageois. L'horreur est présentée à travers les corps étendus, souvent des enfants accompagnés de femmes adultes pleurant, ce qui exprime une rupture du déroulement "normal des choses", ceux qui perdent la vie les premiers sont les jeunes enfants, ceux qui en sont justement au début. Nous ne détailleront pas plus les caractéristiques de cette topique car ce qui paraît plus singulier est une seconde topique qui contribue elle à la condensation spatiotemporelle du discours et qui participe de cette manière à l'émergence de l'urgence.

## Topique de l'angoisse

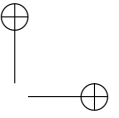
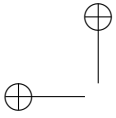
La topique de l'angoisse est articulée autour de figures de peur et de terreur face à un événement naturel dont personne n'est responsable. Les images amateur dévoilent une vague gigantesque en train de tout emporter avec elle, les protagonistes essayent tant bien que mal de s'accrocher à la moindre branche tandis que d'autres se font emporter par les eaux... Nous pouvons voir le drame pendant qu'il se déroule: des hommes agrippés aux arbres, d'autres sur les toits des maisons, des voitures et des bus emportés par les eaux, des personnes à terre qui fuient. Tout cela montre l'intensité de la violence des eaux. L'état de victimisation n'est pas accompli (les personnages luttent pour échapper au torrent), mais la voix off nous expose le chiffre de 11000 morts effectifs (chiffre qui au long des jours se multipliera) ce qui permet d'évaluer



le degré de la catastrophe, mais aussi de faire savoir que ce nombre concerne entre autres ces personnages à l'écran, ceux que l'on voit en train de lutter pour rester en vie. Ces images insistent également sur l'insolite par exemple avec la monstration de bateaux, d'autobus, de cabanes et d'arbres qui se font emporter par le courant témoignant de la violence... L'événement se déroule sous nos yeux, à travers ces extraits de vidéos amateurs. Il s'agit d'extraits car ces images ne montrent évidemment que le moment où la vague déferle imposant aux personnages un état de victimisation mais non finalisé, un état comme dit Charaudeau de victime potentielle "il sont en train de...". Nous avons des figures de peur et de terreur à travers ces personnes qui luttent mais aussi des cris et des hurlements qui interviennent comme des alertes face à l'arrivée imminente de la vague. L'angoisse est ainsi représentée de manière à insister sur l'avenir inconnu, néantisé des actants, qu'ils soient sujet ou objet. La topique de l'angoisse renvoie aux catégories du pathos de P. Charaudeau mais il n'est pas inutile de se référer aussi à J.P Sartre pour qui l'angoisse est: [...] *la conscience d'être son propre avenir sur le mode du n'être pas*, il ajoute: *c'est à travers mon horreur que je suis porté vers l'avenir et elle se néantise en ce qu'elle constitue l'avenir comme possible*". Il y a donc à travers ces images un présent projeté dans le non-être, l'inconnu.

Le présent de l'action (de l'événement) suggéré par ces images a une fonction de mise en réel et possède ici une importance primordiale puisqu'il configure la base temporelle sur laquelle la topique de l'angoisse va se construire. La dernière phrase de l'ouvrage de Luc Boltanski (la souffrance à distance) est la suivante: "...sur le passé, à jamais révolu, et sur l'avenir, encore inexistant, le présent possède un privilège exorbitant: celui d'être réel". Si la topique de l'angoisse est caractéristique de l'information d'urgence c'est parce qu'elle montre des peurs de manière à créer des victimes potentielles dans un événement au présent tout en créant une orientation temporelle vers l'avenir, puisque la catastrophe n'est pas terminée.

Cette topique communique avec celle de la souffrance; cette dernière propose une continuité événementielle c'est-à-dire la conséquence de la catastrophe, cette victimisation: à travers la destruction, des corps étendus et des personnages souffrants. Elle communique également avec le critère de l'ethnocentrisme que nous allons voir plus tard, en insistant sur l'état de victimisation potentielle de Français, ou des portugais selon le corpus.



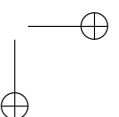
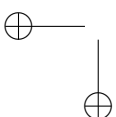
Ces deux topiques principales sont investies d'un effet de proxémie, c'est-à-dire qu'ils procurent le sentiment que cela pourrait nous arriver à nous téléspectateurs. Cette proxémie est attribuée à un espace public condensé et un espace/temps narratif comprimé. Ceci à travers deux ancrages l'un étant spatio-temporel l'autre étant ethnocentrique.

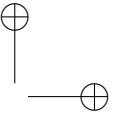
## Images amateur et ancrage spatio-temporel

*Elles minimisent la notion de relais médiatique.*

La principale particularité des informations concernant le tsunami en France et au Portugal a été, sans nul doute, la présence massive d'images amateur. Si il n'est pas nouveau que les informations télévisées recherchent des effets tels que le direct ou l'authenticité sous toutes ses formes, les images amateur peuvent attribuer au discours télévisuel le simulacre du *ici et maintenant à travers des effets de réel temporel et de proximité spatiale*. Les caractéristiques des vidéos amateur (dans les informations du tsunami) se déclinent de la manière suivante: Tout d'abord elles nous font penser à nos images, celles issues des caméras grand public grâce auxquelles n'importe qui peut jouer le rôle de journaliste. C'est une analogie assez naïve mais qui traduit tout de même l'insertion du privé dans la sphère publique, susceptible de réduire l'écart de distance entre l'événement et le téléspectateur. Si pour Roland Barthes l'image photographique possède quelque chose de *l'ordre de l'avoir été là, ou l'être là*, les procédés amateur quand à eux peuvent conférer à l'image la caractéristique du *nous sommes là, ou nous avons été là*. La fonction de témoignage de l'image est alors placée au rang du souvenir, mais un souvenir qui se construit à mesure que le temps avance, le temps de l'image (temps indiciel selon François Jost) paraît se confondre au temps du téléspectateur (temps réel) construisant le simulacre du présent de l'événement dans un espace authentique. Ceci parce que quiconque se trouvait sur place avec un caméscope aurait pu jouer le rôle de journaliste. Le présent de l'événement est reconstitué par deux caractéristiques des images amateur:

- Tout d'abord la nature de ces images, qui sont de l'ordre du non- professionnalisme, construit une plastique et une esthétique particulière typique de l'amateurisme, lui conférant une valeur d'authenticité spatiale à travers quatre points:



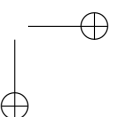
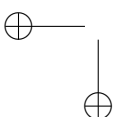


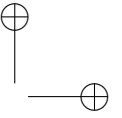
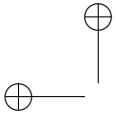
- Absence totale d'énonciateur (journaliste, reporter...), elles parlent d'elles mêmes, l'objet visé est l'objet de l'événement.
- Diffusion avec leur son parasite d'origine (son du monde: cris, hurlement qui traduisent stupeur, frayeur, terreur...)
- Mouvements brusques, ce qui traduit leur présence, ainsi que de celui qui a tourné la vidéo, au coeur même de l'événement. Le cadrage souvent aléatoire traduit la difficulté encourue par le danger de l'événement.
- Mauvaise qualité et instabilité graphique/sonore
- Cadrage (+ zoom) plus ou moins incontrôlé

Cette incontrôlabilité du contenu et ce parasitage traduisent bien l'imprévisibilité et l'imperfection de notre monde car notre monde naturel n'est pas aussi net aussi propre que ce que l'utopie télévisuelle du cadrage, du filtrage, du traitement de l'image veut nous faire croire. C'est la même chose qui se passe lorsque des célébrités apparaissent à l'écran sans maquillage, on voit comment elles sont au *naturel*, dans la *vraie vie*.

- Ensuite, suivant trois caractéristiques, ces images renferment une valeur d'authenticité de temps:
  - elles se déroulent dans un flux continu
  - elles ne font pas l'objet de censures, sinon celles des producteurs des JT
  - elles ne font pas l'objet de montages, ni de coupages sinon celui causé par le danger de l'action

C'est à travers ces derniers points que selon nous, les images amateur participent à minimiser de la notion de relais médiatique. Les images parlent d'elles mêmes en proposant un champ de présence construit sur la base d'un simulacre de proximité spatio-temporelle entre le téléspectateur et l'événement. Avec les images amateurs, le média n'a plus la valeur de relais, d'intermédiaire, de canal qui transmet l'information, ce sont les images amateur qui s'octroient ces fonctions car à travers leur forme, elles permettent de confondre le privé

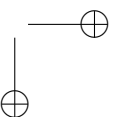
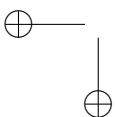




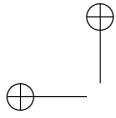
et le public suggérant la relation privilégiée entre l'événement et le téléspectateur, car dans l'urgence il y n'y a pas l'idée de relais, l'urgence est la manifestation directe du besoin d'action.

*Elles constituent un moteur axiologique*

La condensation de l'espace-temps narratif conduit donc une gestion de la présence de l'événement, permettant un effet de proximité. C'est la vitesse, condition de l'urgence, qui implique cet effet car elle évoque un rapport entre une distance et un temps. Nous ne nous référons pas seulement à la vitesse de la vague dans le monde "réel", mais également à la succession rapide des images amateur, et de leur incidence dans le champ de la perception. Ces images traduisent l'éphémère, la singularité de chaque moment qui passe c'est-à-dire comme dit François Jost au sujet des images de surveillance vidéos: *elles seraient une garantie de captation de l'emprunte de notre temps* à nous téléspectateur. Elles construisent un présent, que nous appelons le "présent événementiel" puisque nous l'avons vu, elles créent un effet de simulacre de temps réel, mais détiennent aussi la particularité de ne pas laisser aux téléspectateurs le temps de "réfléchir", d'être dans une position de moralisateur. Dans ce cas, le téléspectateur sera comme le dit P. Charaudeau moralisé par le média. L'intelligible est donc laissé au profit du sensible parce que le jugement de valeur est mobilisé par ce qu'elles dévoilent, par leur esthétique. C'est la raison pour laquelle les images amateur ont, ce que nous appelons une fonction de moteur axiologique. Le jugement de valeur de l'événement (dysphorique puisqu'il est largement qualifié de catastrophe puis de cataclysme), sera décuplé par le sensible in situ. En d'autres termes, à travers la construction des conditions sensibles de l'événement (imperfection, incontrôlabilité et imprévisibilité du monde), les images "amateur" déploient les valeurs de l'ensemble des topiques pathémiques, conférant ainsi au discours une intensité émotionnelle particulière susceptible de favoriser l'intérêt du public et accélérer les promesses de dons d'argent. En outre, l'événement est d'autant plus rapproché de ce public, par le dernier ancrage que nous allons exposer, soumis à un autre critère axiologique, celui d'une morale humanitaire.







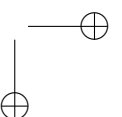
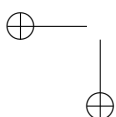
## Ancrage ethnocentrique

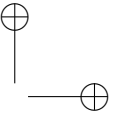
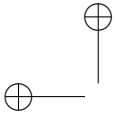
Nous avons emprunté ce terme de Claude Lévi-strauss et nous considérons l'ethnocentrisme dans la perspective du discours, comme la configuration sémantique d'un discours (syncrétique en l'occurrence) qui conduit à privilégier le groupe social auquel l'instance d'énonciation appartient. Cette disposition du sens peut contribuer à créer un système de valeur articulé autour des préjugés des autres groupes. Nous parlons d'ethnocentrisme pour exprimer un certain angle occidental apporté au discours télévisuel à travers la fréquente utilisation d'images concernant des touristes. Pour ce qui est des images amateur il est évident qu'elles interviennent pour combler l'absence de journalistes sur place et leur existence se justifie en ce qu'il est tout à fait logique que seul les caméras des touristes aient pu filmer la catastrophe. Mais ce qui m'importe ce n'est pas le pourquoi du contenu de ces images mais leur implication dans la construction du sens. L'ancrage ethnocentrique se manifeste par:

- La fréquente utilisation des plages touristiques comme comparaison de l'avant et l'après catastrophe. avec par exemple les plages, où précisément nous citons: *a été tourné le film la plage avec Leonardo Dicaprio*, ou les plages de Kho Lanta (connue pour avoir été le lieu du célèbre jeu télévisé), ou les plages de l'île de Phuket (destination très fréquentée par les touristes occidentaux), ou encore l'Île de Penang en Malaisie... Elles alternent l'avant et l'après catastrophe.

- Les images des autochtones dans la pauvreté et la fragilité et les images des touristes dans la richesse et la mobilisation. Les touristes occidentaux, pour la majorité des cas, blessés, regroupés se mobilisent pour porter secours à d'autres sous les décombres. Elles évoquent des lieux touristiques de Thaïlande, d'Indonésie (Bali), des Îles Maldives.

L'ancrage ethnocentrique intervient ici comme facteur réducteur de l'espace public (entendu ici comme espace abstrait d'intérêts communs). Et nous pensons qu'il a favorisé une prise en compte sociale du besoin d'aide comme une sorte de morale humanitaire en construisant avec les images amateur une relation privilégiée avec les actants du discours et donc de l'événement.



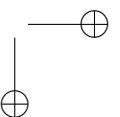
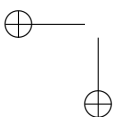


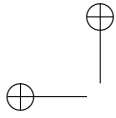
## Remarques conclusives

Tout d'abord, l'étude contrastive du corpus portugais et français a montré une équivalence quant à la construction événementielle du tsunami. Les données culturelles, elles, constituent le point d'articulation entre les différents éléments constitutifs des topiques. Par exemple, chaque pays dévoile un point de vue ethnocentré de l'événement à travers des images et des discours centrés sur le devenir des touristes. L'information d'urgence dépasse selon nous les frontières, dépendante d'un agenda médiatique construit par une mondialisation toujours plus présente.

Ensuite, selon Boltanski on peut fonder l'obligation de venir en aide à celui qui souffre, en partant d'une responsabilité morale découlant d'une responsabilité causale. Dans le cas du tsunami, la responsabilité causale n'étant pas imputable à quelconque être humain, la responsabilité morale ne peut être imputée qu'à ceux qui peuvent aider, ceux qui ont brisé la barrière de la distance spatio-temporelle et de l'altérité, qui ont été affecté par la souffrance et l'angoisse: c'est-à-dire potentiellement le téléspectateur occidental qui est en relation privilégiée avec l'événement.

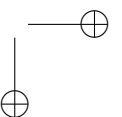
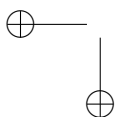
Enfin, l'information d'urgence est pour nous, une information dont l'objectif pragmatique doit corriger une situation "d'intérêts commun", et catégorisée comme catastrophique. S'appuyant sur les topiques de la douleur et de l'angoisse, elle mobilise les passions et suscite l'intérêt particuliers des téléspectateurs à travers un simulacre *hic et nunc* de présence. Les images amateur articulées en sont sein exploitent le structure spatiotemporelle et constituent un catalyseur pathémique. L'ancrage ethnocentrique (bien plus accentué dans le corpus portugais) mobilise les preuves par lesquelles le téléspectateur doit se tenir en alerte, évoquant que le malheur n'est pas si éloignée, et qu'il peut concerner autant les touristes sur place que les téléspectateurs devant leur écran. La caractéristique principale de l'information d'urgence consiste, à travers les images amateur, à faire vivre au téléspectateur l'événement instituant ainsi au discours télévisuel autant des effets de véracité que d'authenticité.

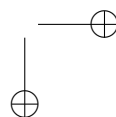
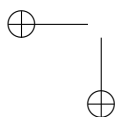
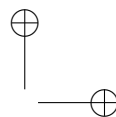
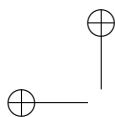




## **Bibliographie**

- BARTHES Roland, L'obvie et l'obtus: Essais critiques III, Seuil, Paris, 1982, p.35.
- BOLTANSKI Luc La souffrance à distance, Gallimard, Paris, 2007.
- BOURDIEU Pierre, Sur la télévision, Raison d'agir, Paris, 1996.
- CHARAUDEAU Patrick, Actes du Collège iconique de l'INA, 1998, [www.ina.fr](http://www.ina.fr).
- CHARAUDEAU Patrick, Les médias et l'information: l'impossible transparence du discours, De Boeck, Bruxelles, 2005.
- FONTANILLE Jacques, Tension et Signification, Mardaga, Liège, 1998
- GREIMAS ALGIRDAS Julien, Sémiotique des passions, des états de choses aux états d'âme, Seuil, Paris, 1991
- JOST François, Introduction à l'analyse de la télévision, Ellipses, Paris, 1999.
- Lévi-strauss Claude, Race et histoire, Gonthier, Paris, 1961.
- SARTRE Jean-Paul, L'être et le néant: Essai d'ontologie phénoménologique, Gallimard, Paris, 1943, p.67.
- LOCHARD Guy, La communication télévisuelle, A. Colin, Paris, 1998
- SOULAGES Jean-Pierre, Les mises en scène visuelles de l'information: étude comparée France, Espagne, États-Unis, Nathan, Paris, 1999





## Entre crime e terrorismo: O dilema apresentado pela *Folha de S. Paulo*

Beatriz Marocco

PPGCOM-UNISINOS/RS

E-mails: bmarocco@unisinos.br

*O Estado de São Paulo viveu  
um fim de semana que, guardadas  
as devidas proporções,  
fez lembrar o conflagrado Iraque.*  
("Noites de Bagdá", FSP, 15/05/2006, p. A2)

**E**NTRE maio e agosto de 2006 os jornais brasileiros registraram uma sucessão de motins em penitenciárias e conflitos nas ruas de São Paulo, entre a organização PCC (Primeiro Comando da Capital) e as forças de segurança pública. O jornal *Folha de S. Paulo*, mais concretamente, apresentou o acontecimento jornalístico em relatos diários sob a cartola "guerra urbana", adotada na edição do dia 14/05/2006.

O texto que segue é resultado de um trabalho de reconstituição do acontecimento em 21 quadros que evidenciam dois níveis discursivos e como a mecânica jornalística procede por redundância, para nos dizer o que é necessário pensar, reter, esperar, nos termos em que essa foi esboçada por Deleuze e Guattari (1995, p. 16-17) e recentemente evocada por Mayra Rodrigues Gomes (2004, p. 9-33).

Com a organização desses quadros que desfazem a fragmentação jornalística diária, em um primeiro nível, os elementos informativos aglutinam-se nos âmbitos do crime e do terror. No âmbito do crime aparecem as expressões que designam o PCC - tanto os presidiários que comandam como as extensões da organização na sociedade - e que fazem parte da ordem do discurso da época em que vivemos. No âmbito do terror e do terrorismo aparece um jogo de verdade em que o dizível e o visível remetem às possíveis conexões do crime e dos criminosos com essas figuras que ainda não foram suficientemente identificadas com o PCC como as anteriores, não encontram eco nos valores da sociedade e tampouco se encaixam na lei penal brasileira.

Neste nível, durante todo o período, a *Folha de S. Paulo* alterna as duas formas de redundância<sup>1</sup>. Quando recorre à primeira delas, a “frequência”, para se comunicar com o leitor a *Folha* repete significados que estão ligados a “palavras de ordem”<sup>2</sup> que fazem parte do discurso no qual a nossa época se funda e que organizam nossa percepção sobre o crime. Na ressonância, os elementos informativos que compõem os quadros lindam o terrorismo, que ainda não está definido no campo jurídico, não tem conexão com o cotidiano brasileiro, já teve registro no contexto da ditadura de 64 e foi reconhecido pela Lei de Segurança Nacional, está constituído na atualidade como um mal dos outros e que, por esses elementos, não será compartilhado pelo leitor, como uma “voz ancestral” que o habita e sim como uma significância de um conjunto de transformações em curso na sociedade que desencadeiam pontos possíveis de conexão entre as esferas de emissão e recepção (Deleuze e Guattari, 1995, p. 17-18; M.R.Gomes, 2004, p. 26).

Em um segundo nível, concomitante e imediatamente articulado ao primeiro, o jornal revela-se ora como um espaço em que se visibilizam as relações entre indivíduos, crime e criminalidade e uma rede de instituições sociais vinculadas a exigências econômicas imediatas e projetos políticos de controle social, ora como uma máquina de produção e transmissão desses discursos para o corpo social inteiro em torno da violência, da insegurança cotidiana, da necessidade de combater o crime com mais vigilância policial e maior rigor na punição.

<sup>1</sup>São duas as formas da redundância: frequência e ressonância, a primeira concernente à significância da informação, a segunda concernente à subjetividade da comunicação (Deleuze e Guattari, 1995, p. 17).

<sup>2</sup>“Chamamos *palavras de ordem* não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social”. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo, direta ou indiretamente. Uma pergunta, uma promessa, são palavras de ordem. A linguagem só pode ser definida pelo conjunto das palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um determinado momento” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 16).

## No âmbito do crime

O jornal apresenta três ondas de violência entre “facções criminosas” e as forças de repressão do estado, que abrangem os primeiros motins em represália ao enquadramento dos líderes do PCC no Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), os desdobramentos provocados pelas condições de destruição em que ficaram os presídios após esses motins e o combate direto com agentes penitenciários, situando-as no interior das penitenciárias e no espaço urbano<sup>3</sup>. Neste âmbito, os presidiários e outros membros do PCC são tratados como “facção criminosa”, “crime organizado”; as rebeliões nos presídios nomeadas de “operações” se desdobram em “ações”, “ataques” e “atentados” que são contabilizados diariamente dentro dos presídios e nas ruas. Os “territórios perigosos” em que esses indivíduos atuam ou podem ser encontrados e o seu líder Marcola são visibilizados em descrições pormenorizadas e em cartografias ilustradas por infográficos. Há um deslocamento da guerra para a política (demissão do secretário de presídios de SP) e desta para a corrupção dos agentes penitenciários. O conjunto todo é voltado para uma visada específica do acontecimento jornalístico expressa na cartola “guerra urbana”.

**Primeiro quadro.** Em menos de 24 horas, os motins se alastram em 22 presídios e as ações do PCC ganham as ruas. A escalada de mortes responde à decisão do governo estadual de isolar os líderes do PCC. Durante dois dias, o jornal publica no canto inferior esquerdo da página um simulacro de “ficha policial” do principal deles, Marcola, identificado por uma fotografia em cores e elementos como nome, posto, crimes, onde estava preso e atuação (FSP, 13 e 14/05/2006, p. C1 e A9). Na terça-feira, 16 de maio, a *Folha* irá agregar valor midiático à ficha e contar a vida de Marcola em história de três quadrinhos/atos dedicados à sua infância, escola e liderança (FSP, 16/05/2006, C14). No dia 14, a primeira página do jornal, a mudança de editoria - de Brasil para Cotidiano - e a introdução da cartola de cobertura “guerra urbana” são elementos que dão sustentação à retórica de guerra adotada pelo jornal. O dis-

<sup>3</sup>O jornal estabelece os marcos das três ondas de violência da “guerra urbana”. A primeira onda: “Ataques começam após transferência de 765 detentos ligados ao PCC para a Penitenciária 2 de Presidente Venceslau”; a segunda onda: “Superlotação e condições precárias em presídios destruídos pela primeira onda de ataques são alguns dos motivos que levam a facção a promover novos atentados”; e terceira onda: “Um prédio do Ministério Público na capital é alvo de ataques” (FSP, 09/08/2006, p. C3).

curso jornalístico mostra, paralelamente, a enormidade da fúria destruidora e das baixas: “O maior ataque já realizado contra as forças de segurança de São Paulo, orquestrado pela facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) deixou pelo menos 30 pessoas mortas e 32 gravemente feridos” (abertura do texto de chamada da primeira página); já na edição seguinte a chamada de primeira página teve a seguinte abertura: “A violência e o medo se espalharam por São Paulo no terceiro dia de ataques do crime organizado contra as forças de segurança do Estado” (FSP, 15/05/2006, p. A1).

**Segundo quadro.** No interior desse quadro, a repórter Laura Capriglione relata o “clima de guerra” que havia entre os policiais em serviço e o cotidiano noturno de São Paulo na madrugada de sábado para domingo. A tensão era “tão infernal” que foi quase um alívio o ataque de 40 tiros contra a base comunitária da Guarda Civil Metropolitana, na avenida Sílvio Ribeiro Aragão, no Campo Limpo. “Um raio não cai duas vezes no mesmo local”, teria dito a ela um soldado. Na estrada de Itapeirica, que teve as pistas estreitadas por obstáculos, em frente à delegacia, policiais vestidos com coletes à prova de balas paravam com gritos e armas apontadas às motos que se aproximavam. De madrugada, quatro homens metralharam o lugar. Nas ruas, segundo o relato da mesma repórter, as pessoas não demonstravam medo, nem mesmo as que circulavam nas imediações dos lugares perigosos, como a base comunitária da PM no Jardim Ranieri, uma das subdivisões do Jardim ângela que apareceu no fim dos anos 90 no topo das estatísticas de homicídios no país. Em frente à panificadora A Francesinha, que funciona 24 horas por dia, acontecia um baile. A periferia da cidade, como a repórter testemunhou, não demonstrava medo da guerra do PCC. A casa de espetáculos de Guarapirã, vizinha à base comunitária de Guarapiranga, “bombava com 800 foliões chacoalhando com a banda Fettyania, Carlos e Marcel, além das Mocréias e sua trupe” (FSP, 15/05/2006, p. C16).

**Terceiro quadro.** No dia 16, em 20 páginas, a *Folha* vai materializar o complexo campo discursivo em que se desenvolvia a “guerra urbana” dedicando-se à descrição de uma cidade sitiada, que pára com medo, e à arte da guerra, tanto nos ataques, rebeliões e trégua promovidos pela “facção criminosa”, como nas ações de defesa da ordem promovida pelas forças policiais. Os restos das marcas de tiros e destruição que até a véspera eram a única imagem de um combate recente, mas já passado, são atualizadas sob diversas formas -



ônibus queimados, viaturas policiais alvejadas por balaços (FSP, 16/05/2006, p. A1).

**Quarto quadro.** A figura de um policial em posição de ataque, com um dos pés apoiado no meio fio e o outro em movimento, com a mão direita sustentando a arma apontada para um alvo, mão esquerda apoiando o cano longo da arma e a mão direita no gatilho, a menos de dois metros de uma adolescente de cenho franzido e olhar interrogador e à mesma distância de outra policial de costas, como se estivesse dando proteção ao companheiro, que está no primeiro plano, são os elementos que articulam os âmbitos do dizível e do visível, em um tempo que não é o que está passando, nem o que já passou, mas o tempo do que poderá ocorrer na “guerra urbana”. O policial anuncia o provável combate na favela Tiquatira, na zona leste de São Paulo. A manchete, ao contrário, dedica-se ao que já ocorreu e está afinada no tom alarmista: “Temor de novos ataques causa pânico e fecha escolas e lojas”; a linha de apoio vai atualizar os números da violência nos quatro dias anteriores de “confronto” entre as polícias e o PCC (FSP, 16/05/2006, A1).

**Quinto quadro.** No aeroporto, um grupo de passageiros, não identificados pelo jornalista, sob as vistas de três policiais, assiste à operação provocada pelo anúncio de uma bomba - quatro deles de frente para nós, apenas uma dirigindo-nos o olhar, os outros três se projetam para alvos que fogem ao nosso controle, um passageiro olha para o chão, outro parece perguntar algo ao companheiro que se distanciou dele com a entrada da religiosa que volta as costas para o leitor, uma terceira mulher, ao fundo, ensaia um gesto com a mão esquerda, como se conhecesse um segredo que os outros desconhecem e fosse contá-lo em conversa pelo telefone celular. Todos os passageiros estão vigiados por dois vultos que aparecem no fundo do quadro e por um policial civil, posicionado no primeiro plano, que carrega uma arma de cano longo voltado para baixo; de perfil, o policial projeta para trás o que pode ser identificado, pela presença de um censor, como uma fila de passageiros tentando cruzá-lo com suas bagagens. No momento em que o fotógrafo coloca essas figuras a descoberto, por trás delas há uma cena paralela e silenciada, definitivamente invisível ao fotógrafo, aos passageiros e a nós, leitores, que somente o texto revelará parcialmente: a cena da equipe do esquadrão anti-bombas com seus cães farejadores rastreando a presença de uma bomba no saguão principal do aeroporto, que seria acionada na segunda-feira de acordo com uma ligação

telefônica anônima feita à polícia de um orelhão da Avenida do Cursino, na zona sul de São Paulo (FSP, 16/05/2006, p. C3).

**Sexto quadro.** Os presos da cadeia de Franca finalmente ocupam as posições centrais do quadro. Com as mãos cruzadas sobre a nuca ou sobre a cabeça baixa, aguardam o término da operação de busca de celulares nas celas. Sem camisa e em atitude de completa submissão, eles são atingidos por um duplo ataque verbal: o veto da justiça ao sinal de celular na prisão e a aprovação pelo Senado do Regime de Segurança Máxima (RDD) para presos ligados ao crime organizado, que permite isolá-los por 720 dias, entre outras medidas de um pacote de 11 projetos que visam endurecer a lei penal brasileira. Uma figura desafia os discursos de repressão ao crime organizado. O governador Cláudio Lembo que neste mesmo quadro desonera a delinquência e culpa a “elite branca” pela onda de violência em São Paulo (FSP, 18/05/2006, p. A1).

**Sétimo quadro.** As cinco mortes registradas durante o fim de semana mantêm, segundo o jornal, a cidade em clima de “tensão”. As duas fotos que o leitor esperaria que dessem conta desse texto, entretanto, apontam para outros sentidos: o fecho de luz produzido pelos faróis de um carro da polícia ilumina somente a parte traseira do carro roubado supostamente por três jovens armados e que foram mortos pelos PMs no Parque Vitória, zona norte de São Paulo; já o referente mais imediato da fuga de presos em Campinas é a fotografia de três policiais em posição de descanso, um carro da polícia com as portas da frente abertas, a imensa cerca de arame farpado que isola o presídio e uma estreita fatia da parte lateral do que deve ser o edifício principal do mesmo finalizada pelo corpo parcialmente cortado pelo limite da margem superior de um guarda armado (FSP, 22/05/2006, p. C1).

**Oitavo quadro.** Duas semanas após o início dos ataques do PCC, a cobertura da *Folha* está voltada aos movimentos na esfera política. A manchete de capa “Crise da segurança derruba secretário de presídios de SP” sinaliza essa perspectiva que visibiliza igualmente - só que de forma positiva - a atuação da polícia e da Secretaria da Segurança Pública, através de uma carta enviada à secretaria assinada por 70 integrantes do Ministério Público. Após seis anos e cinco meses na função, Nagashi Furukawa deixou a pasta num momento em que ficaram expostas publicamente suas divergências com o secretário da Segurança Pública, Saulo de Castro Abreu Filho. Em entrevista à *Folha*, o ex-secretário evitou críticas diretas a Saulo, mas admitiu ‘divergências ideológicas e de ação’ que dificultavam um trabalho conjunto eficiente. O secretário

da Segurança, segundo a *Folha*, foi um dos interlocutores mais freqüentes do governador Cláudio Lembo que não escondia suas críticas à pasta que era ocupada por Furukawa, principalmente em questões como a entrada de aparelhos de celular em presídios, que ele, governador, considera “um absurdo”. A entrada de telefones em várias das 144 unidades prisionais do estado foi um dos motivos de desgaste constante durante a gestão de Furukawa. Na mesma edição, o editorial “Contas a prestar” critica a atitude adotada pelo secretário da Segurança Pública Saulo de Castro Abreu Filho de “seguir fracassando no gerenciamento das informações relativas à crise”, ao “tergiversar para não dar a conhecer documentos públicos” e recorrer a outras medidas heterodoxas, como impedir jornalistas de ler os boletins de ocorrência. “Ninguém ignora que a polícia foi alvo de uma ação brutal da megaquadrilha presidiária. [...] Infelizmente, porém, avolumam-se indícios de que membros da corporação cometeram execuções extrajudiciais e há a suspeita de que pessoas sem vínculos com o crime tenham sido mortas. A única forma de dirimir essas dúvidas é dar total transparência às investigações” (FSP, 27/05/2006, p. A1, A2, C1,C3).

**9º quadro.** Este quadro e os dois seguintes estão marcados por uma zona de tensão entre presos e agentes penitenciários, formada por elementos que dão conta do conflito e das prováveis ligações entre o PCC e agentes penitenciários que atuam facilitando fugas em troca de dinheiro e poderiam estar envolvidos na morte de colegas a mando do PCC (05/07/2006, p. C1). Os agentes penitenciários ganham protagonismo após o assassinato do agente Nilton Celestino por boicotarem o atendimento aos presos em pelo menos 19 das 144 unidades prisionais de São Paulo (dia 29/06) e por suas ameaças de proibir visitas no fim de semana, em sinal de luto e evidência da fragilidade da categoria, alvo do PCC desde que a polícia disse ter abortado dias antes (26/06) uma suposta emboscada em São Bernardo do Campo, que resultou na morte de 13 supostos criminosos (FSP, 30/06/2006, p. C1). No mesmo dia, a *Folha* divulgou o plano do PCC para matar cinco funcionários da Penitenciária 2 de Presidente Venceslau (620 quilômetros de São Paulo), onde estão isolados cerca de 400 líderes do PCC, descoberto por escutas telefônicas da polícia (FSP, 30/06/2006, p. C1). Na véspera, uma tropa de choque da PM entrou na prisão de Presidente Bernardes (589 quilômetros de São Paulo), que abriga as principais lideranças da “facção criminosa”, para revistar celas e apreender facas feitas com pedaços de vidro das janelas até então tidas

como inquebráveis. A PM foi acionada porque os presos haviam feito um tumulto em solidariedade ao líder Marcola, isolado desde o dia 13 de maio na unidade (FSP, 30/06/2006). Quatro dias depois ocorreu outro motim na Presidente Bernardes (04/07/2006, p. C1). Pela segunda vez em menos de quatro dias, os presos quebraram as celas e foram contidos com uso de bombas; 103 das 160 celas foram danificadas. Segundo descrição da *Folha*, os detentos gritaram, bateram nas portas de aço, ameaçaram os funcionários da prisão, quebraram quase todos os vidros das janelas das celas. Marcola teria participado do tumulto (FSP, 04/07/2006, p. A1, C1). No mesmo dia, o jornal informou sobre o sumiço de um fichário com fotos, nomes, endereços e escalas de trabalho de 130 funcionários de uma das seis unidades do complexo Campinas-Hortolândia e de prontuários e fichas médicas com dados de agentes nos Centros de Detenção Provisória de Belém 1 e 2 (zona leste) e Parelheiros (zona sul). O repórter Maurício Simionato insinua na reportagem que existe uma relação direta entre o sumiço dos arquivos no complexo, o ataque a tiros que um agente sofreu no sábado (01/07) e as ameaças telefônicas contra outro agente na manhã de segunda (03/07).

**10ºquadro.** A morte do quinto agente penitenciário em dez dias, em ações atribuídas ao PCC, é objeto de um duplo deslocamento: por sua proeminência, a notícia ocupa a manchete da edição, desencadeia uma série de micro-relatos e uma forma de interação entre o jornal e o governador Cláudio Lembo. Paulo Gilberto de Araújo era diretor do Sindicato dos Agentes Penitenciários do Estado e funcionário da Penitenciária 2 de Guarulhos (FSP, 08/07/2006, p. A1, C1). Em entrevista à *Folha*, por telefone, dias antes (05/07), Araújo defendera a liberação do porte de armas para a categoria. O sindicalista assassinado era defensor do porte de arma. Ele próprio andava com arma, segundo colegas (FSP, 08/07/2006, p. C3). O governador se manifesta no mesmo dia, anunciando a criação de uma linha de crédito para armar os agentes penitenciários de São Paulo. No enterro, sem querer se identificar, agentes (nomes fictícios) diziam que, com medo de mais ataques, a maioria deles estaria se armando (FSP, 10/07/2006, p. A1, C1).

**11ºquadro.** A paralisação dos agentes, em protesto contra o assassinato de colegas, iniciada no final de junho (9ºquadro), perde força. Em quase todos os presídios do estado as visitas de parentes já eram permitidas (FSP, 10/07/2006, p. C1). Mas os assassinatos recrudescem. No dia 12, um homem de 24 anos, filho de um agente penitenciário, foi assassinado a tiros na zona sul

de São Paulo, contabilizando nove mortos desde 28 de julho (FSP, 12/07/2006, p. A1). E o estado define a lista dos presos que quer transferir. A *Folha* divulga quem está na lista.

**12ºquadro.** O jornal volta-se à situação dos presídios. No Centro de Detenção de Araraquara, a porta da penitenciária para onde os presos foram levados após o motim que destruiu o Anexo de Detenção Provisório foi selada à solda. Dentro não há um só agente penitenciário. 1.443 presos estão confinados em um espaço projetado para 160 pessoas. Do alto de uma torre, o senador Eduardo Suplicy conversa com os presos. “Foi a situação mais impressionante que já vi em uma cadeia.” Na Penitenciária de Iaras, segundo o ex-detento Bruno Pellizzer, 29, após a invasão do presídio pela tropa de choque da PM, em maio, a situação é semelhante a um campo de concentração (FSP, 08/07/2006, p. C4). No dia 11, para conter um ato de indisciplina no Anexo de Detenção Provisória de Araraquara, os agentes atiraram com balas de borracha. Quatro detentos foram feridos, segundo parentes das vítimas. Cerca de 50 mulheres e mães dos presos que faziam vigília do lado de fora foram atingidas por uma bomba de efeito moral (FSP, 11/07/2006).

**13ºquadro.** As ações do PCC parecem voltar ao seu leito natural, são acompanhadas pela ausência da cartola de cobertura “guerra urbana”, dando lugar a um mapa elaborado pelo governo paulista sobre as regiões de influência no Estado dos líderes do PCC e de seus colaboradores. Com essas informações, a polícia pretende estabelecer estratégias de combate aos “soldados” do grupo (FSP, 27/07/2006, p. A1, C1). No dia seguinte, a *Folha* realiza um trabalho cartográfico das ações do PCC no Paraguai (FSP, 25/07/2006, p. C1).

**14ºquadro.** A “guerra urbana” nesse quadro reúne uma rede de discursos - jornalismo, política e judiciário. No campo do jornalismo, a FSP mitiga o logos interrogativo em benefício do logos predicativo e eleva o sequestro do repórter da Rede Globo Guilherme Portanova à categoria de “ataque à imprensa”, um passo “temerário” nos métodos do crime organizado que transcende a esfera dos protagonistas imediatos: “Tratou-se de um atentado contra a imprensa, de cuja liberdade depende, em grande medida, a própria democracia” (FSP, 15/08/2006, p. A2). A reação do judiciário veio com a juíza Isaura Cristina Barreira, do Departamento de Execuções Criminais, que decidiu prorrogar por mais 30 dias a permanência de Marcola e de mais três integrantes do PCC no Regime Disciplinar Diferenciado de Presidente Bernardes. Para o campo do judiciário o RDD é um imbroglío. Na terça-feira

(15/08), a 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo concedeu habeas corpus em favor de Marcola por considerar inconstitucional a sua internação. Marcola, entretanto, continuará no RDD porque há uma segunda decisão nesse sentido, de maio, que continua vigente por mais um mês (FSP, 15/08/2006, p. C1, C3).

**15º quadro.** Mais concretamente, dentro da esfera jornalística de “guerra urbana”, governo estadual e união articulam-se para combater a lavagem de dinheiro. A *Folha* adianta que a estratégia será investigar a movimentação bancária de integrantes, eliminar fontes de recursos e bloquear o dinheiro da “facção”. Vão participar da investigação os ministérios da Justiça - por meio do Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional - e da Fazenda - por meio do Banco Central e do Conselho de Controle de Atividades Financeiras. A intenção da força-tarefa, que vai definir a estratégia de atuação e trocar informações com a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, Polícia Federal e Receita Federal, é rastrear movimentações suspeitas, identificar os titulares das contas e buscar, na Justiça, o bloqueio do dinheiro. Ou seja: asfixiar financeiramente o PCC (FSP, 19/08/2006, p. C3).

**16º quadro.** Começam a aparecer os prováveis tentáculos do PCC instalados na sociedade. Um aparelho telefônico da operadora Nextel, pertencente a uma cooperativa de perueiros, encontrado em uma delegacia de polícia de Suzano (cidade da Grande São Paulo) atacada por integrantes do “grupo criminoso” no dia 7/04/2006, desenrola uma meada. O telefone faz parte de um lote comprado pela Associação Paulistana Garagem 2 - grupo de 215 perueiros que não tem existência legal para a prefeitura e é associado a uma cooperativa, a Associação Paulistana, que venceu a licitação e repassou parte de sua área. Dois dias depois, a polícia denuncia ligações do PCC com o PT. Em um telefonema, presos na região oeste do estado teriam recebido ordem da “facção criminosa” de atacar políticos “menos os do PT” (FSP, 23/08/2006, p. A1).

**17º quadro.** A “guerra urbana” estende-se para fora de São Paulo e os efeitos desse prolongamento, na forma de megaoperações da PF, segundo a *Folha*, produzem dividendos eleitorais para o presidente Lula. Na capital gaúcha a polícia prendeu 26 integrantes de uma quadrilha - simpatizantes ou integrantes do PCC, segundo a PF - que levou 164,8 milhões de reais do Banco Central em Fortaleza e já havia escavado um túnel de 80 metros para chegar aos cofres-fortes do Banrisul e da Caixa Econômica de Porto Alegre (FSP, 02/09/2006, p. A1, C1).

## No âmbito do terrorismo

Os próximos quadros vão liberar a sombra do terrorismo que se insinua lentamente a nós no noticiário até a sua emergência como elemento central do quadro.

**Primeiro quadro.** O jornal sinaliza a retomada da “guerra urbana” ampla e desterritorializa o espaço da mesma na extensão da primeira página ao estabelecer, durante dois dias consecutivos, um diálogo direto com o conflito entre Líbano e Israel: em estreita proximidade (manchete dos ataques em São Paulo imediatamente acima da fotografia dos tanques de combustível em chamas no aeroporto de Beirute no primeiro dia e, no segundo dia, manchete sobre as ações políticas em São Paulo descolada de fotografia da ponte atingida por bombardeio israelense por uma tênue linha de apoio que desdobra a mesma manchete). O medo das empresas de ônibus leva a uma paralisação branca, o que deixa dois milhões a pé (em São Paulo) enquanto no Líbano, os ataques das forças israelenses provocam destruição e um saldo de 67 mortes, entre essas a família de brasileiros que morava em Foz do Iguaçu e passava férias no Líbano (FSP, 14/07/2006 e 15/07/2006, p. A1).

**Segundo quadro.** Uma nova onda de ataques do PCC, desta vez concentrada no interior, articula-se ao sentido jornalístico de “guerra urbana” e volta a estabelecer uma relação de proximidade entre o conflito paulista e o conflito entre Israel e o Líbano, embora nesse momento a destruição que o primeiro provoca e que está visibilizada na fotografia da primeira página não se reflita diretamente na notícia dos movimentos diplomáticos, levados a efeito no Oriente Médio e destituídos da instantaneidade das imagens de impacto, que ocupam a extensão de uma chamada regulada por duas colunas (FSP, 09/08/2006, p. A1).

**Terceiro quadro.** O conflito faz dialogar em um mesmo quadro materializado na primeira página as ações do governo paulista contra a “facção criminosa” e a mulher libanesa que chora por suas perdas no ataque de Israel a Qana. Nesse caso é possível, com o aporte da legenda (menção ao pedido da ONU à Europa para que fortaleça a força de paz no Líbano contrabalançando as ofertas dos países muçulmanos) e do miolo da cobertura, apontar, igualmente, o desdobramento do sentido original de “facção criminosa”, atribuído ao PCC por antonomásia, em grupo terrorista e os seus ataques e ações, espo-

radicamente já qualificados de atentados, como sendo “atos terroristas” (FSP, 19/08/2006, p. C1).

**Quarto quadro.** Começa a gestação no âmbito da sociedade de novas leis para a tipificação penal do crime organizado - terrorismo criminal - e receptação qualificada que atinge advogados que aceitam pagamentos feitos com “dinheiro sujo”. O relator da CPI, deputado Paulo Pimenta, não detalhou como serão definidas as organizações criminosas, mas disse que os casos de terrorismo precisam ser diferenciados do rol de crimes políticos (FSP, 07/09/2006, p. C4). Duas semanas depois, a Apamagis - associação que reúne os magistrados paulistas - entregou ao governador Cláudio Lembo um anteprojeto que prevê mais rigor da lei no combate ao crime. O “pacote anti-PCC” cria novos dispositivos no Código Penal. Um deles fixa reclusão de seis a 12 anos a quem integrar organizações criminosas de qualquer tipo (FSP, 13/09/2006, p. C1).

## Considerações finais e proposta

Tudo o que foi dito até aqui remete a quatro tipos de considerações conclusivas e a um recomeço.

1. O deslocamento de sentido da expressão “facção criminosa” para o fenômeno terrorismo será efetuado lentamente ao longo do período e parece estar cristalizado na edição de 19/08/2006 em que a manchete do jornal “Governo quer congelar as contas de facção criminosa” penetra as linhas fixas do diagrama e traça os novos limites de uma moldura para a cena trágica de uma mulher libanesa de negro que chora ao lado de uma das tumbas de vítimas do ataque de Israel a Qana (FSP, 19/08/2006, p. C1). Do interior desse fenômeno de linguagem, que não é propriamente uma realidade, uma coisa, brilha uma estreita vizinhança entre as ações do “terror” no Oriente Médio e as ações do PCC, que será reforçada um mês depois pela expressão “terrorismo” nos discursos político e jurídico das notícias “CPI vai propor leis que definam crime organizado e terrorismo” (FSP, 07/09/2006, p. C4) e “Juízes fazem lobby para endurecer lei penal” (FSP, 23/09/2006, p. C1). O que surge nesse processo parece marcar a diferença no jornal entre “frequência” e “ressonância”, em outras palavras, entre o que é “necessário” pensar em relação ao crime e o conjunto das “transformações incorpóreas em curso” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 17-18).



2. Em um segundo nível, quatro figuras destacam-se no interior do discurso jornalístico. A) As pessoas com medo formam um mosaico representativo da população de São Paulo; demonstram indiferença ou revolta e se manifestam no anonimato, temendo represálias, ou fora dele, invariavelmente, para pedir ao Estado mais proteção policial; B) A polícia posiciona-se como o representante da segurança pública e sinaliza em seu bojo uma tensão latente entre as funções de proteção e repressão que dão lugar em um momento determinado da cobertura à figura dos “corruptores”, agentes que atuam facilitando fugas em troca de dinheiro e poderiam estar envolvidos na morte de colegas a mando do PCC (05/07/2006, p. C1); C) O governo e as instituições ligadas à segurança pública traçam as estratégias de combate ao crime organizado dentro e fora dos presídios e usam os jornais para a divulgação das mesmas; as suas decisões são evidenciadas quando provocam efeitos sobre a hierarquia de mando ou sobre os resultados dos conflitos ou quando ocultam o número de mortos e feridos nos dois lados, interferindo no trabalho dos jornalistas; e D) O PCC ocupa invariavelmente a posição de ataque; é vinculado a ações ligadas à destruição, motim nos presídios e às mortes de agentes penitenciários, policiais e civis; a estrutura de funcionamento da organização é minuciosamente descrita; os presidiários são silenciados, com exceção do líder Marcola que é apresentado em uma espécie de “ficha policial”, mas não tem direito à voz.

3. O problema que nos colocamos inicialmente foi desfazer a estrutura jornalística que apinha os acontecimentos na página do jornal e constituir em um espaço de análise uma série de quadros sobre o mesmo acontecimento que resultou, segundo a FSP, em uma “guerra urbana”. O que parecia fixo, organizado e classificado em um espaço rígido, delimitado pelo diagrama e a temporalidade diária, pode ser então liberado como uma nova possibilidade não mais de plasmar o agora arbitrariamente na página, mas de reconhecimento de um agora liberado da efemeridade e da aparência jornalística. Em um outro espaço, foi possível contemplar a vivacidade de cada um desses quadros e das regularidades que os atravessam. Dar foco à apresentação dos indivíduos e dos lugares da periculosidade, à contabilidade abstrata dos números.

4. Poder-se-ia considerar que a constituição desses quadros seguiu uma abordagem epistemológica fundamentada em uma crítica das práticas midiáticas que impõe como tarefa centrar-se no estudo do que ocorre cotidianamente com uma rede de instituições que pretende o controle social em articulação

com a mecânica jornalística que anima e dissemina esses discursos (A. Comte já chamava a atenção para esse poder jornalístico). Uma analítica do modo de objetivação jornalística das coisas e dos indivíduos tenta mostrar do que se trata, como aparecem essas relações de sujeição efetivas que fabricam sujeitos. No caso concreto dos presídios, acompanhamos a emergência de uma série de idéias sobre o reordenamento das penalidades, sobre a condição dos prisioneiros, o status que eles têm na prisão ou ao sair dela e, principalmente, a morosa transformação da noção de indivíduo perigoso para a sociedade, de criminoso a terrorista.

Neste nível de reflexão final, imediatamente articulado com a consideração anterior, nos interessa introduzir aqui o conceito de “reportagem de idéias”, assim como essa foi sendo elaborada por Foucault durante os seus trabalhos no Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) e desenvolvida nos escritos sobre a revolução iraniana para o jornal italiano *Corriere della Sera*, entre eles o dedicado ao próprio conceito, publicado pelo jornal dia 12/11/1978 (1994, p. 706-707). Em “As reportagens de idéias”, Foucault propõe um cruzamento entre o trabalho dos intelectuais e dos jornalistas com o intuito de levar adiante um modo de olhar para os problemas do presente, em uma linguagem livre do assédio das verdades cristalizadas pelo senso comum, dando voz a quem não está habituado a manifestá-la e a se fazer escutar.

O que vem sendo feito pelo jornalismo contemporâneo com o acontecimento, mais concretamente, o que foi feito pela FSP durante o que chamou de “guerra urbana”, anda a contrapelo de um projeto de jornalismo exaustivo de idéias; em nome do que parece ser o princípio de objetividade e outras normas que definem a positividade jornalística, o jornal declina em “novos” relatos uma fábula redundante (que já havíamos localizado em estudo anterior sobre o jornalismo brasileiro decimonônico) sobre a periculosidade dos indivíduos, a ineficiência do estado e das instituições, o medo da sociedade e a necessidade de um reaparelhamento dos aparelhos de vigilância e repressão.

O jornalismo de idéias, ao propor uma descrição de singularidades históricas em andamento, realiza a escuta. Não qualquer escuta. Quando Foucault começou a pensá-lo, durante as ações do GIP, uma estratégia para fazer do jornalismo um modo de intervenção foi dar voz aos presos. *A Folha* não incluiu em suas práticas essa escuta dos presidiários. Seus líderes foram narrados e habitaram a sombra de um jogo de poder em torno do crime, dos regimes disciplinares e do sistema de segurança pública que faz emergir os lugares

da periculosidade, as vozes das instituições, da sociedade atemorizada pelas ações criminosas e das vítimas da “guerra urbana”. Uma voz manifestou-se transgressivamente: o governador Cláudio Lembo que em entrevista à *Folha* cunhou a figura da “elite branca”, responsabilizando-a pela onda de violência em São Paulo e dando clareza a uma linguagem do exterior à trama efetiva que das relações de poder que, rapidamente, foi reduzida à incompatibilidade absoluta com a máquina jornalística.

## Referências

CAPRIGLIONE, Laura, O medo, *Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.166, p. C16, 15/05/2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.164, p. C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.165, p. A8-A10, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.166, p. A2, C1-C16, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.167, p. C1-C20, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.169, p. A2, C1-C8, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.171, p. A1, C1-C5, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.173, p. A1-A3, C1-C4, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.178, p. A1-A2, C1-C3, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.212, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.216, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.217, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.220, p. A1, C1, C3, C4, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.222, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, nº28.223, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.224, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.226, p. A1, C1-C8, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.227, p. A1, C1, C3-C9, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.235, p. A1, C1, C3, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.237, p. C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.239, p. A1, C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.252, p. A1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.258, p. A2, C1, C3, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.262, p. A1, C3, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.266, p. A1, 2006.

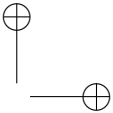
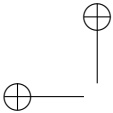
*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.276, p. A1, C1, C3, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.281, p. C4, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.287, p. C1, 2006.

*Folha de S. Paulo*, Ano 86, n°28.297, p. C1, 2006.

FOUCAULT, Michel, Les reportages d'idées, In: *Dits et écrits, Paris*, éditions Gallimard, p. 706-707, 1994.



## O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais

Rogério Christofolletti, Marjorie K. J. Basso

*Univali, Brasil*

E-mails: rogerio.christofolletti@uol.com.br,  
marjoriebasso@hotmail.com

**A** segunda maior nação negra do mundo é um mosaico étnico: enquanto há estados brasileiros onde a condição negra é visível e majoritária, em outros, essa população parece inexistente e invisível. Essa divisão não se dá apenas por fatores de distribuição populacional, políticas de colonização e movimentos migratórios. Deve-se também a um conjunto difuso de comportamentos segregacionistas. É o que se convencionou chamar de um “racismo cordial”, aquele que dissimula e oculta as relações étnicas, tornando cada vez mais difícil uma verdadeira democratização dos bens e das conquistas na sociedade.

Exaustivo levantamento sobre o preconceito de cor no país - feito em meados dos anos 90 - demonstrou que, embora 89% dos brasileiros afirmassem existir preconceito de cor contra negros, apenas 10% admitiam ter pouco ou muito preconceito. Mesmo assim, apenas 13% dos consultados mostraram comportamento isento de preconceito contra negros em seu cotidiano. A pesquisa definiu ainda que apenas 4% dos ouvidos enquadravam-se na categoria dos fortemente preconceituosos, mas 83% ficaram entre os de pouco ou mediano preconceito. Somadas, as duas faixas dão o contorno da expressão racista. “Os brasileiros sabem haver, negam ter, mas demonstram, em sua maioria, preconceito contra negros”, resume o jornalista Fernando Rodrigues, na apresentação da pesquisa (cf. TURRA & VENTURI, 1995).

### **Pobreza, miséria e etnia**

Passado pouco mais de uma década da divulgação da pesquisa, pouco se fez para que o quadro mudasse e para que os contingentes populacionais de negros e mestiços fossem integrados efetivamente. Estudo realizado pelo Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado em Junho de 2005, revelou que o Brasil é o segundo pior país no mundo em distribuição de renda, e quem mais padece com isso é a população negra<sup>1</sup>. Um terço dos brasileiros é considerado pobre - quase 54 milhões de pessoas - e 44,1% são negros, contra 20,5% de brancos. “As maiores desigualdades entre negros e brancos estão nas regiões Sul e Sudeste, com destaque para Santa Catarina, que apresenta uma proporção duas vezes e meia maior de negros pobres que de brancos pobres”, informou Márcia Costa na edição de 2 de Junho de 2005 do jornal “A Notícia”, de Joinville, no sul do Brasil. Os catarinenses negros pobres estavam na casa dos 26,4% enquanto que os brancos pobres eram 10,3%.

A forma como a concentração de renda se apresenta ganha dimensões assustadoras quando os dados se contrapõem à presença dos negros na população de Santa Catarina. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2003, havia 158074 habitantes de cor preta e 428469 pardos no estado, totalizando 586543 pessoas, 10,4% da população. Assim, uma fatia estreita da população catarinense não consegue romper o ciclo da miséria, submetendo-se a um processo histórico de exclusão social.

Esta discriminação pode ser observada não apenas na divisão das riquezas produzidas. Em outras arenas sociais, negros e pardos também ficam alijados, com participações muito reduzidas<sup>2</sup>. Nos meios de comunicação, por exemplo, são escassas suas aparições, e quando isso se dá nem sempre a imagem projetada é positiva ou dignificante.

<sup>1</sup> Em Fevereiro de 2002, edição da revista Carta Capital já dava conta, inclusive em matéria de capa, que a desigualdade entre brancos e negros estava aumentando e que a adoção de ações afirmativas efetivas era urgente. Números considerados “vergonhosos” apontavam que o Brasil branco era 2,5 vezes mais rico que o Brasil negro - conforme o IPEA - e que apenas 15,7% dos estudantes que se formam em universidades no país são negros (conforme o Ministério da Educação), entre outros dados.

<sup>2</sup> A história da exclusão racial no Brasil tem suas artimanhas. Chalhoub (2006) denuncia que políticas racistas disfarçadas ajudaram a barrar a ascensão social dos negros. Segundo o autor, sem fazer estardalhaço, as elites brancas criaram mecanismos que minavam a participação dos negros na vida social do final do século XIX. A Constituição de 1824 impedia que os negros libertos votassem, fossem eleitos e assumissem cargos públicos para os quais se exigiam as qualificações de eleitor. Mesmo após a Lei do Ventre Livre (1871), o Parlamento deu um jeito de dificultar a participação dos filhos de escravos que nasciam livres: reformaram a legislação eleitoral, instituindo critérios rigorosos de alfabetização. Com isso, os negros permaneciam longe da política e, portanto, das decisões. “Aqui, o racismo tem a bossa do silêncio, vive de interditar o seu próprio nome” (*op.cit.*).

## Invisibilidade histórica

A pouca presença dos negros nos veículos de comunicação é uma situação já sedimentada na história. Na literatura, os exemplos são isolados, e no cinema, é recente o estudo dessa participação na produção cultural. Rodrigues (2001) faz uma criteriosa radiografia da história do negro no cinema norte-americano e em outros mercados consumidores. No brasileiro, por exemplo, alinhava a tipologia que os produtores nacionais construíram para os negros em seus filmes, indo dos religiosos “preto-velho” e “mãe-preta” aos cotidianos “malandros” e às “mulatas boazudas”, entre outros<sup>3</sup>.

Acerca dos meios de comunicação impressos, existem poucos estudos sobre o assunto, e um dos mais célebres é o de Schwarcz (1987) que se concentra nas últimas três décadas do século XIX no Brasil. O objetivo da autora foi detectar por quais mudanças passaram a imagem dos negros veiculada por jornais paulistanos no entorno da abolição da escravidão. A pesquisadora observou a imagem dos negros na imprensa paulistana de 1870-1900 e as representações desses contingentes no contexto do final da escravidão. “Procuramos, portanto, discutir justamente os inúmeros personagens que de mera sugestão, ou imagens isoladas, vão-se transformando aos poucos em pressupostos de uma época” (248).

Em trinta anos, o negro transitou nas páginas dos jornais assumindo, inicialmente, a condição de “negro violento”, “fugitivo” e “degenerado”, mudando sua posição conforme a abolição foi se tornando inevitável para o modo de produção capitalista emergente. Estigmatizado, o negro é veiculado pela mídia como uma mercadoria, um objeto, algo que escapa dos proprietários. Na iminência do novo século, e na condição de liberto, a imagem do negro sofre outro processo, o apagamento.

Nos jornais paulistanos de inícios do século XX, e em especial na década de 1920, começam a tornar-se novamente presentes e inclusive dominantes antigas e já um tanto esquecidas representações que nos falavam dos até hoje tradicionais “negros de alma branca” (tão comum, como vimos, em meados do século XIX). São os negros “amigos dos brancos”, “pretos fiéis

<sup>3</sup>Na internet, um site norte-americano se encarrega de reunir as referências cinematográficas que têm entre os seus realizadores atores e atrizes, diretores e técnicos negros. Trata-se do BlackFlix: <http://www.blackflix.com>

e servidores”, “felizes enquanto tutelados”, apesar de por vezes “violentos”, “instintivos” e guardando “resquícios degenerados”. No interior desse movimento, aos poucos o problema racial deixa de constituir uma questão pública e veiculada explicitamente, transformando-se, ao invés disso, numa série de imagens dispersas, interiores e por isso mesmo ainda, e até hoje, muitas vezes consensualmente aceitas. (*op.cit.*: 255-6)

A autora nota que, cada vez mais, os grandes jornais passam a divulgar uma idéia de “harmonia racial” – o que contribuiria mais tarde para fortalecer o mito da “democracia racial” –, e o negro, por sua vez, vai desaparecendo, sumindo. Se antes a imagem da “degeneração” se dava por meio do estigma e do estereótipo, neste período, a lógica se valida pelo silenciamento, pela ocultação, pela invisibilidade do negro nos jornais, extensão da sociedade.

### Racismo cordial

Sodré (1999:15) lembra os mecanismos sutis e internos da discriminação. Ela é o “não reconhecimento da exclusão do outro nos percalços da diferenciação, ou seja, do movimento complexo dentro do estatuto da identidade”. Quando a verdade se mostra como identidade do mesmo, ela provoca discriminação, desconhecimento do outro, seu apagamento. No escamoteamento, na “bossa do silêncio” (como já disse Chalhoub), os discursos se sedimentam. Muniz Sodré afirma que são diversas as estratégias discursivas para se evitar a admissão de racismo no Brasil, onde “a invisibilidade social do indivíduo aumenta na razão inversa da visibilidade da sua cor”.

Ou seja, como o negro é cromaticamente mais visível que o branco, torna-se socialmente invisível, é um padrão identificatório recusável. Esses antecedentes eticamente negativistas, a associação entre a pele escura e o “Mal”, bloqueiam historicamente a introjeção pela consciência eurocêntrica de uma identidade plenamente “humana” do sujeito negro. A alteridade africana é conotada como fonte de debilidades físicas e morais (*op.cit.*: 152).

Um elemento que poderia trabalhar na contramão dessa tendência uniformizante é a mídia, na medida em que evidenciasse os diferentes estratos da diversidade étnica. Mas os meios de comunicação pouco se atrevem a isso.



A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como “público”, sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo (*idem*: 244).

A pesquisa empreendida por Schwarcz traz à luz as representações dos negros nos jornais num determinado período. Mas a observação da imagem nos jornais não sinaliza apenas aspectos simbólicos, podendo apontar também para a sua figuração, a sua visibilidade numa vitrine midiática. Assim, a fotografia é uma dimensão da presença social das pessoas num espectro maior. O que equivale dizer – numa lógica linear e rasteira – que sai no jornal quem é importante jornalisticamente, quem é notícia ou quem faz parte de fatos que redundarão nela.

Neste sentido, mapeando-se a presença dos negros nas fotografias pode-se medir indiretamente sua visibilidade na sociedade<sup>4</sup>. Aliás, é aí que reside uma fundamental discussão. O levantamento realizado pelo Datafolha e pela *Folha de S.Paulo* em 1995 identificou uma prática social amplamente disseminada no país, batizada de “racismo cordial”. A expressão se apóia no conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda (1994:106-7), para quem o brasileiro tem no seu caráter uma aparente polidez e generosidade, mas que na verdade funciona como uma “organização de defesa ante a sociedade”, um disfarce para manter suas convicções e posições. Assim, a pesquisa do Datafolha trouxe à tona que a “imensa maioria dos brasileiros demonstrou ter ou estar inclinada a ter atitudes preconceituosas em relação a pessoas negras, mas quis minimizá-las. Uma demonstração de cordialidade, talvez, para não ofender mais aquele que se discrimina” (TURRA & VENTURI, 1995: 12).

Este “racismo cordial” contribui para uma negação do preconceito racial, bem como outra estratégia bastante espalhada na sociedade, como o apagamento dos negros dos meios de comunicação. A invisibilidade. Em Santa Catarina, análises semelhantes já foram produzidas. Leite (1996), por exemplo,

<sup>4</sup>Por falar nessa visibilidade, não se pode ignorar também a escassez de publicações especializadas e dirigidas ao público leitor negro. O exemplo mais notório é a revista *Ebony*, editada nos Estados Unidos há sessenta anos, e que tem no mercado brasileiro uma assemelhada, a *Raça Brasil*, lançada em 1996.

desconstrói mitos que justificariam a pouca presença dos negros na sociedade catarinense, como a não-vigência de um sistema escravista mais forte na região e a existência de relações mais igualitárias e democráticas entre brancos e negros. O raciocínio denuncia um processo de embranquecimento em toda a região Sul do Brasil.

## Embranquecimento da população

Pedro *et all* (1996:233) lembram, por sua vez, que além da historiografia, “os meios de comunicação de massa vêm construindo uma imagem de *loira catarina*, um *pedaço da Europa no Sul do Brasil*”. Essa atuação, voluntária ou não, provoca mais uma forma de discriminação, apontam os autores: a negação da existência e da memória.

Ainda nos estudos sobre a presença negra em Santa Catarina empreendidos nos anos 90, o Núcleo de Estudos Negros (NEN) chegou a editar um Dossiê Contra a Violência Racial no estado, documento que denuncia, por exemplo, que o preconceito de cor no Brasil é “camuflado”.

Em Santa Catarina uma outra fantasia vem contribuir para a discriminação: a invisibilidade oficial da população negra. Acredita-se que estejamos vivendo no Estado “mais branco” do Brasil. Devido à grande quantidade de descendentes dos imigrantes europeus instalados nesta região anulou-se oficialmente a idéia da presença de negros em Santa Catarina (NEN, s/d: p.1)

Segundo o dossiê, a prática da discriminação racial em terras catarinense não difere muito da que acontece no resto do país. Os expedientes são sutis, dissimulados, escamoteados.

Ao realizar este dossiê descobrimos, enfim, que jamais encontraríamos toda a extensão da discriminação social em dados estatísticos oficiais. Exatamente porque racismo, ainda que evidente, não é oficial. Mesmo que suas provas andem circulando pelas cidades catarinenses, são testemunhos emudecidos [...] A posição oficial, ao longo dos anos, tem sido de que se existe racismo no Brasil ele é no máximo cordial. Pois esta “cordialidade” não é mais do que uma bela maneira de realizar o crime e sair impune. Discrimina-se discreta e silenciosamente, assim, não há provas. E sem provas, não há punição. (*op.cit.*: 3)

Circula livremente no senso comum a idéia de que os negros frequentam as páginas dos jornais quase sempre na editoria de Polícia, onde são relatados crimes e tragédias pessoais. Para além do imaginário coletivo, é preciso verificar se isso realmente ocorre e em que dimensão nos jornais catarinenses.

### Preocupações metodológicas

Pesquisa de Golzio *et all* (2006) mostrou que negros e afro-descendentes geralmente são caracterizados na mídia em profissões que não exigem ou pouco exigem escolaridade formal. O levantamento teve como base 58 reportagens de capa da revista *Veja* no período de 1968 a 2003. Usando a técnica da Análise de Conteúdo, o estudo se deteve sobre reportagens em negros e afro-descendentes apareciam como coadjuvantes ou protagonistas. Entre os resultados, percebeu-se que em 50,4% dos casos, esses personagens estavam relacionados aos esportes (29,9%) e à cultura (20,5%), reforçando os estereótipos de que negros e negras só se destacam como esportivos ou músicos.

A imagem que se projeta a partir desta constância é a de que os afro-descendentes tenham mais pendor ou aptidão para estas duas áreas de atuação profissional. Outro aspecto que comprova tal fato advém do pós-escravismo, visto que, depois da Abolição, os negros foram entregues à condição de mão-de-obra assalariada degradante, sistema não muito diferente da sociedade colonial. Nesse novo processo, o modelo escravista continuou de maneira implícita, estereotipada e discriminatória.

Interessante perceber que, na mesma pesquisa, foram contabilizadas 73 aparições em fotografias de personagens de características brancas contra 65 de afro-descendentes. Um evidente processo de branqueamento no período que compreendeu a primeira edição de *Veja* até a última do ano em que a Editora Abril comemorava seus 30 anos de existência.

Em outro estudo, Ferreira Vaz e Brandão Tavares (2004) mapearam as aparições de negros e afro-descendentes em três grandes diários do sudeste brasileiro: O Globo, Folha de S.Paulo e Estado de Minas. Esses contingentes apareceram menos nas páginas consideradas nobres do jornalismo impresso – nas editorias de Política e de Economia – se comparadas às de segurança pública e violência urbana. Nessas seções, negros e afro-descendentes são

retratados tanto como causadores quanto como vítimas de crimes. Para os autores, é por meio dessas ocorrências que a mídia impressa reforça estereótipos contribuindo para a “manutenção de uma imagem negativa destes indivíduos”.

As duas pesquisas sinalizam o que se pode encontrar nos jornais. Mas o que esperar da imprensa de um estado que é considerado um dos mais “brancos” do país? O que se pode encontrar nas páginas dos jornais de um estado que insiste em apagar mais de meio milhão de pessoas? Negros e mestiços aparecem nas fotografias dos jornais? Com que frequência? Essas aparições são proporcionais ou próximas às participações dessas etnias na população catarinense? Mestiços e negros figuram em fotos de que quais editorias nos jornais? E essas presenças podem ser analisadas de que maneira?

A visibilidade e a invisibilidade desses catarinenses na mídia catarinense motivaram o monitoramento dos três principais jornais do estado: *Diário Catarinense*, *A Notícia* e *Jornal de Santa Catarina*. A escolha desses títulos se deu com base em três critérios: são os de maior tiragem (juntos, alcançam diariamente mais de 100 mil exemplares); estão sediados nas principais cidades do estado (Florianópolis, Joinville e Blumenau, respectivamente) e, somados, cobrem todos os 293 municípios do estado.

O período de monitoramento dos jornais abrangeu os meses de Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2005, mais Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e parte de Maio de 2006, contabilizando 286 dias. Optou-se pelo 13 de Maio como a data de fechamento da observação por ser um marco simbólico presente no imaginário de brancos e não-brancos, evocativo do dia da assinatura da Lei áurea, a que erradicou formalmente a escravidão no Brasil em 1888.

Foram levadas em conta 777 edições, sendo 266 do *Diário Catarinense*, 267 de *A Notícia* e 244 do *Jornal de Santa Catarina*. Como a pesquisa se debruçou sobre a presença de negros e mestiços nas fotografias veiculadas nos jornais, inicialmente, foi necessário contabilizar as fotos publicadas e identificar nelas a presença/figuração desses personagens.

Embora Valente (1991: 45) afirme que ser negro hoje no Brasil é uma questão política, neste estudo, foram adotados critérios bem definidos para se considerar o indivíduo negro ou mestiço. A identificação se deu com base nas chamadas características fenotípicas, isto é, na aparência dos sujeitos, e não em quesitos genéticos. Assim, indivíduos com cabelos crespos, lábios grossos, nariz aberto e cor da pele escura foram considerados negros/mestiços,

e constaram das estatísticas referentes a esta etnia. Apesar de existir um certo grau de subjetividade nessa análise, é possível perceber com facilidade quando um sujeito é do tipo caucasiano ou não. Negros, mestiços e pardos foram tratados, sem distinção, como negros na pesquisa.

A contagem da presença dos negros nas fotografias se deu acompanhada da catalogação dessas figurações de acordo com as seções dos jornais e as circunstâncias em que se deram. Com isso, foi possível apontar se os negros/mestiços aparecem mais ou menos nos jornais em comparação à sua presença na população catarinense; onde eles mais são retratados nos diários; se em situações que podem ser consideradas positivas ou desabonadoras.

### Negros nos jornais catarinenses

O mapeamento da presença de negros e mestiços nas fotografias dos principais jornais catarinenses permitiu perceber alguns dos mecanismos mais sutis de manutenção de uma ordem segregacionista. Assim, não se pode dizer que os diários locais ignorem a população afro-descendente, já que ela é retratada com alguma frequência no noticiário. Entretanto, ao se estabelecer a comparação entre as fotos em que esses contingentes aparecem e o total das publicadas, chega-se a uma participação menor que a registrada no censo populacional. Isto é, de acordo com o IBGE, pardos e negros representavam 10,4% dos habitantes catarinenses, o que não chegava a 600 mil pessoas.

O mapeamento da presença negra nos jornais mostrou que, nas 777 edições analisadas, foram publicadas 53634 fotos, das quais apenas 4995 continham personagens com características fenotípicas de negros e mestiços. Nos três jornais selecionados – *A Notícia*, *Diário Catarinense* e *Jornal de Santa Catarina* –, registrou-se a presença negra em apenas 9,31% das fotos veiculadas. Esse percentual é 11% menor que o considerado pelo IBGE.

Em todos os jornais, os negros aparecem menos do que a percentagem que ocupam na população. O que mais se aproximou dessa equivalência foi *A Notícia* (10,25%), seguido do *Diário Catarinense* (9,22%) e do *Jornal de Santa Catarina* (8,36%). Pode-se explicar a última colocação do jornal de Blumenau pela sua área de cobertura e influência. O Vale do Itajaí é uma região do estado altamente marcada pela colonização dos povos europeus, em especial os germânicos. A região concentra municípios onde ainda se cultivam lín-

gua, gastronomia e demais hábitos culturais alemães. Em Pomerode, Indaial e Blumenau, por exemplo, há maciça predominância de camadas caucasianas, marcadamente loiras, na população. Como a presença de negros e mestiços é pequena nas mesmas localidades, o jornal – que se dedica prioritariamente a cobrir essa região – acaba enfocando pouco esses personagens.

O mesmo se poderia dizer da região de Joinville, sede do jornal *A Notícia*, onde também se deu um importante foco da colonização alemã? Não. Por várias razões. A cidade recebeu imigrantes, vindos não apenas da Alemanha, mas de outros países como Itália, França e Rússia. O município se converteu no maior do estado e atraiu migrantes de diversos cantos de Santa Catarina e de outros estados, criando um ambiente mais plural. O índice de presença de negros e mestiços nas fotografias de *A Notícia*, o maior entre os jornais analisados, acaba reforçando essa tese.

| Período                    | Jornal                   | Total de Fotos | Com presença | % de presença |
|----------------------------|--------------------------|----------------|--------------|---------------|
| Agosto/2005 a 13/Maio/2006 | Diário Catarinense       | 21593          | 1991         | 9,22          |
| Agosto/2005 a 13/Maio/2006 | Jornal de Santa Catarina | 14962          | 1252         | 8,36          |
| Agosto/2005 a 13/Maio/2006 | A Notícia                | 17079          | 1752         | 10,25         |
| Agosto/2005 a 13/Maio/2006 | Os três analisados       | 53634          | 4995         | 9,31          |

Tabela 1: Visibilidade dos negros em nos jornais em todo o período

Fonte: *Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina e A Notícia, de 01/08/2005 a 13/05/2006.*

Observado o período de análise – Agosto de 2005 a Maio de 2006 –, registrou-se uma certa regularidade das ocorrências das fotos de negros e de afro-descendentes. Essas presenças mantiveram um certo padrão nos jornais que variou entre as casas dos 8% e 9%. Atípicos foram os meses de Dezembro de 2005, com índice de 7,18% de ocorrências, e Fevereiro de 2006, que registrou um salto, alcançando 11%. Não se detectou nenhum motivo apa-

rente para a ligeira queda em Dezembro, mas quanto a Fevereiro, a hipótese para o crescimento pode ser atribuída ao Carnaval<sup>5</sup>, que se deu na última semana, podendo ser refletido inclusive em Março. Em *A Notícia*, o índice de ocorrência chegou a 14,25%, mas no *Diário Catarinense* caiu em relação a Janeiro (9,67% e 10,32%, respectivamente) e no *Jornal de Santa Catarina* foi o segundo maior do período (9,52%), perdendo apenas para Março (9,56%).

| Período          | Total de Fotos | Com presença | % de presença |
|------------------|----------------|--------------|---------------|
| Agosto/2005      | 5393           | 481          | 8,91          |
| Setembro/2005    | 6008           | 547          | 9,10          |
| Outubro/2005     | 6224           | 151          | 8,27          |
| Novembro/2005    | 5813           | 543          | 9,34          |
| Dezembro/2005    | 5542           | 398          | 7,18          |
| Janeiro/2006     | 5394           | 538          | 9,97          |
| Fevereiro/2006   | 5897           | 649          | 11            |
| Março/2006       | 5400           | 534          | 9,88          |
| Abril/2006       | 5471           | 545          | 9,96          |
| 1 a 13 Maio/2006 | 2492           | 246          | 9,87          |

Tabela 2: Visibilidade dos negros em todos os jornais por mês

Fonte: *Diário Catarinense*, *Jornal de Santa Catarina* e *A Notícia*, de 01/08/2005 a 13/05/2006.

Na análise das ocorrências divididas por editoria, o levantamento apontou um dado já esperado (a predominância de fotos de negros e afro-descendentes nas páginas dedicadas a Esportes e à Cultura e Variedades) e contrariou outro (o de que negros e mestiços povoam as seções de Polícia). Entre as hipóteses que sustentavam essa pesquisa estava a de que os jornais reforçam dois estereótipos: personagens negros e afro-descendentes destacam-se como esportistas (geralmente, futebolistas) e músicos (cantores e instrumentistas populares)

<sup>5</sup>Tradicionalmente uma festa popular com raízes e massiva participação negras, o Carnaval é uma época em que ficam em evidência personagens afro-descendentes, muito embora nas últimas duas décadas celebridades não-negras têm enxergado a data como uma vitrine para alta exposição midiática.

e estão envolvidos em questões de segurança pública, seja como autores de crimes ou suas vítimas. Os dados do mapeamento da presença negra nos jornais catarinenses confirmaram a primeira hipótese, mas negaram a segunda.

Das 4995 fotos em que figuram, 3472 foram publicadas nas editorias de Esportes e Cultura/Variedades, percentual de 69,50%. As ocorrências na seção de Polícia não chegaram a 2%, e somadas às da editoria de Geral, alcançaram 8,78%. Os registros veiculados em páginas consideradas nobres (Política, Economia, Coluna Social, Mundo e Opinião), juntos, alcançaram 6,18%, o que significa dizer menos de um décimo do total de fotos que retratavam negros e mestiços. Esse dado contrasta com as aparições em outras seções que também denotam alta relevância jornalística. Assim, a pesquisa contabilizou 534 ocorrências nas primeiras páginas dos jornais, em suas contracapas (no caso de *Diário Catarinense* e *Jornal de Santa Catarina* que delas dispõem) e em seções dedicadas a Destaques e Reportagens Especiais. Essas ocorrências alcançam 10,69% do total de presenças.

A disposição dos dados colhidos na pesquisa em editorias permite perceber como a presença negra se dá nos jornais, e em que circunstâncias esses contingentes frequentam o espaço midiático da grande imprensa catarinense. O monitoramento de quase seis meses em três jornais distintos possibilita afirmar que negros e mestiços aparecem em todas as seções dos diários, mas acen-tuadamente em duas delas. Essa tendência já havia sido apontada por Golzio *et all* (2006) em outra mídia – a revista *Veja* – e em outro período e geogra-fia – de 1968 a 2003 e em caráter nacional. Entretanto, o levantamento da presença negra nas fotos dos jornais catarinenses salientou cores mais fortes nessas ocorrências. Foram quase 70% das ocorrências contra 50,4% do es-tudo anterior. Condições geográficas e características do meio jornal – como a frequência e maior dedicação à cobertura dos esportes – podem auxiliar a compreender melhor essa disparidade.

A pouca visibilidade de negros e mestiços em seções de Política e Econo-mia, 1,50% e 1,54% respectivamente, provocam entendimentos de que esses contingentes pouco participam dos universos decisórios. A invisibilidade de negros e afro-descendentes leva a crer que não são fontes no meio político e que sequer fazem parte da massa produtiva nos meios e sistemas econômi-cos. Esse dado envida a pesquisar numa próxima oportunidade, por exem-plo, as fontes consultadas nessas editorias e seus critérios de seleção de no-ticiabilidade. A intensa presença de negros e mestiços nas seções de Cul-



tura/Variedades e Esportes contrasta com suas figurações na editoriais de Política e Economia, permitindo compreensões que reforçam os estereótipos de que esses contingentes desempenham funções na sociedade que dependem mais dos talentos individuais do que propriamente de habilidades mais elaboradas de raciocínio e de instrução formal.

| Editoria          | DC   | AN  | JSC | SOMADOS | % das aparições |
|-------------------|------|-----|-----|---------|-----------------|
| Capa              | 5393 | 481 | 481 | 481     | 8,91            |
| Geral             | 6008 | 481 | 481 | 547     | 9,10            |
| Política          | 6224 | 481 | 481 | 151     | 8,27            |
| Mundo             | 5813 | 481 | 481 | 543     | 9,34            |
| Social            | 5542 | 481 | 481 | 398     | 7,18            |
| Opinião           | 5394 | 481 | 481 | 538     | 9,97            |
| Destaque/Especial | 5897 | 481 | 481 | 649     | 11              |
| Contracapa        | 5400 | 481 | 481 | 534     | 9,88            |
| Outras seções     | 5471 | 481 | 481 | 545     | 9,96            |

Tabela 3: Visibilidade dos negros em todos os jornais, por editoria em todo o período

Fonte: *Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina e A Notícia, de 01/08/2005 a 13/05/2006.*

## O preto no branco

O acompanhamento sistemático dos jornais e a identificação de negros e afrodescendentes nas fotografias publicadas permite afirmar categoricamente que a imprensa catarinense pouco contribui para uma democracia midiática. Entende-se por democracia midiática um ambiente na esfera da opinião pública que contemple a diversidade étnica, religiosa, ideológica e cultural; um ambiente que favoreça o contraditório, que estimule a pluralidade e que não fabrique o consenso a todo custo.

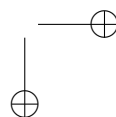
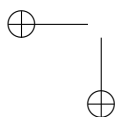
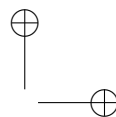
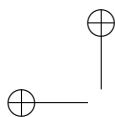
O monitoramento de quase seis meses mostrou que os jornais locais mostram menos os negros e mestiços. Menos em comparação à fatia populacional que ocupam. Com isso, os diários contribuem para seu apagamento, para sua invisibilidade na medida em que promovem um branqueamento dos personagens das fotos. Outra atuação que vai na contramão de uma democracia midiática é o reforço aos estereótipos, atitude conservadora, mantenedora de uma ordem e nada questionadora da sua efetiva vigência.

Os jornais fazem isso, conscientemente? De propósito? Não é possível afirmar isso, já que os dados da pesquisa não dão conta das motivações e critérios de seleção dos fotojornalistas e editores de imagem dos jornais. No entanto, a mídia impressa funciona também como uma arena pública onde desfilam os personagens da sociedade; uma vitrine por meio da qual se exibem e são vistos tais personagens. Desta forma, ao estampar em suas fotos uma quantidade menor do que a proporção que os negros ocupam na população catarinense e ao relegar a esses contingentes certos guetos jornalísticos, a imprensa contribui para intensificar a discriminação e o racismo, na medida em que estreita o espaço de participação desses contingentes.

## Referências Bibliográficas

- A NOTICIA. *Brasil, o segundo em desigualdade*. Joinville, 2 de Junho de 2005.
- BERND, Zilá. *O que é negritude*. SP: Brasiliense, 1988
- CARTA CAPITAL. Ano VII, n. 175, de 6 de Fevereiro de 2002
- CHALHOUB, Sidney. *Exclusão e cidadania*. IN: História Viva Temas Brasileiros, n 3 - Presença Negra. São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, 2006
- FERREIRA VAZ, P. B.; BRANDÃO TAVARES, F.M. *O negro-mestiço e a narrativa fotojornalística: um outro discurso nos cadernos Cidade*. Comunicação apresenta no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso anual de Ciência da Comunicação. Belo Horizonte, CD ROM, 2004

- GOLZIO, Derval Gomes; MARINHO, Thiago de Andrade; SILVA, Alberto Araújo; FERREIRA, Mayra Brito; PEREIRA, Cibelle Ferraz; LINS, Mônica dos Santos. *O racismo impregnado no pensamento da sociedade*. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=374CID006>, acesso em 2 de Maio de 2006
- HOLANDA, Sergio Buarque. *Raízes do Brasil*. RJ: José Olympio, 1994
- LEITE, Ilka Boaventura. *Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação*. IN: LEITE, Ilka Boaventura. *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, pp. 33-53
- NEN. Núcleo de Estudos Negros. *Dossiê Contra a Violência Racial em Santa Catarina*. Florianópolis: s/d
- PEDRO, Joana Maria; CZESNAT, Lúcia de Oliveira; FALCÃO, Luiz Felipe; LIMA E SILVA, Orivalda;
- CARDOSO, Paulino Francisco de Jesus; CHEREM, Rosângela Miranda. *Escravidão e preconceito em Santa Catarina: história e historiografia*. IN: LEITE, Ilka Boaventura. *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, pp.229-245
- RODRIGUES, João Carlos. *O negro brasileiro e o cinema*. SP: Pallas Ed., 2001
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e preto. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. SP: Cia das Letras, 1987
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*. Petrópolis: Vozes, 1999
- TURRA, Cleusa e VENTURI, Gustavo (orgs.). *Racismo cordial*. SP: Ática, 1995
- VALENTE, Ana Lúcia E. F. *Ser negro no Brasil hoje*. SP: Editora Moderna, 1991



## Espaço público no Brasil: visões da tragédia

Verónica Aravena Cortes, Célia Regina da Silva, Maria Cleidejane  
Esperdião

*Universidade Metodista de São Paulo*

E-mails: veronicapac@ig.com.br, celregis@gmail.com,  
mariacleidejane@hotmail.com

”Não iremos muito longe sem trazer de volta do exílio idéias como a de homem público, da boa sociedade, da igualdade, da justiça e assim por diante - idéias que não fazem sentido senão cuidadas e cultivadas na companhia dos outros” (Baumann, 2002, 16).

A experiência cotidiana brasileira, marcada por tensões múltiplas e pelo acirramento de conflitos de ordem política e social, vem, ao longo dos últimos anos, descortinando uma discussão incômoda para os comunicadores. A mídia é a promessa contemporânea da possibilidade de existência de discussões públicas, de um mundo comum em sociedades de milhões de habitantes. Os veículos se apresentam como janelas para o mundo, no entanto, ao percebermos os atores e as pautas que entram nos noticiários, somos levados a nos questionar quem faz parte deste mundo.

É o espaço público que permite estarmos entre os outros. Possibilita um espaço para vermos e sermos vistos, para a fala, ou seja, para a visibilidade e, por conseguinte, para o reconhecimento. Hoje, em grande medida, é a mídia que permite estarmos neste espaço com os demais. Compartilhar um espaço é fazer parte de um tecido que nos une aos outros.

Neste trabalho pretendemos discutir o espaço público brasileiro, a partir da mídia. Analisaremos a cobertura de dois episódios marcantes na vida social do país dos primeiros meses de 2007, buscando debater a mídia como construtora de um mundo comum no Brasil, como espaço para a fala, para a visibilidade de sujeitos/atores na cena social e para o reconhecimento de problemas sociais no Brasil.

Neste debate utilizaremos as idéias de Hannah Arendt, Richard Sennet e Zygmunt Baumann para apontar algumas características da esfera pública na sociedade contemporânea: cada vez cada menos “política”, sem sentido de res publica, “coisa”, comum a todos. Reflexo de uma sociedade dividida entre

“nós” e os “outros”. Um mundo sem pares, cada vez menos plural, cada vez mais excludente, e, ao mesmo tempo, marcado pelo medo.

As coberturas a serem estudadas foram escolhidas pelo seu impacto, cada qual a sua maneira. Uma é a reportagem da morte do menino carioca João Hélio, assassinado brutalmente, ao rodar preso no cinto de segurança, pelo lado de fora de um carro roubado, por diversos bairros no Rio de Janeiro, em fevereiro de 2007, publicada pela revista VEJA, a outra é a foto de uma mãe, que chora a morte da filha, de 12 anos, por bala perdida no Rio de Janeiro durante uma operação militar, estampada na primeira página do jornal Folha de São Paulo, em março do mesmo ano.

Não buscamos comparar episódios, coberturas, nem veículos, pois não são eventos, nem coberturas equívalentes, mas apresentar certos elementos que nos parecem significativos para compreender o espaço público no Brasil.

Os eventos violentos têm se sucedido em uma magnitude/proporção que, cada vez é mais difícil ficarmos chocados. A morte do menino João Hélio foi lida como uma “tragédia nacional”, chocou o país. Ganhou manchetes nacionais, cadernos e reportagens especiais, editoriais indignados e discursos virulentos de intelectuais, entre eles, um dos mais renomados filósofos, Renato Janine Ribeiro, e capas em várias revistas nacionais, entre elas, a Veja. O outro ganhou comentários entre os estudiosos da comunicação por ser algo raro na imprensa, por se tratar da voz dos excluídos na cena pública. A sua presença no espaço público durou tanto quanto o jornal.

Talvez, além do fato de se tratar de mortes de duas crianças, como ponto em comum podemos destacar a mais profunda e incomunicável das experiências humanas: a dor. A dor, uma experiência do mundo privado e sentimento íntimo, foi trazida à cena pública. A dor da família do garoto João é transformada em dor da “família brasileira”. Causa comoção, indignação e leva a revista a demandar ações dos poderes públicos. A dor de dona Edna, por sua vez, é uma dor solitária, faz-se o registro, mas não chega a causar, nem espanto, nem indignação, menos ainda comoção. Talvez o maior “espanto” seja seu registro na capa de um jornal, seja o dar visibilidade a uma voz da periferia, a uma voz do lado de lá, do “outro” lado, que em geral nos assusta.



## A vida moderna e a perda do “mundo comum”

Diversos autores têm abordado as relações entre o público e o privado. Habermas apresenta um estudo clássico sobre a esfera pública burguesa, Sennet, por sua vez, discute as transformações desta relação ao longo dos séculos, o declínio do sentido de público na contemporaneidade, bem como sua trajetória para a intimidade.

Dois autores pouco estudados na comunicação trazem contribuições para pensar os conflitos e dilemas presentes nas construções da “coisa pública” em nossas sociedades. Hannah Arendt e Zygmunt Baumann viveram em diferentes momentos do século XX, o segundo inclusive continua a nos provocar com suas reflexões. Cada qual a partir de sua perspectiva aborda a necessidade vital para as sociedades, da existência de uma esfera pública enquanto espaço de ação e do discurso. Arendt marcada pelo fenômeno do totalitarismo e da existência de pessoas sem lugar no mundo, os apátridas, e Baumann, pela experiência do deslocamento do estrangeiro, confluem ao discutir o que é fazer parte, o que é partilhar, mostrando que a violência e o medo têm relação com o enfraquecimento, quando não a ausência, de coisas a partilhar.

Hannah Arendt parte da idéia básica de “público” como publicidade para lembrar-nos de sua importância, “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é ouvido pelos outros e por nós mesmos - constitui a realidade.” (2003, 59) Ou seja, a visibilidade, para a autora, é a medida da realidade, o que não é visto, nem ouvido, não existe para além da experiência individual que logo passa e perece. Diz a autora “uma vez que a nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência, e portanto da existência na esfera pública na qual as coisas possam emergir da trevas da existência resguardada, até mesmo a meia luz que ilumina a nossa vida privada e íntima deriva, em última análise da luz muito mais intensa da esfera pública.” (2003, 61).

Hannah Arendt aborda a esfera pública enquanto um mundo comum, que nos reúne na companhia uns dos outros e, ao mesmo tempo, evita que colidamos uns com os outros. “Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens” (2003, 62).



Vivemos em um mundo em que quase não temos relação com os “outros”, inclusive, parece que nem vivemos no mesmo mundo. Hoje, a principal referência de “relação” encontra-se no mundo privado, no espaço da casa e das relações familiares. Para acrescentar elementos a essa discussão, a autora recupera o pensamento grego, no qual “a capacidade humana de organização política não apenas difere mas é diretamente oposta a essa associação natural cujo centro é constituído pela casa (*oikia*) e pela família. O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera, “além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios polítikos*. Agora cada cidadão pertence a duas ordens de existência: e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*)” (ARENDT: 2003,35).

Cabe lembrar que o que caracteriza o humano é o *bios polítikos*, a capacidade do discurso perante os “outros” e da ação em conjunto. Aqueles que se interessam apenas pelos seus negócios particulares ficam confinados no plano de *idions*, raiz do termo contemporâneo idiota.

A esfera pública, é o lugar da política, por este motivo, o avesso da intolerância e da violência.

A autora sublinha a “extraordinária dificuldade” que “experimentamos na atualidade em compreender a divisão decisiva entre as esferas pública e privada, entre a esfera da *polis* e a esfera da família, e finalmente entre as atividades pertinentes a um mundo comum e aquelas pertinentes à manutenção da vida. Divisão esta na qual se baseava todo o antigo pensamento político. “Em nosso entendimento, a linha divisória é inteiramente difusa, porque vemos o corpo de povos e comunidades políticas como uma família” (ARENDT: 2003, 37).

Se a “nossa” família é o nosso modelo de relação social, a medida da privatização das relações, na atualidade, é que estamos confinados naquilo que é “nosso”: nossa casa, nossa família, nossas visões de mundo, em suma, em “nosso” mundo. Temos dificuldade de pensarmos o “comum”. Algo que não seja nem “meu”, nem “seu”, mas nosso, do qual todos façamos parte. Temos dificuldade de ver os outros, sujeitos como nós e, mais ainda, de nos ver junto com os outros. Difícil também é atuar em conjunto.

Em suma, temos pessoas, corroídas pela subjetividade, longe da experiência do comum, desprovidos de responsabilidade com o outro e indiferentes às questões coletivas. Para a autora, “estas pessoas só poderão fiar-se na sua pró-





pria subjetividade, sempre “instável e traiçoeira”, e tenderão a fazer de seus interesses e sentimentos privados a medida de todas as coisas” (...). São essas fronteiras que se diluíram no mundo moderno. E isso significa a perda dos critérios de diferenciação entre aquilo que tem como medida a vida de cada um e aquilo que o mundo como medida. Nesse caso, os homens tenderão a tornar sua própria subjetividade como referência exclusiva de verdade e julgamento (2003, p.47-48).

Muito se fala da fragmentação como experiência da vida moderna nas metrópoles. Hannah Arendt observa que “o que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos, não é este o fator fundamental; antes, é o fato que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las.” (2003, 62).

O espaço público nos recorda que estamos no mundo, “na companhia dos homens”, há experiências, no entanto que são incomunicáveis, Hannah Arendt observa que a dor é “o sentimento mais intenso que conhecemos é ao mesmo tempo, o mais privado e o menos comunicável de todos (...) a dor, que é realmente uma experiência limítrofe entre a vida, no sentido de “estar na companhia dos homens”, e a morte, é tão subjetiva e alheia ao mundo das coisas e dos homens que não pode assumir qualquer tipo de aparência” (2003, 60-61).

A dor iguala. Nos mostra participantes de uma mesma humanidade. É preciso notar que, no entanto, se trata de uma igualdade pelo que temos de natureza, não pelo que construímos conjuntamente.

### **Medo e desproteção**

Em seu livro *Em busca da política*, em certo momento, Baumann conta a história de um bêbado que procura dinheiro debaixo de um poste de luz, não porque ele o tivesse perdido ali, mas porque era o lugar mais iluminado da rua. O autor afirma que o deslocamento das causas da angústia – a incerteza e insegurança globais – para o terreno da proteção privada segue a mesma lógica. Ou seja, as angústias de nosso tempo, a incerteza e insegurança são problemas globais, mas apenas conseguimos visualizá-las como questões referentes ao plano do privado.

As penúrias e os sofrimentos contemporâneos estão fragmentados, dispersos e espalhados, assim como o está o dissenso que eles produzem. A



dispersão desse dissenso, a dificuldade de condensá-lo em uma causa comum e de dirigi-lo na direção de um culpado comum apenas piora esta dor. Baumann observa que “E quando o ofuscante lampejo de união se extingue, os solitários acordam tão solitários quanto antes, enquanto o mundo que partilhavam, tão iluminado um momento antes, parece (...) ainda mais escuro do que era” (2002, 11).

Às vezes surgem culpados a quem é possível odiar coletivamente e catalizam a fúria coletiva.

Para o pensador, “a chance para mudar isso depende da ágora - esse espaço nem privado nem público, porém mais precisamente público e privado ao mesmo tempo. Espaço onde os problemas particulares se encontram de modo significativo - isto é, não apenas para extrair prazeres narcisísticos ou buscar uma terapia através da exibição pública, mas para procurar coletivamente alavancas controladas e poderosas o bastante para tirar os indivíduos da miséria sofrida em particular; espaço em que as idéias podem nascer e tomar forma como “bem público” “sociedade justa” ou “valores compartilhados” (2002, 11).

Baumann lembra que entre os gregos a ágora era esse espaço público-privado de encontro e negociação entre essas duas esferas. Nossas sociedades precisariam reformular essa ágora, tarefa que cabe às elites intelectuais, diz o autor:

”Essa tarefa abre vasta área de ação para as classes cultas, Mas para que empreenda essa ação faz-se necessária uma reorientação da eclesía para a ágora, para esse espaço público em que o político e privado se encontram, onde não apenas se faz uma escolha dentre as opções disponíveis como se examina, questiona e renegocia a gama de opções. E o primeiro passo assim que tem lugar a reorientação é (pág 113): reconstruir a ágora para adaptá-la a essa tarefa. Não será coisa fácil, considerando o perigoso estado atual da esfera público-privada, da qual o “público”, recuou para buscar abrigo em lugares inacessíveis e o “privado” está a ponto de retirar-se para a própria auto-imagem. Para a adaptar a ágora aos indivíduos livres e à sociedade livre é preciso interromper ao mesmo tempo sua privatização e despolitização.

O próprio autor coloca que não vê nada fácil invertermos o percurso, mas somente uma inversão total do nosso percurso poderia nos restituir a possibilidade de vivermos juntos sem medo e sem necessidade de pagarmos por

proteção.

### A VEJA no caso João Hélio

O menino João Hélio, de seis anos, foi arrastado até a morte ao longo de mais de sete quilômetros (13 ruas), por quatro bairros do Rio de Janeiro, no dia 07 de fevereiro. O crime foi praticado por cinco jovens pobres, entre eles um menor de idade. João Hélio estava no banco de trás do carro quando cinco homens renderam sua mãe. Preso ao cinto de segurança, ele não conseguiu sair do veículo. No trajeto de fuga, moradores que presenciaram a cena gritaram para que os criminosos parassem o carro. A criança foi encontrada já sem vida, desfigurada.

O crime recebeu ampla cobertura da imprensa. Os maiores jornais do país fizeram edições especiais, o tema apareceu em todos os telejornais das emissoras de televisão e durante diversos programas com perfis não-jornalísticos<sup>1</sup>. O caso suscitou a discussão acerca da pena de morte e da diminuição da maioridade penal no Brasil e assumiu matizes emblemáticas de como a imprensa vem se tornando a principal “praça pública”<sup>2</sup>, o grande fórum de debates da sociedade contemporânea.

No Brasil, um dos principais “fóruns de debate” em escala nacional é a revista VEJA. Não que todas as questões do país estejam presentes na revista, mas porque os temas apresentados pelos veículos são “passados” como questões nacionais. Uma vez que a VEJA se arrola ser um “porta voz da sociedade brasileira”. Certamente é de uma fração da sociedade brasileira, das camadas médias e altos estratos de centros urbanos<sup>3</sup>. E se “vende” como o veículo “in-

<sup>1</sup>Talvez uma exceção tenha sido o jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 18 de fevereiro no espaço destinado a avaliações mais críticas, considerou que fez “uma cobertura sóbria, sem histeria”. No entanto, *ombudsman* do jornal, Marcelo Beraba, reconheceu que algumas idéias permaneceram invisíveis na cobertura, como, por exemplo, um questionamento mais aprofundado sobre os subúrbios do Brasil e a falta de um olhar diferenciado sobre as raízes da violência. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om1802200701.htm>, acessado em 01/07/2007.

<sup>2</sup>Como são numerosos os estudos sobre a mídia como a nova ágora eletrônica, citamos apenas um livro recente produzido pelos pesquisadores Alfredo Viseu Pereira Jr., Flavio Porcello e Célia Mota. *Telejornalismo: a nova praça pública*, publicado pela Editora Insular em 2006.

<sup>3</sup>Confira mais detalhes nos estudos de Márcia Benneti Machado, da UFRS, que coordenou o grupo de pesquisa sobre a Ironia e o Sarcasmo como Prática Discursiva da Revista “Veja”. Disponível em: <http://www.ppgcom.ufrgs.br/projetos/jornalismo.htm>

dispensável” à sociedade brasileira, no entanto, se dirige às camadas médias, se coloca até mesmo como o único outro caminho para se situar no mundo”<sup>4</sup>.

### A cobertura



O número 1.995 da Revista Veja de 14 de fevereiro de 2007 apresenta em sua capa a foto do menino João Hélio olhando diretamente o leitor, emoldurada em um fundo preto, acompanhada da manchete: “*Arrastado por quatro*

, acessado em 22/07/07. Interessante também observar abordagem feita pelo pesquisador português Jorge Pedro Souza, em artigo sobre a cobertura da Veja no atentado contra a escola de Beslan, na Rússia. Texto disponibilizado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil (CD-ROM), disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1207>, acessado em 01/07/07.

<sup>4</sup>Nilton Hernandes analisou, há quase 10 anos, como a revista trabalha sua imagem de “imprescindível”. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/artigos/V2/CASA20032-veja-anncio.pdf>, acessado em 25.06.07.

*bairros do Rio de Janeiro, morto, destruído por bandidos e mais uma vez... NÃO VAMOS FAZER NADA?”*. A pergunta aparecia em maiúsculas.

O fato tornou-se a matéria inaugural da editoria Brasil, primeira editoria da revista e recebeu a manchete: “Sem limites para a barbárie”. Acompanhava a seguinte linha fina, “O suplício público de um menino de 6 anos no Rio mostra que o Brasil está na sala de emergência de uma tragédia social em que o bandido decide quem vive e quem morre.”

No interior da matéria de seis páginas ganha destaque, em itálico e com uma inserção na diagramação diferente do habitual, a reprodução do texto opinativo do jornalista Reinaldo Azevedo, produzido originalmente para a VEJA on-line que, entre outros, comparava a realidade brasileira e o crime no “morro” brasileiro, à ascensão de Hitler na Alemanha e ao “mal bolchevique”:

”(...) Chega de explicações. Todo fenómeno de degradação social tem explicação. A queda de Roma, a ascensão de Adolf Hitler, a proliferação do mal bolchevique pelo mundo, a destruição das cidades brasileiras pelos criminosos e seus asseclas, simpatizantes – ou simplesmente cegos – na intelectualidade, na polícia e na política. O martírio público do menino João Hélio está destravando a língua de dezenas de explicadores. São os mesmos que passaram a mão na cabeça dos “meus guris” que desciam ao asfalto para subtrair um pouco do muito que os ricos tinham e, assim, sustentar a mãe no morro. Chega de romancear o criminoso, de culpar abstrações como a “violência”, o “neoliberalismo”, o “descaso da classe média (p.46-47).

O artigo apresenta uma simplificação assustadora e sem pudores em expor opiniões “politicamente incorretas” em praça pública, ou seja, na revista. Segundo o jornalista, a complexidade do mundo é uma “invenção” de intelectuais, o mundo é tal como nos contos infantis: há o mundo do mal e o mundo do bem. Há simpatizantes do crime na polícia, na política e entre os “intelectuais” que romanceiam o criminoso, “passam a mão na cabeça” de guris-bandidos, a própria explicação é um romance. O mundo é claro, há mocinhos e bandidos. Os ricos estão do lado do bem. Azevedo recupera os ricos, alvos preferenciais da violência que vem do morro, não lhes é permitido gozar a sua riqueza com tranquilidade.

Entre os assaltantes, havia um menor de idade. Azevedo ao questionar a legislação penal que prevê sanções menores para quem ainda não atingiu

a maioria produz um discurso franco-atirador, no qual sobra até para um dos mestres da música popular brasileira, “o menino João é o guri dos sem-Chico Buarque”. O “menor”, bem maior do que o menino João, cujo corpo ele ajudou a espalhar pelas avenidas do Rio, vai ficar três anos internado. E depois será solto entre os meninos-João, por quem não se rezam missas de apelo social. Resta só a dor da família: privada, sem importância, sem-ONG, “sem ar, sem luz, sem razão” (p.49).

Este discurso, como se pode ver, está repleto de ironias, apresentando uma violência discursiva poucas vezes vista na VEJA. A crítica à intelectualidade merece destaque, pois é tida como conivente com a barbárie.

As fotos retratam o “belo menino” e inocente João, um de seus desenhos, seus familiares chorando, mas também recuperam outras imagens da violência contra setores médios. A legenda de uma das fotos apresenta o título “A escalada da barbárie”, o texto “Uma sucessão de crimes que impressionaram pela crueldade e abalaram o país nos últimos meses: bandidos incendiaram um ônibus no Rio, matando oito pessoas (acima); a socialite Ana Cristina Johannpeter (acima, à esq.) foi morta ao parar num cruzamento; e, em Bragança Paulista, ladrões atearam fogo a um carro com quatro pessoas dentro, entre elas o menino Vinícius, de 5 anos” (Veja, op cit.51).

A reportagem da VEJA finaliza mostrando as ações sugeridas por especialistas a respeito do que “precisa ser feito já”. Entre as sugestões podemos ver idéias do tipo: diminuir os benefícios de presos, suspender o limite para internação de adolescente, priorizar o policiamento comunitário. Cabe dizer que das sete idéias apresentadas, três dizem respeito à diminuição de benefícios de presos, e outras três são medidas policiais. Só uma tem um caráter “social”.

Assim pode-se ler que a “boa sociedade” precisa enfrentar o problema da violência, no entanto, há basicamente duas coisas a fazer: deixar o “bandido” em presídios melhorar a força policial.

A mídia ao longo dos anos tem apresentado tragédias perturbadoras, chacinas, massacres, tornando o público, espectador de uma sucessão de episódios de horror. O horror agora chegou a nossa casa. A morte não mais apenas acontece na periferia, no morro, nas degradadas vias públicas, como o massacre da Candelária no Rio de Janeiro ou no interior das prisões, como no Carandiru, ela pode nos atingir em nossa casa.

### A periferia na capa

Esta segunda notícia poderia ser apenas mais um relato de tantos casos de violência ocorridos na cidade. É a foto de uma mãe que chora a perda da filha de 12 anos, vítima de bala perdida no Rio de Janeiro, durante uma operação militar. O registro ganhou a primeira página de três jornais de grande circulação, dois, de nível nacional. O que tinha de especial para ilustrar a primeira página? Num mundo em que a violência tomou tamanha proporção que tende a ser banalizada a dor de uma mãe não dá manchete. Contudo, estávamos havia menos de um mês da morte do menino João Hélio. Assim, a morte da menina Alana, moradora de uma comunidade popular, fugindo à regra no tratamento pela mídia, quando se trata da divulgação da violência em lugares empobrecidos, teve maior atenção.

Marcos Tristão/Agência O Globo



Edna Ezequiel, 29, chora ao saber da morte da filha, no hospital do Andaraí, para onde Alana foi levada após ser baleada no Rio

Do latim *Imago*, imagem designa a máscara mortuária usada nos funerais da Antiguidade romana (JOLY, 1994:18). Esta acepção de elemento carrega em si vários sentidos e tanto pode estar vinculada à proximidade, como pode ser algo totalmente externo aquilo que representa. Isto é, pode se asselhar ou se confundir com o que representa (idem). Isto posto, vamos fazer uma pequena análise do discurso textual, com base em conceitos da análise de discurso buscando pistas sobre a produção de sentidos.

A Folha de S.Paulo, em sua primeira página do dia 6 de Março, apresenta manchete *Bush lança pacote de ajuda anti-Chaves*. A foto de Edna está abaixo dessa manchete. A leitura da legenda-texto é imprescindível para entendermos o significado da foto. O texto aparece abaixo da foto, sem destaque.

O enquadramento fechado no rosto em lágrimas de Edna proporciona uma densidade icônica a fotografia, enfatizada também pela pouca profundidade. Outro elemento ganha destaque: as pulseiras nas cores nacionais, verde e amarelo, no punho esquerdo, uma delas com a bandeira do Brasil.

O repórter fotográfico, Marcos Tristão, deslocado pelo jornal “O globo” para o hospital onde estava a menina baleada, diz ter se deparado com Edna desolada em uma praça, com os familiares<sup>5</sup>. Fez uma sequência de 20 fotos de Edna que não parava de se mexer. Percebeu, contudo, que tinha feito uma boa imagem. A capacidade de captar “a alma desolada e tristonha” de Edna, diante de sua impotência social permeada pela violência? Ou apenas preocupação em “produzir” uma boa foto? A segunda interpretação daria margem a questionarmos até que ponto Edna não teve um pouco de sua “alma roubada”<sup>6</sup>, sendo que exatamente este roubo propicia a sua entrada na esfera pública midiática.

Deisi Rezende/Agência JB



Edna Ezequiel (no centro), mãe de Alana, 12, que morreu após ser atingida por uma bala perdida

<sup>5</sup>Revista Imprensa, Ponto de Vista. N. 222, Abril, 2007

<sup>6</sup>Como relato na antropologia visual, o que seria a fala de um grupo de indígenas diante de uma imagem captada pela máquina fotográfica: “o roubo” da alma.



Mulher, negra e pobre. A situação social de Edna Ezequiel é de tripla discriminação, pois a lógica do machismo, do racismo e da hierarquização social permeia as relações sociais, excluindo e desqualificando social, intelectual e moralmente as mulheres negras (Quintão, 2004:51). A foto da mulher negra de traços fortes preenche parte da primeira página do jornal. Seu olhar desolado, suas lágrimas e a bandeira do Brasil em punho são elementos que ressaltam a dramaticidade do momento e da situação. Com a banalização da violência real nas grandes cidades e com a sua espetacularização na mídia, este poderia ser apenas mais um caso de morte por bala perdida. Como ela, outras mãos têm chorado a morte de crianças e jovens de ambos os sexos que são mortos pela polícia ou em confrontos entre policiais e traficantes. Choram em vão e no ocultamento suas dores.

O que o diferenciava mais este caso, a publicização desta imagem: a imagem torna-se testemunha, da experiência da intimidade testemunhada por milhares de leitores. Muito embora estivesse em uma praça pública quando foi fotografada, sua dor incommunicável, através da imagem, pode ser sentida.

A sua dor talvez seja o elemento que permite um vínculo, que possibilita o seu reconhecimento, como reconhecimento de fazemos parte de uma mesma humanidade. Ou ainda, seria o espaço midiático uma das possibilidades de acesso a voz pelos grupos minorizados, ainda que para isso tenha que ter a sua intimidade (dor) revelada?

Edna Ezequiel mora em uma comunidade popular da cidade do Rio de Janeiro, morro dos Macacos, no bairro de Vila Isabel, zona norte. Durante a operação militar na qual Alana foi atingida, outros dois adolescentes foram mortos, segundo a polícia, seriam traficantes de drogas. São mortes que muitas vezes não fazem parte das estatísticas e nem mesmo são investigadas, pois sempre são justificadas como ocorridas em situação de confronto com traficantes. Os moradores do “morro” vivem entrincheirados entre a polícia e os traficantes e, na maioria das vezes, quando fazem manifestações pela morte de alguma vítima inocente, são apresentados na mídia como vândalos ou co-niventes com os bandidos. Os seus protestos, tal como todo o discurso deste setor da sociedade, dificilmente aparecem pela lente dos jornalistas, não são reconhecidos, longe estão de ter legitimidade. A imagem dos setores populares só aparece associado ao mundo do crime.

### As minorias na imprensa

As notícias sobre a violência ocasionada em espaços populares quando da realização de operações policiais e/ou guerra entre traficantes são normalmente tratadas recheadas de estereótipos e estigmas. Contudo, a situação de violência social atinge tanto os moradores das áreas abastadas como as das áreas empobrecidas. Portanto, a diferença é a forma de tratamento que é reservado aos diferentes setores sociais como temos mostrado neste trabalho.

Na mídia, a relação com grupos minorizados parece ser marcada pelo conflito. Por estarem em situação de desvantagem social não são tidos primeiramente como consumidores de informação produzida para as classes mais esclarecidas e escolarizadas da sociedade. Por outro lado, observa-se a exploração midiática da pobreza, pois a abertura de espaços para estes grupos segue a lógica do consenso de opiniões, uniformizadas em um determinado grupo. As lutas sociais dos grupos minoritários quando surgem no espaço midiático são, muitas vezes, esvaziadas de seus sentidos transformadores que impulsionam o fazer coletivo.

Assim, faz-se necessário lembrar o papel desempenhado pelas mídias no que tange às mediações sociais, radicalmente definidas por ela. Isso pode ser constatado nas periferias das grandes cidades em que a descrença nos organismos estatais é substituída pela esperança que a mídia proporciona em vários níveis do imaginário social. De maneira geral, o que é divulgado na imprensa não suscita dúvidas na população. O que se diferencia com os grupos minoritários politizados. Dessa forma, “a mídia exerce o papel de reguladora entre na relação dos indivíduos com o mundo e com seus pares”. (PAIVA, 2005: 16).

Por outro lado, a vida cotidiana de grupos minoritários passa a ser motivo de espetacularização que é regida pela lógica do mercado e do consumo. Este processo propicia um distanciamento cada vez maior entre aqueles consumidores de produtos midiáticos e aqueles cujo processo de exclusão social os coloca em patamares longínquos na aquisição de bens de consumo. A abertura para o aparecimento e o ocultamento passam a ser reveladas tendo por base os processos de cidadania, mas, crucialmente ligados a violência (ibidem, p.17)

### Considerações finais

Tragédia brasileira, o nosso mundo comum é extremamente restrito, nossa ágora longe está de fazer a relação entre público e privado, tornou-se privada. Foi privatizada por um dos setores da nossa sociedade. E longe estamos de reverter essa situação.

Nos dois casos apresentados, é a experiência radical da dor que os traz à cena pública. Somos convocados compartilhar essa dor. No caso da morte do menino João foram bandidos, marginais que atacaram a “nossa” família. Esta família, que é tida como “a família brasileira”, para a revista VEJA - destacamos o singular, refletindo a ausência da diversidade -, clama por proteção. O outro é o “mostro” que invade nossas casas para nos atacar. Mostro, figura do “mal”, mas nas imagens vemos rostos de rapazes pobres da periferia. Por sua vez, as pulseiras de dona Edna nos mostram que também é uma brasileira, é uma mãe que sofre e a dor desta mãe, é tão sofrida como a “nossa”. Ela não tem espaço na VEJA, mas num jornal diário, fotografada por um repórter de jornal diário, o O Globo, neste artigo analisada como imagem de capa da Folha de S.Paulo. A foto em que está chorando a perda da filha, para além do propósito informativo, concedeu, ainda que momentaneamente, a humanidade, tantas vezes negadas às populações empobrecidas.

Hannah Arendt relaciona a política ao movimento de ação com o novo, por ser o lugar que nos permite sempre recomeçar. Correlaciona também planos como o do discurso e da ação com a pluralidade dos seres que habitam o mundo, pois o discurso precisa de um outro que o ouça e o reconheça como válido. Perspectiva fundamental para o fazer político.

Pode-se dizer que a publicização da imagem de Edna, uma mãe da periferia, na mídia possibilita a sua entrada no espaço público, mesmo que seja ao se destacar sua condição de humanidade pela dor. Certamente, se não tivesse sido exposta no ágora, a dor de Edna seria a de mais uma mãe das periferias brasileiras.

A violência tem sido explorada fundamentalmente na cobertura da mídia sobre o Rio de Janeiro. A presença marcante de assimetrias sociais podem ser resultado de políticas de abandono por diversos governos. No entanto, o que acontece no Rio de Janeiro funciona como um espelho para o restante do país. A cidade da “beleza” e do “caos” é lembrada nas outras capitais pelas notícias constantes sobre este mal social, que é a violência.

A desesperança e o desolamento emanados na foto de Edna Ezequiel, personagem da vida real e cotidiana, ilustra as tragédias sociais das grandes metrópoles brasileiras. A dor exprimida por suas lágrimas pode ir ao encontro de dores e lágrimas de outras mulheres que vêem e têm suas vidas vilipendiadas pela violência social direta e indireta, com a perda de companheiros e membros de suas famílias. Dores ora reveladas pela visibilidade ensejada no espaço público midiático.

Longe estamos de afirmar que ao ingressar no espaço público dona Edna se torna uma cidadã. Esta ganha visibilidade, mas se perde no esquecimento no jornal do dia seguinte. Edna foi vista, pode ser ouvida, mas a vida segue. Pouco tempo depois da perda da filha, teve o irmão morto em iguais circunstâncias, pelas mesmas “balas perdidas”, em novo confronto entre bandidos e policiais. Nas periferias, são muitas as mulheres que vivem esta situação, na maior parte das vezes, sem serem ouvidas, tampouco vistas. Como na música de Chico Buarque, autor citado na revista VEJA, “Umas e Outras”, elas se cruzam “pela mesma rua olhando-se com a mesma dor”. A dor da invisibilidade, do preconceito e da discriminação.

No jornal diário, no dia seguinte a cobertura volta à tônica corrente. O espaço público continua um espaço para as pessoas “do bem” ou “de bem”, o outro que morre de bala perdida, seja da polícia ou do tráfico, que chore as suas dores no privado de sua casa. Nós não temos nada em comum.

A tragédia brasileira onde só a dor nos iguala, expõe a inexistência de um mundo comum, sujeitos sujeitados no mundo privado, clamando por proteção das forças de segurança. Na cartografia da cidade, vivemos lado a lado, mas sem relação uns com outros, sem nos vermos, sem ouvirmos, sem reconhecer no “outro” um sujeito como eu. Por outro lado a tragédia brasileira evidencia um déficit da vida política, onde prolifera o medo dos “outros” que não conhecemos, porque não os vemos. A inexistência de um mundo comum torna-se terreno fértil para a intolerância e a violência.

Mas aqui caberia lembrar Baumann, para enfrentarmos o problema da desproteção precisaríamos rearticular a nossa ágora, esse espaço privado-público, precisaríamos construir um mundo no qual todos os mundos possam fazer parte.

## Referências Bibliográficas

- ARENDT, H. *A condição humana*, São Paulo, Forense Universitária, 2001.
- BAUMANN, Zygmunt. *Em busca da política*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- CORTES, Verónica. “A imprensa e a problemática construção de um mundo comum no Brasil” in *Jornalismo no século XXI*, BARBOSA, Marialva (ed.), Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 2002.
- JOLY, M. *Introdução a análise da imagem*, Campinas, São Paulo, Papirus, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo Fin-de-Siècle*, São Paulo, Scritta Editorial, 1993.
- QUINTÃO, A. A. *A imagem das mulheres negras na televisão brasileira in Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro*. Flávio Carranca e Rosane da Silva Borges(orgs). São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.
- PAIVA, R. & BARBALHO, A. (orgs) *Comunicação e cultura das minorias*, São Paulo, Paulus, 2005.
- PINTO, M. J. *Comunicação e discurso: Introdução análise de discurso*, São Paulo, Hacker Editores, 2ª ed., 2002.
- SENNET, R. *O declínio do homem público*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SODRÉ, M. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*, São Paulo, Cortez, 1992.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- TELLES, Vera. *Direitos Sociais: afinal, do que se trata?*, Belo Horizonte, Ed.UFMG, 1999.

VIEIRA, Jorge. “Os casos João Hélio e Galdino Pataxó e a barbárie midiática”, 02.03.07, acessado em 20.06.07. Disponível em:  
<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=26536>

REVISTA VEJA: Edição 1995, ano 40, número 6, 14/02/07.

PROGRAMA OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, “Caso João Hélio e a Mídia”. 27.02.07, acessado em 20.06.07. Disponível em:  
[http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal\\_070227.asp](http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal_070227.asp)

### Imagens da VEJA

Osvaldo Prado/Ag. O Dia/AE



#### VIDA ROUBADA POR MONSTROS

Policiais observam (acima, à dir.) o corpo do menino João Hélio (no detalhe, à esq.).

Guilherme Pinto/Ag. O Globo



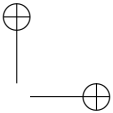
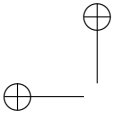
Os autores do crime, um menor e um rapaz de 18 anos (abaixo), foram presos no dia seguinte.

Guilherme Pinto/Ag. O Globo



Uma sucessão de crimes que impressionaram pela crueldade e abalaram o país nos últimos meses: bandidos incendiaram um ônibus no Rio, matando oito pessoas (acima); a socialite Ana Cristina Johannpeter (acima, à esq.) foi morta ao parar num cruzamento; e, em Bragança Paulista, ladrões atearam fogo a um carro com quatro pessoas dentro, entre elas o menino Vinícius, de 5 anos.





## Risco, *dispositivos de informação* e a questão do governo em sua relação com a saúde nas sociedades contemporâneas

Mónica Carvalho

*Instituto de Estudos Jornalísticos, Universidade de Coimbra*

E-mail: monica.marino@gmail.com

A partir da segunda metade do século XX, o risco tornou-se um conceito cultural e político central através do qual indivíduos, grupos sociais e instituições são organizados, monitorizados e regulados. Ele evoca uma série de questões que envolvem propostas políticas e acções públicas e privadas em todos os sectores, em especial na área de saúde. Assim, neste artigo, quando se propõe discutir acerca do risco, observa-se o contexto sociocultural a partir do qual ele é compreendido e negociado. Logo, o risco não será visto como um dado ou algo que tenha uma realidade em si, já que ele não é visto como inteiramente objectivo ou cognoscível fora dos sistemas de crença e posições morais. Portanto, o que identifica-se, mensura-se e gere-se como risco nas sociedades contemporâneas, constitui-se sempre através do conhecimento e de discursos pré-existentes, aplicáveis a certos contextos socioculturais.

Particularmente na saúde pública, o sentido de risco que aqui se destaca é o de uma imposição internalizada, a partir da qual as autoridades estabelecem discursos, políticas e acções em saúde, que exortam as pessoas a avaliarem seu risco individual de adoecerem e, portanto, a mudarem seus comportamentos de acordo com este mesmo risco (Lupton, 1995: 77). Logo, não se trata aqui simplesmente do conceito de risco, mas de uma dinâmica social de controlo dos riscos, uma espécie de modelo de “calibragem” do social, via práticas individuais, que concebe o risco como uma consequência das escolhas pessoais acerca do estilo de vida e enfatiza a importância do controlo de si mesmo. Esta dinâmica se interpõe em um jogo que envolve liberdade de escolha, responsabilidade e cálculo, vis-à-vis um desinvestimento crescente do Estado para, entre outras coisas, diminuir gastos públicos (Rose, 1999).

Embora Foucault nunca tenha discutido acerca da questão do risco, suas ideias sobre as relações entre o poder e o saber na modernidade; a emergência do biopoder enquanto estratégia e tecnologia de gerência das populações e a

noção de governamentalidade, criaram as bases para que diversos pesquisadores pensassem o risco como modelo actual de uma ordem “pós-disciplinar”. Esta ordem pressupõe a constituição de poderes e saberes que partem numa direcção contrária ao intervencionismo de bem-estar e atendem às demandas de uma racionalidade neoliberal, que visa a construir um “sistema perfeito de prevenção” que seja capaz de dispensar tanto a repressão quanto a assistência (Castel, 1991: 293-6). Isso leva a um tipo de governo que se faz à distância, no qual cada indivíduo torna-se um parceiro activo do Estado, pelo exercício de sua liberdade e responsabilidade de conquista de seu próprio bem-estar (Rose, 2001: 6).

Nesse sentido, a noção de risco sobre a qual se vai discutir inscreve-se como um modelo produtivo de exercício do poder (Foucault, 1998a: 236). Por ser produtivo, este modelo: promove discursos nos meios de comunicação de massa; estabelece modos de lidar com o corpo pelas ciências biomédicas; cria políticas de saúde; organiza estratégias político-militares anti-terror e de segurança urbana; negocia o futuro, na medida de sua possibilidade e preço através de um contrato. Este modelo também produz e reproduz saberes que promovem e promovem-se na gerência sobre si e na responsabilidade pessoal e culpabilização dos indivíduos pelos próprios sucessos e insucessos existenciais (físicos, psíquicos, financeiros, profissionais etc.). Além disso, tem por base uma série de verdades sobre a vida em sociedade para a qual os indivíduos devem orientar-se, constituindo-se uma nova pedagogia: a do auto-didactismo, que fundamenta-se na disponibilização ou oferta de informações e conhecimentos sobre o indivíduo em todos os aspectos de sua vida. Isto conduz o indivíduo a uma busca desenfreada por sua – auto-realização – condição sine qua non para que ele sinta que atinge o que se considera como a plenitude do que é ser humano actualmente – ter saúde, qualidade de vida, sucesso profissional, beleza, expectativa de vida, perspectiva de futuro, entre outros. Contudo, além de formas de um poder produtivo, os aspectos acima descritos constituem-se como estratégias económicas de uma racionalidade política, na qual o Estado assume o papel de facilitador do acesso individual a ferramentas de auto-gestão, dentre as quais destacam-se os dispositivos de informação.

Dessa forma, vê-se a identificação entre as políticas neoliberais e a exacerbção da ideia de responsabilidade individual, hoje fundamental para que se possam formular e promover estratégias de controlo dos riscos. Essas po-



líticas passaram a ficar mais evidentes a partir do final da década de 1970 em certos países industrializados. O princípio era: quanto menos governasse, melhor seria o governo, de modo que o papel de provedor do bem-estar dos indivíduos, outrora atribuído ao Estado, seria substituído pelo papel de viabilizador do auto-governo. Logo, “apenas actores económicos individuais” podem ter as informações que habilitam-nos a fazer os melhores julgamentos sobre os possíveis riscos, no sentido de guiar suas condutas e ficar livres para realizar suas escolhas segundo “as leis naturais do mercado” de um lado e a “natureza humana” de outro (Rose, 1999: 139).

### **Poder como *rede produtiva***

Em geral, quando se utiliza a palavra *poder*, a ideia que pode surgir primeiramente é a de algo que se impõe, que determina o que se pode fazer ou não, julga e pune, que é representado por uma força policial ou jurídica. A associação do poder a uma autoridade parece ser comum. Talvez porque realmente em outras épocas – e tantas vezes ainda hoje, em diversos momentos e situações na sociedade – o poder se tenha expressado muito mais em termos de autoridade. Mas, as possibilidades de expressão do poder não se restringem à repressão, apesar de esta ser o aspecto mais facilmente identificável de exercício do poder. Foucault indaga: se o poder fosse somente repressivo, se ele só dissesse não, haveria possibilidade de ele ser obedecido? (Foucault, 1998a, p. 8). E é ele mesmo quem responde:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como força que diz não, mas que de facto ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma *rede produtiva* que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (op. cit.).

De modo geral eu diria que o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas. *As relações de poder são, antes de tudo, produtivas* [destaque nosso] (Foucault, 1998b, p. 236).

Nesse sentido, Foucault ressalta a invenção das tecnologias positivas de poder, na passagem de um “modelo da lepra”, na Idade Média, para um “mo-



delo da peste”, do início do século XVIII. No primeiro caso, observa-se um modelo de exclusão, segundo práticas de rejeição ou de marginalização, que chegavam a constituir-se como rituais públicos de expulsão e “morte” dos leprosos no âmbito de seu convívio social. No segundo caso, vê-se o oposto. A cidade atingida pela peste ficava em quarentena e era organizada em unidades cada vez menores de vigilância e controlo. Para cada uma das unidades, havia aqueles que eram designados a fazer as vistorias diárias de casa em casa: a cada indivíduo se atribuía uma janela onde, no momento da vistoria, ele deveria se apresentar. Se o indivíduo aparecesse na janela, era sinal de que ainda não tinha sido acometido pela doença, caso contrário, era provável que já estivesse de cama e doente, tratando-se de um sujeito perigoso, situação que requeria intervenção. A reacção à lepra é negativa, por ser de exclusão e rejeição. A reacção da peste, ao contrário, é positiva, por ser “uma reacção de inclusão, de observação, de formação de saber, de multiplicação dos efeitos de poder a partir do acúmulo da observação e do saber”. Passa-se de um poder que expulsa, que marginaliza, que exclui, para um poder produtivo, que observa e sabe, “que se multiplica a partir de seus próprios efeitos” (Foucault, 2002, pp. 54-60). Assim, a partir do século XVIII, o poder passa a constituir-se a partir de técnicas produtivas, de maximização desta produção:

Um poder que não age por exclusão, mas sim por inclusão densa e analítica dos elementos. Um poder que não age pela separação em grandes massas confusas, mas por distribuição de acordo com individualidades diferenciais. Um poder que não é ligado ao desconhecimento, mas, ao contrário, a toda uma série de mecanismos que asseguram a formação, o investimento, a acumulação, o crescimento do saber (op. cit., p. 60).

A partir desta época, elaborou-se o que Foucault define como arte de governar, na qual as técnicas de poder não se restringem mais a suportes ou aparelhos do Estado, mas incluem outras instituições, tais como a escola, a família, o hospital, a prisão, entre outras, no sentido de “governar” a criança, os doentes, os pobres, os criminosos etc. Portanto, o governo passa a se fazer principalmente a partir do aperfeiçoamento de uma técnica em que o poder é transferido a diversas instituições e aparelhos, não restritos ao Estado. Esta técnica, de “organização disciplinar”, dá-se pelo que Foucault denomina por “efeitos da normalização”, cujo fim é a *intervenção e a transformação*. Assim, o governo realiza-se a partir de uma concepção de poder que não reprime, ao

contrário, apresenta-se como protector; tem a função de conservar ou reproduzir relações de produção e, sobretudo, funciona graças à formação de saberes, que é tanto um efeito como uma condição para seu funcionamento (op. cit., p. 60-65). Deste modo, o poder passa a ter como foco o corpo humano, não para maltratá-lo ou fazê-lo sofrer, mas para organizá-lo, adestrá-lo, colonizá-lo, conformá-lo. Isto teria se dado a partir de duas frentes, através das quais se instituem técnicas, instituições, saberes e a própria função do Estado, a saber: a anomalia e o problema da vida.

Ao traçar uma *genealogia da anomalia*, Foucault trata das figuras do monstro, do indivíduo incorrigível e do masturbador, que, a partir do final do século XVII e início do XVIII, representam aqueles para os quais são criados aparelhos de rectificação, técnicas e instâncias de saberes específicos. O monstro relaciona-se com a história natural, na distinção entre espécies, géneros, reinos etc.; o incorrigível vincula-se ao saber proveniente das técnicas pedagógicas, de educação colectiva, de formação de aptidões; o masturbador liga-se à biologia da sexualidade (op. cit., p. 69-77).

A partir da modernidade, o *problema da vida* também surge como campo a ser pensado no contexto do pensamento político. Ou seja: criam-se técnicas de poder centradas no corpo, em particular no corpo individual, cuja finalidade é a melhor “distribuição espacial dos corpos individuais [...] e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade”. Essas técnicas se incumbiam dos corpos, de modo a aumentar-lhes a força através do exercício, do treino, ao mesmo tempo em que se constituíam como “técnicas de racionalização e de economia estrita”, que visavam o mínimo gasto, segundo mecanismos de vigilância, hierarquias, inspecções e relatórios (Foucault, 2005, p. 288).

Esta, por exemplo, era a ideia do *Panóptico*, de Bentham, no qual um modelo de disposição e organização espacial levava o indivíduo sob vigilância a estabelecer uma atitude de auto-regulação, já que ele via o lugar de onde partia a vigilância, mas não necessariamente o vigia. O Panóptico era um modelo de arquitectura de prisões do século XIX, que depois foi reproduzido em hospitais, escolas, fábricas, manicómios. Era uma “máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce”, onde os sujeitos se encontram “numa situação de poder de que eles mesmos são portadores”. Assim, Bentham expunha “o princípio de que o poder devia ser visível e inverificável”: o detido vê a torre de onde parte a vigilância, mas,



apesar de saber-se vigiado, não sabe se está sendo observado (Foucault, 2000, pp. 166-7).

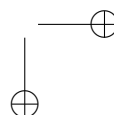
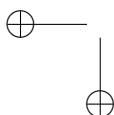
Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos. [...] Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do director, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados. [...] Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. (op. cit., p. 167-8)

A consciência de si funda-se, então, no contexto da produção de dispositivos de vigilância como estes, mas também de saberes sobre si, em especial sobre os corpos e as mentes.

Nesse sentido, os séculos XVII e XVIII foram marcados pelo surgimento de uma nova economia do poder, ou seja, uma economia cognitiva que propicia tanto a “ordenação de si” quanto a simplificação do questionamento (Vaz, 1999). O poder fazia circular seus efeitos através de procedimentos e estratégias que permitiam torná-lo mais presente, mais contínuo, mais adaptado e individualizado na sociedade apesar de mostrar-se menos enfático e aparentemente menos presente (Foucault, 1998a, p. 8). Numa sociedade medieval, por exemplo,

[...] a individualização é máxima do lado em que se exerce a soberania e nas regiões superiores do poder [...], em um regime disciplinar a individualização, em contrapartida, é “descendente”: à medida que o poder se torna mais anônimo e funcional, aqueles sobre quem ele se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados; e isso por vigilâncias mais do que por narrativas comemorativas, por medidas comparativas, que têm a “norma” como referência, e não por genealogias que apresentam os ancestrais como pontos de referência; por “separações” mais do que por proezas. (Foucault, apud Machado, 1998, p. XX)

Isto significa, por exemplo, que, ao invés de se instituir a tortura como modo principal de coerção, surge a culpa como forma de punição e a auto-





vigilância como método associado a esta culpa, que são cada vez mais internalizadas de maneira a se fazer prescindir de uma força externa no cumprimento de uma tarefa. A grande referência neste processo de internalização do poder seria a *norma*. Assim, o poder não precisaria mais de um lugar de onde ele pudesse vigiar ou observar os comportamentos, até mesmo porque o poder passa a não se restringir mais somente ao que pode ser mostrado, aos actos externos – situação do indivíduo masturbador, por exemplo. A ideia era chegar mais longe, até mesmo aos próprios pensamentos. Era preciso que o poder se fizesse presente sem ser visto para que culminasse na internalização da vigilância, tornando possível a cada um ter em sua consciência um superior que vigiasse seus pensamentos e actos. Desta forma, o advento de um poder disciplinar possibilitaria o surgimento do indivíduo e, portanto, da consciência de si (Vaz, 1997).

Ou seja: o saber torna possível a auto-análise, na medida em que receita o diagnóstico de si mesmo como primeiro passo no caminho para o auto-conhecimento. O cuidado de si passa a ser o movimento de constituição de uma subjectividade que tem como ponto de partida e também de chegada a gerência do corpo e da própria vida.

## Poder pastoral e biopoder

Foucault (1983) define poder pastoral como uma antiga técnica de poder, cuja origem estaria nas instituições cristãs e que teria por fim assegurar a salvação pessoal em um outro mundo. Não seria uma mera forma de poder que comanda, exercendo uma autoridade efectiva, mas deve também estar preparada para o sacrifício de si mesma e a salvação do rebanho, diferente do poder do rei que envolve o sacrifício dos súbditos para a salvação de seu trono. Esta forma de poder cuidaria de toda a comunidade e de cada indivíduo particularmente, ao mesmo tempo, e seu exercício se daria a partir do conhecimento do “interior da mente das pessoas”, fazendo-as revelar o que têm de mais íntimo em suas almas: seus segredos. Neste sentido, o poder pastoral visaria o conhecimento e a condução das consciências.

De outro modo, pode-se dizer que:

[...] esta forma de poder é orientada para a salvação (em oposição ao poder político). É oblativa [de oferenda] (em oposição ao princípio de soberania);



é individualizadora (em oposição ao poder legal); é co-extensiva e contínua com a vida; está ligada à produção de confiança do indivíduo em si mesmo. [tradução nossa] (op. cit., p. 214)

Entretanto, Foucault expande essa noção e se refere à reedição deste poder pastoral na modernidade. De que modo ele passaria a se expressar em sua nova forma?

Primeiramente, os agentes desse poder não se limitariam mais às instâncias religiosas. Eles se encontram diluídos na família, na escola, na medicina, na psiquiatria etc. Além disso, tais agentes se moveriam constantemente para o desenvolvimento do conhecimento do homem em torno de dois papéis: um globalizante e quantitativo, concernindo à população, e o outro, analítico, concernindo ao indivíduo. Interessa a este novo poder pastoral saber de que modo o homem funciona como indivíduo e como grupo, o que seria comparado ao conhecimento do que há de mais íntimo na alma humana, propiciando, da mesma forma que no outro poder pastoral, o cuidado do indivíduo e de seu grupo.

O que também importa para o novo poder pastoral não é mais uma salvação no outro mundo, mas *neste* mundo. Dessa forma, a palavra salvação adquire outro sentido, o de saúde, bem-estar, segurança, protecção contra acidentes (op. cit., p. 215) e, principalmente, de normalidade. A salvação não aparece mais como recompensa final, após a extinção da vida biológica, mas no “salve-se” um pouco todos os dias, no “salve-se” relativo diante da incerteza do viver buscado através do cuidado diário.

Na época clássica, no Ocidente, houve grandes transformações no exercício do poder. O poder de confisco – através do qual era possível a apropriação dos bens do servo incluindo sua própria vida, seja permitindo-lhe vivê-la ou retirando-a – deixou de ser a expressão principal do poder, e o direito de causar a morte ou de deixar viver se desloca ou dá lugar às exigências de um poder que gera e gere a vida, passando a se ordenar em função de suas demandas. Dessa maneira, chega-se hoje ao que Foucault ressalta como sendo um poder que se exerce no nível da vida, da raça e dos fenómenos maciços da população. Este poder provoca o fenómeno contemporâneo no qual até mesmo as guerras são levantadas em nome da vida, já que nunca se teria matado tanto com a finalidade de se manter a vida. A partir do século XVII, o poder passou a assumir esta expressão, inicialmente concentrando-se em dois pólos: (i) a



ideia de corpo-máquina, que caracteriza a anátomo-política do corpo humano e (ii) a ideia de corpo-espécie, já no século XVIII, que institui intervenções e controlos reguladores, ou seja, uma biopolítica da população, caracterizando o que Foucault chama de *biopoder* (Foucault, 1997a, p. 127-149).

O conceito de biopoder aponta para a *entrada da vida na história*. Isso não quer dizer que tenha sido o primeiro contacto da vida com a história. Na verdade, o biológico na história esteve bastante forte durante milhares de anos como, por exemplo, por ocasião das grandes epidemias e pela fome apesar de estar “sob o signo da morte” (op. cit., p. 133). Mas com o aumento dos recursos técnicos e do surgimento das tecnologias de controlo e de prolongamento da vida, a morte passou a não ser a ameaça que representava antes. Isso permitiu um “domínio sobre a vida” e, num certo sentido, sobre o futuro.

No terreno assim conquistado, organizando-o e ampliando-o, os processos da vida são levados em conta por procedimentos de poder e de saber que tentam controlá-los e modificá-los. (...) Pela primeira vez na história, sem dúvida, *o biológico reflecte-se no político*; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acesso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo do controle do saber e de intervenção do poder. [destaque nosso] (op. cit., p. 134)

Segundo Foucault, a princípio, a biopolítica pode ser entendida como uma forma de “racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenómenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, raças...”, o que teria acontecido desde o século XVIII (Foucault, 1997b, p. 89). Ela se constituiu a partir de estratégias que reconhecem e devem gerir, como parte de um conjunto de práticas de governo, tais como os índices de reprodução e crescimento da população, hereditariedade etc. Desse modo, o homem que, segundo Aristóteles, era um animal vivo capaz de uma existência política, na modernidade passa a ser “um animal em cuja política sua vida de ser vivo se encontra em questão” (Foucault, 1997a, p. 134). Logo, a vida do indivíduo passa a fazer parte da gerência do Estado.

Na actualidade, entretanto, a gerência da vida é tarefa pessoal, do indivíduo, fruto da responsabilidade pessoal adquirida no exercício de sua liberdade. Contudo, a transformação dessa “tecnologia de poder centrada na vida” (op. cit., p. 135) em algo que se promove individualmente, na auto-gerência, revela-se como uma maneira de o Estado ainda administrar a vida do indivíduo, na medida em que “desloca” sua posição para uma suposta ausência ou

afastamento estratégico de uma dinâmica de controlo normativa ou disciplinar, tal como se dava anteriormente.

No entanto, no âmbito de uma dinâmica normativa ou disciplinar de controlo, observada principalmente no século XIX, como associar uma política centrada nos fenómenos populacionais a um “sistema que se preocupa com o respeito aos sujeitos de direito e à liberdade de iniciativa dos indivíduos” (Foucault, 1997b, p. 89), ou seja, à questão liberal?

Para investigar esta questão é preciso considerar o conceito de *governamentalidade* postulado por Foucault, onde, a princípio, a população torna-se objecto e finalidade de uma gestão de governo, a *economia* seu saber principal e os dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais (Foucault, 1998c, p. 291). Mas deve-se considerar também o modelo governamental actual, em que *o indivíduo torna-se seu objecto, a economia seu fim e os dispositivos de informação seus mecanismos básicos*. Ou seja: trata-se aqui da passagem de uma governamentalidade centrada em um modelo disciplinar para outra que tem por base um modelo de controlo baseado sobre a responsabilidade pessoal.

## Governamentalidade e risco

A questão do *governo*, tal como apresenta Foucault, passa a fazer parte dos debates teóricos a partir do século XVI, e se constitui como problema na passagem do feudalismo à formação dos grandes Estados territoriais, administrativos e coloniais. O problema se inscrevia como arte de governar e deveria responder a questão de como “introduzir a economia (...) no nível da gestão do Estado”, entendendo-se economia como a maneira correcta de gerir os “indivíduos, os bens, as riquezas no interior da família” (Foucault, 1998c, p. 281). Assim, um “bom governo” será visto como um “governo económico”, isto é, um governo que pressupõe uma vigilância e um controlo das riquezas, dos habitantes, de seus comportamentos individuais e colectivos, tal como o faz um atento pai de família.

Nessas discussões teóricas dos séculos XVI ao XVIII, a Economia parece um aspecto central, e por ela se pode caracterizar um bom governo. Isto destaca a importância da economia tal como hoje a entendemos na constituição do que se caracteriza como a “essência” do governo, apesar de o termo econo-

mia variar de acordo com o contexto sociopolítico ao qual ele se refere. Para Foucault, no século XVI, economia significa uma forma de governo, como “gestão da família”; já no século XVIII, figura como gestão da população (op. cit., p. 282) e, actualmente, podemos afirmar que a economia se inscreve como gestão dos riscos.

Diferentemente da soberania, que destina seu poder ao território e seus habitantes, o governo destina-se às *coisas* e nelas tem sua finalidade.

Estas coisas, de que o governo deve se encarregar, são os homens, mas em suas relações com coisas que são as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima, seca, fertilidade etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que podem ser acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte etc. (op. cit.).

Na finalidade do governo também se encontra sua diferença em relação à soberania, para a qual é na obediência à lei que se atingem seus objectivos. No governo não se trata de impor as leis aos homens, “mas de dispor as coisas”. Daí se segue à importância das táticas que o governo tem por base, ou seja, métodos, estratégias ou processos através dos quais os fins serão atingidos. Dessa forma, destaca-se o governo como racionalidade administrativa ou razão de Estado, entendida como a capacidade de o Estado se governar, a partir da constituição de saberes que lhe sejam próprios – ciência do Estado ou estatística – e que possam ser utilizáveis como táticas (op. cit., pp. 285-7).

Contudo, Foucault ressalta que somente no século XVIII começou a acontecer o “desbloqueio da arte de governar”, propiciado pelo grande aumento populacional do século XVIII, pelo aumento da circulação de dinheiro e pelo aumento da produção agrícola, fatos que se promoveram mutuamente. Portanto, esse “desbloqueio” está vinculado à emergência dos problemas populacionais, mostrando que a ciência do governo, a centralização da economia em outra coisa que não a família e o problema da população estão ligados. Nesse sentido, a questão do governo passou a ser pensada, sistematizada, calculada e medida fora da dimensão jurídica que constituía a soberania, e a estatística vai passar a representar o principal ou um dos principais aspectos técnicos desse desbloqueio.

Os estudos sobre a população permitirão que o modelo da família seja substituído, transformando a então noção de uma economia e de um governo

vinculados a este modelo. Logo, através da estatística, observa-se que os fenómenos populacionais apresentam certa regularidade, padrões, que determinam mudanças económicas importantes, necessárias à formulação de estratégias de governo, de modo que atinja sua finalidade primordial: a própria população – sua sorte, saúde, bem-estar etc. (op. cit., 288-9).

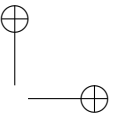
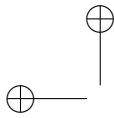
Foucault parece deixar claro qual é a importância da biopolítica na constituição do que ele chama de *governamentalidade*, que seria o conjunto das

- (1) instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança;
- (2) a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros [...] e levou a uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes e
- (3) o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado (op. cit., pp. 290-1).

A partir da perspectiva da governamentalidade, têm-se as bases de um modelo de gestão do Estado que, visando “bem gerir” a população e seus problemas, lança mão de estratégias de controlo e políticas preventivas, elaboradas a partir dos saberes que se forjam nos registos dos números, percentuais, tendências, variações, hábitos, práticas diárias, modos de vida etc desta mesma população que deve ser gerida. Assim, enquanto se exerce um poder, também se produz um saber e vice-versa.

Tais políticas promovem um novo modo de vigilância: o de uma sistemática antecipação, cujo objectivo seria o de prever e se adiantar à emergência de eventos indesejáveis, tais como a doença, a anormalidade, o comportamento desviante<sup>1</sup>. Assim, estas políticas preventivas acabam visando mais as causas, correlações estatísticas de elementos heterogêneos, do que propriamente os indivíduos. Elas desconstróem o sujeito concreto da intervenção e

<sup>1</sup>Em “Vigiar e Punir” (2001) Foucault, trata desta questão apartir de sua análise sobre o Panopticon, de Bentham, uma engenhosa tecnologia de vigilância prisional, onde o preso era vigiado sem poder ver o vigia, o que acabava por levar à auto-vigilância. Também o faz em seu curso no Collège de France intitulado “Os anormais” (2002)



reconstroem uma combinação de factores que são capazes de produzir o foco principal dessas estratégias: o risco (Castel, 1991, 288).

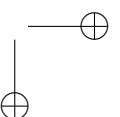
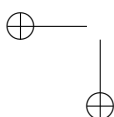
Foucault não discutiu a questão do risco em nossa sociedade. Contudo, suas ideias sobre as relações entre o poder e o saber na modernidade; a emergência do biopoder enquanto estratégia e tecnologia de gerência das populações e a noção de governamentalidade, criaram as bases para que alguns teóricos passassem a pensar o risco como actual modelo de uma ordem “pós-disciplinar”. Esta ordem pressupõe a constituição de poderes e saberes que partem numa direcção contrária ao intervencionismo de bem-estar e atendem às demandas de uma racionalidade neoliberal, visando a construir um “sistema perfeito de prevenção” capaz de dispensar tanto a repressão quanto a assistência (op. cit., pp. 293-6). Isto leva a um tipo de governo que se faz à distância, onde cada indivíduo se torna um parceiro activo do Estado, pelo exercício de sua liberdade e responsabilidade de conquista de seu próprio bem-estar (Rose, 2001, p. 6).

### **Estratégias contemporâneas de controlo dos riscos**

Segundo Dean (apud Lupton, 1999, p. 95), nas sociedades neoliberais há três tipos de racionalidades sobre o risco: a do seguro; a epidemiológica e a clínica. As diferenças entre elas se baseiam no cálculo dos diferentes tipos de riscos aos quais elas se direccionam.

Em relação ao seguro, há três características que devem ser atribuídas ao risco: a primeira liga o risco a um evento calculável e governável segundo certas leis; a segunda envolve o risco colectivo, que afecta principalmente a população e por último, o risco como capital, contra o qual se estabelece um preço, na medida em que se calcule seu potencial de concretização como acontecimento ao qual o risco está associado. Assim, as seguradoras “produzem o risco” ao lhe associarem certos fenómenos (morte, falência, acidentes, doenças, intempéries etc.), contra os quais se oferecem uma série de garantias. Tais fenómenos eram vistos como fatalidades, hoje eles tornaram-se objectos do risco, para os quais se estabelece um valor a partir de cálculos estatísticos realizados (Ewald apud Lupton, op. cit., pp. 95-6).

O seguro possui algumas dimensões técnicas distintas. Em primeiro lugar ele é uma técnica económica e financeira, já que pressupõe o cálculo e a men-



suração monetária da possibilidade de ocorrência do risco. O seguro também é uma técnica moral, pois calcular um risco é dominar o tempo, disciplinar o futuro. Nesse sentido, transforma-se nossa relação com a “natureza, o mundo e Deus”, na medida em que se substitui uma resignação em relação ao destino ou a uma suposta providência pela responsabilidade pessoal em relação aos acontecimentos e pelos meios de reparação de seus possíveis efeitos. Por fim, o seguro pode ser visto como uma técnica de reparação e indemnização por danos, ou seja, um modo de administração da justiça que compete com o direito legal. Dessa maneira, o dano que alguém sofre ou pode vir a sofrer é suportado por todos e a responsabilidade individual é tornada colectiva e social (Ewald, 1991, p. 206-7).

O risco epidemiológico promove o cálculo do risco a partir da estimativa de um conjunto de factores abstractos com a incidência do efeito da saúde numa determinada população. Tem uma abordagem semelhante à do seguro, com uma diferença de alvo: o objectivo recai mais sobre a morbilidade e a doença do que sobre a perda de capital. As técnicas epidemiológicas visam relacionar morbilidade e doença com suas variáveis causais de modo a predizer estimativas de saúde no nível populacional, para melhor conduzir tais estimativas e reduzir o risco à saúde (Dean apud Lupton, 1999, pp. 96-7).

No passado, as estratégias epidemiológicas não eram direccionadas para o comportamento dos indivíduos, mas procuravam mudar as condições ambientais. A partir da segunda metade do século XX, apesar de ainda haver uma certa preocupação com o ambiente, a ênfase recai sobre as escolhas individuais de estilo de vida e de sua relação com o estado de saúde. As mudanças, portanto, são orientadas no nível individual, no sentido da auto-regulação, tomando como estratégia principal as campanhas através dos media, que informam os indivíduos acerca dos possíveis riscos aos quais estão sujeitos. Esta racionalidade epidemiológica configura um tipo de “governo à distância”, que pressupõe adesão voluntária às tecnologias de auto-vigilância e senso de auto-responsabilidade, no lugar da intervenção directa do Estado (op. cit., p. 97).

O terceiro tipo de racionalidade sobre o risco vincula-se à prática clínica junto a indivíduos considerados ameaçadores ou problemáticos para a ordem social (louco, desempregado, criminoso, disfuncional, pobre, desempregado há muito tempo). Nesta categoria, o cálculo do risco envolve a estimativa qualitativa de risco para indivíduos ou grupos tidos como “de risco” (Dean apud Lupton, op. cit.). Uma vez que o risco seja estimado, especialistas são

accionados para colocarem em acção técnicas para a gerência deste risco, as quais incluem: medidas terapêuticas, pedagógicas e outras, mais coercitivas como a detenção e o aprisionamento, removendo os indivíduos “de risco” da sociedade (op. cit., p. 98).

Segundo Dean, a perspectiva clínica sobre o risco proliferou nas sociedades neoliberais, deslocando-se da esfera da assistência social e da medicina clínica para uma posição onde essas questões são tratadas como decorrentes do desemprego e de uma *welfare dependency* ou dependência assistencial. Os discursos e estratégias relacionados com esta racionalidade, inclusive, têm sido importantes para a tomada de decisão dos governos acerca da oferta de serviços, o que inclui o racionamento de serviços e de decisões sobre a necessidade (op. cit.).

Nas três formas de racionalidades sobre o risco, espera-se que os indivíduos e os grupos passem a evitar ou, ao menos, minimizar os efeitos dos riscos em suas vidas. Esta abordagem foi apontada por alguns teóricos como sendo um “novo prudencialismo”, uma espécie de novo conservadorismo que pressupõe o progressivo afastamento das agências estatais em relação à responsabilidade pela protecção contra o risco, a qual é transferida para indivíduos ou comunidades. Logo, neste contexto, o papel principal do governo é dar recomendações e assistência para a gerência pessoal dos riscos, estimulando o cidadão livre e activo que voluntariamente se engaja em evitá-los (op. cit., p. 99-100).

Ao relacionar as ideias de Foucault às actuais estratégias de controlo, vemos de que modo a economia articula-se à noção de governamentalidade como modelo de administração dos riscos. Desta forma, parece que fica mais evidente como, primeiramente, de uma economia centrada na gestão da família, passamos a outra de gestão das populações e hoje, teríamos chegado a uma *economia da gestão dos riscos*. Para o melhor funcionamento deste modelo e sua consequente eficácia, as estratégias de governo tomam o *indivíduo* como objecto. Tais estratégias estão centradas em *dispositivos de informação*, a partir dos media e das novas tecnologias de informação e comunicação. Estas últimas promovem o acesso, acúmulo e operacionalização do conhecimento necessário à identificação, mensuração, distribuição e valoração dos riscos, além de sua publicidade e divulgação repetitivas, para que este conhecimento seja oferecido como informação e oriente os indivíduos em suas escolhas, servindo de apoio às tomadas de decisões pessoais e engajamento voluntário de

esquiva em relação aos riscos. Assim, a economia torna-se o fim do governo, enquanto o risco sua base de apoio a qual sustenta e é sustentada sobre uma racionalidade política neoliberal.

## Dispositivos de informação

Segundo Foucault (1998b: 291), na modernidade, a governamentalidade apresenta as populações como objecto e finalidade da gestão de governo, a economia seu principal saber e os dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais. A partir desta concepção, destaca-se o que pode ser pensado como o actual modelo de governamentalidade nas sociedades industrializadas ou “desenvolvidas”, e de parte das que lhes seguem os modelos, consideradas “em desenvolvimento”. É assim que, hoje, os *dispositivos de informação* representariam estratégias governamentais privilegiadas, na medida em que observamos uma governamentalidade que dá ênfase a uma *economia de gestão dos riscos*.

O termo *dispositivo de informação* que aqui propomos (Carvalho, 2007) tem sua origem no conceito de *aparato* de Foucault, que, a princípio, utilizou-o no sentido de ferramenta ou dispositivo. Depois ele passa a defini-lo como um conjunto heterogêneo de elementos que formam uma rede comum, composto por discursos, instituições, modelos arquitectónicos, decisões políticas, leis, medidas administrativas, argumentos científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, enfim, o dito e o não-dito. O aparato propriamente dito seria a rede que se estabelece entre esses elementos. Sua função é definir e regular os alvos constituídos através de uma economia mista de poder e saber (apud Rabinow & Rose, 2003, p. 10-1). No que concerne aos dispositivos de informação, trata-se de todos os elementos tecnológicos, institucionais, administrativos etc., que têm como objectivo primeiro colectar, registar, acumular, produzir e reproduzir dados, informações e saberes, e viabilizar sua distribuição e acesso por todos, visando à administração económica da vida.

No contexto da presente discussão acerca do risco como racionalidade política, a importância dos dispositivos de informação, principalmente das práticas jornalísticas, é fundamental. Na proposta de um modelo de governo para além do Estado, característica neoliberal, a presença de um estado mínimo pressupõe que os indivíduos tenham capacidade de se auto-governarem e que,



a partir da liberdade e do engajamento pessoal, assumam o resultado de suas próprias escolhas. Para isso, é necessário que tais indivíduos sejam educados, conhecedores, racionais e bem informados. Portanto, passa a ser justamente no âmbito da informação que o *governo* realiza-se com mais ênfase, já que o Estado, visto como viabilizador, tem por função imediata tornar as informações acessíveis aos seus cidadãos. É claro que, neste contexto, o Estado não restringe-se às instâncias formais de poder estatal, como o próprio Foucault já havia anunciado, e a informação necessária à realização de escolhas individuais circula independentemente das políticas aprovadas e implementadas por essas mesmas instâncias.

No âmbito da saúde pública, vê-se que as políticas se apoiam prioritariamente em campanhas que, através dos media, informam os indivíduos acerca dos possíveis riscos aos quais eles estão sujeitos, com a finalidade de orientar suas escolhas e, assim, realizar um governo à distância. Os dispositivos de informação tornam o risco conhecido e apresentam as técnicas que propiciam seu controlo. Neste contexto, diante de um indivíduo em relação ao qual se supõe que saiba a respeito do risco para si mesmo e para os outros, que sabe como evitá-lo e que, ainda assim se arrisca, de que modo ele passa a ser percebido? Isso dá margem a atitudes como a do médico que não trata dos fumantes<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, por exemplo, sugere que um fumante ao comprar um cigarro e ver a imagem de um paciente terminal na embalagem no Brasil ou ler em Portugal o aviso “fumar mata”, teoricamente perde o direito de acionar a empresa de cigarros que produz a sua marca favorita, caso sinta-se prejudicado pelo produto. Desse modo, mais que inscreverem-se como uma rede propiciadora dos sistemas de autoprotecção, os *dispositivos de informação protegem o próprio Estado e as empresas* dos gastos indesejáveis e da responsabilidade, uma vez que é nas escolhas dos indivíduos que passam a inscrever-se seus direitos e deveres.

<sup>2</sup>Num artigo intitulado “Whi I don’t treat cigarette smokers”, de 1993, da revista Tobacco Control, o autor, um médico americano, afirma que as pessoas têm o direito de fumar cigarros, assim como de cuidarem de sua saúde. Contudo, esses dois direitos seriam incompatíveis, pois não se pode querer ambos. Logo, segundo dizia, os médicos não podiam fechar os olhos para os comportamentos dos pacientes que podiam prejudicar a colectividade, já que eles [médicos] têm compromissos tanto com a colectividade, quanto com os seus pacientes. para o autor, embora os médicos tivessem sido treinados para ser os “advogados” de seus pacientes, advogar em favor dos fumantes seria advogar a favor da irresponsabilidade e do prejuízo de terceiros (Lupon, 1995: 72-3)

Paralelamente a essa perspectiva, os dispositivos de informação também atendem às necessidades do próprio mercado de outra forma. Eles são utilizados como estratégias de seguradoras, por exemplo, no sentido de exacerbar a dimensão do risco e oferecer produtos que assegurem futuros menos preocupantes àqueles que contratarem seus serviços. Assim, o indivíduo paga para garantir que sua saúde, sua morte, sua aposentadoria e sua segurança não ameacem, a curto ou a longo prazo, o estilo de vida que ele escolheu. Logo, parte-se do princípio de que a pessoa é uma vítima em potencial e que deve assumir de antemão a responsabilidade por qualquer evento não desejável que lhe aconteça. Segundo Pat O'Malley (1996), este seria o “novo prudencialismo” que, assim como a “nova saúde pública”, também se destaca pela noção de responsabilidade moral dos indivíduos por seu próprio futuro. Como disse Margaret Thatcher, ainda como primeira ministra da Inglaterra, “a maior parte dos crimes se devem à falta de cuidado das vítimas”, a indicar que deveríamos tomar mais cuidado e não facilitar as coisas para os criminosos (op. cit.: 200-1).

Tal como no campo da saúde, o Estado e as instituições privadas assumem o papel de provedores de conhecimento e de ferramentas para lidar com os riscos à segurança. Assim, divulgam-se informações sobre os índices de crimes; como reconhecer pessoas suspeitas; como fazer com que a casa e seus conteúdos fiquem em segurança; como reconhecer e evitar situações de risco de crimes etc. Este tipo de “educação” visa a dar autonomia e “abrir os olhos do público para a irracionalidade da falta de responsabilidade” (op. cit.):

A apatia do público em geral acerca de sua autoproteção se dá na maioria das vezes em função da ignorância [sic] dos meios pelos quais pode se proteger e a percepção de que um outro, governo ou companhias de seguro, garantem a maior parte dos custos dos roubos e do vandalismo. [tradução nossa] (Geason & Wilson apud O'Malley, op. cit.)

Os veículos de informação e a publicidade adquirem um papel muito importante neste cenário, na medida em que a exposição dos dados e das “dicas” de como lidar com as possibilidades de futuro, podem levar os indivíduos à ansiedade, diante do que as seguradoras acabam por ganhar a sua parte também. Afinal, “a cultura do risco é caracterizada pela incerteza, pluralidade e ansiedade, e assim continuamente se abre para a construção de novos problemas e do *marketing* das novas soluções” (Rose, 1999: 160).

## Dispositivos de informação, governo e saúde

No âmbito da saúde, notadamente na saúde pública, os dispositivos de informação são de grande importância no sentido de consolidar o actual modelo de *promoção da saúde*, bastante seguido em diversos países. Este modelo destaca acções preventivas de auto-cuidado em detrimento de intervenções médicas. De modo genérico, refere-se às actividades direccionadas para fins específicos, que têm como foco principal a “administração racional da saúde das populações”, daí a ênfase no planeamento e na coordenação, na estimativa das necessidades, na consulta a indivíduos e grupos, de modo a guiar e avaliar programas. Essa administração racional da saúde das populações envolve a promoção da “saúde positiva”, pois, mais que o tratamento de doenças, seu principal objectivo seria a prevenção com o apoio dos meios de comunicação de massa e do trabalho junto às comunidades, no sentido de promover atitudes e ambientes mais saudáveis (Lupton, 1995: 50-1).

Neste sentido, as políticas adoptadas podem ser desde as mais *conservadoras* até as *mais radicais*. No primeiro caso, a promoção da saúde é apresentada como maneiras de direccionar indivíduos a assumirem sua responsabilidade pelo próprio estado de saúde, de modo a reduzir gastos públicos com serviços de cuidado com a saúde. Já as versões mais radicais vêem a promoção da saúde como uma mudança fundamental na relação entre Estado e cidadãos, na medida em que evitam-se as formas médicas institucionalizadas de cuidado e voltam-se recursos para políticas e acções multisectoriais. Neste caso, a promoção da saúde é vista como uma forma de realizar mudanças sociais amplas, segundo a retórica do “desenvolvimento comunitário”, e encoraja o empoderamento (*empowerment*) dos cidadãos para que, assim, tenham condições de competir com o Estado (op. cit.).

A promoção da saúde envolve práticas e acções que não se restringem aos lugares especializados e voltados para a saúde-doença, estende-se à maior parte dos espaços sociais e urbanos existentes, tais como escolas, empresas, centros comerciais, etc. Da mesma forma, também não se restringe àqueles que estão doentes, mas para todos os indivíduos em todos os níveis da população. A partir dessa concepção, percebe-se também que muitas *questões sociais acabaram por tornar-se questões de saúde* e, enquanto tais, passaram a ser incluídas nas estratégias de promoção da saúde. Deste modo, vê-se que ocorre a mudança de uma visão de doença/saúde causada por um agente

infeccioso, para outra visão de doença/saúde como produto social e sintoma patológico da civilização – resultado de stress, escolhas de estilos de vida pobres etc. –, sinal de que a vida contemporânea seria inerentemente prejudicial à saúde.

Para Aronowitz (1998: 124-5), contudo, mais que uma mudança de visão, o que ocorre é uma mudança de ênfase, que reflecte uma tendência geral reducionista, comum na história da medicina moderna, a partir da qual a medicina se debruça sobre tais ou tais doenças de acordo com o aparente sucesso gerado por concepções sobre doença e saúde vigentes e as estratégias que estas concepções fundamentam. Isto teria acontecido com a abordagem infecto-contagiosa até a primeira metade do século XX, que teria dado lugar à concepção de factores individuais, que envolveriam desde as causas emocionais, de estilo de vida etc., até a ideia de factores de risco, mais aceita por ser vista hoje como mais científica.

No entanto, não se pode deixar de notar que as mudanças ocorridas no campo da saúde pública dialogam com os acontecimentos político-económicos e com os valores e racionalidades ligadas ao contexto em que ocorrem, gerando respectivas políticas de saúde. Foi nesse âmbito que surgiu o conceito de *transição epidemiológica*, que refere-se a um aumento de doenças crónico-degenerativas em paralelo com a diminuição das doenças infecciosas nas populações. Com a transição epidemiológica, ressalta-se que as condições de vida nas sociedades industrializadas teriam sido determinantes para o aumento da morbilidade e da mortalidade das doenças crónicas nestas mesmas sociedades. Isto levou a uma série de estudos em saúde pública sobre os factores de risco de tais doenças, que davam cada vez mais ênfase ao facto de que, apesar de todos os esforços e conquistas clínicas e farmacêuticas realizadas no século XX, a expectativa de vida não teria aumentado proporcionalmente em relação a essas mesmas conquistas. Já em 1958, um artigo na revista *Fortune* afirmava que em 1950 vivia-se “apenas” (sic) quatro anos a mais que em 1900, constatação que impulsionava cada vez mais os estudos sobre os factores de risco ligados às doenças crónicas do coração – maiores causadoras de morte nesta época –, em especial os factores ambientais, associados em grande parte ao estilo de vida dos doentes (cit.: 122-4).

Apesar de apresentada como uma nova abordagem em saúde pública, a promoção da saúde tem em seu escopo algumas estratégias novas e outras antigas, que foram reeditadas a partir das antigas epidemiologias. Assim,

incluem-se a protecção à saúde (estratégias de quarentena e isolamento); a medicina preventiva (procedimentos médicos que tratam da doença no início); a educação para a saúde (a partir da interacção entre estilo de vida e saúde); as políticas públicas de saúde e o empoderamento comunitário. Contudo, é preciso destacar que hoje a educação para a saúde passou a ficar mais centrada na disponibilização de informações aos indivíduos, não apenas visando a mudança de estilo de vida ou a manutenção da saúde, mas também para facilitar a tomada de decisão “voluntária” e educar as pessoas acerca do uso mais adequado dos serviços de saúde. Na hierarquia das acções e estratégias de promoção da saúde, o auto-cuidado e a responsabilidade estariam no topo da lista de prioridades, enquanto no final, estariam os serviços de cuidado à saúde, por serem as estratégias mais caras e, portanto, menos desejáveis. Isto coloca em evidência um *modus operandi*, que tem como principal objectivo evitar os riscos e os possíveis danos financeiros a eles associados, visando diminuir gastos com doenças e garantir que os cidadãos mantenham-se produtivos por mais tempo, mesmo que, para isso, seja necessário encarcerar os indivíduos “de risco”, vistos como ameaças à saúde colectiva por terem estilos de vida considerados ameaçadores (Lupton, op. cit.: 52-4).

Assim, compreende-se porque uma das estratégias mais importantes na promoção da saúde é o uso de dispositivos de informação. Desta forma, visa-se transmitir mensagens com o objectivo de mudar o comportamento dos indivíduos acerca da saúde, cujo foco seriam as atitudes e as crenças nas quais estes comportamentos estariam baseados. Para os pesquisadores da área de promoção da saúde isto tem como base a crença de que os media teriam a capacidade de moldar as percepções dos indivíduos acerca da saúde, assim como seus comportamentos (Morton & Duck, 2001).

A partir dessa perspectiva fica mais fácil perceber como a *saúde adquiriu hoje uma posição central*: em função da elasticidade de seu conceito<sup>3</sup>; pela construção de subjectividades que lhe são associadas; por sua capacidade de abarcar diversos aspectos da vida em sociedade e por tais aspectos serem determinantes para a manutenção de uma racionalidade política neoliberal.

<sup>3</sup>Vejam, por exemplo, a definição da OMS para a saúde que diz ser “um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não consistido somente da ausência de uma doença ou enfermidade” (<http://www.who.int>)

Saúde tornou-se um modo de definir fronteiras entre o Eu e o Outro, construindo categorias sociais e morais e oposições binárias em torno de gênero, classe social, sexualidade, raça e etnia. (Lupon, cit.: 69)

Tais categorias passam a distinguir os sujeitos por níveis ou escalas de engajamento e autoempreendedorismo; de consciência de si e capacidade de fazer escolhas racionais; de cuidado e responsabilidade pessoal e de cálculo sobre o futuro, a partir do quê os indivíduos são classificados desde o grau zero até o grau máximo dessas escalas, dentre os quais os primeiros passam a ser vistos como os “de risco”.

## Referências

- ARONOWITZ, Robert. A. *Making sense of illness: science, society and disease*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CARVALHO, Mónica. *Obesidade e pobreza na imprensa: epidemiologia de uma questão social*, Tese de doutorado em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Comunicação, 2007.
- CASTEL, Robert. From dangerousness to risk in: Burchell, G.; Gordon, C. e Miller, P. (orgs), *The Foucault effect: studies in governmentality: with two lectures by an interview with Michel Foucault*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, pp. 281-98.
- EWALD, François. Insurance and risk in: Burchell, G.; Gordon, C. e Miller, P. (orgs), *The Foucault effect: studies in governmentality: with two lectures by an interview with Michel Foucault*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, p. 197-210.
- FOUCAULT, Michel. The subject and power in: Dreyfus, H. & Rabinow, P. *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997, 12ª ed.

- FOUCAULT, Michel. 1978-1979: Nascimento da biopolítica *in*: Foucault, M. *Resumo dos cursos do Collège de France* (1979-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997b, p. 87-97.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder *in*: Foucault, M. *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1998t, 13a ed, p. 1-14.
- FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei *in*: Foucault, M. *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1998b, 13a ed, p. 229-42.
- FOUCAULT, Michel. A governamentalidade: curso do Collège de France, 1 de fevereiro de 1978 *in*: Foucault, M. *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1998c, 13a ed, p. 277-95.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France* (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France* (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LUPTON, Deborah. *The Imperative of Health: Public Health and the Regulated Body*. London: Sage, 1995.
- LUPTON, Deborah. *Risk*. London: Routledge, 1999.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder *in*: Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998, 13a ed., p. VII-XXIII.
- MORTON, Thomas A. & DUCK, Julie M. “Communication and health beliefs: mass and interpersonal influences on perceptions of risk to self and others” *in*: *Communication Research*. Vol. 28(5), London: Sage, 2001, p. 602-26.
- O’MALLEY, Pat. Risk and responsibility *in*: Barry, Osborne & Rose, *Foucault and political reason, neo-liberalism and rationalities of government*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

- RABINOW, Paul & ROSE, Nikolas. Foucault today in: *The essential Foucault: selections from the essential works of Foucault, 1954-1984*. New York: New Press, 2003.
- ROSE, Nikolas. *Powers of freedom: reframing political thought* Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- ROSE, Nikolas. The politics of life itself. in: *Theory, Culture & Society*. Vol. 18(6), London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE, 2001. p. 1730
- VAZ, Paulo. *O Inconsciente artificial*. São Paulo: Unimarco, 1997.
- VAZ, Paulo. *Corpo e Risco*. Forum Media, Viseu, v. 1, n. 1, 1999. p. 101-111.



## Verdade e rigor no Jornalismo: A intersubjetividade como referência na construção da notícia

Heitor Costa Lima da Rocha  
*Universidade Católica de Pernambuco*  
E-mails: heitor@nlink.com.br

O surgimento do conceito de objetividade deu-se no bojo da supremacia do pensamento positivista, no último quarto do século XIX, nos Estados Unidos, arvorando-se de ter por objeto o que realmente é “enquanto cientificamente válido”, ou seja, reduzindo a ciência ao empiricamente verificável: “Para que as ciências sociais pudessem resolver a crise’ do mundo moderno’, teriam de oferecer soluções baseadas em resultados tão incontestáveis quanto os das ciências exatas”(BARROS FILHO, 2003, p. 22).

Desta maneira, sobretudo encantada com os feitos da revolução industrial na dominação da natureza, do mundo objetivo, esta nova metodologia científica disseminou a idéia de que a subjetividade humana e tudo que lhe dissesse respeito estariam condenados a ser considerados irracionais ou negativos.

Surge, assim, com o positivismo, a distinção entre o fato e o juízo de valor, entre o real e a valoração humana do real e entre o acontecimento a ser estudado e a opinião. Essa distinção representou um divisor de águas em outras ciências humanas como o direito, a sociologia, a história, a ética e, conseqüentemente, o jornalismo. Deriva daí a distinção que hoje fazemos entre jornalismo opinativo e informativo (BARROS FILHO, 2003, p. 22).

Baseadas na crença de uma inconfundível fronteira entre a opinião e a notícia, foram desenvolvidas, a partir de então, técnicas prescrevendo um estilo redacional impessoal, caracterizado pela ausência de qualificativos e pela ocultação do jornalista através da atribuição da informação às fontes e da crença de que a apresentação das partes ou dos “dois lados da moeda” e o uso das aspas assegurariam a imparcialidade jornalística. Engessado na rígida liturgia do positivismo reinante, o jornalismo passou a reivindicar uma posição blindada a questionamentos, especialmente os de natureza éticos, respaldando-se na idealizadamente desinteressada representação simbólica construída da realidade, geralmente, com o intuito de fazer passar po-

derosos interesses particulares como expressão da opinião pública e do bem comum.

Portanto, com observa Clóvis Barros Filho (2003, p. 25), “o uso de técnicas precisas de descrição do real, ao retirar do jornalista parte do seu poder de manobra como codificador, retira-lhe também parte de sua responsabilidade. Não é o repórter quem fala e escreve, e sim a realidade por ele espelhada”. À pergunta sobre por que as notícias são como são, a teoria do espelho responde que “as notícias são como são porque a realidade assim as determina”, conforme observação de Nelson Traquina (2001, p. 64).

A teoria do espelho entroniza-se com o advento da mídia eletrônica, erigindo a objetividade como um procedimento essencial, sem o qual o jornalismo estaria condenado irremediavelmente à perda da credibilidade. Assim, a crença na acessibilidade da verdade absoluta, através do mito da objetividade que seria capaz de captar a informação pura, bem como a presunção de possibilidade da codificação da notícia factual perfeita, conjugaram-se para satisfazer uma expectativa social reificada de consumir os produtos jornalísticos como se fossem a própria realidade e não uma representação simbólica. E quando esta correspondência da representação simbólica jornalística com a realidade é questionada por interesses contraditórios, ou seja, quando “atacados devido a uma controversa apresentação dos ‘fatos’, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos”, como muito bem observa Gaye Tuchman (1999, p. 75).

Neste contexto, questionar a ilusão (ou mito) idealista do positivismo de que, procedendo com objetividade plena, o jornalista seria capaz de perceber e relatar/espelhar perfeitamente a verdade absoluta da realidade, evidenciando uma epistemologia e uma teoria da linguagem extremamente inconsistentes – Reportando-se a Dewey e Habermas, Rorty (1998, p. 23) observa que “não há nada na noção de objetividade salvo o que está no acordo intersubjetivo” –, seria incorrer num ceticismo radical, no qual a verdade e a razão deixam de ser pressupostos como algo que possa alcançar uma dimensão universal, passando a figurar apenas e sempre como conceitos atrelados às manipulações do poder. Neste caso (que pode ser denominado de mito radical), deixa-se de ter chances de construção de sentido de forma consensual através de debate livre baseado na lógica do melhor argumento, pois todas as iniciativas tornam-



se dependentes dos recursos dos meios de controle sistêmicos (dinheiro das grandes corporações do mercado e o poder do aparelho do Estado).

Diante da dimensão maior do jornalismo, que consiste na mediação entre o mundo e as representações sociais que os indivíduos mantêm dele e que orientam suas ações nele, não se tem como descartar a importância para a deontologia jornalística da discussão epistemológica sobre a noção que as pessoas têm da verdade e da razão, sobretudo no que diz respeito às implicações destas questões na construção simbólica da realidade.

Neste contexto, para a adequada e conveniente consecução do objetivo pretendido neste trabalho, de buscar referências epistemológicas para fundamentar uma prática deontológica mais consistente para o jornalismo, ou seja, que propicie um maior rigor na construção da notícia, parece auspiciosa uma tradução da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, especialmente quanto à ética do discurso e ao conceito de verdade consensual, bem como da Teoria da Comunicação de Schutz, conforme a reflexão de João Carlos Correia (2005), ambas embasadas no novo paradigma construtivista, reconhecido a partir da chamada “Guinada Linguística”.

## O paradigma construtivista

Durante a década de 60, o acirramento do debate promovido pela teoria crítica frankfurtiana contra os pressupostos positivistas da ciência social tradicional e o “prodigioso” impacto das idéias estruturalistas e pós-estruturalistas estimularam a busca de um novo paradigma científico através de uma perspectiva epistemológica denominada por uns de construtivismo e por outros de construcionismo. Embora não haja uma definição única concorde desses termos, pode-se identificar algumas características-chave compartilhadas nessa perspectiva epistemológica: a) a postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceito sem discussão, e um ceticismo com respeito à idéia de que as observações sobre o mundo revelam, sem problemas, sua natureza autêntica; b) o reconhecimento de que as maneiras como normalmente se compreende o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas; c) a convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que as maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais; d) o compromisso de explorar as ma-



neiras como os conhecimentos – a construção social de pessoas, fenômenos ou problemas – estão ligados a ações/práticas (GILL, 2002, p. 245).

Esta mudança de paradigma científico, conhecida como “Guinada Linguística”, representou a substituição da consciência pela linguagem, como critério de racionalidade por excelência. A razão, restrita ao âmbito da subjetividade individual pela filosofia da consciência, passa a poder ser concebida em um espaço que extrapola os limites do indivíduo isolado e que se convencionou chamar de intersubjetividade, onde se tornou um produto humano coletivo destrancendentalizado, ou seja, não mais resultado da ação de um sujeito transcendental. Assim, a questão da transcendência (capacidade do ser humano de construir conhecimento) transborda os limites da mente para envolver a base de um saber compartilhado intersubjetivamente, que implica o reconhecimento de que o mundo só se dá a conhecer, como coisa relatada, através da linguagem. Desta maneira, a idéia de um acesso direto ao conhecimento do mundo não procede, pois, como salienta Habermas (2004, p. 45), “a realidade com a qual confrontamos nossas proposições não é uma realidade ‘nua’, mas já, ela própria, impregnada pela linguagem.”

A linguagem, portanto, passou a ser reconhecida como o locus onde a razão se expressa e o que distingue a humanidade da natureza. Isso significa não só que a racionalidade se manifesta através do uso da linguagem, mas, sobretudo, que “só podemos conhecer a razão através desse seu meio privilegiado de expressão (a natureza da linguagem se deixa analisar e nos revela aspectos da racionalidade)” (ARAGÃO, 2002, p. 90).

A partir dessa crítica que a filosofia da linguagem dirigiu contra a filosofia da consciência, modificou-se a fonte de legitimação que a filosofia clássica havia estabelecido para os fenômenos de consciência, a autoconsciência do sujeito. Com isso, passou-se a exigir que o acesso direto aos fenômenos de consciência, às representações, fosse substituído por um exame indireto, através da análise das expressões linguísticas utilizadas para transmitir pensamentos. Assim, foi possível verificar que a forma das sentenças é determinada por “razões sintáticas” e que nelas existe uma lógica inerente, o que possibilita a reconstrução racional das regras gramaticais empregadas, tendo em vista a existência de uma estrutura racional da linguagem que usamos inconscientemente (ARAGÃO, 2002, p. 92).



## A interpretação do sentido

Diante do desafio colocado pela guinada linguística de elaboração de um novo paradigma científico baseado na comunicação, Habermas empenhou-se no empreendimento teórico de buscar uma fundamentação para as Ciências Sociais a partir da teoria da linguagem. Isto, para ele, implica numa primeira decisão de estratégia conceitual quanto à adoção ou rejeição do “sentido” como conceito sociológico básico.

Por “sentido” entendo paradigmaticamente o significado de uma palavra ou uma oração. Parto, pois, de que não existe algo assim como intenções puras ou prévias do falante; o sentido tem ou encontra sempre uma expressão simbólica; as intenções, para cobrar clareza, têm que poder adotar sempre uma forma simbólica e poder ser expressadas ou manifestadas (HABERMAS, 2001, p. 19-20).

No desenvolvimento de sua argumentação para demonstrar que o sentido, como conceito sociológico básico, não diz respeito apenas a este ou aquele elemento, mas cobra o *status* de ajudar na caracterização da própria estrutura da teoria social, o sociólogo alemão assegura que a sua utilização é imprescindível para uma adequada distinção entre comportamento e ação. No primeiro caso, salienta o fato de que o comportamento é um movimento observável que pode ser classificado como intencional ou não. Enquanto a denominação ação só pode ser atribuída a um comportamento intencional, ou seja, dirigido por normas ou orientado por regras, que não são algo que aconteça, senão que regem em virtude de um significado intersubjetivamente reconhecido. Assim, salienta o fato das normas possuírem um “conteúdo semântico, justamente um sentido que, sempre que um sujeito capaz de entendê-lo as segue, torna-se razão ou motivo de um comportamento; e é, então, quando falamos de uma ação” (HABERMAS, 2001, p. 21).

Acrescenta Habermas que a base experimental de uma teoria da ação tem que ser distinta da fundamentação de uma teoria baseada estritamente em termos de ciência do comportamento. Dessa maneira, é colocado o problema da medição dos significados das expressões simbólicas.

Segundo Habermas, as medições servem para transformar experiências em dados e é, então, quando satisfazem o requisito da fiabilidade intersubjetiva e podem servir de base à comprovação da pretensão de validade empírica



de enunciados teóricos. A hermenêutica, arte da interpretação, é usada em lugar de um procedimento de medida, mas não é efetivamente um instrumento de medição. Por isso, considera necessária uma teoria da comunicação que, sobre a linguagem ordinária, não se limite, como faz a hermenêutica, a dirigir e disciplinar a capacidade natural que supõe a competência linguística, senão que também a explique, porque só assim poderia contribuir para dirigir e orientar também as operações básicas precisas para a medição do sentido.

Com a justificação da definição do sentido como conceito sociológico básico, Habermas passa a distinguir os pressupostos subjetivistas e objetivistas da teoria social. Por subjetivista entende um programa teórico que concebe a sociedade como rede estruturada em termos de sentido, ou seja, uma rede de manifestações e estruturas simbólicas que é constantemente gerada conforme regras abstratas subjacentes. E por objetivista denomina um programa teórico que concebe o processo vital que é a sociedade, não de dentro como processo de construção, de geração de estruturas dotadas de sentido, mas desde fora como um processo natural que pode ser observado em suas regularidades empíricas e explicar-se com a ajuda de hipóteses nomológicas.

À pergunta sobre o que se pode considerar verdadeiro ou falso, responde Habermas que a verdade é uma pretensão de validade, vinculada aos enunciados afirmados como atos de fala constatativos, o que pode ser realizado com razão ou sem razão, mas sempre envolvendo a pretensão de ser algo verdadeiro. Portanto, não é o caso de se verificar se as afirmações são verdadeiras ou falsas, mas se a pretensão de validade que encerram é capaz de ser reconhecida ou deve ser rejeitada, implicando a conclusão de as afirmações serem consideradas justificadas ou não. Uma pretensão pode se fazer valer, ser discutida, rejeitada ou acatada. E muitas podem ser as razões ou causas efetivamente encontradas numa circunstância para que uma pretensão de validade seja reconhecida.

Aquilo que justificadamente podemos afirmar o chamamos de um fato. Um fato é aquilo que faz verdadeiro a um enunciado; daí que digamos que os enunciados refletem, descrevem, expressam, etc., fatos. Ao contrário, as coisas e eventos, as pessoas e suas manifestações, quer dizer, os objetos da experiência são aquilo acerca do que fazemos afirmações ou do que enunciamos algo: aquilo que afirmamos dos objetos é um fato quando tal afirmação está justificada. Os fatos têm, pois, um status distinto dos objetos (...) Com os objetos faço experiências, com os fatos os afirmo; não posso



experimentalizar fatos nem afirmar objetos (ou experiências com os objetos) (HABERMAS, 2001, p. 117).

Desta maneira, contrariando uma crença, muitas vezes inquestionada nos meios jornalísticos, Antônio de Barros e Rogério Junqueira (2005, p. 33) também reconhecem que os fatos não existem por si mesmos, em um estado bruto, pois só se evidenciam “a partir de nossa observação. E toda observação é orientada por um conjunto de representações e de esquemas, por intermédio dos quais os seres humanos percebem, interpretam, classificam, dividem, compreendem os fenômenos que têm diante de si”.

### A teoria consensual da verdade

Portanto, a idéia de verdade só pode desenvolver-se através da referência ao desempenho discursivo de pretensões de validade. Neste contexto da teoria consensual da verdade, a confiabilidade de uma informação não deve ser medida pela probabilidade com que se satisfazem as expectativas de comportamento decorrentes dessa informação nos âmbitos de ação, mas unicamente pela competência discursiva desempenhada, pois só podemos chamar de verdadeiros os enunciados que conseguimos fundamentar.

O sentido da verdade possível na pragmática das afirmações só pode evidenciar-se com clareza se conseguimos entender claramente o significado do desempenho ou da resolução discursivos de pretensões de validade fundadas na experiência, pois, em última instância, o consentimento potencial de todos os demais é a condição para a verdade dos enunciados: “A verdade de uma proposição significa a promessa de alcançar um consenso racional sobre o dito” (HABERMAS, 2001, p. 121).

Diante da multiplicidade de aplicações do termo verdade, frequentemente usado como sinônimo de racionalidade, Habermas utiliza esta ampliação do significado para observar que também se podem considerar racionais, além das afirmações, outras classes de atos de fala, como as normas, as ações e as pessoas, propondo quatro tipos de pretensões de validade cooriginárias: (a) inteligibilidade, (b) verdade, (c) retitude ou correção e (d) veracidade ou autenticidade. Assim, esses quatro tipos de pretensões de validade formariam a rede do que se pode chamar de racionalidade.



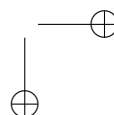
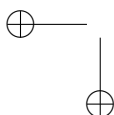


A *inteligibilidade* é uma pretensão de validade que afeta a qualquer comunicação, haja vista ser a condição básica da compreensibilidade necessária ao entendimento recíproco. Referente às afirmações ou aos enunciados, a *verdade* está inserida nos atos de fala constatativos/cognitivos do mundo objetivo e é uma pretensão de validade característica do discurso teórico, enquanto a *retitude* constitui uma pretensão de validade que diz respeito à legitimidade das normas do mundo social (compõe os atos de fala regulativos) e, por isso, faz parte do discurso prático. A *veracidade ou autenticidade*, por fim, estabelece a pretensão de validade da relação do enunciador com o seu mundo subjetivo (atos de fala expressivos).

No funcionamento da linguagem, em que se coordenam essas quatro pretensões de validade, é construído um consenso de fundo. Quando esse consenso de fundo é perturbado, as quatro pretensões de validade se convertem em temas problematizados através de perguntas e respostas: sobre o significado da emissão (inteligibilidade), cuja resposta se constitui numa interpretação; sobre a verdade do conteúdo proposicional, ratificada com afirmações e explicações; sobre a correção da norma, que deve merecer justificações; e sobre a autenticidade da emissão.

No esclarecimento da distinção entre as pretensões de verdade e de validade normativa, observa Habermas que as primeiras se referem a estados de coisas ou a eventos do mundo objetivo, fazendo parte dos discursos teóricos/cognitivos que suscitam questões gnoseológicas e epistemológicas e onde a ponte que vence as distâncias entre as observações singulares e as hipóteses universais é baseada pelos diversos cânons da indução. As pretensões de validade normativa, por seu turno, são relativas às interações do mundo social e, portanto, inserem-se nos discursos prático-morais que carecem de um princípio-ponte moral para desempenhar, enquanto regra de argumentação, o mesmo papel desempenhado pelo princípio da indução no discurso da ciência empírica.

Esse princípio da universalização deve estar essencialmente vinculado ao assentimento qualificado de todos os concernidos possíveis, ou seja, como um imperativo categórico kantiano destranscendentalizado, não pode deixar de se revestir do caráter impessoal e universal dos mandamentos morais válidos, possibilitando o consenso e assegurando a vontade geral. Consenso necessário, inclusive, para viabilizar a consideração civilizatória e democrática do dissenso.







## As convergências de Habermas e Alfred Schutz

A relativização da objetividade com que se reconhecem “os fatos” da realidade também é identificada por Correia (2005, p. 16) na Teoria da Comunicação de Schutz, ao destacar as condições intersubjetivas anteriores à constatação das evidências do mundo da vida.

A comunicação implica a constituição de universos de significado comuns onde é possível compreender e sermos compreendidos graças a um processo de geração recíproca de expectativas no decurso da qual construímos uma idéia partilhada de realidade. De acordo com este ponto de vista, a Teoria da Comunicação de Alfred Schutz inclui uma concepção da natureza humana e da sua relação com o mundo da vida que privilegia a intersubjetividade.

Na reflexão de Schutz são destacados os processos de tipificação e relevância que formam a experiência consciente do discurso humano. A tipificação é entendida como processo de abstrações e standardizações, simultaneamente no discurso existencial autêntico da pessoa e o discurso convencional sedimentado pela sociedade. Assim, a condição de possibilidade da troca comunicativa não é só o compartilhamento do mundo, mas a sua pressuposição de forma similar, tendo em vista que os participantes na comunicação têm que compartilhar, “pelo menos em parte, um sistema de relevâncias, um conjunto de tipificações e um acervo de conhecimentos que permitem a capacidade de interpretar e expressar os significados subjetivos implícitos nas ações comunicativas” (CORREIA, 2005, p. 115).

Na aplicação da reflexão de Schutz à atividade jornalística, Correia constata a necessidade da mídia de legitimar-se junto ao público como uma pressão para o enquadramento na “atitude natural”, acarretando em certa

ingenuidade que se funda na suspensão de dúvidas sobre o mundo (...) A insistência na agradabilidade, a preocupação evidenciada pelo estilo jornalístico em tornar as narrativas facilmente compreensíveis e reconhecíveis aos cidadãos típicos, implica que o jornalista reflita as tipificações e relevâncias consideradas dominantes. De acordo com esta postura, descreve-se a realidade tentando adotar, conscientemente, uma forma ingênua, pré-reflexiva, independentemente de qualquer questionamento sobre a natureza dessa realidade (...) O problema deste tipo de relação com a realidade é



que o conhecimento de senso comum disponível pelas notícias não fornece instruções acerca de ‘como as coisas são’ mas acerca de como elas se ‘encaixam’ na ordem das coisas. Ao contar histórias acerca de como é a ordem das coisas, as instituições noticiosas oferecem, simultaneamente, uma avaliação moral, uma concepção de procedimento e uma percepção da hierarquia social que se torna visível nos “valores-notícia” representados nos livros de estilo (CORREIA, 2005, P. 135).

A observação de Correia (2005, p. 153) de que Schutz maximizou a importância do mundo da vida e minimizou “a redução fenomenológica e transcendental na análise da intersubjetividade” parece identificar uma dificuldade de reconhecer o sentido, não como algo subjetivo compartilhado objetivamente, mas como efetivamente uma construção intersubjetiva.

Assim, o entendimento pragmático propiciado pela comunicação, o consenso social, transcende o âmbito da subjetividade, mas não se torna uma coisa ou estado de coisas cuja totalidade compõe o mundo objetivo. O seu significado não pode ser observado externamente, como acontece na investigação das ciências empírico-analíticas com o seu método de explicação causal na tentativa de identificar as leis que regem os fenômenos. O consenso só pode ser adequadamente compreendido através da interpretação empreendida pelas ciências histórico-hermenêuticas, que representa um esforço de reconstrução do sentido atribuído pelas pessoas às suas relações interpessoais legítima ou ilegitimamente reguladas, cuja totalidade compõe o mundo social. Ou seja, através de uma observação intramundana, na qual o observador coloca-se no contexto social dos concernidos pelas normas morais para entender as pretensões de validade de correção ou retidão com que são fundamentadas. Uma evidência disto é que uma norma ou lei pode ser comprovada como existindo objetivamente, faticamente, mas não ser reconhecida como correta, justa, capaz de estabelecer um convívio social com menor potencial de conflito e violência, consequentemente com maior qualidade de vida.

Todavia, a despeito das diferenças nos seus constructos teóricos, tanto Habermas quanto Schutz afastam-se da concepção de que o agente social, no caso o jornalista, possa construir sentidos e identidades sem pressões externas (mito idealista liberal), tendo em vista o conjunto de crenças que compõe o pano de fundo cultural (sistema de relevâncias) com que interpretam a realidade, bem como da concepção de que é completamente determinado pela estrutura de poder estabelecida (mito radical), pois chamam a atenção “para a



dimensão ativa da consciência na construção social da realidade” (CORREIA, 2005, p. 151).

É necessário salientar que o questionamento da propriedade da utilização da objetividade como referência para a prática jornalística não implica em abrir mão do que o termo pretendia representar no sentido da busca de imparcialidade e de rigor no método jornalístico, para defender posições de ceticismo ou relativismo ético – como de forma correlata se poderia inferir que o reconhecimento da impossibilidade de acesso à verdade absoluta acarretaria no descarte da verdade como um todo – , como parecem temer alguns autores que, mesmo reconhecendo as insuficiências do conceito de objetividade, insistem na sua preservação para evitar a adesão dos neófitos ao “vale tudo” e à desonestidade dos profissionais inescrupulosos (BLÁZQUEZ, 1999, p. 11). Tendo a objetividade como método de ordenação dos fatos e orientação para a verdade, Daniel Cornu (1999, p. 393) acredita que

sob as humildes condições do rigor metodológico, da abertura a uma discussão crítica, (...) da modéstia e do desinteresse, nos limites de toda a empresa humana, um jornalismo “objetivo” ainda não perdeu todo o direito de cidade. Não no sentido absoluto em que o entendem os filósofos, mas no sentido que lhe dá o público ao qual a informação se destina.

Esta postura não se evidencia como consequente, ao contrário, parece indicar uma submissão obscurantista a uma atitude natural estabelecida, aceita com uma referência vaga à modéstia e ao desinteresse como “subjetividade da objetividade” (CORNU, 1999, P. 394). Tudo indica que o rigor nos procedimentos de apuração e narração jornalísticos pode ser melhor concretizado com a recomendação de atenção aos sistemas de relevância com que são entendidos “os fatos” sociais e às pretensões de validade com que são justificados, com a distinção na memória de longo prazo da memória semântica social – base de conhecimentos, significantes e significados compartilhados intersubjetivamente que funcionam como símbolos significativos para os demais membros da comunidade linguística – da memória episódica ou pessoal, conjunto de vivências cuja totalidade compõe o mundo subjetivo e que, obviamente só faz sentido para o indivíduo (VAN DIJK, 1992, p. 158-179).

Os conteúdos compartilhados intersubjetivamente, sob a prescrição dos princípios do discurso – acessibilidade generalizada à discussão – e de universalização – exigência de reconhecimento dos resultados como racionalmente



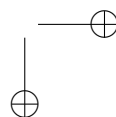
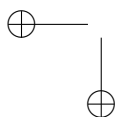
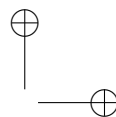
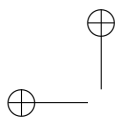
válidos pelos concernidos – que compõem a ética do discurso e do nível pós-convencional de desenvolvimento ético-moral, conduzem ao constante questionamento do estabelecido, do consenso passível de uma retematização permanente, “o dissenso constante”. Este compromisso maior com os princípios de liberdade e direito à vida acima do convencionado faz das normas e leis institucionalizadas, não o fundamento do consenso, mas antes o fundamento consentido do dissenso.

Desta maneira contrafactual, aberto ao multiculturalismo e à mudança social, o jornalista pode estar melhor equipado teoricamente para enfrentar os ataques por conta de uma controversa apresentação dos fatos, não precisando invocar magicamente a “objetividade” como o camponês mediterrâneo usava o colar de alhos para tentar afastar os espíritos malignos.

## Referências

- ARAGÃO, Lúcia. *Habermas: filósofo e sociólogo do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BLÁZQUEZ, Niceto. *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na comunicação*. São Paulo: Summus, 2003.
- BARROS, Antônio; JUNQUEIRA, Rogério. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicações*. São Paulo: Atlas, 2005.
- CORNU, Daniel. *Jornalismo e verdade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CORREIA, João Carlos. *A Teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. *Verdade e justificação*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- KARAN, Francisco José. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- RORTY, Richard. Pragmatismo, filosofia analítica e ciência. In: Pinto, Paulo Roberto M. (Org.). *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- TUCMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico. In: TRAQUINA, Nelson (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.
- VAN DIJK, Teun. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.



## Comunicação e política nos discursos presidenciais de tomada de posse: 1976-2006

Paula do Espírito Santo

*Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas*

E-mail: [espsanto@iscsp.utl.pt](mailto:espsanto@iscsp.utl.pt)

**E**STE artigo analisa as principais tendências de comunicação, do ponto de vista socio-político, contidas nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portuguesa, no período entre 1976 e 2006. O estudo, na base do artigo presente, vem na sequência de estudos anteriores que efectuámos, por via da técnica de análise de conteúdo, aplicada a conteúdos políticos. Destes destacamos dois estudos acerca da mensagem política dos candidatos a Presidente da República Portuguesa, entre 1976 e 2006 (Espírito Santo, 2006), bem como acerca da mensagem política dos candidatos às presidenciais francesas de 2007 (Espírito Santo, 2007).

Neste artigo, o objecto de análise centra-se no levantamento dos objectivos e visão políticos dos diversos Presidentes da República, entre 1976 e 2006, expressos nos seus discursos de tomada de posse, para um curto espaço de tempo, no plano político, ou seja, os cinco anos vindouros, previstos para o seu mandato, de acordo com a Constituição da República Portuguesa. Inerentemente, este artigo procura analisar os principais aspectos nevrálgicos do contexto político nacional, em termos sistémicos, no momento político da tomada de posse pelo Presidente da República, ao longo do tempo de análise de 30 anos.

O sistema político Português assenta num regime do tipo semi-presidencialista. Este tipo de regime baseia-se na prossecução do projecto de gestão política do Estado, concretizado, genericamente, por dois dos órgãos de soberania basilares de gestão do Estado que são o Presidente da República e a Assembleia da República. Neste projecto de gestão do Estado português cabe à Assembleia da República assumir um papel primordial e preponderante na definição das estratégias de gestão do projecto político nacional. Por seu lado, o papel do Presidente da República é emblemático em termos de representação nacional, a nível interno e externo, e é essencial como garante da estabilidade democrática e em termos da salvaguarda da necessária convivência saudável

dos diversos órgãos de soberania e dos diversos intervenientes institucionais, a nível interno.

O tempo decorrido entre 1976 e 2006 apresenta-se-nos como um bom ponto de partida para a sistematização da importância da passagem do tempo político, decorrido em democracia, à luz da visão dos objectivos da Nação, por parte do Presidente da República. O tempo e as vivências de 30 anos decorridos a partir das primeiras eleições democráticas em Portugal têm sido marcantes na consolidação interna da estabilidade democrática e também em termos de projecção de uma imagem de equilíbrio, modernidade e desenvolvimento, do ponto de vista externo, por parte do Estado Português. Esta preocupação tem-se revelado permanente, apesar dos estilos diferenciados de gestão deste órgão político central do Estado, pelas diversas e distintas personalidades<sup>1</sup> que têm vindo a ocupar o cargo de Presidentes da República Portuguesa, desde 1976.

As primeiras eleições presidenciais realizadas, em Portugal, após a revolução de 1974, tiveram lugar em 1976 e foram fundamentais e simbólicas, do ponto de vista da institucionalização democrática do Estado e Nação portugueses. Observamos em Portugal, desde 1976, um contexto que evoluiu num sentido rápido e sustentado em direcção à estabilidade democrática, pautado por momentos marcantes, em termos de crescimento político e económico internos e marcado, também, pela renovação externa da imagem política do país. Esta renovação da imagem do país começou a delinear-se logo após a Presidência de António Ramalho Eanes, em 1976, o qual garantiu o necessário equilíbrio das diversas forças políticas, intervenientes num cenário político pós-revolucionário, e como tal, fortemente, activas e, potencialmente, conflituantes. A renovação do mandato de Eanes, em 1980, constituiu mais um passo em direcção à consolidação democrática<sup>2</sup>. A concretização da imagem de credibilidade externa de Portugal, em termos políticos e económicos,

<sup>1</sup>É de salientar que não está nos objectivos deste estudo a análise do projecto de gestão política bem como do estilo de comunicação ou interpretação política e ideológica, nomeadamente, em termos de propaganda política dos personagens políticos representados pelos Presidentes da República Portuguesa. Acerca da propaganda política, do personagem principal e da mensagem ver (Espírito Santo, 1997).

<sup>2</sup>De acordo com a Constituição da República Portuguesa, os mandatos para o cargo de Presidente da República Portuguesa têm a duração de cinco anos cada e não podem exceder os dois mandatos por cada Presidente eleito.



foi, fortemente, adjuvada pela sua integração nas Comunidades Europeias, em 1986, sob a Presidência da República de Mário Soares. É de salientar que os ecos externos da renovação política, em Portugal, em 1974, foram enaltecidos e considerados exemplo (Huntington, 1991) e continuam sob análise e expectativa, em termos da sua projecção política, a nível internacional (Wiarda, Mott, 2001; Page, 2002).

Torna-se incontornável afirmar que a evolução e maturidade políticos, sociais e económicos do Estado português, em termos micro mas também macropolíticos, passariam a ser, fortemente, permeáveis ao facto de Portugal ter integrado as Comunidades Europeias naquele ano de 1986. A acentuar as influências mútuas decorrentes desta adesão de Portugal estaria a Presidência de Portugal do Conselho Europeu, em 1992, bem como em 2000. Lembre-se que em 1992 Mário Soares era Presidente da República e Aníbal Cavaco Silva Primeiro-ministro, sendo que em 2000 Jorge Sampaio era Presidente da República, sendo o chefe do Executivo António Guterres<sup>3</sup>. No primeiro semestre de 1992, Portugal demonstrou um pleno e eficaz empenhamento na consecução dos objectivos de integração europeia e na resolução de matérias diplomáticas de consenso sensível. Esta Presidência do Conselho Europeu da, na altura designada, Comunidade Económica Europeia (CEE) ficou ainda marcada pela revisão da Política Agrícola Comum (PAC). Destas duas presidências de Portugal do Conselho Europeu destaque-se, em particular, a segunda, a qual constituiu importante provação para Portugal em termos de continuidade de gestão estratégica das políticas de integração europeia, do ponto de vista dos 15 parceiros bem como dos laços extra comunitários fundamentais à evolução da União Europeia. Lembre-se que no primeiro semestre de 2000, Portugal, enquanto na Presidência do Conselho Europeu teve de fazer face à crise “euro-austriaca”, a qual se traduziu no congelamento das relações bilaterais com a Áustria, devido à participação do partido de extrema-direita austríaco na coligação governamental. Esta presidência de Portugal do Conselho Europeu traduziu-se ainda no reforço da competitividade económica europeia, marcado pela Agenda europeia para o desenvolvimento económico e social (Estratégia de Lisboa) bem como na concretização da primeira cimeira Europa-África.

<sup>3</sup> A Presidência do Conselho da União Europeia cabe aos Chefes de Estado ou de Governo do país que assume a Presidência deste órgão, uma presidência que é rotativa por semestre. No caso português cabe ao Primeiro-ministro a Presidência do Conselho Europeu.

Outro momento importante, em termos de integração europeia, foi a adesão de Portugal à moeda única europeia, em 1 de Janeiro de 2002, sob a Presidência da República de Jorge Sampaio. Esta adesão que, num plano imediato, permitiu uma maior facilitação económica das trocas comerciais, seria, num plano estrutural, um elemento definidor de um caminho, cada vez mais, consolidado, por parte de Portugal, em direcção a um projecto de evolução e construção do Estado, num plano económica e politicamente integrante e integrado, a nível Europeu.

Em face a um panorama de evolução do Estado português, fortemente, marcado por mudanças no plano interno mas, sobretudo, no plano da integração europeia, procuramos como objectivo central, neste estudo, analisar em que medida o conteúdo dos discursos de tomada de posse presidenciais reflecte e simboliza uma evolução de valores políticos e sociais característicos do caminho percorrido por Portugal, em direcção à consolidação interna da democracia e à projecção externa desse equilíbrio e sustentabilidade democráticos.

## Metodologia

O estudo presente baseia-se na utilização da técnica de análise de conteúdo, com vista à análise e interpretação dos dados sistematizados, a partir dos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses, após 1976 e até 2006. No âmbito daquela técnica optámos pelas suas vertentes quantitativa mas também qualitativa e inferencial, opções estas que decorrem dos objectivos de análise, os quais centram-se na importância do peso comparativo de uma grelha de categorias e indicadores, ao longo do tempo em análise, mas também na importância de um conjunto de referentes simbólicos que, sob o ponto de vista valorativo, traduzem-se em indicadores considerados basilares em termos da mensagem política<sup>4</sup>.

Este estudo segue a linha teórica dos desenvolvimentos norte-americanos, da análise de conteúdo, inseridos numa matriz das Ciências Sociais, fortemente, impulsionados, de modo pioneiro, pela contribuição de Bernard Berelson, em especial, em termos de conceptualização e do ponto de vista metodológico (Berelson, Salter, 1946; Berelson, Grazia, 1947; Berelson, 1952).

<sup>4</sup>Para os detalhes do quadro de categorias e indicadores ver tabelas em anexo.

Por outras palavras, a análise presente não está inserida num formato teórico de natureza textual e linguística, cuja padronização e codificação insere-se em modelos analíticos bastante diferenciados da opção a seguir presentemente (ver Reis, 1992). É de salientar ainda que a importância dos desenvolvimentos norte-americanos e, em particular do designado modelo berelsiano, foi notória e dominante nos poucos estudos de análise de conteúdo franceses, realizados em França, até aos anos 70. Este impacto foi relevado por Bardin numa das obras de referência francesas de análise de conteúdo (Bardin, 1977). É também de destacar que a análise de conteúdo tem vindo a ter desenvolvimentos de fundo, em termos metodológicos, em particular desde os anos 80 do século XX. A este nível são significativos os contributos que demarcam a visão qualitativa de aplicação desta técnica, os quais salientam as vantagens metodológicas e analíticas desta abordagem. De entre os contributos que mais se têm destacado no domínio qualitativo da análise de conteúdo temos Krippendorff (1980), mas também outros autores de relevo, que têm vindo a destacar novas potencialidades de abordagem dentro das metodologias de análise desta técnica (Weber, 1990; Romero, 1991; Altheide, 1996).

No estudo presente, o material de análise que consideramos é composto pelos sete discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses, entre 1976 e 2006. Consideramos este *corpus* de análise bastante significativo, do ponto de vista comunicacional e em termos políticos, a nível das representações simbólicas da e para a Nação Portuguesa, por parte do Presidente da República. Consideramos que pela sua natureza valorativa e representativa, o conteúdo destes discursos resulta melhor potenciado, para além de um levantamento quantitativo, através do tratamento qualitativo do mesmo, aliado a uma categorização e codificação expressa através dos valores e padrões dominantes de conceptualização. Ou seja, encontramos vantagens na aplicação qualitativa da análise de conteúdo, em materiais cuja riqueza e complexidade de conteúdo adequa-se melhor a um levantamento de natureza categorial e inferencial.

Em termos metodológicos, estabelecemos as seguintes hipóteses:

- Por regra, os valores expressos nos *slogans* de candidatura, em tempos de campanha eleitoral, no que se refere às representações socio-políticas e político-ideológicas, aparecem referidos nos discursos de tomada de

posse dos Presidentes da República. Apenas, pontualmente, tal não se verifica.

- As representações conceptuais, de natureza socio-política e político-ideológica, patentes nos diversos discursos de tomada de posse, em análise, reflectem, em geral, um posicionamento liberal e democrático, ideologicamente moderado, não se identificando qualquer pendor mais acentuado, no plano do posicionamento político e ideológico, nem sequer nos dois primeiros discursos do tempo pós-revolucionário, proferidos por António Ramalho Eanes.
- No que diz respeito à categoria “instituições, órgãos e referentes políticos”, as referências aos órgãos regionais e autárquicos, estão presentes nos diversos discursos assim como referências aos partidos políticos, aos políticos e categorias similares a estas.
- Em termos da categoria “contextos, países e organizações políticas”, após a adesão de Portugal às Comunidades Europeias, a partir de 1986, pontificam as referências à “Europa” e a categorias afins como “Comunidade Europeia, União Europeia”.
- De entre os diversos “sistemas e estruturas sociais”, referidos nos diversos discursos, preponderam as referências às estruturas sociais de base ao funcionamento do sistema político, como sejam, o sistema educativo, a ciência e o ensino superior, a justiça e a economia.
- A sociedade civil constitui-se como uma das categorias mais referidas, de entre os diversos elementos constituintes do sistema político, sendo que esta categoria destaca-se nos discursos de tomada de posse, dos primeiros dois mandatos Presidenciais, no período pós-revolucionário.

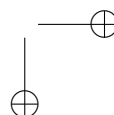
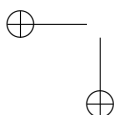
Quanto às opções concretizadas no plano metodológico, estas foram desencadeadas através de dois processos fundamentais, e correntes, num estudo de análise de conteúdo, inserido numa matriz sociológica, que são o processo de codificação e o processo de categorização. No que se refere ao primeiro processo, o designado recorte das unidades de análise centrou-se na palavra e no tema, com claro privilégio da primeira, devido à utilização significativa e bastante coerente e clara das mesmas no *corpus* de análise. Tal como referido,



o tratamento efectuado, no âmbito deste processo de codificação, centrou-se numa regra de enumeração de natureza quantitativa, opção esta predominante, devido à redundância dos elementos constantes nos diversos discursos, expressos nos indicadores e unidades de análise. Complementámos o levantamento e tratamento quantitativo efectuado com uma abordagem de natureza qualitativa, secundária, mas imprescindível, no plano inferencial, necessário à interpretação das tendências de conteúdo manifestas neste *corpus* de análise. Neste último enfoque analítico, a concretização da regra de enumeração manifesta-se, sempre que pertinente, não apenas no levantamento como também na interpretação da presença ou ausência de ocorrências significativas, no âmbito do alinhamento de objectivos e hipóteses apresentados.

No que se refere ao segundo processo metodológico, essencial à concretização desta análise, ou seja, a categorização, a opção efectuada é da aplicação de um sistema designado “por milhas” (Bardin, 1977). Esta opção prende-se com a adequação do processo de categorização em função do tipo, extensão, objectivos inerentes ao material em análise. Sendo assim, estamos perante um material vasto, bastante rico e complexo, cujo interesse político e sociológico permite uma ampla gama de opções analíticas, sendo que, no entanto, ainda não se encontra explorado no âmbito científico, à luz da técnica de análise de conteúdo, permitindo na análise presente que o caminho a percorrer se faça a cada passo, com as vantagens e desvantagens da não existência de outras referências analíticas, em termos da sua organização, tratamento e análise. Daí que, à semelhança de estudos anteriores que efectuámos, e pelos mesmos motivos de nos encontrarmos a trabalhar com materiais ainda não explorados anteriormente, o quadro categorial resultante do processo de categorização bem como a codificação inerente ao processo de construção metodológica, em análise de conteúdo, foi concebido à medida que se desencadeava o processo de exploração e organização das possibilidades e recursos de conteúdo do material composto pelos discursos em análise. As operações centrais de categorização e codificação foram construídas à medida em que o quadro temático, contextual e metodológico ia sendo amadurecido face ao objectivo proposto.

Do ponto de vista da construção dos indicadores existem algumas ressalvas metodológicas que enunciaremos de seguida. A construção dos indicadores baseia-se na utilização expressa da unidade de análise que é a palavra, daí não incluirmos indicadores como “esquerda” e “direita”, os quais, apesar de



significativos politicamente, não são, expressamente, referidos no *corpus* em análise. A propósito destes dois indicadores refira-se que tivemos oportunidade de os utilizar em outro estudo, já citado, acerca dos *slogans* das candidaturas presidenciais entre 1976 e 2006 (Espírito Santo, 2006), neste último caso devido à ocorrência expressa e pertinência dos mesmos no *corpus* de análise.

Em termos de selecção dos indicadores optámos por expressões que pudessem ser significativas no plano do discurso político. Como tal, expressões de evidente e ampla utilização, neste tipo de discurso, como “Portugal” ou “Presidente da República”, “Presidente da Assembleia da República”, “Assembleia da República”, “Governo”, “Portugueses”, “deputados”, “Conselho da Revolução” (órgão referido no discurso de 1976) e “Mundo” não foram registadas na análise efectuada. O motivo da exclusão destes possíveis indicadores prende-se com a sua redundância, em termos de significado político, nos discursos em causa. Aqueles indicadores, numa primeira fase, estiveram presentes na categorização prévia que efectuámos, mas após a aferição do seu pouco significado no plano comunicacional e político, considerámos que a sua manutenção, em termos de indicador teria pouco ou nenhum significado analítico. O mesmo se passa com a utilização de expressões referentes ao valor “nacional”, tais como “unidade nacional” ou “interesse nacional”, as quais são também correntes nos discursos em análise e, neste âmbito não se revelam particulares em termos de especificidades valorativas. Contudo, é de referir que utilizámos a categoria que designámos como “nacionalismo”, no referido estudo realizado acerca dos cartazes das eleições presidenciais entre 1976 e 2006, por considerarmos que o recurso àquelas expressões, no âmbito específico da mensagem política, era distintivo, em termos de orientação valorativa, no conjunto dos restantes indicadores utilizados nos cartazes.

Na sequência do atrás referido, a concepção do quadro categorial, e respectivos indicadores, pautou-se pelo seguimento de regras que obviassem a clarificação dos procedimentos empregues e a aplicação dos cinco princípios básicos de construção do plano das categorias, os quais procuram a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objectividade e a produtividade na composição daquele instrumento conceptual e metodológico. Todo o processo de construção metodológico foi amadurecido passo a passo, de modo a gerar a adequação mais ajustada dos critérios seguidos às potencialidades e riqueza analítica, comunicacional e política do material em causa e aos objectivos de análise propostos.

## Ressalva teórico-metodológica

Quanto ao plano do objecto e do *corpus* seleccionados, centrados na análise de discursos políticos, não encontramos referências bibliográficas que nos indicassem um termo de estudo para a análise sobre este tipo de material, ao considerar a técnica de análise de conteúdo bem como o contexto de referência que é o português.

De entre outros contributos, com base na aplicação da análise de conteúdo, destacamos os estudos norte-americanos, cuja tradição é longa no emprego desta técnica aos mais diversos conteúdos e suportes. Sobressaímos contributos recentes cujos objectivos e análise constituem referência pertinente para a análise dos discursos presidenciais. No entanto, refira-se que estes estudos, em regra, contêm objectivos correntes distintos do estudo presente, logo à partida, por se encontrarem adequados a estudar os efeitos das estratégias políticas reflectidos nos discursos presidenciais sobre o público, num regime presidencialista, como é o norte-americano. Referimo-nos, por exemplo, à análise com o objectivo de estudo das intenções e estratégias de gestão e liderança pública, em particular, em termos de sucesso legislativo e de condução do Congresso Norte-americano bem como em termos de envolvência, de reflexos e apoios públicos das decisões do Presidente (Kernell, 1997). Outro exemplo é o do contributo de Laver, Benoit e Garry (2003), os quais propõem um novo modelo de análise de conteúdo que procura a extracção das posições políticas a partir de textos políticos, com base num formato de “linguagem-cega” (“language-blind”), baseado numa técnica de atribuição de um “score” às palavras e com referência a medidas matemáticas de “incerteza”. Com este modelo procura-se ainda produzir análises informadas acerca da medida em que as diferenças entre duas posições políticas estimadas podem ser vistas como significantes ou meramente como produtos do erro de medida” (Laver, Benoit e Garry, 2003: 311). Ou seja, o objectivo deste modelo é o de fornecer nova ferramenta de análise e interpretação das posições políticas, bastante útil para materiais extensos, no caso concreto, de natureza política, que, na realidade, se prestam a novas reformulações e desenvolvimentos. Falamos de textos que são, frequentemente, replicados e ampliados pelos mais diversos agentes, sendo que avaliar a coerência interna e alinhar um conjunto de intenções pode constituir tarefa complexa. São materiais cuja análise com di-

ficuldade fornece pistas de organização devido à diversidade das suas fontes e heterogeneidade do seu conteúdo, em termos de estruturação.

Contributo de referência americano, Eshbaugh-Soha (2006), permite a colocação de novos motivos de análise do sucesso legislativo, das preferências e opções de gestão política do Presidente, tendo por base “o discurso como uma fonte do poder presidencial” (Eshbaugh-Soha, 2006: 1). Este estudo, à semelhança dos anteriores citados, e como é corrente na análise de discursos ou textos políticos americanos, tem objectivos de análise que se centram, em particular, nos efeitos, do ponto de vista estratégico, político e social, e sobretudo, em termos públicos, mais do que nas suas características do conteúdo. No que se refere em particular aos discursos presidenciais norte-americanos, estes constituem-se como ferramentas de comunicação política mas também como ferramentas de gestão e de direcção política do Estado, cujo impacte público promove e contribui, vivamente, para a sua credibilidade e aceitação. Já no âmbito da área análise do discurso, outros estudos têm sido desenvolvidos, no quadro europeu, de onde destacamos contributos recentes (ver Le Bart, 1998; Salavastru, 2005; Santulli, 2005; Nicot *et alia*, 2007) que, situando-se na linha teórica da linguística e da retórica, não se enquadram, por isso, no quadro teórico e metodológico do estudo presente.

Em suma, este estudo centra-se nas características do conteúdo, opção que consideramos adequada ao nível de expectativa e de efeitos decorrentes da intervenção política e pública por parte da figura do Presidente da República, num sistema semi-presidencialista. Ou seja, a nossa opção analítica decorre do tipo de sistema político português, semi-presidencialista, o qual enquadra a figura do Presidente da República num plano predominante de representação política e menos num plano de intervenção, em termos de condução e estratégica de gestão política do Estado.

## **Valores predominantes nos discursos de tomada de posse presidenciais**

São múltiplos os elementos centrais, sob a forma de ideários-chave, intervenientes e estruturas emblemáticas aos discursos de tomada de posse presidenciais Portugueses. Como afirmámos, a realização deste trabalho baseou-se na organização do *corpus* de análise em função da diversidade e amplitude dos



seus elementos constituintes, o que nos levou a conceber um quadro categorial orientado pelas intenções e conteúdos expressos no material. Em concreto, o quadro categorial enquadró um conjunto de ideias-chave e indicadores, traduzidos em grupos de referência de categorias que são as seguintes: as representações socio-políticas e político-ideológicas, as instituições, órgãos e referentes políticos, os contextos, países, e organizações políticas, os sistemas e estruturas sociais, as personalidades religiosas e políticas e, finalmente, os intervenientes da sociedade civil. Estes elementos foram definidos e organizados em função da orientação do conteúdo presente nos discursos, os quais foram conjugados e organizados tendo em consideração o objectivo central delineado para a investigação.

Em termos gerais, de entre os diversos valores presentes nos sete discursos presidenciais de tomada de posse pontificam as referências às seguintes categorias que são os “contextos, países e organizações políticas”, seguidas das referências à “sociedade civil” bem como as referências aos “sistemas e estruturas sociais”, muito próximas da categoria “representações político-ideológicas”.

Os “contextos, países e organizações políticas” constituem a categoria mais referida nos discursos de tomada de posse, o que denota a importância da visão de abertura ao exterior como um dos elementos marcantes na totalidade de temáticas-chave que são analisadas nos discursos, aspecto este reflector da necessidade de Portugal projectar uma imagem de abertura e interesse pelo exterior. A “sociedade civil” apresenta-se como o segundo elemento mais referido, o que também constitui um dos traços fundamentais a prosseguir num regime democrático, que deve evidenciar a preocupação com a sociedade civil como uma das suas prioridades. As categorias “sistemas e estruturas sociais”, e “representações político-ideológicas” são também emblemáticas do ponto de vista da caracterização do estado do sistema e do seu posicionamento, do ponto de vista democrático e do ponto de vista da assumpção de soluções políticas para a direcção do sistema político.

Em termos mais específicos há um conjunto de tendências de comunicação nos discursos que passaremos a analisar. De acordo com estudo efectuado, anteriormente, procurámos também saber se os valores afirmados nos *slogans* de candidatura dos diversos Presidentes da República (Espírito Santo, 2006) apareciam expressos nos seus discursos de tomada de posse. Verificámos que, em regra, os valores que os, então, candidatos presidenciais defendiam nos

seus *slogans* aparecem expressos nos discursos de tomada de posse. Contudo, no caso de Eanes, em 1976, apesar de a confiança encontrar-se subentendida num dos seus *slogans*, no discurso de tomada de posse aquela não é referida. Ainda no seu *slogan* de campanha de 1976 aparece referência à liberdade e em 1980 à mudança, o mesmo se passando nos seus discursos de tomada de posse. Por seu lado, a “estabilidade” é uma das ideias-chave de Soares em 1986, sendo que a mesma está presente no seu discurso de tomada de posse<sup>5</sup>. O conceito de “juventude” utilizado nos *slogans* de Mário Soares, em 1986 e 1991<sup>6</sup> são também referidos nos seus discursos. Em 2006, no seu *slogan*, Cavaco Silva também subentende a confiança<sup>7</sup>. O mesmo acontece no seu discurso de tomada de posse. Confirma-se, assim, a hipótese colocada com a formulação: “por regra, os valores expressos nos *slogans* de candidatura, em tempos de campanha eleitoral, no que se refere às representações socio-políticas e político-ideológicas, aparecem referidos nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República. Apenas, pontualmente, tal não se verifica”.

Quando se analisam, por seu lado, as representações conceptuais, concretamente, em termos socio-políticos e político-ideológicos verifica-se que, em geral, não há valores que se demarquem, de modo distintivo, em função do mandato presidencial em particular. Ou seja, valores comuns em termos de representações socio-políticas como a “juventude”, a “solidariedade” ou a “igualdade” são referidos, em geral, nos discursos de tomada de posse. Em relação às “representações político-ideológicas” verifica-se uma atitude transversal, reflectida nos diversos discursos de tomada de posse que aponta num sentido liberal, democrático, pouco ou nada marcante ideologicamente. Apesar da referência histórica por parte de todos os Presidentes da República a conceitos como “revolução” e “democracia”, o mesmo passa-se, com raras excepções, em relação a conceitos comuns à democracia como sejam a “mudança”, a “estabilidade”, a “liberdade”, “solidariedade” ou a “coesão nacional”. Já no que respeita aos conceitos de “ditadura”, “socialismo” ou “fas-

<sup>5</sup>1976: “Muitos prometem... Eanes cumpre Vota Eanes O candidato de Portugal”; “Vota Eanes Pela Liberdade Pela Independência Pela Independência Nacional”

<sup>6</sup>1986: “Os portugueses conhecem-me”. 1991: “Soares é fixe”; “Vota fixe Vota Soares”, “Que fazes dia 13 de Janeiro à tarde”.

<sup>7</sup>“Sei que Portugal Pode Vencer Cavaco Silva Portugal Maior”, “Portugal Maior Vote Aníbal Cavaco Silva”

cismo” os mesmos são referidos apenas no primeiro mandato de Eanes (1976) e no caso de “ditadura” também no segundo mandato de Mário Soares (1991). Concluímos pela confirmação da hipótese de que “as representações conceituais, de natureza socio-política e político-ideológica, patentes nos diversos discursos de tomada de posse, em análise, reflectem, em geral, um posicionamento liberal e democrático, ideologicamente moderado, não se identificando qualquer pendor mais acentuado, no plano do posicionamento político e ideológico, nem sequer nos dois primeiros discursos do tempo pós-revolucionário, proferidos por António Ramalho Eanes”.

A categoria “instituições, órgãos e referentes políticos” é bastante referida, quando comparada com as restantes. Naquela pontificam indicadores distintivos como os referentes aos órgãos regionais e autárquicos. Apesar de não serem referidos em todos os discursos de tomada de posse, a sua utilização mais ampla, entre os restantes indicadores, denota interesse da parte da maioria dos Presidentes em enunciar a importância da participação política, partilhada por parte dos principais intervenientes e instituições a nível regional e local. Confirmamos a hipótese que havíamos formulado: “no que se refere à categoria “instituições, órgãos e referentes políticos”, as referências aos órgãos regionais e autárquicos, estão presentes nos diversos discursos assim como referências aos partidos políticos, aos políticos e categorias similares a estas”.

As referências aos “contextos, países e organizações políticas” são mais abundantes na Presidência de Mário Soares (no segundo mandato, 1991), em primeiro lugar, e também na de Jorge Sampaio (no primeiro mandato, 1996). Consideramos que esta atitude, reflectida nos discursos, demarca a imagem destes dois políticos e adequa-se também aos momentos de abertura e exposição internacional de Portugal durante aquele período. Verifica-se que são também estes dois Estadistas, e em concreto, nos discursos de 1991 e 1996, respectivamente, que fazem referências aos diversos países de expressão Portuguesa, as quais são escassas ou inexistentes nos restantes discursos. Verifica-se também que após 1986, data da adesão de Portugal às Comunidades Europeias, as referências a indicadores afins da “Europa” tornam-se mais diversificadas e passam a ser proferidas em todos os discursos de tomada de posse presidenciais, com particular destaque para a Presidência de Mário Soares em 1991. Já no discurso de Cavaco Silva, em 2006, verifica-se menor diversidade de indicadores, apesar de referências genéricas à “União Euro-

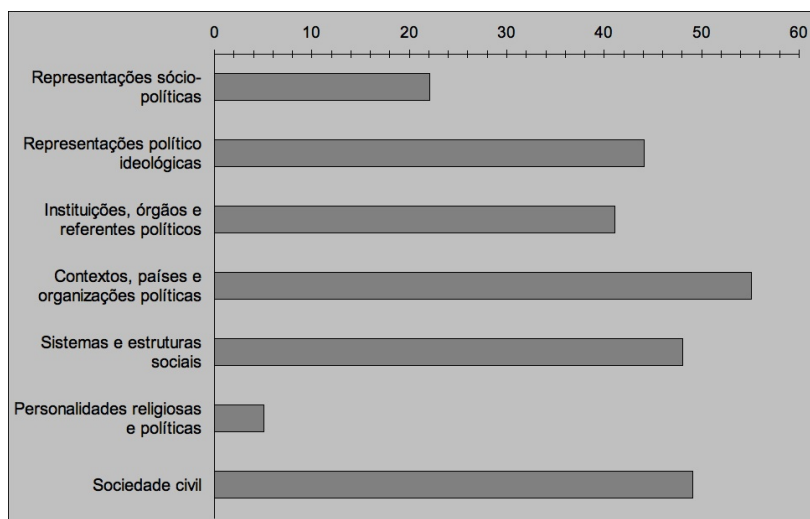


Figura 1: Valores predominantes nos discursos de tomada de posse presidenciais

peia”. Confirmamos, deste modo, a hipótese estabelecida que consistiu em que: em termos da categoria “contextos, países e organizações políticas”, após a adesão de Portugal às Comunidades Europeias, a partir de 1986, pontificam as referências à “Europa” e categorias afins como “Comunidade Europeia, União Europeia”.

Quando se consideram, em concreto, os “sistemas e estruturas sociais” verifica-se que os mais referidos são o sistema educativo, a ciência, o ensino superior, a justiça e a economia. No que se refere à segurança pública e aos meios de comunicação social, os quais são sintomáticos mas também simbólicos do estado saudável de funcionamento dos sistemas democráticos, verifica-se que estes são nada ou escassamente referidos nos diversos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República, não constituindo preocupação expressa neste momento político referente a cada mandato Presidencial. Esta pouca referência à segurança pública e à comunicação social pode reflectir uma visão na qual aqueles dois elementos são vistos mais como um meio de funcionamento e equilíbrio do sistema do que como um actor principal ou fim a prosseguir. Confirma-se a hipótese: “de entre os diversos “sistemas e estru-

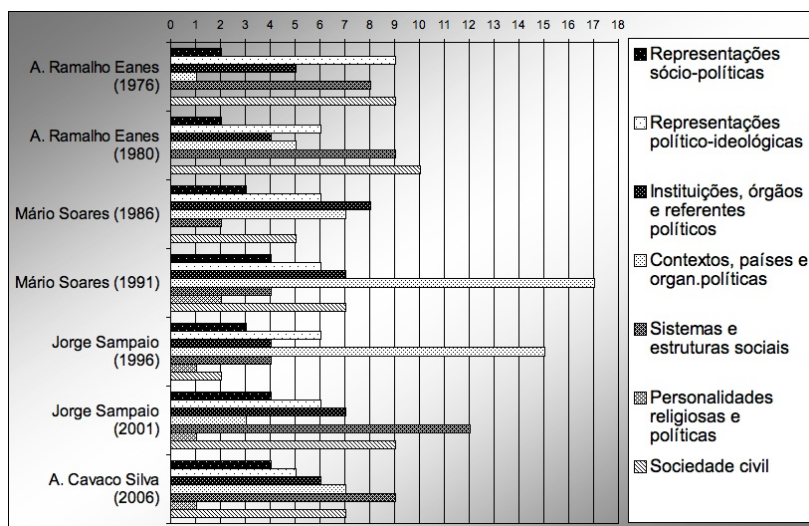


Figura 2: Valores predominantes em cada discurso presidencial

turas sociais”, referidos nos diversos discursos, preponderam as referências às estruturas sociais de base ao funcionamento do sistema político, como sejam, o sistema educativo, a ciência e o ensino superior, a justiça e a economia”.

No que se refere à categoria “sociedade civil” verifica-se que de entre os diversos elementos constituintes do sistema político, ao nível do seu contexto interno mas também externo, os diversos indicadores da sociedade civil aparecem bastante segmentados mas, no seu conjunto, a categoria sociedade civil não é a mais representativa, de entre os diversos elementos referidos pelos discursos, como vimos. Outro aspecto significativo a relevar é o de que os diversos intervenientes da sociedade civil são encarados como referência importante, e temporalmente transversal, de valorização democrática, sobretudo, proeminente no período pós-revolução de 74. No caso dos discursos de Mário Soares assim como no primeiro mandato de Jorge Sampaio aquela categoria é, escassamente, referida, em comparação com os restantes mandatos. A referência à sociedade civil é mais significativa nos dois mandatos de Eanes (1976, 1980) assim como no caso do primeiro mandato de Jorge Sampaio (2001), o qual apresenta, contudo, menos diversidade em termos da utilização de expressões nesta categoria, em comparação com aquele. Confirma-se

a hipótese: “a sociedade civil constitui-se como uma das categorias mais referidas, de entre os diversos elementos constituintes do sistema político, sendo que esta categoria destaca-se nos discursos de tomada de posse, dos primeiros dois mandatos Presidenciais, no período pós-revolucionário”.

Em suma, os discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portuguesa, eleitos após 1976 e ao longo dos trinta anos subsequentes, reflectem a intenção presidencial de produzir uma visão da importância simbólica e transversal, do ponto de vista da unidade e coesão nacionais, inerente às mais altas funções de representação do Estado português. Ou seja, em comum, todos e cada um dos discursos presidenciais de tomada de posse revelam um pendor supra-ideológico, com um tom discursivo direccionado para a integração e dinamização dos diversos intervenientes e estruturas sistémicas. Verifica-se também uma abordagem bastante diversificada em termos de referências aos múltiplos elementos que podem constituir-se como centrais ao funcionamento do sistema político, não se podendo demarcar uma intencionalidade marcada em termos de estilo de comunicação baseado na utilização predominante de um caminho ou ideário exclusivos ou singulares de uma visão política e ideológica dos Chefes de Estado Portugueses.

## Conclusão

Ao longo do período de tempo de 30 anos, o tom dos discursos de tomada de posse presidenciais denota uma visão e pendor moderados, do ponto de vista político e ideológico, bem como uma nítida transversalidade da mensagem. Por outras palavras, a análise efectuada permite concluir que não existem traços distintivos marcantes entre os diversos discursos de tomada de posse, após 1976, quando se considera a categorização reflectida ao nível posicionamento político e ideológico da mensagem. Esta linha comunicacional patente nos discursos de tomada de posse dos diversos Presidentes da República, após 1976, tornou-se característica dominante e transversal aos diversos discursos Presidenciais e denota moderação e capacidade conciliadora, termos políticos e comunicacionais. Podemos afirmar que o primeiro discurso categórico e simbólico do início das funções Presidenciais da República tem um objectivo primordial de conciliação e integração política, neste primeiro momento de

entrada oficial na vida política e pública do Estado do mais Alto Magistrado da Nação.

De modo genérico verifica-se que as categorias mais emblemáticas, pela importância reflectida nos discursos de tomada de posse, são os “contextos, países e organizações políticas”, assim como as referências à “sociedade civil”, muito próximas das referências aos “sistemas e estruturas sociais” assim como a categoria “representações político-ideológicas”. Destas, as duas primeiras constituem-se emblemáticas e simbólicas quer do ponto de vista da projecção externa do sistema político quer em termos de reflexos da participação interna, no que se refere aos múltiplos indicadores da sociedade civil. Da análise efectuada nota-se ainda a demarcação de uma imagem de projecção externa, sobretudo, entre os mandatos de 1986 e 2001, atitude esta que aparece mais diluída nos discursos de tomada de posse dos mandatos antes e após este período. De todas as categorias de análise, a categoria “sistemas e estruturas sociais” apresenta-se como um dos elementos sintomáticos do funcionamento do sistema e das prioridades entendidas como relevantes, em termos simbólicos para o projecto de orientação política futura do Estado, na visão política do Presidente. A preponderância dos indicadores daquela categoria permite destacar as referências ao sistema educativo, à ciência e ao ensino superior, à justiça e à economia, sendo que outros indicadores desta categoria, apesar de emblemáticos em democracia, são nada, ou escassamente, referidos nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República, caso da segurança pública e dos meios de comunicação social.

Consciente do seu papel fundamental simbólico, mas também político e pragmático de coesão de todos os agentes e intervenientes políticos, é evidente que, para a figura do Presidente da República, ao longo do tempo de análise, existe uma necessidade primordial de transmitir uma imagem de consenso nacional, de união do sistema político, de restabelecimento e renovação políticas. Existe, ainda, por parte do Presidente da República uma procura de aceitação e crédito por parte de todos os intervenientes políticos, cidadãos eleitores mas também instituições e comunidades políticas. É essa a visão global da mensagem presidencial inaugural ao país, ao longo destes trinta anos, a qual reflecte uma assumpção pioneira, de 1976 a 2006, de estabilidade, de conciliação e de coesão projectada em relação aos principais agentes e instituições políticas.

## Referências bibliográficas

- ALTHEIDE, David L. (1996), *Qualitative Media Analysis*, USA, Sage Publications.
- BARDIN, Laurence (1977), *L'Analyse de Contenu*, Paris, PUF, 2001.
- BARDIN, (1977), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1991.
- BERELSON, Bernard (1952), *Content Analysis in Communication Research*, New York, The Free Press.
- BERELSON, Bernard, Patricia J. SALTER (1946), "Majority and Minority Americans: An Analysis of Magazine Fiction", *Public Opinion Quarterly*, 10.
- BERELSON, Bernard, Sebastian de GRAZIA (1947), "Detecting Collaboration in Propaganda", *Public Opinion Quarterly*, 11.
- ESHBAUGH-SOHA, Matthew (2006), *The President's Speeches - Beyond "Going Public"*, USA, Lynne Rienner Publishers.
- ESPÍRITO SANTO, Paula (2007), "O cartaz e o *slogan* na propaganda política das eleições presidenciais francesas de 2007", *Conferência sobre as Eleições Francesas de 2007*, Lisboa, Universidade Lusófona, 19 de Abril de 2007.
- ESPÍRITO SANTO, Paula (2006b), "A mensagem política na campanha das eleições presidenciais: análise de conteúdo dos *slogans* entre 1976 e 2006", *Comunicação & Cultura*, nº2, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Quimera, pp. 83-101.
- ESPÍRITO SANTO, Paula (2006a), *Sociologia política eleitoral – Modelos e explicações de voto*, Lisboa, ISCSP.
- ESPÍRITO SANTO, Paula (1997), *O processo de persuasão política – Abordagem sistémica da persuasão com referências ao actual sistema político português*, Lisboa, ISCSP.



- HUNTINGTON, Samuel P. (1991), *The Third Wave – Democratization in the Late Twentieth Century*, Norman, University of Oklahoma Press.
- KERNELL, Samuel (1997), *Going Public: New Strategies of Presidential Leadership*, Washington, CQ Press.
- KRIPPENDORF, Klaus (1980), *Content Analysis - An Introduction to Its Methodology*, London, Sage Publications, 1986.
- LAVER, Michael, Kenneth BENOIT, John GARRY (2003), “Extracting Policy Positions from Political Texts Using Words as Data”, *The American Political Science Review*, vol. 97, nº2 (May 2003), pp 311-331.
- LE BART, Christian (1998), *Le discours politique*, Paris, PUF.
- NICOT, Anne-Laure et alia (2007), *Mots, les langages du politique, nº83, Mars 2007: Dire la démocratie aujourd’hui*, Paris, ENS-LSH Edition.
- PAGE, Martin (2002), *The First Global Village – How Portugal Changed the World*, Cruz Quebrada, Casa das Letras.
- REIS, Carlos (1992), *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina.
- ROMERO, Andrés (1991), *Metodologia da Análise de Conteúdo*, Lisboa Universidade Católica Portuguesa.
- SALAVASTRU, Constantin (2005), *Rhétorique et politique: Le pouvoirs du discours et le discours du pouvoir*, Paris, L’Harmatan.
- SANTULLI, Francesca (2005), *Le parole del potere, il potere delle parole. Retorica e discorso político*, Pavia, Ed. Franco Angeli.
- WEBER, Robert Philip (1990), *Basic Content Analysis*, USA, Sage Publications.
- WIARDA, Howard J., Margaret MacLeish MOTT (2001), *Catholic Roots and Democratic Flowers – Political Systems in Spain and Portugal*, USA, Praeger.

## Anexos

### Representações socio-políticas

| Presidentes da República<br>(Ano da eleição) | Juventude | Confiança | Solidariedade | Igualdade | Total |
|--|-----------|-----------|---------------|-----------|-------|
| Ramalho Eanes (1976)                         | ✓         | *         |               | ✓         | 2     |
| Ramalho Eanes (1980)                         |           |           | ✓             | ✓         | 2     |
| Mário Soares (1986)                          | * ✓       | * ✓       | ✓             |           | 3     |
| Mário Soares (1991)                          | * ✓       | ✓         | ✓             | ✓         | 4     |
| Jorge Sampaio (1996)                         | ✓         | ✓         | ✓             |           | 3     |
| Jorge Sampaio (2001)                         | ✓         | ✓         | ✓             | ✓         | 4     |
| Cavaco Silva (2006)                          | ✓         | * ✓       | ✓             | ✓         | 4     |
| <b>Total</b>                                 | 6         | 5         | 6             | 5         | 22    |

Tabela 1.1 - Representações conceptuais presentes nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006 (Cont.)

#### Notas:

1. Elementos expressos nos discursos de tomada de posse. As unidades de análises utilizadas ao longo de toda a análise são a palavra e o tema, tendo em consideração a presença do mesmo e não a sua quantificação. A frequência não foi considerada no levantamento presente.
2. Quando aparece o sinal + significa que as duas expressões foram utilizadas no mesmo discurso.
3. Com a indicação de asterisco (\*) encontram-se as ocorrências nos *slogans* de candidatura, de acordo com estudo realizado anteriormente (ver Espírito Santo, 2006b).
4. Estas notas são válidas para todas as tabelas seguintes.

## Representações político-ideológicas

| Presidentes da República | A     | B | C | D   | E   | F | G   | H | I | J | Total |
|--------------------------|-------|---|---|-----|-----|---|-----|---|---|---|-------|
| Ramalho Eanes            | a+b ✓ | ✓ |   | * ✓ | ✓   | ✓ | * ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | 9     |
| Ramalho Eanes            | a+b ✓ |   | ✓ | * ✓ | ✓   | ✓ | ✓   |   |   |   | 6     |
| Mário Soares             | a+b ✓ | ✓ | ✓ |     | * ✓ | ✓ | ✓   |   |   |   | 6     |
| Mário Soares             | a ✓   |   | ✓ | ✓   |     | ✓ | ✓   | ✓ |   |   | 6     |
| Jorge Sampaio            | a ✓   |   | ✓ | ✓   | ✓   | ✓ | ✓   |   |   |   | 6     |
| Jorge Sampaio            | a ✓   |   | ✓ | ✓   | ✓   | ✓ | ✓   |   |   |   | 6     |
| Cavaco Silva             | a ✓   |   | ✓ | ✓   | ✓   | ✓ |     |   |   |   | 5     |
| <b>Total</b>             | 7     | 2 | 6 | 6   | 6   | 7 | 6   | 2 | 1 | 1 | 44    |

Tabela 1.2 - Representações conceptuais presentes nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006

Legenda:

A - a. Revolução; b. 25 Abril

B - Terrorismo

C - Unidade, Coesão nacional

D - Mudança

E - Estabilidade

F - Democracia

G - Liberdade

H - Ditadura

I - Socialismo

J - Fascismo

### Instituições, órgãos e referentes políticos

| <b>Presidentes<br/>da Repú-<br/>blica</b> | <b>A</b> | <b>B</b> | <b>C</b> | <b>D</b> | <b>E</b> | <b>F</b> | <b>Sub-<br/>Total<br/>(1)</b> |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-------------------------------|
| Ramalho Eanes                             |          |          | ✓        |          |          | ✓        | 2                             |
| Ramalho Eanes                             |          |          |          |          |          |          |                               |
| Mário Soares                              |          | ✓        | ✓        | ✓        | ✓        | ✓        | 5                             |
| Mário Soares                              | ✓        | ✓        |          | ✓        | ✓        | ✓        | 5                             |
| Jorge Sampaio                             |          | ✓        | ✓        |          | ✓        |          | 3                             |
| Jorge Sampaio                             | ✓        | ✓        | ✓        |          | ✓        | ✓        | 5                             |
| Cavaco Silva                              |          |          | ✓        |          | ✓        | ✓        | 3                             |
| <b>Sub-Total</b>                          | 2        | 4        | 5        | 2        | 5        | 5        | 23                            |

Tabela 2.1. Instituições, órgãos e referentes nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006 (Cont.)

Legenda:

A - Parceiros sociais

B - Órgãos das Reg. Autónomas

C - Poder local/autarquias

D - C.R.P. - Constituição da Republica Portuguesa

E - Nação

F - Pátria

### Instituições, órgãos e referentes políticos

| Presidentes<br>da Repú-<br>blica | A        | B | C | D | E | F   | G | H | Sub-<br>Total<br>(2) | Total |
|----------------------------------|----------|---|---|---|---|-----|---|---|----------------------|-------|
| Ramalho Eanes                    |          |   | ✓ | ✓ |   |     |   | ✓ | 3                    | 5     |
| Ramalho Eanes                    | ✓        |   | ✓ |   | ✓ |     | ✓ |   | 4                    | 4     |
| Mário Soares                     | ✓        |   |   | ✓ | ✓ |     |   |   | 3                    | 8     |
| Mário Soares                     |          |   | ✓ |   | ✓ |     |   |   | 2                    | 7     |
| Jorge Sampaio                    |          |   |   | ✓ |   |     |   |   | 1                    | 4     |
| Jorge Sampaio                    | ✓        |   |   |   |   | a ✓ |   |   | 2                    | 7     |
| Cavaco Silva                     |          | ✓ |   |   |   | b ✓ | ✓ |   | 3                    | 6     |
| <b>Total</b>                     | 3        | 1 | 3 | 3 | 3 | 2   | 2 | 1 | 18                   | 41    |
| <b>Total</b>                     | 23+18=41 |   |   |   |   |     |   |   |                      |       |

Tabela 2.2. Instituições, órgãos e referentes nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006

Legenda:

A - Órgãos soberania

B - Primeiro-Ministro

C - Poder político

D - Oposição

E - Partidos políticos

F - a. Classe política; b. Políticos

G - Responsáveis políticos

H - Forças políticas

## Contextos, países, e organizações políticas

| Presidentes da República | A | B | C   | D | E | F | G | H | I | J | K | Sub-Total (1) |
|--------------------------|---|---|-----|---|---|---|---|---|---|---|---|---------------|
| Ramalho Eanes            | ✓ |   |     |   |   |   |   |   |   |   |   | 1             |
| Ramalho Eanes            | ✓ |   | a ✓ |   |   | ✓ |   |   |   |   |   | 3             |
| Mário Soares             |   |   | b ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |   |   |   |   |   | 4             |
| Mário Soares             | ✓ | ✓ | b ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |   | ✓ | ✓ | 10            |
| Jorge Sampaio            | ✓ | ✓ | b ✓ | ✓ | ✓ |   | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | 10            |
| Jorge Sampaio            | ✓ |   |     |   |   |   |   |   |   |   |   | 1             |
| Cavaco Silva             | ✓ | ✓ | b ✓ |   | ✓ | ✓ |   |   |   |   |   | 5             |
| <b>Sub-Total</b>         | 6 | 3 | 5   | 3 | 4 | 4 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 | 34            |

Tabela 3.1. Contextos, países e organizações políticas nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006 (Cont.)

Legenda:

A - Europa

B - América

C - a. América Latina; b. Brasil

D - Macau

E - Timor

F - África

G - Angola

H - Cabo Verde

I - Guiné

J - Moçambique

K - S. Tomé e Príncipe

## Contextos, países, e organizações políticas

| Presidentes da República | A     | B | C | D | E | F | G | Sub-Total (2) |
|--------------------------|-------|---|---|---|---|---|---|---------------|
| Ramalho Eanes            |       |   |   |   |   |   | ✓ | 1             |
| Mário Soares             | ✓     |   |   |   |   |   | ✓ | 2             |
| Mário Soares             | ✓     | ✓ | ✓ |   | ✓ | ✓ |   | 5             |
| Jorge Sampaio            | a+b ✓ |   |   |   | ✓ |   | ✓ | 3             |
| Jorge Sampaio            | b ✓   |   |   | ✓ |   |   |   | 2             |
| Cavaco Silva             | b ✓   |   |   |   |   |   |   | 1             |
| <b>Sub-Total</b>         | 5     | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 3 | 14            |

Tabela 3.2. Contextos, países e organizações políticas nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006 (Cont.)

Legenda:

A - a. Comissão Europeia; b. União Europeia (EU)

B - Mercado único Europeu

C - União Económica e Monetária

D - Europa Central e Oriental

E - O.N.U. - Organização das Nações Unidas

F - E.F.T.A. - European Free Trade Association

G - Aliança Atlântica, O.T.A.N. - Organização do Tratado do Atlântico Norte

### Contextos, países, e organizações políticas

| Presidentes da República | A                | B | C | D | E | F | Sub-Total (3) | Total |
|--------------------------|------------------|---|---|---|---|---|---------------|-------|
| Ramalho Eanes            |                  |   |   |   |   |   |               | 1     |
| Ramalho Eanes            |                  |   | ✓ |   |   |   | 1             | 5     |
| Mário Soares             |                  |   |   |   |   | ✓ | 1             | 7     |
| Mário Soares             |                  | ✓ |   | ✓ |   |   | 2             | 17    |
| Jorge Sampaio            |                  | ✓ |   |   | ✓ |   | 2             | 15    |
| Jorge Sampaio            |                  |   |   |   |   |   |               | 3     |
| Cavaco Silva             | ✓                |   |   |   |   |   | 1             | 7     |
| <b>Sub-Total</b>         | 1                | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 7             | 55    |
| <b>Total</b>             | 34 + 14 + 7 = 55 |   |   |   |   |   |               |       |

Tabela 3.3. Contextos, países e organizações políticas nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006

Legenda:

A - CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa

B - China

C - Países árabes

D - Kuwait

E - Bósnia Herzegovina

F - Comunidade Internacional



## Sistemas e estruturas sociais

| Presidentes da República | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | Sub-Total (1) |
|--------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---------------|
| Ramalho Eanes            | ✓ |   | ✓ | ✓ |   |   |   | ✓ |   |   | 4             |
| Ramalho Eanes            | ✓ | ✓ |   |   | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |   | 7             |
| Mário Soares             |   |   |   |   |   |   |   | ✓ |   |   | 1             |
| Mário Soares             |   | ✓ |   |   |   |   |   | ✓ | ✓ |   | 3             |
| Jorge Sampaio            | ✓ |   |   |   |   |   |   | ✓ |   | ✓ | 3             |
| Jorge Sampaio            | ✓ | ✓ |   | ✓ | ✓ | ✓ |   | ✓ |   | ✓ | 7             |
| Cavaco Silva             | ✓ | ✓ |   |   |   |   |   | ✓ |   | ✓ | 4             |
| <b>Sub-Total</b>         | 5 | 4 | 1 | 2 | 2 | 2 | 1 | 7 | 2 | 3 | 29            |

Tabela 4.1. Sistemas e estruturas sociais referidos ao longo dos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006 (Cont.)

## Legenda:

- A - Sistema educativo
- B - Ciência ensino superior
- C - Habitação
- D - Saúde
- E - Agricultura
- F - Indústria
- G - Comércio
- H - Economia
- I - Produção cultural
- J - Família

## Sistemas e estruturas sociais

| Presidentes da República | A            | B    | C | D     | E | F | G      | Sub-Total (2) | Total |
|--------------------------|--------------|------|---|-------|---|---|--------|---------------|-------|
| Ramalho Eanes            | a+b✓         | d ✓  |   | g ✓   |   |   | ✓      | 4             | 8     |
| Ramalho Eanes            |              | d ✓  |   |       |   |   | j+k+l✓ | 2             | 9     |
| Mário Soares             |              | d+e✓ |   |       |   |   |        | 1             | 2     |
| Mário Soares             |              | d ✓  |   |       |   |   |        | 1             | 4     |
| Jorge Sampaio            | ✓            |      |   |       |   |   |        | 1             | 4     |
| Jorge Sampaio            | a+c✓         | d ✓  | ✓ | h+i ✓ | ✓ |   |        | 5             | 12    |
| Cavaco Silva             | a ✓          | d ✓  | ✓ | i ✓   |   | ✓ |        | 5             | 9     |
| <b>Sub-Total</b>         | 4            | 6    | 2 | 3     | 1 | 1 | 2      | 19            | 48    |
| <b>Total</b>             | 29 + 19 = 48 |      |   |       |   |   |        |               |       |

Tabela 4.2. Sistemas e estruturas sociais referidos ao longo dos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006

Legenda:

A - a. M.F.A. - Movimento das Forças Armadas; b. “Homens do 25 de Abril” F.A.; c. “Capitães de Abril”

B - d. Justiça; e. Lei, Tribun; f. Magist.

C - Ambiente

D - g. Adm. P., Func. P.; h. Servidores Estado; i. Serviço P.

E - Segurança pública

F - Segurança social

G - j. Com. social; k. Rádio; l. Televisão

**Nota:** Incluem-se na categoria M.F.A. também a expressão F.A., a expressão militares assim como “Homens do 25 de Abril” (b), utilizada por António Ramalho Eanes, no seu discurso, em 1976 e “Capitães de Abril” (c) utilizada por Jorge Sampaio em 2001.

**Personalidades da Igreja**

| <b>Presidentes da Repú-<br/>blica</b> | <b>A</b> | <b>B</b> | <b>C</b> | <b>D</b> | <b>E</b> | <b>Total</b> |
|---------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|
| Ramalho Eanes                         |          |          |          |          |          |              |
| Ramalho Eanes                         |          |          |          |          |          |              |
| Mário Soares                          |          |          |          |          |          |              |
| Mário Soares                          | ✓        | ✓        |          |          |          | 2            |
| Jorge Sampaio                         |          |          | ✓        |          |          | 1            |
| Jorge Sampaio                         |          |          |          | ✓        |          | 1            |
| Cavaco Silva                          |          |          |          |          | ✓        | 1            |
| <b>Sub-Total</b>                      | 1        | 1        | 1        | 1        | 1        | 5            |
| <b>Total</b>                          |          |          |          | 5        |          |              |

Tabela 5. Personalidades religiosas e políticas nacionais nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006

Legenda:

A - Cardeal Patriarca

B - Presidente da Assembleia Legislativa de Macau

C - Mário Soares

D - António Guterres

E - Jorge Sampaio

## Sociedade civil

| Presidentes da Re-pública | A | B        | C  | D | E | F | G | H | I | J | Sub-Total (1) |
|---------------------------|---|----------|----|---|---|---|---|---|---|---|---------------|
| Ramalho Eanes             | ✓ | a+b+c+d✓ | a✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |   |   | 8             |
| Ramalho Eanes             | ✓ |          | b✓ |   | ✓ |   |   |   | ✓ | ✓ | 5             |
| Mário Soares              | ✓ | a✓       | b✓ |   |   |   |   |   |   |   | 3             |
| Mário Soares              | ✓ |          | b✓ | ✓ |   |   |   |   |   |   | 3             |
| Jorge Sampaio             | ✓ |          |    |   |   |   |   |   |   |   | 1             |
| Jorge Sampaio             |   | a+b✓     | b✓ | ✓ |   |   |   |   | ✓ |   | 4             |
| Cavaco Silva              | ✓ | b✓       | c✓ | ✓ |   |   |   |   |   |   | 4             |
| <b>Sub-Total</b>          | 6 | 4        | 6  | 4 | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 28            |

Tabela 6.1. Intervenientes da sociedade civil nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006 (Cont.)

Legenda:

A - Povo

B - a. Cidadãos; b. Concidadãos; c. Cidadãos democratas; d. Patriotas

C - a. Soc. socialista; b. Soc.; c. Soc. civil

D - Populações/habitantes

E - Trabalhadores

F - Activ. Sindical e cooperativa

G - Desempregados

H - Deslocados de África

I - Eleitores/eleitorado

J - Correntes de opinião

**Sociedade civil**

| <b>Presidentes da República</b> | <b>Comunidade</b> | <b>Consciência colectiva</b> | <b>Empresários</b> | <b>Técnicos</b> | <b>Investidores</b> | <b>Grupos sociais</b> | <b>Sub-Total</b> |
|---------------------------------|-------------------|------------------------------|--------------------|-----------------|---------------------|-----------------------|------------------|
| Ramalho Eanes                   |                   |                              |                    |                 |                     |                       |                  |
| Ramalho Eanes                   |                   | ✓                            | ✓                  | ✓               | ✓                   | ✓                     | 5                |
| Mário Soares                    |                   |                              |                    |                 |                     |                       |                  |
| Mário Soares                    |                   |                              |                    |                 |                     | ✓                     | 1                |
| Jorge Sampaio                   |                   |                              |                    |                 |                     |                       |                  |
| Jorge Sampaio                   | ✓                 |                              |                    | ✓               |                     |                       | 2                |
| Cavaco Silva                    |                   |                              | ✓                  |                 |                     |                       | 1                |
| <b>Sub-Total</b>                | 1                 | 1                            | 2                  | 2               | 1                   | 2                     | 9                |

Tabela 6.2. Intervenientes da sociedade civil nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portuguesa entre 1976 e 2006 (Cont.)

### Sociedade civil

| Presidentes da República | A          | B | C | D | E | F | G | Sub-Total (3) | Total |
|--------------------------|------------|---|---|---|---|---|---|---------------|-------|
| Ramalho Eanes            |            |   |   | ✓ |   |   |   | 1             | 9     |
| Ramalho Eanes            |            |   |   |   |   |   |   |               | 10    |
| Mário Soares             | ✓          |   |   |   | ✓ |   |   | 2             | 5     |
| Mário Soares             |            | ✓ |   | ✓ |   | ✓ |   | 3             | 7     |
| Jorge Sampaio            |            |   |   | ✓ |   |   |   | 1             | 2     |
| Jorge Sampaio            | ✓          |   |   |   |   | ✓ | ✓ | 3             | 9     |
| Cavaco Silva             | ✓          |   | ✓ |   |   |   |   | 2             | 7     |
| <b>Sub-Total</b>         | 3          | 1 | 1 | 3 | 1 | 2 | 1 | 12            | 49    |
| <b>Total</b>             | 28+9+12=49 |   |   |   |   |   |   |               |       |

Tabela 6.3. Intervenientes da sociedade civil nos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República Portugueses entre 1976 e 2006

Legenda:

- A - Emigrantes
- B - Imigrantes africanos
- C - Imigrantes
- D - Minorias
- E - Maioria
- F - Grupos de pressão
- G - Associações cívicas e políticas

## Da nação à região: as eleições legislativas na imprensa regional

José Ricardo Carvalho

*Universidade da Beira Interior*

E-mail: jr.carvalho@gmail.com

**D**EVIDO a uma tradição centralista de governo, Portugal consubstanciou-se num território político muito marcado pela dicotomia entre o centro e as periferias, entre o cérebro decisor e o corpo onde se inscrevem as marcas do processo de decisão. O regime parlamentar posterior a 1974 não criou a representação política das regiões, mas instituiu o vínculo democrático e a eleição com base em círculos eleitorais regionais. Através dos discursos da imprensa regional sobre as eleições legislativas, este texto procura compreender que formas tem assumido, ao longo das duas últimas décadas, a legitimação política do poder central na periferia e a relação desta com o centro do sistema e a governação do país.

A imprensa não é encarada, aqui, como mera fonte documental de uma realidade que lhe fosse exterior, mas sim enquanto sujeito operador que participa na construção dos discursos políticos (Fausto Neto, 2004), o que pode ser feito sob diversas formas de articulação com os actores da esfera institucionalmente política.

O texto que se segue sustenta-se, pois, numa pesquisa empírica de carácter diacrónico direccionada para o modo como o jornalismo da periferia tem vindo a representar e a interpretar os períodos de campanha eleitoral das legislativas. A modalidade de pesquisa é o estudo de caso, seleccionando-se o semanário *Jornal do Fundão* por razões que vão além da sua maior difusão e que ficarão patentes ao longo deste texto. O objecto de análise é o conjunto de artigos que versam directamente sobre as eleições e que foram publicados nas quatro semanas anteriores aos actos eleitorais de 1985, 1991 e 2002. Além disso, analisa-se ainda os textos de características editoriais de todos os períodos pré-eleitorais entre 1983 e 2002<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ao todo, sete eleições legislativas: 1983, 1985, 1987, 1991, 1995, 1999, 2002.

Esta investigação da cobertura jornalística das eleições opta, portanto, por uma abordagem qualitativa e usa como técnica a análise do discurso, com particular ênfase para a utilização do conceito de enquadramento. Distancia-se, em todo o caso, da mera análise linguística e procura articular os textos mediáticos com os processos políticos e culturais que os envolvem, de modo a compreender a constituição e transformação dos discursos sociais (Fairclough, 1998).

## O conceito

O conceito de enquadramento distingue-se do agendamento, noção desenvolvida pela teoria conhecida como *agenda-setting* e que está ligado à selecção e hierarquização dos assuntos no espaço público, assim como à atenção, que também se põe do lado das audiências, a certos acontecimentos em detrimento de outros. A teoria do agendamento é porém redutora, porque as notícias não são apenas seleccionados, mas sim construídas (Schudson, 1997). Daí, a importância da noção de enquadramento para dar conta do modo como se define um tema, sendo essa definição que permite dar-lhe alguma interpretação (McQuail, 2003: 348), funcionando como moldura para o campo de visão (Sousa, 2004) ou como estrutura profunda que contém instruções para deciframos uma situação (Silveirinha, 2005).

Originalmente formulado por Goffman (1976), o conceito de enquadramento, ou *framing*, referia-se ao uso de quadros interpretativos construídos socialmente e que, ao colocarem os indivíduos sob referências partilhadas, lhes permitem dar sentido às relações sociais. A teoria de Goffman, concebida para as relações face-a-face, tem sido incorporada pelos estudos dos média, onde se considera que os textos jornalísticos, através de elementos como os títulos, o *lead* ou as citações destacadas, apresentam estruturas que enquadram os eventos e lhes definem sentidos. A análise de Gitlin à cobertura da guerra do Vietname constituiu um marco importante no desenvolvimento do conceito, que identifica padrões persistentes de selecção, apresentação, ênfase e interpretação através dos quais os jornalistas organizam os discursos (Gitlin, 2003). Embora os sentidos produzidos pelas audiências a partir das



notícias seja uma questão mais complexa<sup>2</sup>, o conceito de enquadramento é frequentemente utilizado de uma forma que remete para a questão dos efeitos, quer numa versão positivista, quer numa versão crítica, mas num pendor mais qualitativo do que acontece com os estudos de agendamento.

O conceito é, no entanto, muito vasto e usado para captar diferentes aspectos do discurso mediático, pelo que, numa tentativa de aumentar o rigor da sua aplicação, Mauro Porto (2004) propõe a distinção entre enquadramentos noticiosos e enquadramentos interpretativos, sendo essa perspectiva que adopto nesta pesquisa.

Os enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, selecção e ênfase utilizados nos relatos jornalísticos (Porto, 2004: 91). É também possível incluir aqui a capacidade de não prestar atenção, de manter *out of frame* (Goffman, 1976) determinados aspectos possíveis de um evento. Os enquadramentos noticiosos revelam, por exemplo, atitudes dos jornalistas face aos políticos e as suas formas de encarar a actividade política.

Os enquadramentos interpretativos, por seu lado, estão ligados a uma determinada cultura, tendo no centro de cada tema uma ideia central organizadora que atribui sentido aos eventos e tece conexões entre eles (Gamson e Modigliani citados em Porto, 2004: 81). A forma como as notícias são enquadradas tende a traduzir os valores dominantes num contexto social (Meyers, 1997), mas também pode configurar disputas entre vários repertórios interpretativos, o que é comum na comunicação política e remete para a questão dos enquadramentos poderem ser plurais ou monopolizadores de significados (McQuail, 2003: 349). Portanto, tal como acontece com o agendamento, também o enquadramento não deve ser visto como uma acção exclusiva dos jornalistas, pois há *framings* implícitos no discurso dos actores sociais e políticos e na forma como os factos chegam às redacções.

As técnicas aqui usadas para identificar os enquadramentos inserem-se no campo da análise de discurso, incidindo sobre itens como os géneros narrativos, os papéis semânticos dos actores, as escolhas lexicais e sintáticas ou os

---

<sup>2</sup>A noção de enquadramento também é por vezes usada do lado das audiências, referindo-se a repertórios interpretativos como ideias que enquadram a recepção mediática, ou seja a activação de quadros de referência, que podem ou não coincidir com os dos jornalistas. Remete para a ideia dos efeitos do enquadramento jornalístico nas interpretações do público acerca de determinados temas e acontecimentos.

modelos de intertextualidade (Van Dijk, 1997; Van Leuween, 1997; Silveirinha e Peixinho, 2004).

Outro aspecto relevante para o enquadramento tem a ver com o modo de interpelação. Através da forma como interpela, o texto posiciona o sujeito que o lê (Edley, 2001), dá-lhe, segundo a conceptualização de Goffman, uma chave de leitura que consiste num lugar a partir do qual se constrói o sentido. Um dos níveis a que funcionam as *keyings* é pela activação de pertenças a entidades colectivas (Silveirinha, 2005), interessando-nos aqui as pertenças de índole territorial como a nação e a região.

## O jornal

O jornal é um sujeito semiótico (Rebelo, 2000) reconhecível pelos leitores devido às suas regras, projectos, estilo e perfil. Mercê das suas circunstâncias históricas e de um trajecto pontuado por episódios definidores, o Jornal do Fundão (JF) foi constituindo o seu carácter de sujeito semiótico simultaneamente na relação com o poder político, onde criou a ideia de independência e defesa de causas sociais, e na relação com o território, onde suplantou o paroquialismo e se tornou uma bandeira regionalista. Durante o regime ditatorial este estatuto foi marcado por casos como a suspensão pela censura ou a defesa de populações vítimas do bócio. No regime democrático, o pluralismo político permitiu a expressão mais aberta de reivindicações regionalistas, que tiveram um momento fulcral no caso do túnel da Gardunha.

A história do jornal e das suas relações com a esfera política é indissociável do percurso do seu fundador, director e proprietário durante mais de cinco décadas. António Paulouro era um membro de uma elite local cuja actividade editorial se entremeou com acções políticas, como a vice-presidência da Câmara do Fundão nos anos 50 e o cargo de deputado à Assembleia da República nos anos 80. Nessa medida, a relação entre a instituição mediática e os actores políticos não configura a clássica separação entre jornalismo e esfera do poder.

Nesta análise, estão em causa dois tipos de texto jornalístico. Por um lado artigos de teor noticioso, com destaque para o género reportagem, mas incluindo também peças escritas a partir de documentos dos partidos. Por outro lado, editoriais e outros artigos de opinião que expressam a posição do jornal.



À luz do exposto no ponto anterior, considero que as reportagens elucidam mais directamente sobre o tipo de enquadramento noticioso, ao passo que os editoriais constituem textos privilegiados para analisar o enquadramento interpretativo (Ponte, 2002). No primeiro caso, interessam sobretudo os ângulos de abordagem da notícia política em tempo eleitoral e as atitudes jornalísticas face aos actores políticos nacionais. No segundo caso dou especial atenção às identidades do sujeito-leitor que os textos interpelam e à identidade política colectiva que o jornal constrói e em que se posiciona. A perspectiva diacrónica visa apreciar como um e outro tipo de enquadramento são postos em jogo e evoluem ao longo de duas décadas.

A escolha das campanhas eleitorais analisadas não foi uma selecção feita *a priori* com base exclusivamente na história do regime político, mas surge após uma primeira leitura da abordagem do JF a todas as eleições legislativas desde a instauração da democracia. Esta leitura transversal permitiu perceber as campanhas de 1985, 1991 e 2002 como momentos marcantes de mudança ou consolidação de determinados modelos jornalísticos e linhas de discurso político, o que não resulta apenas de transformações no cenário da política, mas também da própria história do jornal.

## O enquadramento noticioso

Até à primeira metade dos anos 80 decorre no JF o que se pode chamar uma pré-história do jornalismo dedicado ao fenómeno eleitoral, dado que tudo tende a resumir-se a artigos breves com a enumeração dos candidatos e a descrição do seu perfil pessoal, que pode incluir um tom laudatório acerca de habilitações e cargos das personalidades apresentadas.

As eleições de 1983 inauguram a abordagem jornalística à eleição legislativa<sup>3</sup>. Surgem, embora timidamente, as primeiras notícias ligadas à campanha, aparece o primeiro editorial directamente focado nas eleições e o jornal estreia-se na inquirição directa de candidatos pelo círculo eleitoral, organizando uma mesa-redonda em público e transcrevendo-a nas suas páginas.

<sup>3</sup>Eleições que poriam fim ao governo da Aliança Democrática (coligação entre PSD e CDS) e lançariam a governação do “bloco central” (aliança pós-eleitoral entre PS e PSD).



As eleições de 1985<sup>4</sup>, onde António Paulouro seria candidato eleito pelo PRD, indicia o início de uma mudança no discurso jornalístico, na medida em que as reportagens publicadas albergam duas estruturas narrativas de tipo diferente. A primeira, tradicionalmente usada até aqui e ainda predominante, caracteriza-se pelo apagamento da componente interpretativa do repórter na cobertura de comícios e sessões oficiais. Por regra, os artigos preenchem o título com um enunciado directo do principal actor político, começam o texto com uma citação deste e reproduzem períodos completos do seu discurso, entremeados com a nomeação ou a citação de outros políticos intervenientes. As únicas frases em que o jornalista assume a autoria do discurso compõem-se de elementos factuais básicos (onde, quando, quem) ou tendem a ser escolhas lexicais e sintácticas eufóricas, que acentuam o tom positivo da peça ao descreverem o actor político como “recebido com grande entusiasmo” ou “diversas vezes interrompido por aplausos”. Não se trata de puro relato dos factos, mas sim de um tipo de enquadramento noticioso, como o exemplifica uma descrição eufemística da “assistência que enchia parcialmente o ginásio”. Este tipo narrativo enquadra uma relação de indiscutida autoridade da esfera política para com os cidadãos, onde os actores institucionais surgem como únicos enunciadore investidos de legitimidade para a expressão no campo político e sugere uma atitude de reverência e passividade do próprio repórter perante os protagonistas da política. Este modelo constitui um *enquadramento celebratório*<sup>5</sup>.

Um segundo tipo de estrutura, que aparece pela primeira vez na cobertura à digressão de Cavaco Silva em 1985, corresponde a uma narrativa que assume abertamente o ponto de vista jornalístico. Esta narrativa centra-se num fio interpretativo em que o repórter avalia as acções de campanha, acentuando alusões que visam conferir-lhe um estatuto de independência face ao poder, o que pode ser feito com frases disfóricas (“na tentativa de mobilizar um eleito-

<sup>4</sup>Eleições em que o PSD, liderado por Cavaco Silva, assume a governação e o PRD surge como nova força política.

<sup>5</sup>Entre vários textos com este enquadramento, o seguinte *lead* é um mero exemplo: “O PS esteve 50 anos a lutar contra o conservadorismo, que era apoiado por aqueles que agora nos querem dar lições de progressismo, daqueles que suportaram com as suas palmas, com a sua imoralidade e desonestidade, o regime mais imoral de sempre, mais desonesto e conservador que existiu em Portugal”. Esta foi uma das passagens mais aplaudidas do discurso que o Dr. Almeida Santos proferiu na última quarta-feira, à noite, no comício que o PS realizou na Covilhã, junto ao centro comercial da estação” (20-9-85).

rado cada vez mais indiferente”), com recurso à ironia (“não foi aquilo a que se pode chamar um banho de multidão”) ou pela sugestão de contradições dos candidatos e dissensões no interior dos partidos. Nesse contexto, tende a diminuir o espaço e a proeminência das citações, passando o discurso dos políticos a ser inserido de forma truncada dentro de enunciados mais vastos construídos pelo jornalista. A reportagem em causa coloca ainda Cavaco Silva num papel semântico passivo, até então inédito. Pela primeira vez, o político não é o agente que chega e fala, mas sim o paciente que é alvo de maior ou menor atenção da população. Por outro lado, o aparecimento desta estrutura também corresponde à estreia na cobertura de situações até aqui não reportadas pelo jornal, como a passagem pelas ruas e o contacto informal com as populações, assim como inaugura a recolha de declarações por inquirição dos jornalistas e não apenas a sua extracção dos discursos proferidos em comícios. Esta prática de inquirição directa ir-se-á constituindo gradualmente como uma marca de profissionalismo dos repórteres e como mecanismo pelo qual os jornalistas constróem a sua imagem de independência e previnem eventuais acusações de funcionarem como correia de transmissão que apenas amplia o que os políticos tomam a iniciativa de dizer. Este conjunto de elementos resulta num *enquadramento dessacralizador*, na medida em que dessacraliza o político nacional e transmuta o povo de um quadro de glorificação dos líderes para um quadro mundano e contingente.

Note-se, porém, que na campanha de 1985 esta estrutura de reportagem não está consolidada no paradigma jornalístico a nível regional, coexistindo na mesma página com artigos do tipo anterior e não fazendo regra para o futuro próximo. É preciso ter em conta que a década de 80 corresponde a uma fase titubeante na transição da imprensa regional para a profissionalização, marcada por avanços e recuos. Daí a circunstancialidade de um acto eleitoral poder coincidir com um período de esvaziamento da redacção, influenciando assim o tratamento da campanha. É o que parece acontecer com a eleição de 1987, onde a própria abordagem jornalística se esfuma através de uma ausência quase completa de artigos e reportagens sobre a campanha. A ilustração desse esvaziamento são as chamadas de primeira página acerca de comícios, que na realidade remetem para anúncios publicitários acerca das manifestações partidárias.

A eleição de 1991 dá-se numa fase mais avançada de profissionalização da redacção, voltando a haver uma série de reportagens. A cobertura da cam-

panha corresponde a um recuo do enquadramento celebratório, rareando, por exemplo, os títulos com citações dos candidatos, que eram a regra na década anterior. No entanto, mais do que representar a afirmação do enquadramento dessacralizador *de per si*, as reportagens de 1991 caracterizam-se pelo entrelaçamento entre este e o enquadramento celebratório dentro da mesma peça, naquilo a que se pode chamar estruturas de enquadramento plural. Esta coabitação de tons positivos e negativos, assim como de activação e passivação dos actores políticos, insere-se num novo tipo de narrativa de campanha que acentua aspectos emotivos e coloca-os em posição tópica<sup>6</sup>. As descrições do cenário e do ambiente, as alusões ao estado de espírito dos candidatos, as incidências e os percalços de percurso, ao serem introduzidos, modificam uma narrativa que antes era inteiramente factual e fazem emergir uma narrativa mista, com elementos característicos do género de *fait-divers*. Trata-se, assim, de uma popularização do discurso jornalístico, que em si não contém obrigatoriamente nenhum menosprezo pela política, mas com a qual acaba por sobrevir uma secundarização das informações de teor político e uma prevalência de *enquadramentos episódicos* sobre os *enquadramentos temáticos* (Iyengar citado em Porto, 85). Surge também aquilo que é designado por “enquadramento de corrida de cavalos”, em que os candidatos são apresentados mais como competidores entre si do que através de propostas políticas<sup>7</sup>.

A eleição de 2002, altura em que a profissionalização da redacção está consolidada e o jornal já é propriedade de um dos maiores grupos portugueses no sector dos média apresenta um número de peças informativas claramente

<sup>6</sup>Estes aspectos podem ser ilustrados pela reportagem de uma digressão de Freitas do Amaral (27-9-91), onde a tonalidade positiva e o papel activo (“não poupa Cavaco”; “cada vez mais duro”; “continua a despertar curiosidade popular”; “não defraudou as expectativas”) alternam com as passagens de tom negativo ou de passivação do candidato (“uma praça quase deserta”; “para animar um pouco a assistência”; “pouco apoiado pelas estruturas do seu partido”; “tem feito a campanha praticamente sozinho”).

<sup>7</sup>O seguinte início de *lead* expressa esta tendência: “Em declarações ao JF, Carlos Carvalhas disse não estar “nada preocupado” pelo facto de o comício da CDU não ter reunido sequer metade da multidão que na véspera, e no mesmo cenário, tinha aplaudido o líder do PS” (27-9-91). Este mesmo excerto exemplifica outras das tendências apontadas: a secundarização das intenções políticas dos candidatos, a preocupação em obter declarações directas e, se possível, exclusivas; o uso de citações truncadas em enunciados construídos pelo jornalista; a componente claramente interpretativa do repórter.

superior às das campanhas de 1985 e 1991<sup>8</sup>. Desaparecem, porém, as reportagens de rua e com elas as narrativas mais coloridas e popularizadas, permeadas com aspectos emotivos, com a reacção das populações e onde cabia a citação de cidadãos anónimos. Regressa assim uma cobertura mais atida aos momentos formais de campanha e que assenta no ponto de vista dos candidatos, recolhido em comícios, sessões de apresentação ou meros programas enviados à redacção. Regressa, pois, o enquadramento temático, onde predomina o conteúdo político. Os textos tendem a fixar-se numa narrativa factual, sendo mais frequente o apagamento do repórter como intérprete do que a assunção de um discurso explicitamente interpretativo. A verbalização dos títulos – “Durão diz”, “Socialistas puxam”, “CDU exige”, “Bloco insiste”, “Ferro garante” –, imputa actos aos políticos, no que constitui um *enquadramento distanciado*, no sentido em que os jornalistas representam linguisticamente uma não cumplicidade com os políticos. No entanto, nas páginas do jornal voltam a prevalecer os artigos colonizados por citações, que conferem total coerência ao discurso de cada partido e que assim produzem um enquadramento que também é *oficialista*. São minoritárias as reportagens com uma trama política construída pelo repórter<sup>9</sup>, o que leva a um retrato institucional e rotineiro da campanha eleitoral, em que o *know-how* profissional se sobrepõe a qualquer perspectiva cívica. Trata-se, ainda, de um enquadramento distanciado também no sentido de que a fixação das reportagens em sessões formais introduz uma representação de distância entre candidatos e eleitores.

## O enquadramento interpretativo

Os enquadramentos interpretativos, mais do que relevarem de procedimentos e técnicas do jornalismo, emanam de actores sociais diversos e ligam-se a

<sup>8</sup>Excluindo as notícias breves, a campanha de 2002 suscitou treze peças informativas, enquanto a de 1991 envolveu sete e a de 1985 apenas seis.

<sup>9</sup>Os seguintes excertos exemplificam a componente interpretativa, mas são um género minoritário: “Enquanto o líder do CDS-PP quer ver crianças e professores a cantarem logo pela manhã o hino nacional, Miguel Portas, do Bloco de Esquerda, propõe uma escola sem restrições de horários e com liberdade curricular” (1-3-02); “Não garantiu todavia, preto no branco, nenhum projecto concreto para o distrito da Guarda, nem mesmo a construção de um hospital novo, a bandeira que Ana Manso, cabeça de lista, ergue bem alto nesta candidatura” (8-3-02).

ideologias e discursos culturais que circulam na sociedade e que disputam legitimidade face a outras leituras da realidade.

Na década de 80 – eleições de 1983, 1985 e 1987 – o tempo de campanha não inclui nenhum editorial que aborde a escolha do governo na perspectiva dos interesses e das consequências regionais. A votação é sempre enquadrada como questão nacional e o leitor é interpelado como cidadão português, sendo que a pujança das afinidades ideológicas e das lealdades partidárias eclipsam as pertenças locais. O enquadramento temático mais forte nos editoriais desta altura é um enquadramento moral, seja centrado na ética do bem público, seja na ética dos valores democráticos. Através de contrastes metafóricos ou de dicotomias lexicais positivas e negativas representa-se o país num momento dilemático da sua vida colectiva e a prática política como adulteração do ideal cívico<sup>10</sup>. Este tipo de enquadramento é coerente com o surgimento de um novo partido político, o PRD, ancorado numa cruzada moral contra a degradação da política e do qual o director do jornal seria deputado.

Se regressarmos às reportagens da campanha de 1985 vemos que também o género noticioso interpelava o cidadão enquanto eleitor nacional. Não só o discurso dos políticos nacionais parece reservar então um lugar marginal para as questões regionais, como todos os títulos escolhidos pelo jornal se referem a temas de estado. A eleição do parlamento é, portanto, enquadrada como um momento que diz respeito aos residentes da região sobretudo enquanto portugueses.

Num segundo plano da hierarquia do jornal é possível, porém, descortinar a emergência, desde 1983, de um enquadramento temático nas desigualdades regionais. Nesse ano, o tema surgiria apenas nos títulos do debate entre candidatos pelo círculo de Castelo Branco. Em 1985, volta a aparecer no mesmo plano, quando a primeira pergunta feita pelo jornal aos candidatos assenta numa pressuposição de verdade “os governos apenas têm aumentado as assimetrias”, mas também já surge em títulos de artigos de análise sobre demografia ou economia, bem como na transcrição de um discurso de Ramalho Eanes.

<sup>10</sup>O editorial de 22/04/1983, com o título de “Não ao apodrecimento” faz uso de sucessivas metáforas de conotação negativa, como “processo infeccioso”, “governanço” e “lodaçal”, a que são contrapostos “mãos limpas”, “redenção”, “princípios”. O editorial de 3/7/1987, “O país do pé coxinho” opõe “ideários”, “esclarecimento” e “liberdade”, por um lado, às práticas “a qualquer preço”, “onde se jogam lugares”, “demagogia” e “vícios”, por outro.



Neste contexto, chama a atenção o aparecimento e a crescente assiduidade do vocábulo “interior”. A princípio a ideia de “interior” é menos frequente que a ideia de entidade regional, patente em expressões como “desenvolvimento da região”, “problemas do distrito” ou “desequilíbrios regionais”. Mas gradualmente vai ganhando peso e proeminência, através de uma história que a análise dos actos eleitorais deixa perceber.

Em 1991, pela primeira vez em tempo de campanha para o parlamento, um espaço de carácter editorial posiciona os leitores de forma articulada enquanto cidadãos nacionais e enquanto cidadãos da Beira Interior<sup>11</sup>. Em dois textos que se sucedem na mesma coluna de opinião (13-9-91), as primeiras frases definem as diferentes identidades a que se dirige a interpelação aos eleitores. O primeiro trecho, intitulado “Clientelas” começa com o seguinte enunciado: “Em poucos países, como em Portugal, a cunha se transformou numa instituição com tantas e tão fundas raízes”. O jornal coloca o leitor na pele de português, eleitor de um poder político que sobrevive e manobra com recurso às suas clientelas políticas, tratando-se de um enquadramento moral na linha de outros editoriais em eleições anteriores. Mas o segundo trecho, com o título de “Ladrões de estradas”, muda o enquadramento, iniciando-se assim: “O que se está a passar em relação às estradas do nosso descontentamento é um escândalo que chega a pôr em causa o Governo como pessoa de bem”. O pronome pessoal (em “nosso descontentamento”) constrói um sujeito colectivo que abarca jornal, leitores e cidadãos da região, para depois enquadrar as eleições legislativas como momento de julgar a administração central (“pôr em causa o Governo como pessoa de bem”) em função dos seus actos *para com a região*. Este texto funda, na verdade, um enquadramento regionalista em tempo de campanha para o parlamento, cujo elemento fundamental é a interpelação do leitor na sua identidade local. Jornal e leitores são discursivamente postos em comunhão na mesma margem de uma dupla dicotomia: região-governo e região desfavorecida-regiões favorecidas.

O ano de 1991 parece, de facto, ter marcado uma viragem, na qual assume um papel central o episódio sobre a (não) construção do túnel rodoviário da

<sup>11</sup>Entende-se por espaço de carácter editorial um texto de opinião que exprima a posição do jornal sobre determinada matéria e que seja claramente identificável pelos leitores como emanado da direcção ou de alguém cujo lugar na instituição lhe permite representá-la. Neste caso trata-se da coluna “A semana”, do chefe de redacção Fernando Paulouro Neves, que mais tarde se tornaria director do jornal.

Gardunha. Colocado na primeira página durante meses, o “quadrado” sobre o túnel da Gardunha consistia numa foto-legenda com a imagem em branco e onde a ironia era usada para criticar a quebra de uma promessa governativa<sup>12</sup>. Configurando um género jornalístico impreciso, a meio caminho entre o *cartoon* e o editorial, “o túnel” foi concebido e redigido pelo director do jornal e funcionou como verdadeira arma política numa altura em que António Paulouro já se encontrava desvinculado da vida partidária e da actividade política formal. A sua eficácia residiu no facto de se alicerçar num discurso cultural popular sobre a não fiabilidade dos políticos, que articulou com a ideia de desigualdades e isolamentos territoriais, produzindo a ideia de descrédito agravado em relação ao interior.

Um editorial assinado por António Paulouro, em 20 de Setembro, ultrapassa a mera perspectiva de região e enquadra abertamente a questão governativa como dualidade política Litoral-Interior: “apesar das promessas (...) o governo não diminuiu o fosso”. Está lançada, a partir deste enunciado, a reconversão do tema das assimetrias regionais em temática nacional. Em 1991 dá-se, portanto, um duplo movimento de reenquadramento das eleições legislativas: primeiro regionalizando a avaliação dos políticos; depois recolocando a defesa regional como questão de estado e legitimando-a assim como tema das eleições para os órgãos centrais. Com a ideia de interior no cerne do discurso, a defesa da região deixa de ser um regionalismo para passar a inserir-se numa visão de conjunto, cujo desígnio último é o desenvolvimento de todo o país. Note-se que o uso de maiúsculas no vocábulo Interior é recorrente nesta fase do JF e, se a linguagem revela as disposições culturais e ideológicas, esta substantivização do interior como nome próprio pode ser lida como desejo de autonomização e de construção de uma entidade política<sup>13</sup>.

O editorial em causa, com o título de “Intervalo”, é altamente ambíguo, dado que proclama a independência política do jornal e assegura dar voz a to-

<sup>12</sup>A legenda acabava sempre com a frase “tal como prometido pelo primeiro ministro em 27 de Abril”.

<sup>13</sup>Tal pulsão autonomizadora, no sentido de maior representatividade e poder de decisão local e regional, já está presente nas intervenções de António Paulouro enquanto candidato pelo PRD, em 1985, e também na organização das “Jornadas da Beira Interior”, em 1983, 1985 e 1990, que assumem a ideia de regionalização do país como tema central e através das quais António Paulouro e o JF procuram agregar elites locais da Guarda, Covilhã, Fundão, Castelo Branco e de outras sedes de concelho num aliança de carácter regional.

dos os partidos “em condições rigorosamente iguais”, mas sugere ao mesmo tempo que a defesa dos interesses regionais legitima um parêntesis na neutralidade (“Sobram razões para repetir que o governo (...)), ou seja, ergue a defesa da região a um plano de maior importância que a isenção partidária, mas fá-lo apoiado na ideia de “interior” e de um desequilíbrio que já não é regional, mas sim nacional.

Procurando fazer uma genealogia, embora muito limitada, do uso da entidade “interior” no JF, recorri à compilação dos textos publicados sobre o regadio da Cova da Beira, desde os anos 50 até 1990<sup>14</sup>. O que se verifica até meados dos anos 70, é que a região, seja agregada à província das “Beiras” ou como território mais restrito da “Cova da Beira”, é representada enquanto *uma região entre regiões*, tendo termos de comparação como o Alentejo ou o Algarve. Isto é comum quer aos artigos emanados da redacção, quer aos textos de colaboradores exteriores, quer às intervenções de representantes institucionais, correspondendo portanto a um enquadramento do território que é culturalmente partilhado. Em 1975, surge pela primeira vez no âmbito deste tema a enunciação do regadio como uma “opção fundamental para o desenvolvimento do *interior* do país”, num artigo assinado por Duarte Simões, na época director do Instituto Politécnico da Covilhã. Progressivamente, a noção de interior, bem como as relações entre interior e litoral, passam a figurar nos artigos com maior frequência e o termo parece ter tido um impulso com a sua institucionalização na orgânica do ministério da Agricultura, a partir de 1978, através da designação de Beira Interior. Na viragem para os anos 80, a expressão já aparece em reportagens do jornal sobre o regadio e sobre as atitudes do poder central.

Estes dados indiciam, portanto, que antes de chegar ao cenário das campanhas eleitorais, a noção de interior começou a circular paulatinamente, dez anos antes, entre algumas elites regionais, das quais a direcção do jornal também fazia parte. A emergência desta entidade territorial ter-se-á desenvolvido dentro de um processo mais vasto de recomposição semântica da geografia nacional, que se foi transmutando de um mosaico de regiões para o par dicotómico litoral-interior, que substitui a antiga dicotomia Lisboa-província, e em que cada um dos termos adquire uma forte carga cultural e simbólica. O

<sup>14</sup>A compilação destes textos está reunida e publicada em livro: António Paulouro (1991), *Crónica das Águas que Passam*. Fundão: Jornal do Fundão Editora.

termo interior tem hoje um sentido culturalmente partilhado à escala nacional, que condensa as ideias de arcaísmo socio-económico, rusticidade das populações e anquilosamento cultural. A ideia de interior simboliza, em suma, um cúmulo de desprestígios que o aproximam da condição de estigma. Por outro lado, constitui também uma entidade política simbólica, que designa o território sem poder, sem peso eleitoral, sem capacidade de captar recursos e de influenciar o processo da sua distribuição pelo estado. Até aqui, esta representação de interior tem motivado a retórica política da solidariedade e da necessidade de reequilíbrio nacional, mas o desgaste de tal discurso e o cenário transnacional cada vez mais competitivo podem levar à assunção política clara da secundarização do interior em favor de estratégias de concentração de recursos nos núcleos mais qualificados do país<sup>15</sup>.

Ao nível das reportagens de campanha, a eleição de 1991 ainda não introduz o enquadramento temático focado na questão territorial e na discriminação regional, que só mais tarde chegará às narrativas factuais escritas pelos repórteres. Nesse momento, ele só emerge no discurso de alguns actores políticos, mas tendencialmente sem posição tópica nos textos, e fortemente nos artigos de opinião. Exemplo paradigmático é o texto “Só as promessas não chegam” (4-10-91), publicado nas vésperas do acto eleitoral e que, não sendo assinado, manifesta a posição institucional do jornal. Aqui, o sujeito interpelado é o beirão, condição inclusiva do jornal e dos leitores conotada de proximidade afectiva na expressão “desta Beira”. E a região é construída como identidade supra-local cuja representação como “um território” ou “nó de terra” apaga os limites concelhios. Este enquadramento sugere que a eleição parlamentar, ao basear-se em círculos eleitorais que agregam as micro-entidades políticas existentes, acaba por proporcionar um momento privilegiado para a construção de um imaginário político mais vasto que o dos municípios, ocasião essa que é tomada em mãos por alguns actores regionais, entre os quais figuram o JF, mas também determinados partidos e figuras partidárias.

O carácter progressivo deste processo é patente quando, nas eleições seguintes, o enquadramento regionalista e o recurso à noção de interior penetram no próprio género reportagem, aparecendo em força nos títulos da campanha

<sup>15</sup>Neste registo, é possível ouvir um sociólogo tão prestigiado e influente como António Barreto afirmar que não lhe repugna a ideia de Portugal definir uma parte do seu território essencialmente como reserva de recursos naturais (RTP 1, programa Prós e Contras, Julho de 2005).

de 1995. Aqui, surgem títulos em que cai o substantivo Beira e fica apenas o ex-adjectivo interior transformado em nome próprio: “Nogueira por terras do Interior” ou “A grande batalha é a defesa do Interior”. Esta nova unidade política simbólica é manejada tanto no discurso político do segundo título (uma citação) como no discurso jornalístico do primeiro, que é uma descrição de lugar onde a associação do vocábulo “terras” sugere uma comunidade telúrica e ruralista.

Na eleição de 2002, o sujeito mais frequentemente interpelado nas reportagens de campanha já é o cidadão da região. A narrativa dos repórteres enquadra a questão eleitoral sob o prisma do interesse regional e põe sistematicamente em título essa temática, num contraste flagrante com o que acontecia nos anos 80: “Durão diz que a prioridade é desencravar o interior”, “CDU exige reforço da descentralização”; “Ferro Rodrigues garante novo papel para o distrito”.

O enquadramento surgido nas reportagens sobre o Partido Socialista em 2002 é particularmente interessante porque resulta de um percurso e de uma relação dialéctica entre os média, neste caso o JF, e os actores políticos, entre os quais o PS se mostrou a força política mais disponível para partilhar com as elites locais um enquadramento regionalista das eleições nacionais e acabou por assumir esse discurso como seu. Isto deu-se em particular com alguns dos seus dirigentes, sobretudo António Guterres e José Sócrates, num papel facilitado pela proximidade ideológica com a direcção do JF. Veja-se, logo nos anos 80, nas Jornadas da Beira Interior, os pontos de contacto entre o discurso de José Sócrates e as posições do JF e de António Paulouro. Ambos assentam na ideia de coesão regionalista, expressa por Sócrates como “um consenso das forças políticas regionais” e por Paulouro como a comunhão de “pessoas de todos os quadrantes (...) que ajudarão a mudar o destino desta área desfavorecida”. Também na campanha de 1985 Guterres proclama “queremos a regionalização, (...) queremos ser patrões de nós próprios” e Paulouro argumenta que “ninguém melhor que nós, os da Beira Baixa, conhece as angústias do abandono”. A apresentação do programa eleitoral do PS às eleições de 1985, numa sessão com Guterres e Sócrates (13-9-85), pode aliás ser considerada a primeira peça de reportagem de campanha do JF em que predomina o tópico da defesa da região como um todo e onde a interpelação fundamental é feita ao cidadão da Beira interior e não ao eleitor português. Este discurso

contrasta, na altura, com os discursos de pendor mais nacional do PSD e mais moralista e genericamente descentralizador do PRD<sup>16</sup>.

O caminho que o JF e o Partido Socialista percorrem a partir daqui é relativamente paralelo quanto ao enquadramento regionalista da eleição de deputados e da própria governação, e esse percurso desemboca na campanha de 2002 em reportagens com títulos como “Socialistas puxam dos galões”, “Pusemos o distrito no mapa” e “Maria Elisa é uma pára-quedista”. O episódio em torno da candidata do PSD, Maria Elisa, como alguém exterior à região, assumiu uma enorme relevância nesta campanha eleitoral porque se insere num enquadramento de longa duração acerca de uma dicotomia nós-eles, construída através da representação dual interior-litoral. Nós esquecidos, menosprezados e com auto-conhecimento da região. Eles poderosos, sobranceiros e longe do terreno. José Sócrates cavalga essa narrativa – “aqui no distrito não há parolos” (8-3-02) – e a reportagem do JF difunde-a, incorporando um enquadramento que não se caracteriza tanto pela *corrida de cavalos*, mas mais pelo confronto verbal, a que podemos chamar *luta de galos*<sup>17</sup>. Em todo o caso, só o caminho percorrido pelo enquadramento regionalista permite este tipo de interpretação política e jornalística, difícil de imaginar numa eleição duas décadas antes, onde nenhum discurso beliscava os actores vindos do centro do sistema.

É evidente que, nesta altura, já todos os partidos afinam por um discurso mais ou menos regional, mas sem o capital de implantação que é dado ao PS pela longa prática desse discurso e pela sua articulação com algumas decisões do governo de Guterres. Enquanto candidato a primeiro-ministro, António Guterres é, aliás, legitimado num texto de carácter editorial do JF (15-9-95)

<sup>16</sup>Alguns elementos de outros partidos assumem um discurso autonomista e regionalista, mas não com o carácter unísono e sistemático que acontece no PS. Um dos políticos não socialistas que desde mais cedo privilegia essa abordagem é o candidato do PSD Carlos Pinto, de que o JF realça em 1991 declarações críticas do centralismo como “estavam em Lisboa a conspirar” ou “queremos influenciar as decisões que nos dizem respeito”. Estes enunciados convocam a dualidade nós-eles e constroem discursivamente uma união entre políticos e povo da região.

<sup>17</sup>Parece-me que, nesta altura, a imprensa regional também sofre influência do tipo de enquadramentos praticados no jornalismo televisivo em relação ao fenómeno eleitoral, adoptando por vezes modelos inspirados naqueles que são os média culturalmente hegemónicos, como é o caso da prática televisiva de recolher declarações acusativas, seguidas de respostas e contra-respostas, no que designo aqui por enquadramento de luta de galos.



pela pertença simbólica à terra: “toda a gente sabe que (...) tem raízes na região, é daqui o seu universo de afectos, reclamou há muito (...) a condição de beirão”. Neste enunciado, o vocábulo “*daqui*” tem o papel fulcral na representação de Guterres como *um dos nossos*.

Mas, curiosamente, à medida que o enquadramento do género noticioso se vai tornando mais regionalista, os editoriais durante a campanha de 2002 regressam a uma perspectiva nacional, agora enquadrada numa narrativa de desencanto com a política. O sujeito interpelado é o cidadão vítima do “discurso rasteiro e vazio”, da “partidarite” e do “empobrecimento democrático”. Trata-se de um enquadramento crítico, mas que acaba por estabelecer uma passivação do eleitor face aos protagonistas da política, expressa em enunciados como “chamados a votar”, “sacrifícios que nos serão pedidos” ou “narcotizados pelo espectáculo do sistema”. Mesmo exortando os leitores à não demissão cívica – “façam o favor de participar” – o tom é de cumprimento esforçado do dever, dando a ideia de que o próprio colunista já não acredita em resultados dessa participação.

Esta interpretação desconfiada da política trespassa por vezes para os textos noticiosos, quando as reportagens de comícios sugerem dúvidas sobre a credibilidade dos candidatos quanto ao conhecimento das regiões ou à sua real vontade de as defender. Em alguns casos, esse enquadramento surge logo no *lead*: “Pina Moura cometeu a gafe do comício: atribuiu 24 concelhos ao distrito”; “Durão acusou o PS de não ter cumprido as promessas, mas também não se comprometeu”.

## Notas conclusivas

Ao longo dos últimos vinte anos deu-se uma transformação, gradual mas profunda, na forma como o JF enquadra as eleições legislativas, ou seja, uma alteração do sentido atribuído à escolha de deputados e do governo nacional. Esta transformação foi, em traços largos, um movimento geral que tomou as seguintes tendências e envolveu as diversas vertentes:

- (a) o enquadramento noticioso contido nas reportagens de campanha:  
*celebração do poder nacional* → *dessacralização* → *distanciamento*



(b) o enquadramento interpretativo dos editoriais:

*governo do país* → *interesses da região* → *desencanto com a política*

(c) o sujeito interpelado:

*cidadão nacional* → *cidadão da região*

As eleições legislativas tornam-se, assim, num momento de avaliação das políticas dos governos e dos partidos exclusivamente dirigidas à região. A avaliação do que afecta os eleitores como portugueses (as políticas nacionais a nível fiscal, da educação, saúde) ficam de fora de um enquadramento centrado na dimensão regional.

A eleição parlamentar, ao basear-se em círculos territoriais agregadores, acabou por tornar-se numa ocasião importante para a participação activa da imprensa da periferia na construção de um imaginário político regional e na representação de um dualismo face ao centro. Essa ocasião não foi desperdiçada por um jornal próximo das elites locais e cujas circunstâncias (incluindo a localização num núcleo urbano secundário) lhe deram uma propensão territorial mais vasta. A actual interpretação dos deputados como politicamente vinculados às regiões onde são eleitos é relativamente recente no sistema democrático português e advém de um percurso de gradual emergência regionalista que envolve fortemente a imprensa local. O tema da representação das regiões, que na primeira década de democracia estava *out of frame*, de modo coerente com a constituição, passou a enquadrar a questão eleitoral de um modo que instituiu uma obrigação moral dos deputados da nação para com os distritos eleitorais.

Existe grande permeabilidade entre os discursos da imprensa e os discursos dos actores políticos, em ambos os sentidos, mas também existem linhas de dissenção entre os dois campos discursivos. No caso do JF, há uma linha de articulação com o discurso político regionalista que enquadra as legislativas como tema decisivo para os cidadãos, por serem do interior. Ao mesmo tempo, evolui uma linha divorciada do discurso político e que consiste em enquadramentos que corroem a credibilidade deste. A primeira linha reforça um certo tipo de cumplicidade com os políticos locais, ao definir sistematicamente o atraso da periferia como responsabilidade do centro; a segunda mina em geral a imagem dos actores da política.

O percurso que passa pela dessacralização do poder central e pelo ceticismo com a política insere-se num enquadramento de tipo cultural, que é



comum no discurso sobre os políticos em Portugal, e que se traduz num distanciamento passivo face aos protagonistas institucionais do sistema político.

A narrativa factual dos géneros notícia ou reportagem absorve os enquadramentos culturais que circulam na sociedade, mas fá-lo com um certo atraso em relação ao seu manejo pelas elites e fazedores de opinião, incluindo os jornalistas editoriais. O género noticioso parece só introduzir esses enquadramentos – como o da interioridade – quando eles se tornam culturalmente dominantes. Nesse momento, eles passam a figurar nas narrativas noticiosas de forma objectivada, como pressuposições e evidências inquestionáveis.

A abordagem noticiosa das eleições mostra que o enquadramento jornalístico não está dependente de o repórter assumir uma interpretação explícita dos eventos. Mesmo quando o jornalista apresenta um artigo colonizado por citações, existem sempre práticas como a formulação do título que hierarquizam os factos e lhes dão um certo enquadramento. Independentemente do uso de citações ter avançado e recuado nos últimos vinte anos, o enquadramento interpretativo dos títulos do JF foi sempre seguindo um rumo crescentemente regionalista.

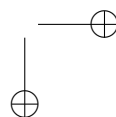
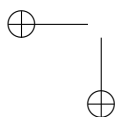
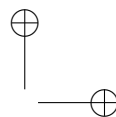
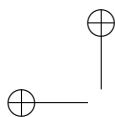
O enquadramento desencantado com a política é coerente com um tratamento noticioso que, ao fim de duas décadas, surge rotineiro e fatigado em relação às eleições legislativas. Este tipo de abordagem noticiosa, dependente dos calendários partidários e com escassa iniciativa própria, conserva o enquadramento regionalista como o único que mantém capacidade de mobilização.

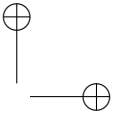
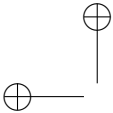
A iniciativa jornalística cobre exclusivamente acções de campanha – comícios, visitas, digressões – de líderes partidários e figuras nacionais. Para os candidatos estritamente distritais estão reservados os inquéritos, as conferências de imprensa ou a posição de segundas vozes em reportagens sobre os dirigentes nacionais. Assim, de forma um tanto paradoxal, o enquadramento é regionalista, mas a atenção é focada, quase exclusivamente, nos líderes e figuras nacionais, o que também sugere a existência de um enquadramento de dependência política: a necessidade de recorrer aos de fora, aos que têm poder efectivo, enquanto os candidatos locais não contam.

## Referências Bibliográficas

- Edley, Nigel (2001), “Analysing Masculinity: Interpretative Repertoires, Ideological Dilemmas and Subject Positions”, em M. Wetherell, S. Taylor e S. J. Yates (eds.), *Discourse as Data*, Londres/Milton Keynes, Sage/Open University.
- Fairclough, Norman, 1998, “Political Discourse in the Media: An Analytical Framework”, em A. Bell e P. Garrett (eds.), *Approaches to Media Discourse*, Oxford, Blackwell.
- Gitlin, Todd (2003), *The Whole World is Watching*, Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press.
- Goffman, Erving (1976), *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, Cambridge, Harvard University Press.
- McQuail, Dennis (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Meyers, Marian (1997), “News of Battering”, em Dan Berkowitz (ed.), *Social Meaning of News*, Londres, Sage.
- Fausto Neto, António (2003), “Discurso Político e Mídia”, em A. A. Canelas Rubim (org.), *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens*, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Ponte, Cristina (2002), “Kosovo: A voz editorial em El País e Público”, em AA. VV., *Media, Jornalismo e Democracia*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Porto, Mauro (2004), “Enquadramentos da Mídia e Política”, em A. A. Canelas Rubim (org.), *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens*, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Rebelo, José (2000). *O Discurso do Jornal*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Schudson, Michael. (1997), “The Sociology of News Production”, em Dan Berkowitz (ed.), *Social Meaning of News*, Londres, Sage.

- Silveirinha, Maria João (2005), “O lançamento da moeda europeia e os seus enquadramentos na imprensa”, em *Livro de Actas “4.º SOPCOM*, CD-Rom.
- Silveirinha, Maria João e Peixinho, Ana Teresa (2004), “Análise textual assistida por computador”, em I. Ferin Cunha et al., *Media, Imigração e Minorias Étnicas*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Sousa, Jorge Pedro (2004), *Introdução à Análise do Discurso Jornalístico Impresso*, Florianópolis, Letras Contemporâneas.
- Van Dijk, Teun A. (1997), “Semântica do discurso e ideologia”, in E. R. Pedro (org.), *Análise Crítica do Discurso*, Lisboa, Caminho.
- Van Leeuwen, Theo. 1997. “A representação dos actores sociais”, em E. R. Pedro (org.), *Análise Crítica do Discurso*, Lisboa: Caminho.





## Figuras do discurso eleitoral nas Presidenciais de 2006: Comunicação, participação política e deliberação

Gil Baptista Ferreira

*Escola Superior de Educação de Coimbra*

E-mails: gilbferreira@gmail.com

**É** hoje corrente um lamento, comum tanto a políticos como a analistas ou a cidadãos vulgares, acerca do abismo de suspeição que separa governados de governantes. Genericamente, é dito que os cidadãos se encontram cépticos em relação aos líderes políticos, afastados das instituições cívicas, descrentes em relação aos media e pessimistas em relação às possibilidades da acção colectiva poder resolver os problemas da comunidade. No coração de toda uma cultura política disfuncional está, por fim, a degradação da qualidade do designado discurso cívico, isto é, do modo como se discutem os problemas públicos (cf. Weeks, 2000: 360). É neste contexto que este artigo pretende, a partir da articulação e revisão de conceitos, demonstrar que alguns traços que caracterizaram, em termos de posicionamento mediático, alguns dos candidatos às Eleições Presidenciais de 2006, mais do que o resultado de uma insólita associação entre políticos e publicitários, resultam de alterações profundas que ultrapassam o campo do *slogan* e da retórica eleitoral e têm presente algumas das mais importantes mudanças no campo da teoria democrática no início do século XXI. Ainda que a democracia liberal pareça ser hoje reconhecida como a única forma legítima de governo, são evidentes os sinais de desafecção e as profundas aporias que habitam o seu interior, o que tem levado à reflexão acerca de formas alternativas de reforçar as instituições democráticas. É nesta medida que discussões recentes acerca do modelo deliberativo de democracia abrem novas perspectivas para que, por um lado, se examinem as estratégias simbólicas e discursivas orientadoras do discurso eleitoral, e para que, por outro lado, se compreenda o eco que essas estratégias encontram num imaginário social que valoriza a capacidade detida por todos os cidadãos para deliberar racionalmente sobre as decisões colectivas que lhes dizem respeito e para reflectir acerca da interacção entre governantes e governados.

## Sistema eleitoral e princípios de representação política

Se é um facto que nas sociedades democráticas modernas coexiste toda uma pluralidade de concepções morais acerca do desejável para as pessoas ou grupos, assegurar a convivência razoavelmente pacífica entre essas concepções é uma das tarefas constantemente assumida no debate democrático. É nesta medida que um modelo democrático liberal se define sobretudo em termos da agregação de interesses ou preferências em torno de decisões colectivas através de instrumentos como as eleições e de princípios de representação política. Contudo, nesta viragem de século, marcada por um sistema capitalista crescentemente transnacional, por sociedades nacionais cada vez mais interligadas entre si, e por um sistema cultural que coloca em confronto tradições tão distintas, a noção de “compromisso entre interesses divergentes” vem sendo posta em causa por alguns autores, que refutam os pressupostos do elitismo democrático de formas de administração que podem prescindir da participação activa e argumentativa por parte de todo um público mais amplo.

Por outro lado, sabe-se hoje que a liberdade de *auto-realização* do indivíduo é mensurável não em acordo com a distância que ele consegue estabelecer entre si próprio e o mundo cultural em que vive, mas antes em acordo com o grau de reconhecimento que consegue encontrar no seu desenvolvimento social, a partir dos desígnios livremente escolhidos. Apesar de a individualidade ser definida pela escala da distância de todas as linhas normativas, o seu desenvolvimento é determinado pelo grau em que as diferenças individuais são comunicativamente permitidas, e até mesmo encorajadas (cf. Honneth, 1995: 227). Esta constatação implica consequências tanto no âmbito privado como público. Atentemos agora neste último, onde se desenvolveram duas concepções distintas: por um lado, a partir da ideia de dignidade, nasce uma política do universalismo, que sublinha o direito ao reconhecimento de todos os membros da sociedade considerados como iguais; por outro lado, a ideia de autenticidade origina uma política da diferença, que afirma o direito a ver reconhecida a particularidade própria. Tanto em termos práticos como teóricos, às democracias contemporâneas cabe hoje um papel duplo. Por um lado, compete-lhes reconhecer que os indivíduos são posicionados de formas múltiplas, em termos de marcadores identitários como a raça, o género, a idade ou a cultura; por outro lado, devem desenvolver formas de lidar com os processos de exclusão gerados pela concentração de poder e pela impossibilidade de

acesso a formas de participação na vida colectiva que tenham justamente em conta essas diferenças.

Não restam hoje dúvidas de que as democracias passaram a enfrentar desafios especiais em sociedades diferenciadas, para garantir a representação dos grupos minoritários, promovendo, protegendo e realizando os seus direitos. Em sociedades cada vez mais complexas, verificamos que a expressão dos interesses próprios, localizados, é cada vez mais intensa. Por esse motivo, qualquer formação democrática de vontade colectiva tende a tornar-se uma tarefa árdua, acabando por muitas vezes não se apresentar como resposta satisfatória para muitos dos conflitos sociais que explodem no quotidiano. Não obstante estas dificuldades, é ao Estado que cabe a competência de responder aos constantes conflitos entre o particular e o colectivo, uma competência que exerce através de um sistema negocial poderoso, destinado a estabelecer compromissos de interesses geridos por complexas estratégias e por jogos de influência. Ora, um dos recursos fundamentais desta competência administrativa passa pelo controlo da própria participação dos cidadãos na vida pública, com vista à actualização daquilo que Bobbio identificava como a definição mínima de democracia: “um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões colectivas e com que procedimentos” (1984: 30).

Para esse fim, lado a lado com a comunicação pública autónoma, que resulta da participação directa e espontânea dos cidadãos nos debates e discussões públicas, vemos em tempos eleitorais o desenvolvimento de toda uma retórica que pretende fazer assumir com cada vez maior ênfase um outro tipo de comunicação pública, oriunda da relação cidadão-Estado, onde a participação de cada um se faz prioritariamente em termos formais, organizados, burocratizados e controlados: trata-se do apelo ao voto eleitoral, correlato do designado *combate à abstenção*. Sumariamente, o elemento central deste procedimento define-se enquanto forma de participação pública que, por um lado, legitima a existência de vínculo democrático, mas que, por outro lado, por questões de eficácia, reduz a participação dos cidadãos ao mais formal e superficial.

Em termos estruturais, a burocratização administrativa surge como a forma de organização do Estado que responde aos objectivos anteriores. A burocratização apodera-se dos processos espontâneos de formação da opinião e da vontade colectivas e esvazia-os de conteúdo; se, por um lado, amplia o espaço

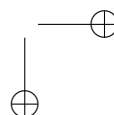
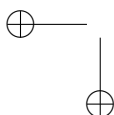


para a mobilização planificada da lealdade generalizada da população, por outro lado, facilita a desconexão das decisões políticas dos contextos concretos do mundo da vida (cf. Habermas, 1998: 461). Esta ambivalência foi amplamente denunciada, entre outros por Hannah Arendt, quando afirmava que esta forma comporta sempre um elevado potencial de violência: “numa burocracia plenamente desenvolvida, não há como discutir, a quem apresentar reclamações, sobre quem exercer as pressões do poder. [...A burocracia] é a forma de poder onde todos são privados da liberdade política, do poder de agir, já que o governo de Ninguém não é a ausência de governo, e onde todos são igualmente destituídos de poder temos uma tirania sem tirano” (1985: 45). É no plano político que a gestão burocratizada da opinião pública, enquanto competência administrativa, mais se faz sentir, assumindo a sua forma mais evidente no *sistema eleitoral* e nos partidos *políticos* que o compõem.

O sistema eleitoral, ao mesmo tempo que garante a enorme expansão do espaço público com a consagração do sufrágio universal, disciplina-o também ferreamente. De um modo resumido, registamos que através do sistema eleitoral a participação política dos indivíduos deixa de ser directa e passa a ser mediada pelos partidos políticos, circunscrevendo-se, na esmagadora maioria dos casos, ao acto mínimo e esporádico do voto – o qual obedece, em grande medida, a formas de raciocínio estereotipadas e a formas de comportamento padronizadas.

## Figuras do discurso eleitoral

Como foi já referido, tendo em atenção as próprias lógicas de funcionamento do sistema eleitoral, o que as campanhas eleitorais mostram de maneira eloquente é a subordinação do campo político ao campo dos media, invertendo a lógica que presidia tradicionalmente às relações entre estes campos. Ora, à perda de efectividade dos partidos no desempenho de algumas de suas funções clássicas equivale um aumento correspondente da participação de um outro actor: a televisão. Por isso, qualquer projecto de mobilização com vista à apropriação do poder político do Estado é hoje obrigado a utilizar a máquina dos media e o seu aparelho informativo, e rege-se pelas regras discursivas da ordem simbólica institucionalizada no campo dos media (Rodrigues, 1985a: 53 e segs). A partir deste meio, a comunicação política elege como alvo pri-





vilegiado o sector da população menos mobilizado e qualificado, os indecisos e os potenciais abstencionistas (chega mesmo a ser desígnio assumido por alguma retórica eleitoral a “conquista dos votos escondidos”), sendo a participação (leia-se: tão só o voto) resgatada através de processos mais ou menos primários de *marketing* político, destinados mais a criar sensações capazes de obter uma adesão do que a motivar convicções racionais e reflectidas. Nesta medida, a campanha produz imagens de candidatos e de programas utilizando para isso processos ocultos idênticos aos que são utilizados para a promoção de um produto, com os mesmos processos retóricos, o mesmo vedetismo. E é assim que uma determinada forma de “opinião pública” surge, em resultado de uma produção estratégica, organizada por processos técnicos de aferição das reacções dos indivíduos, segundo uma racionalidade estritamente instrumental – considerada por alguns, numa perspectiva sociológica, como o fim da própria opinião pública (cf. Bourdieu, 1984: 222-235).

Ao nível das práticas discursivas, generalizam-se os processos propagandísticos de manipulação, com uma publicidade orientada para a demonstração (de lugares-comuns e de verdades canonizadas) e para a rendição das consciências de todos a quem esta comunicação se dirige, transformando o cidadão de “produtor de opinião pública em consumidor de mensagens que se apresentam como reflexos dessa opinião” (Rodrigues, 1985b: 12). É a este propósito que, de forma jocosa, um comentador político aludia, recentemente, num artigo de opinião, a um *Dicionário de Lugares-Comuns para Políticos com Ambições*, composto por entradas que garantidamente não significam absolutamente nada mas que servem para qualquer ocasião, com expressões repetidas com prontidão como “honestidade e transparência da vida política”, “sociedade mais justa e solidária”, polvilhadas com adjectivos na linha de “exigente”, “competente” ou “rigoroso” (V. Pulido Valente). Termos que, nas palavras de Adriano Rodrigues, são como “carícias amorosas” que “apelam para a afectividade do eleitor, articulando-se sempre com categorias emotivas. [...] “Firmeza na decisão, competência na acção” é o *slogan* que alia admiravelmente a rima fácil ao desfiar de um ritmo binário facilmente corporalizado” (1985a: 54-55).

À medida que o funcionamento das instâncias do espaço público fica mais dependente dos media, os quais, ao mesmo tempo, se organizam em torno de interesses particulares, a comunicação pública em termos políticos tende a perder o seu carácter livre e autónomo, passando a exprimir cada vez mais

imperfeitamente as dinâmicas da sociedade civil e adquirindo características técnico-instrumentais acentuadas. A comunicação política, fortemente sistematizada, organiza-se segundo princípios formais rígidos, que tendem a considerar cada receptor um mero recurso de mercado e não um verdadeiro interlocutor, com uma resposta fortemente condicionada por exigências técnicas e burocráticas. Por fim, é toda uma modalidade regressiva que serve de suporte e preenche a forma dos elementos discursivos, esvaziados previamente de todo e qualquer conteúdo histórico e social, abrindo a linguagem aos efeitos do sentido em que o eleitor possa investir o imaginário pulsional. Termos-chave tornam-se formas neutralizadas, habilmente articuladas com a musicalidade rítmica do *slogan*, repetidas em comícios ou marteladas pelas caravanas. Muito do perigo desta situação assenta na promoção da esfera do vazio, da moldura de um sujeito que só existe no contorno da moldura, da instrumentalidade de dizer que “é assim porque é assim”, da passiva aceitação do conforto da materialidade evidente.

Ora, é isso que em grande medida caracteriza muita da linguagem dos media na actualidade, alicerçada como está na apresentação da evidência e do lugar-comum. Assim, personalidades da cultura, da política ou da vasta categoria que é a sociedade, são com frequência mediatizadas pela evidência, de argumentação ou de conteúdo. No limite mas de modo paradigmático, no próprio panorama nacional personalidades políticas aparecem com facilidade no discurso público por factos irrisórios ou anedóticos como o de comprar gravatas com animais, pelo gosto de viajar de motociclo ou pela preferência clubística. E desta forma se compõe o tal círculo de afectos e de instintos que nos envolve com aquela relação dos outros com o que em cada um é sensível a envolvimento; assim se exprime, sobretudo num plano psicológico, a dramaturgia dos enredos do sentido. Há um deliberado apelo ao convívio imediato: gravatas com animais ou passeios de motociclo significam informalidade – e são, antes de mais, massivamente significativos. Muito mais significativo que dizer: “ele prefere Keynes a Schumpeter” ou mesmo “é liberal e não marxista”, formulações que se afiguram complexas e inadequadas ao discurso público. E assim o indivíduo é publicamente identificado no puro vazio da sua forma; sem razões, sem argumentos, sem verdadeiro confronto, sem interpretação, mas com evidência e pela excentricidade. Donde, a própria subjectividade é transformada numa forma oca: “Eu sou aquele que usa gravatas com animais” e “eu outro sou aquele que viaja amiúde num grande

motociclo”. Os exemplos invadem de forma inumerável o quotidiano: “Fulano, candidato a autarca, é apoiado pelo cantor X, o cantor X é um folgazão, logo fulano é amistososo, é o nosso candidato”, etc. Num plano inferior, palavras e gestos sustentam, apoiam (função fática) e mantêm aquele equilíbrio de modo precário que, demasiado convencional, não significa praticamente nada (cf. Ferreira: 2003).

Neste ponto, o conceito de mercadoria introduziu a possibilidade (bem sucedida) de uma diferenciação e reorganização daquilo que era antes concebido como descrição universal da experiência: pela cisão meios-fins, qualquer coisa foi reduzida a um meio para consumo. Não tem já qualquer valor qualitativo (valor de uso) em si própria, têm-no – e pode ser quantificado – na medida em que pode ser trocada (valor de troca). A força de um qualquer fenómeno é antes de tudo classificada pelos seus efeitos imediatos, de que a popularidade é sem dúvida o mais gritante. E no que diz respeito aos media, essa popularidade surge reconhecida como critério prioritário pelos analistas e especialistas, atentos sobremaneira à quantificação da apropriação colectiva das diversas variáveis: imagem, discurso ou postura, entre outras. Tornam-se correntes expressões de “especialistas” do tipo: “o candidato *x* tem uma imagem que passa na opinião pública” ou “no plano das imagens, este candidato é um enigma”. Ora, para fixar os parâmetros do conteúdo dos produtos de consumo não-material, sobre os quais a nossa análise se detém, há que reter o carácter demagógico – digamos assim – que se atribuiu à linguagem: são visíveis a uma análise menos incauta a procura constante da sintonia com as solicitações dos receptores e o esforço de compatibilização integral (não de confronto) com os anseios do público, em acordo com levantamentos estatísticos orientadores da sua preferência. A linguagem dos media serve-se pois da conversação coloquial, de personagens reconhecíveis, de situações estereotipadas; o que está em causa é a própria dinâmica de uma sociedade massificada cuja lógica faz com que a produção se organize em indústria e o consumo se estruture em termos de comércio. Para tal, importa conhecer de antemão o que as pessoas querem, não se pode arriscar na incerteza e por isso a imposição das sondagens (diárias?) nos diversos esquemas de planificação discursiva. Da mesma forma, verificamos como o discurso não é expressão da verdade, mas antes da ilusão, não é um discurso dialogal, mas antes sedutor (cf. Ferreira: 2003). Encontramo-nos pois num campo onde “os discursos políticos equivalem-se, não têm odor como o dinheiro; por isso o voto torna-se inútil

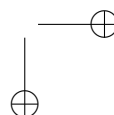
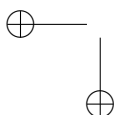


na medida em que qualquer opção equivale, ao fim e ao cabo, a um cheque em branco” (Rodrigues, 1985a: 57).

### **Relação entre agentes políticos**

Por seu lado, os partidos políticos surgem como os agentes sociais desta forma de objectivação da opinião pública. Avaliados e hierarquizados segundo e em função de critérios de performatividade quantificada (o grande vencedor das eleições versus a pesada derrota sofrida), os partidos possuem como objectivo o assentimento da massa, a partir do qual garantem as suas próprias condições de participação na direcção do Estado. É esta proximidade com o Estado que contribui para a sua própria estrutura interna: uma estrutura centralizada e burocratizada, composta por uma elite dirigente e por um corpo disciplinado de funcionários, que compõem a entidade designada como o “aparelho”. Contudo, ao subordinarem a sua legitimidade à lógica discursiva dos media, os partidos políticos perpetuam a sua agonia, enquanto formas representativas dos interesses contraditórios que estruturam as sociedades democráticas. Como consequência desta dinâmica, já pouco representam para além de verdadeiras máquinas de sedução e de simulação do poder (cf. Rodrigues, 1985a: 56).

Paralelamente, embora distante dos agentes anteriores, encontra-se a massa dos eleitores, objectivamente arredada das decisões. Como foi mostrado, o quadro que as democracias de massa definem para a participação dos cidadãos na vida pública, quer através da relação com o Estado quer com os partidos políticos, enclausura o domínio político numa esfera altamente governamentalizada, cada vez mais exclusiva de uma certa elite especializada. A economia política que rege o funcionamento dos media (que gere, desde logo, a questão da visibilidade) favorece uma quase-institucionalização de estatutos diferenciados para os participantes no panorama mediático, que corresponde a uma verdadeira estrutura hierárquica de poder. Logo à partida, temos uma diferença brutal entre aqueles (muito poucos) que têm acesso aos media e os outros (a esmagadora maioria) que ficam limitados à condição de meros espectadores, a quem, à partida, não são destinadas formas de participação que não as meramente reactivas, anónimas e superficiais.



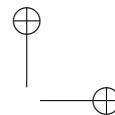
Constata-se assim um reforço da estrutura assimétrica característica dos processos de comunicação mediática, em função da qual as possibilidades de participação se encontram distribuídas de forma muito distinta entre os que fazem uso da palavra pública e todos os que se vêem reduzidos à condição diminuída de receptores passivos. No nível do indivíduo, pode dizer-se que um ritmo mais acelerado de vida diminuiu as horas livres que poderiam ser destinadas à vida pública e partidária; o tempo que não se consome em trabalho passou a ser dedicado ao lazer, comercializado por uma indústria agressiva e diversificada. Com isto, a dimensão político-partidária perdeu centralidade para uma grande parte dos cidadãos.

Além deste factor, se as diferenças entre os dois tipos de actores são pré-vias aos media, elas são no entanto amplamente potenciadas pela exposição mediática, que funciona como verdadeiro marcador identitário. Se para os primeiros actores (os *políticos* propriamente ditos) a questão da identidade está perfeitamente delimitada pelo quadro funcional em que se inserem, e em acordo com o qual estudam e elaboram um papel como qualquer vedeta do espectáculo, já para os segundos actores, a identidade é um problema em aberto, que exige um trabalho meticuloso de auto-legitimação, auto-identificação e prossecução de políticas de identidade com vista à obtenção de um reconhecimento externo de igual dignidade – um desafio que as circunstâncias descritas tornam problemático.

Ora, a imagem que resulta da comunicação política promovida pelo actual sistema mediático, vincado pelo espalhamento das influências do mercado e do Estado, é a de uma “política representada como um assunto da administração ou como uma luta mais ou menos sórdida pelo poder”, desvanecendo-se irremediavelmente a ideia da política “como um processo de formação da vontade no qual é necessário que o cidadão comum esteja envolvido” (Hallin, 1985: 134). Neste processo, surgem contextos de crise que acabam por pôr em causa o próprio princípio da representação – um princípio fundamental da democracia. Nas palavras de Habermas, o “véu de ignorância” que cai entre o sistema e o mundo da vida deixa que o primeiro desenvolva imperativos de funcionamento independentes dos interesses do segundo, induzindo a uma coexistência de dois níveis autónomos de sociedade. E então, quando a comunicação política democrática, própria de uma autêntica opinião pública, é interrompida ou se torna esporádica, deixa de ser possível mobilizar a normal convicção democrática, bem como a ética da responsabilidade pública que lhe

é associada (cf. Ferry, 1989: 19-20). Fruto da situação descrita, os sistemas políticos são referidos como mergulhados numa crise estrutural de legitimidade, periodicamente arrasados por escândalos, dependentes dos media e da liderança personalizada e cada vez mais isolados dos cidadãos. Por outro lado, os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com um objectivo único, específico e efémero, ora fechados nos seus mundos interiores ora brilhando por um instante em torno de um símbolo dos media.

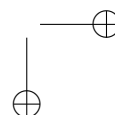
É frente a este estado das coisas que a construção identitária do candidato eleitoral se procura afastar da descrença generalizada em relação à dimensão política tal como a descrevemos, no sentido de beneficiar da imagem de independência e regeneração atribuídas a uma sociedade civil, idealizada na sua dimensão mais dinâmica. Os exemplos deste fenómeno são muitos, e, como sugerimos antes, terão recebido um impulso invulgar no período eleitoral das Presidenciais de 2006, onde o carácter supra partidário da eleição em causa, só por si, não explicará toda a retórica de afastamento estratégico que alguns candidatos imprimiram ostensivamente em relação aos aparelhos partidários. Foi nesse contexto que assistimos a um candidato afirmar ter a sua candidatura cumprido já de forma positiva o teste de cidadania, ao assentar no voluntariado e não depender de quaisquer aparelhos partidários ou grupos de interesses, assegurando que “o excessivo peso dos aparelhos partidários afunila, não só os partidos, como toda a vida cívica.” Por esta razão, continua o candidato, a sua candidatura terá feito com “que muita gente voltasse a reencontrar o prazer da política” (Manuel Alegre). Outro candidato, vinte anos depois de ter chegado ao poder com a aura de *político não profissional e especialista em finanças*, regressa invocando a sua categoria de *político não profissional e especialista em finanças*. Em comum, a percepção de um ambiente de crescente contestação em relação aos equívocos e às sombras do poder político-partidário, a reivindicação da intenção de fazer vibrar as estruturas em que se apoia um público decidido a tomar posição e o desígnio propalado de alterar as relações de força entre a sociedade civil e o sistema político convencional. Na base, o papel do indivíduo, enquanto receptor, hoje considerado com o poder de introduzir uma margem de indeterminação significativa no curso dos acontecimentos, contrariando a imagem de um actor passivo e gerando mesmo focos de contestação em relação à dependência dos meios de comunicação dos chamados media funcionais (dinheiro e poder).



## Comunicação e deliberação política

A montante destes epifenómenos da esfera política, em muito devedores das dinâmicas dos media a que se destinam, a noção de democracia deliberativa apresenta-se como resposta conceptual consistente a uma hipótese de transformação de um espaço público que insiste em fazer-se ouvir e em se afirmar. A partir do *elemento democrático*, enquanto modo de participação na tomada de decisão colectiva por todos os afectados pelas decisões, e do *elemento deliberativo*, relativo à inclusão nos processos de tomada de decisão sobre meios e fins dos participantes “comprometidos com os valores de racionalidade e imparcialidade” (Elster, 1998: 8), o modelo de democracia deliberativa insiste na possibilidade de fundamentar a autoridade e a legitimação das leis em alguma forma de razão pública, redefinindo-as como poder gerado comunicacionalmente que se estende não apenas aos componentes formais de deliberação (orientados para a tomada de decisão) como aos informais, resultantes do intercâmbio discursivo feito no espaço público. Trata-se de um modelo a duas vias, que procura articular as deliberações orientadas para a decisão com os procedimentos informais no espaço público, incluindo assim tanto o poder político nas suas formas institucionais, como os cidadãos – que, em termos gerais, corresponderão a zonas formais e informais do espaço público. Sucinatamente, este modelo assenta em três pressupostos principais: insiste na noção de debate racional enquanto procedimento político por excelência; indo além do acto privado que é o voto, aposta na troca livre e pública de argumentos enquanto acto político, e implica princípios essenciais do ideário democrático, como a igualdade entre todos os participantes e a sensibilidade ao interesse público (cf. Silva, 2004: 2).

Na sua formulação ideal, a noção de democracia deliberativa considera que a tomada de decisões políticas é baseada na troca de razões e argumentos, num processo em que todos os cidadãos participam, para além dos seus interesses pessoais, com o objectivo de alcançar o bem comum. Neste sentido, o debate público é útil para esclarecer reciprocamente os interlocutores; a discussão encoraja os indivíduos e os grupos a articularem bons argumentos que defendam as suas causas e a autocorrigirem os seus pontos de vista, de modo a que possam ser aceites pelos demais participantes. Deste modo, através do discurso chegamos não propriamente à descoberta dos nossos reais interesses, mas a uma interpretação colectiva de como devemos entender os nossos inte-



resses mais importantes. Fruto desta forma de interpretação colectiva, um interesse generalizável encontra-se sempre aberto à revisão, e acaba por ser um processo de aprendizagem social do que o bem comum e a justiça demandam, sustentado num discurso público que selecciona e sintetiza compreensões e pontos de vista, que questiona argumentos, antes de estes se fortalecerem, enfraquecerem ou desaparecerem. Assim sendo, a democracia deve definir-se não pela possibilidade da maioria eleger periodicamente os seus representantes, dado que a tradução dessa vontade depende do mecanismo utilizado para se fazer essa tradução, mas pela possibilidade de todos virem a alterar as suas opiniões políticas caso sejam persuadidos pelas razões apresentadas por outros cidadãos, mantendo-se durante o maior período de tempo possível um mesmo mecanismo de agregação das preferências individuais, por forma a neutralizar a influência deste último (cf. Silva, 2004).

Uma questão que desde logo emerge é a de saber de que forma pode este modelo responder às necessidades de sociedades altamente centralizadas e complexas e, ao mesmo tempo, permitir pensar a base das relações entre cidadãos e governos – dimensões estas crescentemente mediatizadas. Para este fim, o modelo de democracia deliberativa considera a possibilidade - e necessidade - de um bloqueio dos processos de conversão de poder administrativo e poder económico em influência político-publicística, tendo como meio uma acção dirigida especialmente ao funcionamento dos media, mas pressupondo, também, outros aspectos mais latos de mudança na esfera da vida política, nomeadamente quanto às formas de organização e funcionamento dos partidos e outras organizações sociais com relevo político (cf. Esteves, 2003a). Os media podem assim favorecer a emergência de formas plurais, horizontais, criativas e autónomas: “As tecnologias de comunicação, como no princípio a impressão livreira e a imprensa, e posteriormente a rádio e a televisão, tornam disponíveis enunciados acerca de quase qualquer contexto e facultam uma rede altamente diferenciada de esferas públicas locais e supra-regionais, literárias, científicas e políticas, inter partidárias ou específicas de associações, ou sub culturais, dependentes dos media” (Habermas, 1996: 329). Este deslocamento desde o dinheiro e do poder administrativo para a comunicação, estendido por espaços públicos mais ou menos autónomos, levará a que o processo político possa passar a ser entendido como formação democrática da vontade a partir de processos de conformação discursiva da opinião pública,



incluindo, como foi dito, tanto o poder político nas suas formas institucionais como os cidadãos.

Os media, assim, para além de serem uma forma de acesso ao espaço público, serão também potenciais agentes de divulgação dos processos de formação discursiva da opinião e da vontade. Entendidos ainda em termos do seu potencial, permitem estender e sistematizar as microcomunicações quotidianas do mundo vivido e, dessa forma, preservar os espaços públicos das tendências colonizadoras dos sistemas económico e político, mantendo a sua autonomia. Ora, a questão que se coloca, e que importará reflectir mais aprofundadamente num outro contexto, é a de saber se a actual configuração de certos media modernos realiza (ou possui condições para realizar) o seu papel democrático, permitindo uma troca verdadeiramente aberta e multilateral como pede a democracia deliberativa.

Por outro lado, ao cumprirem as suas funções, os media colocam a tónica no papel do cidadão como actor político, procurando mantê-lo devidamente informado para que ele possa tomar as suas decisões de voto. A ênfase é colocada na convicção de que a democracia necessita de cidadãos informados, cuja influência e acção não se restringe às eleições, mas se estende à participação racional no debate das questões políticas. Realça-se, assim, o valor prático e contínuo da participação política, para além das instituições formais representativas da sociedade democrática acima referidas. No horizonte da democracia deliberativa ganha forma a possibilidade de “constituição da opinião e da vontade do público a partir da sua própria perspectiva”, em oposição àquele tipo de acção que é dirigida ao público a partir do exterior e que visa “influenciá-lo exclusivamente com o objectivo de uma manutenção do poder político constituído, mas que acaba por extorquir do espaço público a lealdade de uma população reduzida a massa” (Esteves, 2003a). Assim, os indivíduos, enquanto actores políticos, devem perseguir e especificar o seu próprio interesse, mas devem igualmente ser responsáveis, e justificar os seus propósitos.

Por fim, outra das questões que frequentemente é levantada à proposta deliberativa refere-se ao facto de ser irrealista supor que os cidadãos estejam inteiramente preparados e prontos para especificar racionalmente as suas próprias necessidades (cf. Benhabib, 1996). Sobretudo em relação a questões sociais e políticas com maior grau de complexidade (veja-se a este propósito, por exemplo, a abordagem desenvolvida ao caso do encerramento de maternidades, ou à discussão acerca da localização da queima de resíduos tóxicos),

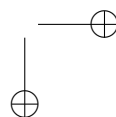
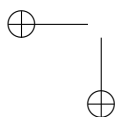
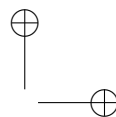
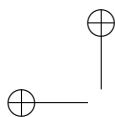
os indivíduos possuem inclinações e desejos, mas raramente um conjunto ordenado e coerente de informações, desconhecendo com frequência as implicações, méritos e riscos relativos das suas opções. Não obstante a pertinência e a comprovação empírica do carácter problemático desta situação, cremos que será plausível defender que, inevitavelmente, apenas através do debate público, que envolva quer os indivíduos em geral (com as suas dúvidas, questões e posições) quer os especialistas e as suas informações, será possível esclarecer os problemas em questão e identificar os interesses em conflito – um processo onde os media e as suas novas formas terão certamente um papel importante.

Concluindo: ficou demonstrado não haver dúvidas de que sobre o espaço público e sobre a sociedade civil pendem hoje as maiores expectativas – o que explicará, em parte, as estratégias de construção imagética, marcadamente de colagem a aspectos atribuídos à sociedade civil e às práticas de cidadania, que terão sido assumidas por candidatos eleitorais, e que vêm referidas na parte inicial deste artigo. Mostrámos como o espaço público, enquanto rede amplificada de comunicações pode ajudar a sociedade a pensar-se, a autocompreender-se e a projectar-se no futuro; contudo, não poderá por si só proceder à reconstrução da sociedade – tarefa que exigirá outro tipo de recursos, competências, agentes e instâncias especializadas. Ao espaço público restará, tão só, a capacidade de influenciar todo o trabalho de reconstrução da sociedade, através do controlo discursivo dos recursos e das competências dos diferentes tipos de especialistas – não menos que “a mais decisiva e consequente radicalização do seu papel construtivo em termos democráticos na actualidade” (Esteves, 2003b: 70).

## Referências

- Arendt, H. (1985), *Da violência*, Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- Benhabib, S. (1996), “Toward a Deliberative Model of Democratic Legitimacy”, in Benhabib, S. (ed) (1996), *Democracy and Difference*, Princeton, Princeton University Press.
- Bobbio, N. (1984), *O Futuro da Democracia*, São Paulo, Paz e Terra.
- Bourdieu, P. (1984), *Questions de Sociologie*, Paris, Minuit.

- Elster, J. (1998), *Deliberative Democracy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Esteves, J. P. (2003a), *O Espaço Público e os Media, comunicação entre normatividade e facticidade*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, (poli-copiado – Lição de Síntese de Provas de Agregação)
- Esteves, J. P. (2003b), *Espaço Público e Democracia*, Lisboa, Colibri.
- Ferreira, G. (2003), *Linguagem e Modernidade*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Ferry, J-M, (1989, “Les tranformations de la publicité politique”, *Hermès*, nº4.
- Habermas, J. (1998), *Factidad y Validez*, Madrid, Trotta.
- Hallin, D. (1995), “The american news media: a critical theory perspective”, in Forrester, J. (ed.), *Critical Theory and the Public Life*, Cambridge, The MIT Press.
- Rodrigues, A. D. (1985a), *O Campo dos Media*, Lisboa, Vega, 1985.
- Rodrigues, A. D. (1985b), “O Público e o Privado”, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº2, Lisboa.
- Silva, F. C. (2004), *Democracia Deliberativa: Avaliando os seus Limites*, disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/203/203.pdf>
- Silveirinha, M. J. (2005), “Democracia deliberativa e reconhecimento: repensar o espaço político” in Correia, J. C. (org.), *Comunicação e Política*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- Weeks, E. C. (2000), “The Practice of Deliberative Democracy: results from four large-scale trials” in *Public Administration Review*, vol. 60 nº. 4.



## A verdade dos Factos: Excurso sobre o serviço “FactCheck” no jornalismo político

Isabel Salema Morgado

Universidade Nova de Lisboa/ Fundação para a Ciência e Tecnologia

E-mails: imorgado@netcabo.pt

**E**M 1968, no seu texto *Verdade e Política*, Hannah Arendt escreveu que “Os factos e os acontecimentos são coisas infinitamente mais frágeis que os axiomas, as descobertas e as teorias - mesmo as mais loucamente especulativas - produzidas pelo espírito humano; (...) Uma vez perdidos, nenhum esforço racional poderá fazê-los voltar<sup>1</sup>.” Ora só alguém que viveu, pensou e escreveu num tempo marcadamente dominado pela vontade e pelo poder de distorcer os factos, poderá assumir uma afirmação como aquela. Tempo assinalado pela presença massiva da propaganda e pelo domínio dos princípios das relações públicas no discurso político e social e na apresentação pública, tempo em que se assiste à sobre estimação da apresentação do objecto (afirmando-se a hipótese de assim se poder ter um conhecimento imediato do mesmo) sobre a realidade desse objecto, como reforça o autor David Beetham<sup>2</sup>. Por facto entende-se um conceito pelo qual se assinala um acontecimento que já ocorreu ou uma coisa que se considera feita. Na linguagem podemos destacar a presença de factos linguísticos sempre que se considere um acto de fala consumado, passível de ser analisado posteriormente quanto ao seu conteúdo. Exemplo: O candidato a primeiro-ministro José Sócrates disse ou não, em campanha, a frase “Não irei aumentar os impostos”?

É verdade que os filósofos ocidentais, e logo desde a antiguidade clássica, alertaram para a natureza frágil dos acontecimentos como fonte de valoração da descrição ou da valoração da acção humana, mas por motivos distintos daqueles que levaram Arendt a fazê-lo. Aqueles julgavam impossível que uma colagem da linguagem à sua função descritiva dos factos permitisse por si só o acesso à verdade dos mesmos, já que devido à sua natureza mutável eles

<sup>1</sup>Hannah Arendt (1967), *Verdade e Política*, trad. Manuel Alberto, Lisboa, Relógio d'água, 1995, p. 15.

<sup>2</sup>David Beetham (1991), *The Legitimation of Power*, Hampshire, Palgrave, 1991, p. 9.

não constituiriam um critério seguro de estabilidade e universalidade que a verdade reclama, a verdade racional e filosófica. Exigência a que só uma faculdade assente num processo de investigação dialéctico conduzido pela razão humana poderia atender<sup>3</sup>.

Então, a verdade racional e a verdade dos factos não tinha o mesmo valor, porque esta verdade era a que dizia respeito ao mundo material e social, a outra a que podia manifestar através do pensamento, a essência do que permanece apesar da mudança.

Mas Arendt não está preocupada com a questão da diversidade de opiniões existentes na sociedade, o que lhe interessa é identificar o processo encontrado por cada um para legitimar e defender essas opiniões. A autora defende que se respeite a verdade de facto, pois os factos são a matéria das opiniões<sup>4</sup>, e a sua verdade é aquela que pode ser atestada “pelos olhos do corpo, e não pelos olhos do espírito”<sup>5</sup>, o que permite uma aproximação à realidade o menos manipulada possível, porque o contrário do facto não é a opinião mas sim a mentira<sup>6</sup>, ainda que a verdade de facto não seja mais evidente do que a opinião porque depende também de testemunhos. O que a preocupa é a acção praticada pelos detentores de opinião, leia-se os políticos, em fazer com que a verdade de facto, no domínio dos assuntos humanos, possa tornar-se em algo como se mais uma opinião entre outras fosse. Ocorrência frequente e particularmente evidente sempre que a verdade de facto se opõe aos interesses ou aos prazeres dos detentores de opinião.

Ora, parece que estamos perante um paradoxo: por um lado compreende-se a natureza histórica e de criação social do facto, por outro lado evoca-se a existência de uma verdade de facto como factor que permite descrever a

<sup>3</sup>Heraclito e o seu discípulo Crátilo ensinaram como tudo flui na natureza física. Os sofistas ensinaram com Protágoras que o “O homem é a medida de todas as coisas”. Estes princípios relativizavam o conhecimento acerca da realidade, oferecendo-a como passível de ser interpretada em sentidos opostos embora ambos perfeitamente defensáveis. Esta conclusão conquistou a realidade política e transformou a própria concepção de Estado em Atenas, por exemplo, quando os nobres, divididos em partidos - os oligarcas e os democratas - se vêm na necessidade de conquistarem as opiniões do povo para a sua causa numa luta interna das facções pelo poder após a morte de Péricles. Ver Werner Jaeger, *A Paideia*, trad. Artur M. Parreira, Lisboa, Aster, 1979:311 a 357.

<sup>4</sup>Hannah Arendt (1967), p. 24.

<sup>5</sup>Id., p.23.

<sup>6</sup>Id., p.52.

realidade das coisas como elas são. Como diz Arendt citando o médico e político francês Georges Clemenceau, poderá haver discussão sobre as razões que levaram ao desencadear da 1ª Grande Guerra, mas o que ninguém poderá dizer é que foi a Bélgica a invadir a Alemanha<sup>7</sup>.

Arendt compreendeu muito bem a dualidade do objecto de estudo, mas não deixa que este problema epistemológico sirva de obstáculo à sua tese que defende que, na relação com o poder político, os factos apresentam-se como um fenómeno de maior estabilidade porque mais resistentes contra e em relação aos interesses transitórios dos indivíduos que se reúnem para exercer o poder. Deste ponto de vista, os políticos deverão saber que os factos nem devem ser tomados como o resultado de um processo indiferente ou confrangente à vontade dos seres humanos, nem devem ser entendidos como matéria passível de ser negada, sem que por isso ocorram consequências de maior no quadro das relações de confiança estabelecidas entre governantes e governados em democracias representativas<sup>8</sup>.

Se a autora entende que a natureza do facto pertence ao mesmo domínio do da opinião, porque ambos dependem de provas apresentadas por testemunhas, ambos se manifestam nos discursos, não deixa, no entanto, de procurar explicar a natureza distinta entre si destes fenómenos. É verdade que a autora reconhece que a evidência do facto, a sua assertividade, não é dada por si de uma vez por todas, nem há garantia exterior ou superior ao da sua manifestação que garanta a sua verdade. Arendt não tem uma consciência positivista da realidade de facto. Para ela não há a possibilidade de se fazer uma apropriação imediata da realidade, já que tem a percepção de que os factos e os acontecimentos apresentam-se sempre no pensamento como uma realidade mediada pela linguagem do ser humano, por este na sua rede de interacções sociais.

Mas sabe também a autora que há um comportamento humano que permite ser classificado como sendo de imparcial e tendendo para a objectividade. Há formas de sobrevalorizar esse mecanismo que consiste em evidenciar as coisas potenciando uma acção de distanciamento do sujeito relativamente ao objecto que enuncia, e que sejam aceites e reconhecidas pelos outros sujeitos em interacção. Existem formas de exaltar essa objectividade ou de a ocultar na linguagem utilizada para comunicar com os seus pares. Arendt considera

---

<sup>7</sup>Id., p.25.

<sup>8</sup>Id., p.53.

esses fenómenos como uma paixão do intelecto humano ocidental. O exemplo que dá é o dos autores clássicos Homero e Hesíodo. O primeiro porque, pela primeira vez na história, um contador de histórias procurou narrar os êxitos e as derrotas, quer a dos vencedores quer a dos vencidos. O segundo, não sendo um poeta, apresenta-se como um guardião da memória das acções empreendidas pelos povos então em confronto, os gregos e os bárbaros<sup>9</sup>. Estes autores trouxeram à história da humanidade uma perspectiva nova acerca da realidade, um posicionamento diferente do narrador em face do objecto narrado que se resume ao facto de aquele que estiver no lugar de juiz ou de narrador de um acontecimento ter a hipótese de suspender o acto egocêntrico de considerar os seus interesses pessoais. Ao libertar-se destas considerações exclusivamente pessoais nos juízos que emitir está a pôr em prática o conceito de imparcialidade<sup>10</sup>.

Muitos são os problemas gnosiológicos e epistemológicos que derivam deste exercício intelectual, mas a noção de que se pode ajuizar sem tomar um partido, com imparcialidade, veio a estar na base da ideia de um conhecimento científico da realidade<sup>11</sup>.

Em 1973 Karl-Otto Apel faz-nos compreender como a certificação de um facto é sinal de que o ser humano conseguiu descobrir que é na linguagem que a questão do exame da correcção de um facto evoluciona<sup>12</sup>. A apropriação da realidade de facto faz-se através do significado que esse facto ganha para a pessoa ou para a comunidade, e esta tanto o pode explorar através de uma ponderação intelectual lógica, ajuizando e recorrendo, como através da realização de um conjunto de experimentações e observações que verifiquem o sentido das frases por meio de factos extra-linguísticos.

<sup>9</sup>Id., p.58.

<sup>10</sup>Id., p.57.

<sup>11</sup>Daniel Cornu no seu livro, *Jornalismo e Verdade*, editado em português pelo Inst. Piaget em 1999, remete para a modernidade o aparecimento da noção de objectividade, estando esta ligada à autonomia do saber científico em relação ao filosófico que, em finais do século XVIII, defende ter por método de estudo a observação e a experimentação a fim de alcançar de forma um conhecimento positivista da realidade. Diz-nos ele que o Grand Larrousse de la Langue Francaise e o Robert indicam ser o ano de 1803 o ano de aparecimento da noção. Mas, como Arendt nos explicou, Heródoto mesmo sem a apresentação do conceito já enunciara a realidade que haveria de tomar definição com o termo “objectividade”.

<sup>12</sup>Karl-Otto Apel (1973), ‘Linguagem e verdade...’, in *Transformação da Filosofia*, Vol.1, trad. Paulo A. Soethe, São Paulo, ed. Loyola, 2000:163-196.



Na mesma linha de investigação trabalha Jürgen Habermas quando subcreve a teoria apeliana de que um facto é uma realidade linguística que dependerá do reconhecimento inter-pessoal da comunidade de falantes. Não que estes autores aceitem que não há um mundo material, um mundo para além do que é passível de ser mediatizado linguisticamente, o que entendem é que desse mundo só é possível ter acesso ao que dele se manifestar na linguagem. E numa proposição a questão da verdade é que suporta a constituição do que é enunciado acerca do mundo exterior, ainda que, como aprendemos com os filósofos da comunicação, um acto de fala não se restrinja ao seu domínio proposicional, porque o significado de um enunciado não é equivalente ao seu significado proposicional. Haverá também a força ilocutória, aquilo que nos permite afirmar que um acto de fala não se limita a registar a relação entre a frase assertórica que descreve o mundo e as coisas descritas desse mundo. Porque é também um acto que provoca sempre um determinado efeito nos ouvintes, que depende se estes compreendem a manifestação, se a reconhecem e se a aceitam<sup>13</sup>. Isto é, o sentido é mais amplo do que a verdade, embora sem a verdade, a verdade como correspondência ou verificação, também não haja sentido.

Arendt tem igualmente consciência de que aquele que diz a verdade de facto não deixa de ser “um contador de histórias”, um ser que procura reconciliar o pensamento e a realidade<sup>14</sup>, e por isso, como nos diz a autora, a prova dos factos não excede a do domínio de análise das informações, as quais se podem obter através dos testemunhos, encontrar em arquivos, documentos ou em monumentos<sup>15</sup>. Um facto pode ser manipulado na medida em que se pode coagir as pessoas a prestarem falsos testemunhos, tanto quanto se pode fazer desaparecer os arquivos, documentos ou monumentos<sup>16</sup>.

O trabalho da preservação de uma verdade de facto nas ciências humanas é tanto mais delicado quanto nos apercebemos como é possível aos detentores do poder virem a seleccionar, apresentar e permitir a divulgação dos acontecimentos que lhes interessam, reescrevendo a história. E mais sério ainda, como Arendt percebeu, não é que os que podem reescrever a história o façam com

<sup>13</sup>Jürgen Habermas (1976), “What is universal pragmatics?”, in Maeve Cooke (ed.), *On the Pragmatics of Communication*, Cambridge, Polity, 1998.

<sup>14</sup>Id., p.57.

<sup>15</sup>Id., pp. 24 e 31.

<sup>16</sup>A autora dá vários exemplos

a intenção explícita de enganar os outros, de os fazer aderir às suas visões, mas que eles próprios se enganem a si próprios e acreditem que realmente a imagem que propagandeiam é a imagem correcta da realidade<sup>17</sup>.

A preocupação de Arendt<sup>18</sup> contra os atentados à própria matéria factual é comum com todos os que no jornalismo, ou nas academias de estudos humanos e sociais, evocam a necessidade de uma separação entre a esfera de actividade e influência dos que detêm o poder, e os que estão a trabalhar sobre a análise ou a apresentação de notícias relacionadas com os factos que decorrem da acção discursiva ou executiva desse poder.

Uma verdade de facto para ser aceite necessita que o seu emissor usufrua do reconhecimento, por parte dos seus interlocutores, da sua natureza de actor independente e sem relação com os interesses dos poderes estabelecidos e interessados em controlar toda a informação. Só assim se apresentará com uma imagem de autoridade que se imporá contra todos os que contradigam as suas propostas. É este sentido de independência que se quer preservar com a finalidade de garantir a objectividade e a imparcialidade daquilo que se diz, quando se cria um mecanismo que preserve a verdade de facto dos ataques com que os poderes, nomeadamente o político, poderá procurar rechaça-la. Mas esta questão não é isenta de problematicidade, porque não é aceite de forma consensual por todos os interessados neste domínio. E se é verdade que é no sentido de quem evoca a defesa da existência de verdades de facto que podemos entender a criação do código deontológico dos jornalistas<sup>19</sup>, e no que ao carácter jurídico<sup>20</sup> das mesmas diz respeito, de um item que sublinha a função do jornalista como o que respeita a verdade do que descreve, sendo

<sup>17</sup>Id., “(...) em condições plenamente democráticas, um engano sem engano de si próprio é quase impossível.”, p.49.

<sup>18</sup>Id., p.25.

<sup>19</sup>Porque surpreendentemente as academias, os professores em geral, não parecem ter tido necessidade/oportunidade até agora de criar o seu próprio código. Seria interessante saber as razões deste facto. Será fundamentalmente por não ser percebida como uma profissão liberal?

<sup>20</sup>Nos códigos, paralelamente ao facto de se ter codificado as condições de emprego e as regras do exercício da profissão, está presente também a listagem dos principais deveres de um jornalista sendo que um, presente transversalmente em todos os códigos, é o que formaliza a exigência de se respeitar a verdade das informações. Muitos foram sendo as estratégias utilizadas para a concretização dessa missão, desde a criação de conselhos nacionais de imprensa, a observatórios, passando pela criação da figura do provedor presente em alguns jornais.

que se toma como verdade o facto de se ser objectivo, também é certo que há uma corrente fortíssima a considerar que a “objectividade não existe.”

Como Daniel Cornu, de forma clara e acessível, escreve no seu livro *Jornalismo e Verdade*, é sobretudo na tradição jornalística anglo-saxónica que se ensina a separar rigorosamente o que pertence à esfera da técnica da informação do que é do campo do comentário<sup>21</sup>, o jornalismo de influência francesa assume de forma mais radical a recusa em considerar a existência de um trabalho jornalístico objectivo, preferindo substituir o conceito de trabalho que visa ser objectivo por um trabalho que visa ser honesto<sup>22</sup>. Mas o autor também nos põe de sobreaviso para que não acedamos à facilidade em catalogar de forma leviana como se de uma “ingenuidade anglo-saxónica” se tratasse, essa posição ética e metodológica que defende que os jornalistas devem sobretudo atender ao relato de factos. E isso porque sendo correcto dizer-se que a realidade a que temos acesso é uma realidade interpretada, já que mesmo na observação não se pode depreender que estamos em face de um “facto bruto”, porque desde logo estamos a seleccioná-la, a qualificá-la e a trabalhá-la através das nossas percepções e faculdades cognitivas herdadas socialmente, também não deixa de ser correcto pensar que a objectividade se dá como a procura da exactidão de um facto enunciado que seja verificável, isto é, validado por um conjunto alargado de pessoas que testemunhará a sua correcção (a comunidade profissional ou, ao limite, a comunidade de leitores mais preparados para pesquisar e avaliar o grau de correcção e de veracidade nos relatos)<sup>23</sup>.

Daniel Cornu sintetiza excepcionalmente bem o carácter problemático deste tema quando escreve “A Objectividade jornalística é bem de ver, navega entre a ilusão de uma sacralização dos factos, que levaria a crer na eliminação do jornalista como sujeito, e o risco de uma interpretação que os abstraísse ou os limitasse<sup>24</sup>”. É por isso que os jornalistas na sua relação com o poder político deverão ter distanciamento suficiente do seu objecto de análise (na maioria dos casos o objecto em causa serão os discursos dos actores políticos), sabendo de antemão que o poder político tem a capacidade, mesmo se

<sup>21</sup>Daniel Cornu (1994), *Jornalismo e Verdade*, trad. Dorindo Carvalho, Lisboa, Inst. Piaget, 1999, p. 327.

<sup>22</sup>Id., p. 328.

<sup>23</sup>Id., p. 357.

<sup>24</sup>Id., p. 341.

não é exercido com autoritarismo, de impor grelhas de análise (de propor regras comportamentais para os diversos sistemas sociais) para a realidade que melhor se adequa aos seus interesses imediatos.

Se o jornalismo considerar que esta é uma falsa questão, que não é tarefa dos seus profissionais laborarem com métodos que remetem para a ilusão cientificista, e que a relação dos cientistas com a verdade de facto se deve manter ao nível de uma exposição honesta das ocorrências descritas num domínio linguístico de compreensão generalizada, não se estará a aceitar veicular de forma acrítica a ideologia do poder vigente, e a querer confundir o direito a errar, que deriva de qualquer trabalho cumprido com honestidade, com o direito a mentir que é, na realidade, o que se opõe à noção de uma verdade de facto?

Nos últimos anos tem surgido na praça pública um tipo de associações com intervenção paralela à dos meios de comunicação tradicionais, porque têm por objectivo informar o público, mas sendo ao mesmo tempo um serviço comunitário cujos elementos se entregam a uma actividade exercida com propósitos e com uma exigência metodológica análoga à do cientista que descreve factos. Neste caso concreto o objecto específico e delimitado da realidade que é investigada é representado pelo conteúdo do que é anunciado em discursos, entrevistas e comunicados à imprensa, dos políticos. E, mais especificamente no serviço efectuado nos Estados Unidos, analisar o conteúdo dos anúncios/publicidade política paga. Actividade esta que decorre fundamentalmente durante os períodos de campanhas eleitorais, mas não só. Mas sabendo nós que os factos não falam por si, não será esta actividade académica ou jornalística anglo-saxónica, uma ilusão?

Uma das referências teóricas para esta área é a autora Kathleen Hall Jamieson. Ela defende que o discurso político reporta, inevitavelmente, para uma realidade que pressupõe um conjunto de factos passíveis de serem verificados, sendo esta verificação o primeiro teste que há a fazer a qualquer proposta política. E dá vários ensinamentos de como esse teste pode ser aplicado nos enunciados políticos. Por exemplo, pode-se saber se ainda há ou não “sem abrigo” nas ruas, ou, outro exemplo célebre internacionalmente apesar de dizer respeito à política interna dos EUA, George W. Bush na campanha

presidencial de 1988 disse, ou não, “Leiam os meus lábios. Não haverá novos impostos<sup>25</sup>.”

A preocupação de Jamieson está na dinâmica que se estabelece entre a imprensa e os políticos, dinâmica essa que está a arrastar o público para aquilo que ela e Joseph Cappella denominam de uma “espiral de cinismo”. Esta dinâmica auto-distrutiva dizem-nos eles estar a ser potenciada pelo facto de os jornalistas cada vez crerem mais que os discursos dos políticos não são substantivos e de os analisarem segundo um crivo de análise relativa aos interesses estratégicos que subentendem, sendo que os líderes políticos se apercebem que a imprensa reage imediatamente ao tipo de discurso onde se sobrevaloriza o conflito em relação ao consenso, a asserção em relação ao argumento, a estratégia sobre o conteúdo, produzindo as suas apresentações conformemente<sup>26</sup>. Isto é, cada um dos lados defende que o discurso cínico acerca da realidade (pela assumpção de que o sistema político é corrupto) é o que o outro lado quer fazer apresentar, com os efeitos de consequente cepticismo que esse comportamento terá junto do público.

Os investigadores que estudam o comportamento do público americano em relação aos líderes políticos, suas campanhas e acção governativa, mostram que há um real descomprometimento do público, quer em relação à imprensa quer em relação ao processo político<sup>27</sup>. Descomprometimento esse que pode ser minimizado, segundo Jamieson, se as propostas dos candidatos poderem ser testadas por cada um dos proponentes e seus opositores, pela imprensa e pelo público, se os políticos souberem que esperamos que eles se comprometam na defesa de projectos de governação expostos através de argumento, e se eles aceitarem responsavelmente defender as suas propostas ou as que lhes forem propostas por outrem<sup>28</sup>.

Em *Dirty Politics*, K. Jamieson recorre às teorias da argumentação para explicar porque é que o primeiro teste a fazer-se a um enunciado político é o de saber se este é factualmente exacto<sup>29</sup>. Num discurso deliberativo o argumento deveria constituir a sua estrutura essencial - entendido quer como o

<sup>25</sup>Katleen Jamieson (1992), *Dirty Politics*, Oxford, Oxford Press, 1992

<sup>26</sup>Joseph Capella e Katleen Jamieson (1997), *Spiral of Cynicism, The Press and the Public Good*, Oxford, Oxford press, 1997:237

<sup>27</sup>Id. p:110-208.

<sup>28</sup>Katleen Jamieson (1992), *Dirty Politics*, p. 216

<sup>29</sup>Id., p. 217

processo organizador de um pensamento disciplinado, porque utiliza recursos lógicos, quer como sinalizador de uma interacção entre dois ou mais conjuntos de enunciados com relação entre si, sendo que um é necessariamente uma conclusão e os outros enunciados as premissas que conduzem a essa conclusão.

A autora não tem ilusões sobre o modo como o uso de argumentos está longe de ser prática generalizada nas propostas e nos discursos dos políticos americanos, mas sabe também que uma asserção remete necessariamente para factos que a sustentam, excepto se for proferida de forma leviana e irresponsável, e que, tradicionalmente, o argumento surgia como a forma de demonstrar a verdade ou a validade de uma proposição acerca de algo ou alguma coisa. É nesta linha que Jamieson entende ser possível identificar nos discursos políticos a existência de verdades de facto passíveis de verificação<sup>30</sup>.

Com o intuito de ajudar os eleitores a formar a sua opinião no tempo que lhes é concedido para ponderarem sobre a suas escolhas, o tempo da campanha, estes grupos de investigação procuram fazer passar a ideia de que mesmo que os factos estudados nos enunciados e que se revelem como opostos às visões do mundo que estruturam a vida particular do investigador, não terão um tratamento descuidado, pois isso não é causa suficiente para que eles os escondam ou mascarem. Porque os acontecimentos que analisam reportam a factos que evocam o interesse geral da população, que, dizem, sobrepõe-se em todos os casos aos interesses pessoais do indivíduo que os investiga. Eu julgo que a validade destas investigações lhes é atribuída pela publicação pública dos seus resultados sujeitos a verificação pela comunidade. Nesse caso, estes grupos surgem com a ambição de reforçar a credibilidade do trabalho dos jornalistas usando as regras do trabalho científico e o que isso aporta de crença na credibilidade dos resultados junto da comunidade leitora, e, ao mesmo tempo oferecer um quadro de juízos comparativos acerca das propostas dos candidatos visando esclarecer junto dos eleitores as diferenças que caracterizam cada discurso.

Em Dezembro de 2003 surge no Centro de investigação “Annemberg Public Policy,” o qual tem Katleen Jamieson como directora (centro pertencente à “Annenberg School for Communication” da Universidade da Pensilvânia). o projecto “The Annenberg Political Factcheck”. Este projecto com a denomi-

<sup>30</sup>Id. pp.203-236.

nação geral de “factcheck.org.” apresenta-se ao seu público alvo, os eleitores americanos, com o propósito de “fazer reduzir o nível de decepção e confusão com a política dos Estados Unidos”, tal como é possível ler na sua apresentação “on-line”. Propõe-se levar a cabo esta tarefa procedendo a uma pesquisa cuidada das intervenções discursivas dos sujeitos políticos com um papel mais eminente no Estado e na sociedade americana. Repare-se que este grupo se criou para reagir contra uma situação que podemos classificar como sendo a de desinformação no que aos assuntos políticos diz respeito.

Uma das causas, no entender do grupo de investigadores, a decepcionar os eleitores com a vida política, é porque se encontram confundidos pela presença de múltiplas comunicações de sinal contraditório emitidas pelos políticos, que não têm um tratamento crítico específico por parte dos jornalistas, que na maior parte das vezes se limitam a descrever as ocorrências discursivas. Esta situação foi identificada como passível de contribuir para um estado instrumental da comunicação social, tema insuficientemente observado e resolvido pelo trabalho dos jornalistas nos seus meios de comunicação clássicos.

Sob os auspícios financeiros e éticos da Fundação Annenberg<sup>31</sup>, o projecto da academia americana da Pensilvânia faz aplicar os princípios normativos gerais que norteiam o manifesto da instituição de acolhimento, e fá-lo de forma quase totalmente autónoma em relação aos grupos de interesses, lucrativos ou outros, de quem quer que seja que detenha o poder político. Princípios que, na declaração dos objectivos que norteiam a fundação, se anunciam como interessados em promover a) o aperfeiçoamento da comunicação no sentido desta contribuir para a melhoria do bem-estar público, e b) o desenvolvimento dos meios que tornem mais efectiva a partilha de ideias e conhecimentos<sup>32</sup>.

Hannah Arendt apercebeu-se que o efeito mais radical e duradouro de uma sociedade exposta a uma constante desinformação está em que, ao fim de um tempo, se dá uma recusa absoluta por parte dos cidadãos em acreditar na verdade do que quer que seja. Não é só o desenvolvimento de um senti-

<sup>31</sup>Walter H. Annenberg (1908-2002) , editor, produtor, diplomata e filantropo, depois de fundar a Escola de Comunicação Annenberg na Univ. da Pensilvânia em 1958 e da Escola de Comunicação Annenberg na Univ. of Southern California em 1971, cria a fundação Annenberg, tendo esta o propósito de servir para a investigação, o desenvolvimento e a aplicação de modos que tornem mais efectiva a partilha de ideias e de conhecimento, numa linha teórica que admite a promoção do bem-estar público através de um processo comunicacional melhorado.

<sup>32</sup>Cf: <http://www.whannenberg.org>

mento céptico em relação às fontes oficiais de informação, o que teria como efeito imediato a perda de eficácia da realidade propagandeada<sup>33</sup>, mas uma generalização deste sentimento relativamente à possibilidade de existência de realidades com valor de verdade distintas entre si. Este é um problema social grave, com uma dimensão mais profunda mesmo relativamente ao caso, de per si já com gravidade, que é o de tomar a mentira pela realidade verdadeira, na medida em que afecta um dos sentidos que orienta o indivíduo na sua orientação no mundo real<sup>34</sup>. O sentido necessário à sua sobrevivência social que implica que nas relações que mantém com os outros, e entre todos e a realidade que os circunda, permaneça intacta a aptidão em distinguir o que é verdadeiro do que é falso. E, sabemo-lo através dos estudos em teoria da comunicação, a incapacidade, ou a indiferença em distinguir o que é uma verdade de facto ou o que é uma mentira, afecta também a relação pessoal de si para consigo mesmo, pelo que o processo de formação de identidade fica hipotecado.

O serviço americano de verificação de factos (Factchck.org)<sup>35</sup> tem como epígrafe uma frase das mais famosas do já falecido senador democrático Daniel Patrick Moynihon, que diz o seguinte: “Toda a gente tem direito à sua própria opinião, mas não ao seu próprio facto”<sup>36</sup>. É sob a moldura conceptual definida por esta máxima que o grupo trabalha na identificação do “political spin” exis-tente na comunicação política, isto é, investiga o processo que se apresenta nas suas múltiplas formas comunicativas como tentativa de garantir o objectivo mais apetecido: o de fazer ganhar mais votos, mesmo se à custa do conteúdo de verdade das mensagens políticas. É verdade que sem uma contextualização teórica esta máxima poderá reforçar a reacção dos que entendem que há um princípio totalizador e coercivo, logo violentador, em todos os que reclamam pela apresentação, sempre ilusória mas nem por isso menos castradora, da apresentação do facto absoluto como o dever máximo no trabalho de informação do público. Se entenderem porém que a aceitabilidade de uma matéria de facto como verdadeira implica um processo comunicacional

<sup>33</sup>Fenómeno que sabemos que aconteceu, e como David Beetham sublinha na página 107 da sua obra supracitada, nos países onde houve, ou há, uma tentativa estatal de controlar totalmente os órgãos de informação, impedindo a livre circulação de ideias.

<sup>34</sup>Id., p.50.

<sup>35</sup>Cf. [http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel\\_Patrick\\_Moynihan](http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel_Patrick_Moynihan)

<sup>36</sup>“Everyone is entitled to their opinion, but not their own fact.”



de aceitação racional que envolve a participação dos membros de uma comunidade com competência linguística (e em Apel, ao limite, uma comunidade ideal de falantes), então compreenderão que aquela máxima representa uma meta num trabalho de investigação que, em política, terá o mérito de reconciliar o público eleitor com probabilidade da questão da verdade de facto estar presente, e poder ser testada, nos enunciados pronunciados pelos candidatos a eleições<sup>37</sup>.

A máxima de Moynihon apresenta-se para o grupo de trabalho como a descrição de uma atitude e de um método que os investigadores terão que usar com o cuidado de quem sabe ser o tema objecto de discussão, mas sem a inibição de quem tem medo de evocar a exactidão factual para validar um discurso quanto ao seu grau de verdade, justeza, compreensibilidade e correcção.

A pesquisa do “factcheck” teve início com a verificação do conteúdo do anúncio pago pelo candidato John Edwards emitido na televisão americana em Setembro de 2003 quando este se encontrava em campanha para o lugar de candidato presidencial democrático, competindo por uma nomeação para disputar as eleições presidenciais americanas de Novembro de 2004 com George W. Bush (em Portugal este tipo de propaganda política é ilegal)<sup>38</sup>. Nesse anúncio J. Edwards dirigia-se a todos os espectadores afirmando que o Estado americano sob a administração Bush estaria a proteger as grandes corporações em desfavor dos restantes contribuintes, sendo estes a verem os seus impostos a aumentar enquanto os milionários obtinham cada vez um maior lucro e apoio nas suas políticas económicas. Três meses mais tarde, o serviço “factcheck” inicia a publicação dos seus trabalhos on-line com um artigo onde se pergunta se é um facto ou não que Bush teria até então no seu mandato procedido a uma maior protecção das grandes empresas, no que a um aumento na taxa de impostos dizia respeito, em detrimento do cidadão comum. O artigo refuta e corrige o conteúdo das afirmações proferidas por Edwards, recorrendo à apresentação de dados estatísticos e de análises obtidos junto de especialistas<sup>39</sup>. Dava-se início a uma página que iria ter um êxito assinalável junto dos

<sup>37</sup> Membros de uma comunidade habilitados para avaliar a coerência do enunciado e a credibilidade do enunciador, ainda que esta habilidade seja comum à espécie e não dependa de nenhuma característica singular resultante da vontade pessoal de cada um.

<sup>38</sup> No fim da campanha o candidato presidencial democrático foi John Kerry tendo ficado John Edwards nomeado como candidato à vice-presidência dos E.U.A.

<sup>39</sup> Cf. <http://www.factcheck.org>

jornalistas, dos políticos e, sobretudo, junto da sociedade civil. Desde então, ocupando-se não só com o material recolhido na campanha que estava a decorrer e que terminou em Nov. de 2004 com a reeleição de George Bush, mas também com o que depois as instituições governamentais vão afirmando no exercício das suas funções, o serviço tem apresentado todos os meses um conjunto de artigos que abordam os mais diversos temas, desde que os investigadores suspeitem que há uma utilização pouco respeitadora dos factos, indiferentemente de quem seja o enunciador<sup>40</sup>.

A visibilidade nacional e internacional do site levou-os a reforçar a sua equipa de trabalho a fim de responderem às expectativas dos seus leitores, relativamente ao facto de neles confiarem e de a eles recorrerem como garantia última de esclarecimento. Da sua lista de artigos até à data em que escrevi este texto, 9 de Novembro de 2005, constam 154 trabalhos de investigação e análise. O último dos quais, de 28 de Outubro de 2005, analisa os anúncios nos canais de TV da Califórnia pagos pela indústria farmacêutica. No “sítio” temos acesso aos vídeos com os anúncios analisados, e, depois de um resumo, temos a análise ao conteúdo dos mesmos. Atente-se no cuidado com as fontes que seleccionam para apresentar as suas informações, recorre-se sempre a dados de associações independentes. É assim que começa por apresentar dados sobre o montante gasto pela indústria em publicidade na defesa da sua “proposition 78”, que se refere a um programa de prescrição defendido pelas farmacêuticas contra o montante gasto pelos proponentes de uma medida (a proposition 79) que visa um programa de descontos negociados pelas companhias para abranger um maior número de pacientes da classe média. Este grupo é constituído sobretudo por sindicatos e associações de consumidores.

O que nos interessa é o modo como a equipa do “factcheck.org” analisa as imagens, as palavras, e realça o que há de menos claro ou de falso no conteúdo dos anúncios, terminando sempre com uma bibliografia relativa à temática abordada. Eles não tomam posição sobre a justiça ou injustiça da medida proposta por cada um dos proponentes, eles analisam o conteúdo das declarações, fazem estudos comparativos com outros programas já em vigor noutros estados e procedem à apresentação de estatísticas. Serão os leitores a tomar a sua decisão e a valorizar com a sua escolha as mensagens que lhe são apresentadas. É claro que há uma valorização dos factos na medida em que

<sup>40</sup>Com a excepção do mês de Dezembro de 2004 que não regista nenhuma entrada.

a equipa escolheu estes anúncios para proceder ao seu tratamento e não um qualquer outro, mas a partir do momento em que a selecção é feita, o tipo de valorização assumida é a da informação e a da verificação dos enunciados.

Em declarações ao jornal “Penn Current”<sup>41</sup>, o director do “Factcheck.org”, o jornalista Brooks Jackson declarou que este projecto surgiu durante a pré-campanha presidencial para 2004, porque nunca na sua vida de jornalista político se apercebeu da existência de uma corrida eleitoral tão longa quanto aquela, e que por isso o seu acompanhamento por especialistas da comunicação era fundamental para se compreender se uma tão grande exposição a debates políticos tornaria as pessoas mais conscientes das estratégias de manipulação usadas para fazer criar factos políticos através das técnicas de “Spin”, ou se, pelo contrário, essas técnicas de “marketing” teriam melhor hipóteses de serem bem sucedidas nos seus intentos de formatar um comportamento. Nos estudos aos inquéritos conduzidos pela “National Annenberg Election Survey” chegou-se à conclusão que as duas coisas aconteceram. Mesmo os eleitores que afirmavam não aprender nada a partir dos anúncios políticos pagos acabavam por absorver informação e a acreditar no que neles era veiculado. Assiste-se também à proliferação de associações 527s, que são organizações compostas por indivíduos influentes, na sua maioria profissionais liberais, que estão a fazer uso de anúncios de ataque no sentido de influenciar ou tentar influenciar as nomeações e as eleições<sup>42</sup>. Por outro lado há a hipótese de se ter mais tempo para se desmascarar as técnicas “spin” utilizadas nesses anúncios, tais como as de fazer uso de citações fora do contexto, usar selectivamente o conhecimento de factos, fazer afirmações assumindo certos factos como verdadeiros quando estes ainda por provar, entre outras<sup>43</sup>.

O serviço em 2 de Novembro de 2004 declarou aos seus leitores que iria continuar o seu trabalho mesmo após as eleições. Nessa altura dá-se a primeira reformulação (já não terá como objecto de análise os discursos dos líderes políticos em campanha) e passará a monitorizar os discursos governamentais, estaduais e, como temos vindo a ler recentemente, os discursos de outras ins-

<sup>41</sup> Cf. <http://www.upenn.edu/pennnews/current/2004/092304/research.html>

<sup>42</sup> Cf. [http://www.gnossos.com/webhelp/What\\_is\\_a\\_527\\_Organization\\_.htm](http://www.gnossos.com/webhelp/What_is_a_527_Organization_.htm)

<sup>43</sup> “Spin” eram as siglas do originalmente termo usado pelos relações públicas e que significa “Significant Progress In the News”.

tituições do poder como é o caso dos grandes grupos económicos<sup>44</sup>. A equipa sente a necessidade de validação externa, daí que em 23 de Novembro de 2004 tivesse apresentado o resultado de um inquérito aos seus subscritores, dando conta que a grande maioria dos subscritores que responderam ao inquérito consideravam os seus artigos acessíveis e confiáveis<sup>45</sup>.

Atentem no artigo de 16 de Setembro de 2005, aquele que para mim resume a excelência do trabalho da equipa da verificação de factos americanos. Numa investigação que eles declaram ter levado meses, dão-nos uma cronologia dos acontecimentos/discursos/acções relacionados com a devastação do furacão Katrina. Cronologia que se inicia meses antes (mais propriamente treze meses antes, a 23 de Julho, com o anúncio pela “Federal Emergency Management Agency (FEMA)”) do fenómeno natural ter atingido fortemente o Estado da Louisiana como tempestade de grau 4. A condução que nos é permitida fazer sobre o que mais importante aconteceu ou foi dito pelos responsáveis políticos nesse período dá-nos uma ideia clara do que é um trabalho em “verificação de factos”: apresentar os enunciados/acontecimentos significativos para a compreensão do que o poder político fez (e não há nunca uma avaliação do que o poder político devia fazer. Essa análise, ou comentários, são deixados ao leitor). O serviço baseia-se num conjunto de fontes verdadeiramente notável, pela sua extensão, que sustentam as suas informações.

Em Inglaterra o canal de televisão “Channel 4”<sup>46</sup> desenvolveu um site onde apresentou um projecto semelhante ao do “factcheck” americano, afirmando

<sup>44</sup>“If history is any guide, there will be plenty of distortions and falsehoods to expose even in a non-election year, and we intend to monitor and report on the major factual claims being made from Washington through the remainder of 2004, and into 2005 and beyond. Watch the “announcements” section on the home page for updates”, in <http://www.factcheck.org/article299.html>

<sup>45</sup>“More than 21,000 FactCheck.org subscribers responded to our online survey conducted Nov. 13-19. That’s roughly 30% of all those who signed up to get our articles emailed to them. Overwhelmingly, those who responded found our articles clear and easy to understand, politically unbiased, reliable, and helpful in forming opinions about the candidates and their positions. Journalists make up only 2 percent of respondents, but most of them found our articles helpful and nearly half quoted us as an authority. Teachers made up 10 percent of the respondents, and one in three used our articles in class. One in six who responded worked in the 2004 presidential campaign at some level. Few Kerry nor Bush workers thought our articles made their opponent more careful about stating the facts, however”, in <http://www.factcheck.org/article300.html>

<sup>46</sup>Cf. <http://www.channel4.com/news/factcheck>

que com este trabalho estava a cumprir a sua tarefa em prestação de serviço público: já que o objectivo era o de encorajar os seus leitores a debaterem os assuntos de ordem pública e a interessarem-se mais pelos temas políticos. No entanto, e como este grupo, ao contrário da equipa americana, era todo ele constituído por jornalistas, surge pela primeira vez a intenção de com este projecto se vir a valorizar o jornalismo digital. Objectivo ausente das preocupações mais académicas dos americanos. Porém, os criadores do “site” inglês dizem-no uma réplica do sítio correspondente americano, que, tal como o seu congénere, iniciou a sua actividade com a publicação de um artigo on-line no decorrer de uma campanha eleitoral. Assim, em Março de 2005 iniciou actividades o “factcheck” do “channel 4” com o intuito de monitorizar a campanha para as eleições gerais no Reino Unido, tendo concluído o seu trabalho com a publicação do último artigo deste primeiro período de trabalho, no dia a seguir às eleições, 6 de Maio<sup>47</sup>. Jon Bernstein, o editor chefe da página inglesa justifica assim o seu trabalho por contraponto ao dos jornalistas a trabalhar na imprensa tradicional: “Pela sua peculiaridade os jornais carregam muitas vezes uma certa quantidade de bagagem crítica, e os consumidores possuem frequentemente uma noção preconcebida sobre a origem dessa publicação<sup>48</sup>”. Pelo que se entende que a natureza do meio onde se editam os artigos, e a exposição clara dos objectivos e da missão com que a equipa, identificada, se apresenta, fará a diferença no que uma luta pela credibilidade no que se anuncia diz respeito<sup>49</sup>.

Permitindo ao leitor o acesso aos artigos analisados mas já divididos por grandes temas (crime, economia, educação, saúde, emigração e asilo, e outros) e apresentando num fórum um espaço de discussão, o “factcheck” inglês diferencia-se da metodologia americana. Porém, eu julgo que a mensagem que nos é transmitida pela moldura que configura a “página” inglesa propicia-nos uma imagem valorativa de menor rigor do aquela que é transmitida pelo serviço americano. Desde logo porque a existência de um fórum remete para a existência de um espaço livre e público de intervenção dos leitores que, geralmente, prima pelo excesso de opiniões sem fundamentação. O que, convenhamos, num “sítio” que se quer paradigma de um tipo de tratamento dos

<sup>47</sup>Cf. <http://www.channel4.com/news/factcheck/quote.jsp?id=169>

<sup>48</sup>“The nature of newspapers means that they often have a certain amount of critical baggage, and consumers often have a preconceived notion of where that publication is coming from”, Cf. <http://www.channel4.com/news/factcheck>

<sup>49</sup>FactCheck.org as a “consumer advocate for voters”.

discursos através de testes à verdade de facto dos seus conteúdos, poderá surgir como um elemento estranho e paradoxal, já que se pretenderá evidenciar um trabalho que se quer destacado da multiplicidade de opiniões que se propalam. Não que os factos não se discutam, mas haverá que assumir que em algum momento a discussão terá que ter uma conclusão, e se essa conclusão não for assumida pelos especialistas que a testaram, vai ser assumida por quem?

Algo mais julgo que concorre também para a manutenção de uma imagem equivocada do projecto inglês. O facto de o Channel 4 apresentar o seu serviço de “factcheck” como um serviço cujo lema é o de “mantendo os políticos honestos”, o que, como podemos comparar, é apropriação de um poder que o serviço americano não assume, porque subentende que é responsabilidade dos eleitores manterem os políticos honestos. Há também outro aspecto, o da ambiguidade da mensagem a que somos induzidos pelo grafismo da página do “factcheck” do “channel 4”. Nela podemos ver as fotografias dos líderes dos três maiores partidos ingleses, candidatos a primeiro ministros, (Tony Blair no centro como representante do Partido trabalhista, Michael Howard o, então, líder do partido dos Conservadores à sua direita, e Charles Kennedy à esquerda, líder do partido Liberal Democrata) e, no canto superior esquerdo, depois do título Factcheck, o desenho de um quadrado, a imitar o boletim de voto, e um sinal a assinalar esse quadrado. Ainda que evitem o uso da cruz, eu julgo que é pouco feliz a analogia que se poderá vir a fazer. Será que os eleitores têm que fazer uma quarta escolha? Ora o “factcheck” não concorre a eleições, é um serviço de análise dos discursos políticos, independente dos partidos (não concorre contra nem a favor de nenhum, mas também não é um partido político).

O académico “sítio” do serviço americano não incorre neste tipo de conflito porque entende que a sua imposição junto do poder se faz a partir de uma base de informação generalizada dos eleitores. Permitam-me que diga que isso se deve ao facto de estarem mais bem fundamentados teoricamente pela presença de K. Jamieson no seu grupo de análise. Não se concorre contra o poder, concorre-se pelo esclarecimento das acções comunicacionais desse poder.

Em Portugal a sociedade civil não criou até agora um serviço de fiscalização de uma natureza semelhante à dos projectos americanos. Nem as academias, nem os meios de comunicação públicos conseguiram ou consideraram a

necessidade de criação de um serviço semelhante. É através de órgãos de administração pública que se fiscaliza, e disciplina, os actos eleitorais. Ora esta função, a disciplinadora, remete para a intervenção de uma instância que vigia e garante que nas eleições se respeita as regras democráticas, submetendo os problemas relativos ao contencioso eleitoral aos tribunais que ajuizarão o cumprimento ou não das normas constitucionais.

Os serviços de “factcheck” têm também uma função disciplinadora mas que nasce da própria exposição dos seus conteúdos junto de um número alargado de opinantes públicos, esses serviços não fiscalizam ou impõem o cumprimento de regras, nem estão directamente empenhados na defesa e promoção dos direitos humanos, porque a “spin political” não põe directamente em causa, por exemplo, o direito à liberdade de expressão. Esses serviços permitem que se dê conta da preocupação que certos grupos de cidadãos, profissionais ou não da comunicação, têm em esclarecer o que nos discursos públicos pode contribuir para a mistificação ou o esclarecimento acerca do que é o trabalho político, e as campanhas políticas, em democracia. Isto é, diferente do tipo de evocação de um qualquer poder de controlo concreto que, em Portugal, é assumido pelos Tribunais.

Nas eleições autárquicas de 9 de Outubro de 2005 ocorridas em Portugal, “A Comissão Nacional de Eleições” das 320 queixas que recebeu, relata como estando em segundo lugar as queixas relacionadas com a propaganda (94 ocorrências)<sup>50</sup>. Mas não são queixas que evoquem suspeitas ou reclamem por provas a favor ou contra a factualidade do que é dito pelo candidato A ou B, são, na sua grande maioria, querelas relativas ao espaço (ou à ausência dele) onde se podem colar cartazes com a publicidade política.

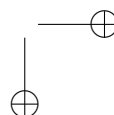
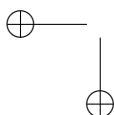
Há um espaço vazio quanto à análise das questões da comunicação política relativas aos conteúdos dos discursos dos líderes políticos. Esta análise tem a ver com o facto de se poder esclarecer o conteúdo dos enunciados quanto à sua verdade de facto, a fim de guiar os eleitores a consciencializarem que a honestidade dos políticos não é posta em causa pelos erros que possam cometer, mas sim pelas mentiras que possam dizer. Em Portugal haverá também que fazer um levantamento rigoroso do número de vezes que em artigos de opinião ou em intervenções de jornalistas em programas de rádio ou televisão, se

<sup>50</sup>Em primeiro lugar, com 117 referências, aparecem as queixas relacionadas com “neutralidade e imparcialidade das entidades políticas”. Cf. <http://www.cne.pt>



defendeu a ideia de que em campanha política nenhum político fala, ou poderá falar, verdade. Seria interessante sabermos em que degrau se encontra a nossa espiral de cinismo.

*Lisboa, 9 de Novembro de 2005*





## Oposição não convencional em Portugal e em Espanha entre 1980 e 1995. Um primeiro estudo comparativo

António Rosas

Universidade de Santiago de Compostela

E-mail: anjoserosas@gmail.com

A análise empírica da oposição não convencional, tanto a nível nacional como comparativo, continua a ser uma área pouco estudada no domínio da comunicação política e ao nível mais vasto da ciência política. Em geral, os trabalhos teóricos e empíricos costumam abordar a comunicação entre os governos/partidos, os media e o público, e esquecer essa realidade incontornável das democracias que são os episódios de contestação não convencional mais ou menos violentos e as suas componentes simbólicas. Neste artigo, tentamos contrariar essa tendência, prosseguindo um projecto já encetado noutra lugar sobre as *contentious politics* portuguesas (Rosas 2007). O nosso objectivo, desta vez, será o estudo comparativo das componentes substantivas e simbólicas das oposições não convencionais dos dois países entre 1980 e 1995.

Uma das razões da raridade deste tipo de estudos resulta do enorme manancial de dados que requer para ser significativo. Neste trabalho, basear-nos-emos no excelente *Data Set* produzido pelo Professor Ronald Francisco e pela sua equipa da Universidade do Kansas, que para esse período recolheram, organizaram e codificaram milhares de notícias relacionadas com as *contentious politics* de 28 países europeus<sup>1</sup>. Com a ajuda desse rico manancial de dados, procuraremos comparar de forma ainda tentativa e preliminar os seus padrões de evolução, bem como analisar comparativamente algumas relações que julgamos serem importantes neste tipo de processos. Para alcançarmos o primeiro desses objectivos, utilizaremos, ainda que superficialmente, uma técnica que é ainda pouco utilizada em ciência política e nos estudos da comunicação - a análise estatística das séries temporais. Esta ajudar-nos-á a compreender e a comparar os dois períodos nacionais quanto aos seus padrões

---

<sup>1</sup>EPCD - *European Protest and Coercion Data*. URL: <http://web.ku.edu/ronfran/data/index.html>. Este artigo cumpre as regras de citação estabelecidas no site. As bases de dados e uma parte das conclusões do nosso projecto serão oportunamente publicadas *online* em <http://antoniorosas.wordpress.com>.



de evolução. Seguidamente, complementaremos a nossa análise formal com o exame de algumas regressões. Por último, analisaremos as componentes simbólicas ou de comunicação política das duas distribuições, caracterizando-as individualmente e estabelecendo similitudes e diferenças.

### **Séries temporais e padrões de evolução**

Para avaliarmos globalmente as duas *time series* das distribuições com os números dos participantes portugueses e espanhóis relacionados com acções de oposição não convencional durante o nosso período de 16 anos, começamos por logaritmizar e diferenciar as duas distribuições (truncadas de zeros e de NA's). As imagens dos “sinais” resultantes são as das Fig.s 1a e 1b.

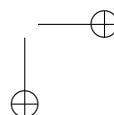
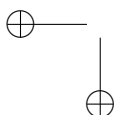
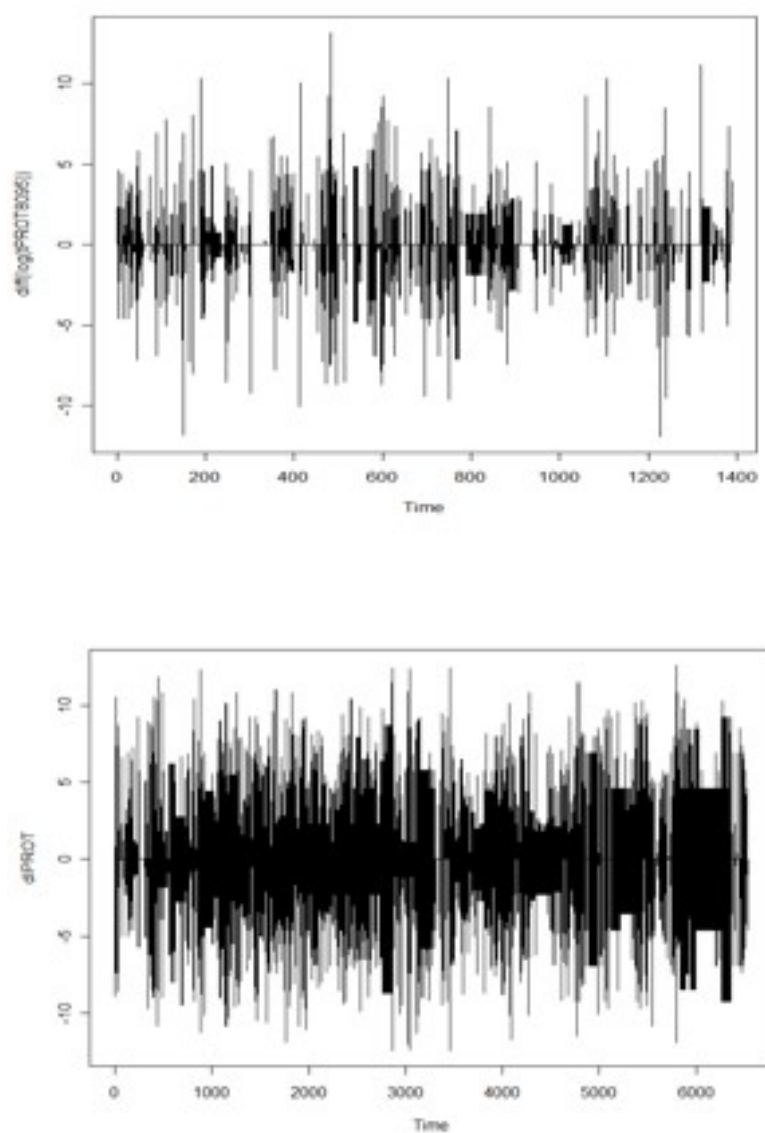
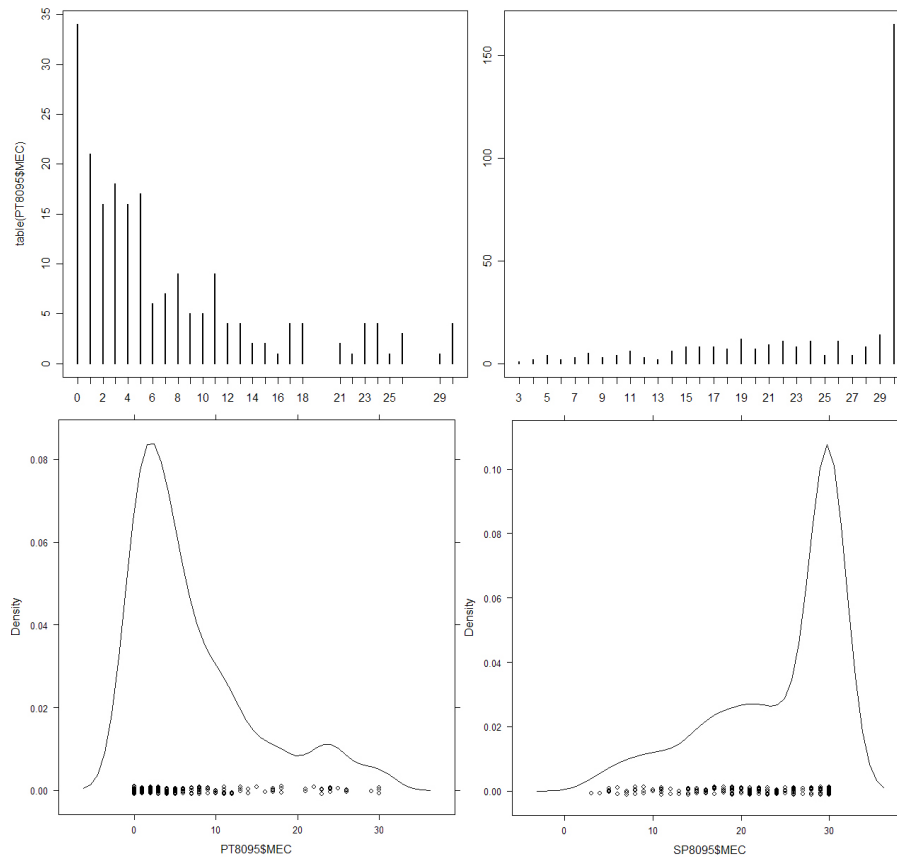


Figura 1: Dif./Log. da Variável Participantes – Portugal (em cima) e Espanha (em baixo) (1980-1995)



Como se vê, as diferenças são mais quantitativas, ou de grandeza, do que formais. As duas séries não são, claramente, estocásticas, revelando mesmo variações bem enquadradas e semelhantes entre valores idênticos. A primeira constatação é, portanto, a de que as *contentious politics* espanholas, durante o período em questão, não foram formalmente muito diferentes das portuguesas, mas foram muito mais densas tanto no número dos episódios como no volume da participação (6529 contra 1388 observações, só para os episódios). Para darmos uma ideia mais clara dessa desproporção, criámos uma *dummy* medindo as contagens dos eventos mensais das distribuições nacionais. Os histogramas de frequências e os *density plots* resultantes são os da Figura 2. De notar como as distribuições são praticamente invertidas, com o caso espanhol a registar mais de 150 meses de episódios contestatários diários.

Figura 2: Histogramas (em cima) e *density plots* (em baixo) para Portugal e Espanha



Se não nos ficarmos por aqui e submetermos as duas séries a dois estimadores lineares dinâmicos Prais-Winsten (chamemos-lhes  $\gamma_1$  para o caso de Portugal e  $\gamma_2$  para o caso espanhol) tendo em vista correlacionar o número dos participantes, com os patamares de OSD, ou seja, com os níveis do potencial mobilizador das organizações, verificamos que os episódios contestatários espanhóis revelaram, no entanto, níveis de participação menos correlacionados com as organizações do que os portugueses<sup>2</sup>. Por outras palavras, a mobili-

<sup>2</sup>A variável OSD também está disponível no *Data Set*.

zação protagonizada pelo mais variado tipo de organizações políticas, sejam grupos de interesses, partidos políticos, movimentos sociais, etc., está menos associada, em Espanha, durante o período, co as intensidades de participação, do que em Portugal. As estimativas dos ajustes das OLS dinâmicas são as seguintes:

Tabela 1: Regressões lineares dinâmicas

|                | $\gamma 1$        | $\gamma 2$         |
|----------------|-------------------|--------------------|
| OSD_PT         | 0.0105*** (0.000) |                    |
| OSD_SP         |                   | 0.00131*** (0.000) |
| N              | 1408              | 6758               |
| F              | 23.10             | 19.15              |
| Prob >F        | 0.0000            | 0.0000             |
| R <sup>2</sup> | 0.0361            | 0.0061             |
| Rho            | .1303386          | .0148264           |
| AIC            | 35600.9           | 178202.0           |
| BIC            | 35606.1           | 178208.8           |

p-values in parentheses

\* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001

Nota 1: Regressões com estimadores robustos das variâncias.

Os resultados, como se vê, são extremamente baixos, embora sejam estatisticamente significativos<sup>3</sup>. Se quisermos, podemos defini-los pelo seguinte contrafactual (CTFT\_1): *se apenas tomarmos em linha de conta os efeitos causais dos patamares de mobilização das organizações sobre o número dos participantes portugueses e espanhóis em acções oposicionais e inclusivas não convencionais ocorridas entre 1980 e 1995, esses efeitos, medidos estatisticamente, aceitando os pressupostos da regressão linear simples, foram, apesar de fracos, menores em Espanha do que em Portugal.*

Para enriquecermos a análise, criamos uma segunda versão do mesmo contrafactual (CTFT\_1.2) a partir de duas regressões lineares de classes dife-

<sup>3</sup>Embora aqui nos interesse criar um modelo liminar ou mínimo que permita inferir comparações estatísticas pertinentes entre vários contrafactuais tivemos o cuidado de testar vários modelos alternativos (quadrático, cúbico, exponencial) para avaliarmos o grau da dependência dos contrafactuais em relação aos modelos. Todos os resultados confirmaram a nossa convicção de que mesmo na opção minimalista nenhum dos contrafactuais pode ser invalidado por não ser empiricamente testável.

rente: um OLS e uma Tobit (censurada para valores de mobilização iguais a zero) com as mesmas variáveis (com as duas distribuições completas, ou seja, não truncadas de zeros e de NA.s). Os ajustes ( $\Omega 1$  para Portugal e  $\Omega 2$  para Espanha, no caso da OLS, e  $\varsigma 1$  e  $\varsigma 2$  para as Tobit) foram produzidos com transformações robustas<sup>4</sup>. Os novos dados são os da Tabela 2.

Os novos dados reforçam o que dissemos atrás sobre a menor correlação espanhola entre as organizações e os níveis de participação. Embora não pretendamos, neste estudo, aprofundar o significado do CTFT\_1, convém desde já notar que o menor grau de mobilização organizacional espanhol não significa um *déficit* democrático dos mecanismos não convencionais espanhóis de inclusão e de oposição democráticas. Pode até indiciar uma maior apetência dos activistas espanhóis por outros modos de contestação mais autónomos ou, no limite, uma alteração paradigmática nos modos de acção.

Tabela 2: Regressões OLS e Tobit (com transformações robustas)  
(Intensidades vs. Mobilização)

|        | $\Omega 1$       | $\varsigma 1$     | $\Omega 2$        | $\varsigma 2$      |
|--------|------------------|-------------------|-------------------|--------------------|
| main   |                  |                   |                   |                    |
| OSD_PT | 0.0102*** (5.03) | 0.00995*** (4.98) |                   |                    |
| OSD_SP |                  |                   | 0.00131*** (4.44) | 0.00126*** (4.46)  |
| sigma  |                  |                   |                   |                    |
| _cons  |                  | 75980.0*** (5.02) |                   | 131082.0*** (3.55) |
| N      | 1408             | 1408              | 6758              | 6758               |
| AIC    | 35626.0          | 35241.3           | 178204.4          | 172521.3           |
| BIC    | 35631.3          | 35251.8           | 178211.2          | 172534.9           |

t statistics in parentheses

\*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ , \*\*\*  $p < 0.001$

<sup>4</sup>Usamos uma regressão robusta com erros padrão com *sandwich estimators* e calibrados no valor default (*HC - standard error is heteroskedastic consistent*). Os modelos ARCH e GARCH não foram usados no caso das regressões dinâmicas.

Tabela 3: Regressões dinâmicas (Prais-Winsten) e Tobit (com transformações robustas)  
(Intensidades vs. Mobilização e Temas)

|        | $\Sigma 1$<br>(Prais-Winsten)* | $\Sigma 1$ (Tobit) | $\Sigma 2$<br>(Prais-Winsten)** | $\Sigma 2$ (Tobit) |
|--------|--------------------------------|--------------------|---------------------------------|--------------------|
| main   |                                |                    |                                 |                    |
| OSD_PT | 0.0104*** (0.000)              | 0.0104* (0.012)    |                                 |                    |
| iss_PT | -62.10 (0.078)                 | -5.801 (0.844)     |                                 |                    |
| OSD_SP |                                |                    | 0.000798*** (0.000)             | 0.00123** (0.002)  |
| iss_SP |                                |                    | -27.63*** (0.000)               | -22.37** (0.007)   |
| _cons  | 7107.1 (0.209)                 |                    | 16523.9*** (0.000)              | 11983.5*** (0.00)  |
| sigma  |                                |                    |                                 |                    |
| _cons  |                                | 76005.1*** (0.000) |                                 | 130911.4*** (0.00) |
| N      | 1032                           | 1407               | 5565                            | 6755               |
| AIC    | 25779.1                        | 35218.9            | 139445.2                        | 172439.0           |
| BIC    | 25793.9                        | 35234.7            | 139465.1                        | 172466.3           |

p-values in parentheses

\* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001

Nota: \* e \*\* com regressão Cochrane-Orcutt AR(1).

|        | $\Sigma 1a$ (Tobit) | $\Sigma 2a$ (Tobit) |
|--------|---------------------|---------------------|
| main   |                     |                     |
| iss_PT | 72.07*** (0.000)    |                     |
| iss_SP |                     | 16.68*** (0.000)    |
| sigma  |                     |                     |
| _cons  | 76631.9*** (0.000)  | 131167.8*** (0.000) |
| N      | 1407                | 6763                |
| AIC    | 35239.1             | 172665.8            |
| BIC    | 35249.6             | 172679.5            |

p-values in parentheses

\* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001



## Os temas

O segundo e o último contrafactual que apresentamos é aquele que mede as variações das capacidades predictoras relativas dos dois modelos lineares nacionais depois de incluídos os temas. À semelhança do que acontece com os níveis do potencial mobilizador das organizações, os temas também dão indicações sobre os padrões e os níveis da mobilização que além de serem relevantes são bastante intuitivas. Não é de esperar que temas diferentes mobilizem da mesma maneira o mesmo número de activistas e de *bystanders*, podendo mesmo transformar-se a variável consoante os *targets* sejam os primeiros ou os segundos<sup>5</sup>.

Comparando as estimativas de dois ajustes Prais-Winsten e Tobit, podemos dizer que os temas, no período, e controlando apenas para a variável medindo a organização, não tiveram efeitos significativos nas mobilizações dos dois países, o que é um contrasenso, provando a necessidade da contextualização e do controlo para demais variáveis. No caso português, os valores rondam mesmo a insignificância estatística. Com isto queremos dizer que se tivermos apenas em consideração as capacidades mobilizadoras das organizações em ambos os países, a inclusão dos temas não acrescenta valores palpáveis às suas associações estatísticas com as intensidades verificadas nas mobilizações. Nos termos de um segundo contrafactual (CTTF\_2), poderemos então afirmar que *se apenas tomarmos em linha de conta os patamares de mobilização organizacional e os temas que serviram para mobilizar os activistas (e “bystanders”) dos dois países durante o período em questão, e se aceitarmos os pressupostos estatísticos, os temas não tiveram um peso estatisticamente significativo nos valores da participação espanhola e portuguesa*<sup>6</sup>. É claro que contamos em próximos trabalhos esclarecer melhor estes resultados, reverificando o nível de análise actual e acrescentando mais variáveis capazes de transmitir a uma variável simbólica tão importante como os temas um significado mais correcto e intuitivo<sup>7</sup>.

<sup>5</sup>Deixamos estas e outras questões para trabalhos posteriores.

<sup>6</sup>Por comodidade de exposição só apresentamos as estimativas mais importantes.

<sup>7</sup>Se tomarmos apenas em consideração as associações entre intensidades e temas, os resultados são muito diferentes, como se vê na pequena tabela inferior da página seguinte. Os temas em Portugal, medidos isoladamente, foram quase cinco vezes mais influentes sobre a intensidade do que os espanhóis.

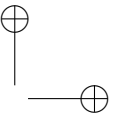
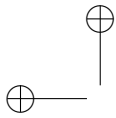
Se passarmos agora da análise estatístico-formal dos temas à sua análise substantiva, verificamos que apesar das diferenças de grandeza e de correlação já apontadas, não há a registar, no período, grandes discrepâncias entre as culturas políticas contestatárias dos dois países. Para mostrá-lo, usaremos os gráficos das páginas seguintes, que nos acompanham até ao final do artigo. Relembramos o leitor que este trabalho é preliminar e não pretende nem contextualizar, nem exaurir, todas as componentes formais e gráficas dos dados.

Cada uma das Figuras 3, 4 e 5 apresenta dois grupos horizontais de dois gráficos cada, com a primeira linha destinada a Portugal e a segunda a Espanha. As colunas da esquerda de cada grupo indicam as frequências, e as colunas da direita medem a mobilização. Nas linhas que se seguem, apenas estudaremos as frequências para a análise da Figura 3.

Se começarmos por comparar as colunas das frequências da Figura 3, verificamos que, à excepção da questão autonómica, no caso espanhol, e da questão da amnistia dos presos políticos, no caso português, os temas mais frequentes do período foram essencialmente económicos relacionados com os salários com o desemprego. É de notar, a este respeito, que o cálculo de duas binomiais negativas regredindo a frequência mensal dos episódios contestatários mensais (a nova variável MEC – *Monthly Events Count*) sobre os temas usados na mobilização, produziram resultados muito semelhantes (no caso português, os temas relacionados com os salários e com o desemprego registaram valores de  $\Pr(>|z|)$  de 0.00052 e de 0.02768, enquanto que para o caso espanhol os mesmos temas apresentaram valores de significância  $\Pr(>|z|) < 2e-16$ )<sup>8</sup>. Uma conclusão possível é a de que os temas salariais e do desemprego estiveram não apenas no topo da agenda contestatária não convencional dos dois países durante o período como podem ser responsabilizados por uma grande parte da variação das frequências mensais dos episódios.

Se deixarmos agora a análise das frequências dos temas para nos concentrarmos na sua ressonância (a segunda coluna), verificamos que as performances dos temas foram muito diferentes. Entre os oito temas que mais mobilizaram em Portugal, sete são económicos, enquanto que no caso espanhol apenas

<sup>8</sup>É uma variável muito aproximada, já que se baseia nas frequências da variável eventos/não eventos e não tem em conta o facto, por exemplo, do mesmo episódio durar vários dias ou haver mais do que um episódio por dia sobre o mesmo tema ou sobre temas diferentes. Em futuras trabalhos tencionamos afinar esta variável, do mesmo modo que serão criadas *dummies* para medirem outros efeitos.



três podem ser considerados como económicos. Por outro lado, é de notar a diferença assinalável nos volumes mobilizacionais dos dois países, com a questão autonómica espanhola a mobilizar mais de três vezes mais do que o tema dos salários em Portugal. De notar igualmente que o tema das condições prisionais foi relativamente forte nos dois países, tanto em frequência como em ressonância.

Em relação ao tipo de acção, os dois países também apresentaram claras similitudes (Figura 4). Do arsenal das táticas possíveis, os manifestantes dos dois países utilizaram a greve geral e a petição como meios preferenciais da acção colectiva. Os gráficos das frequências dão-nos porém uma imagem mais sombria, revelando a muito maior radicalização tática do caso espanhol. Essas táticas, que pela sua natureza violenta, intentam contra o maior dos interesses básicos dos cidadãos, que é o direito à vida, são liminarmente vistas como injustificáveis e ilegítimas face à nossa ideia normativa de democracia, mas são factos positivos que têm que ser e devem ser estudados.

Se tomarmos, por fim, como referência, a Figura 5, que mostra o tipo dos agentes ou dos actores que tomaram parte nos episódios de contestação não convencional, verificamos que os maiores protagonistas durante esses quinze anos foram os funcionários públicos dos dois países, com os católicos, as organizações sindicais e os estudantes a ocuparem também posições de relevo.

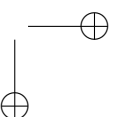
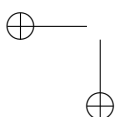


Figura 3:

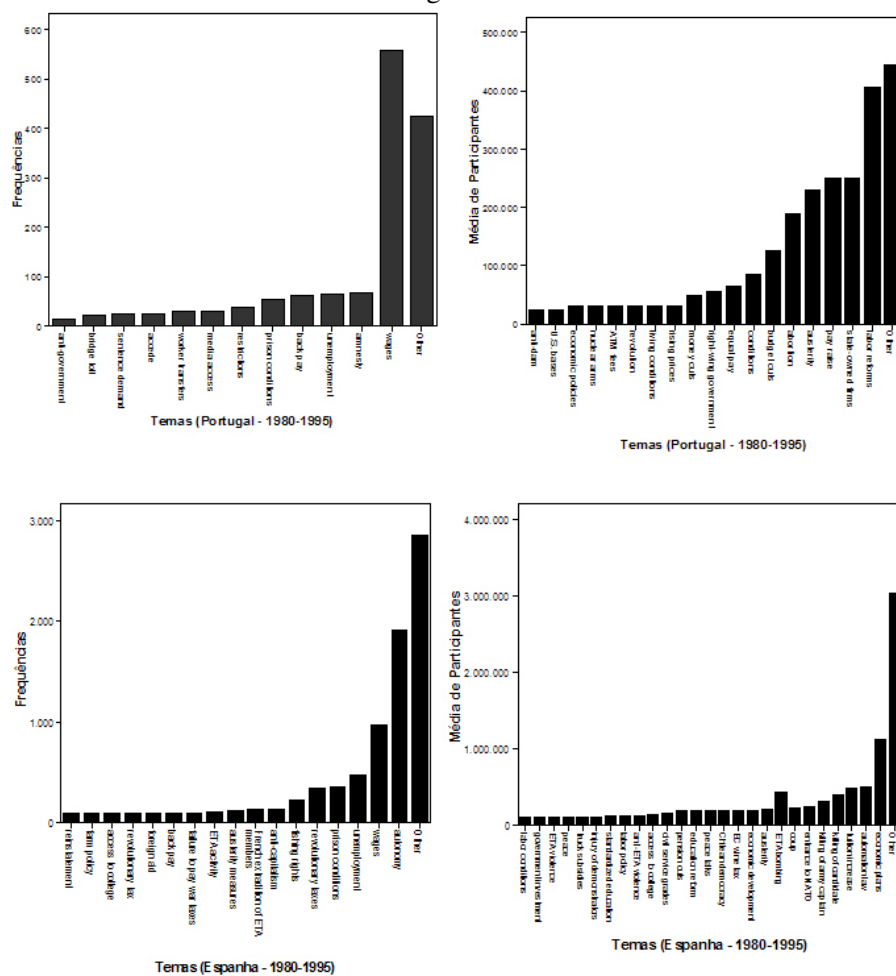


Figura 4:

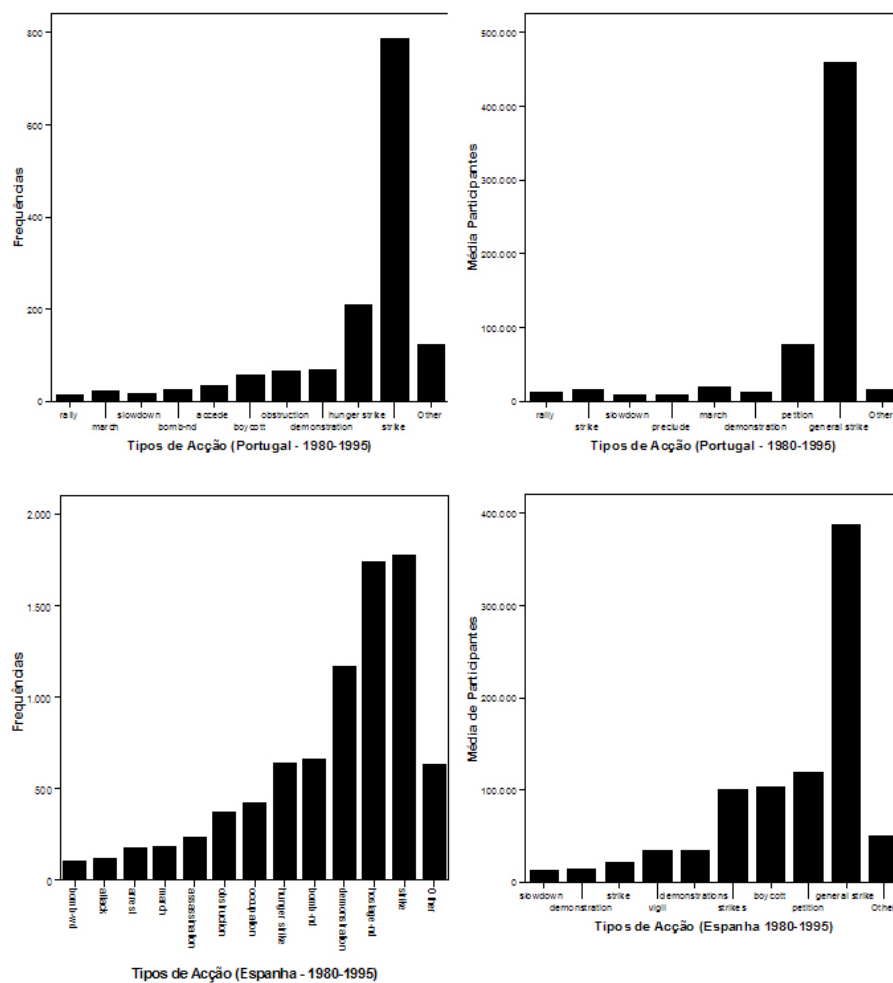
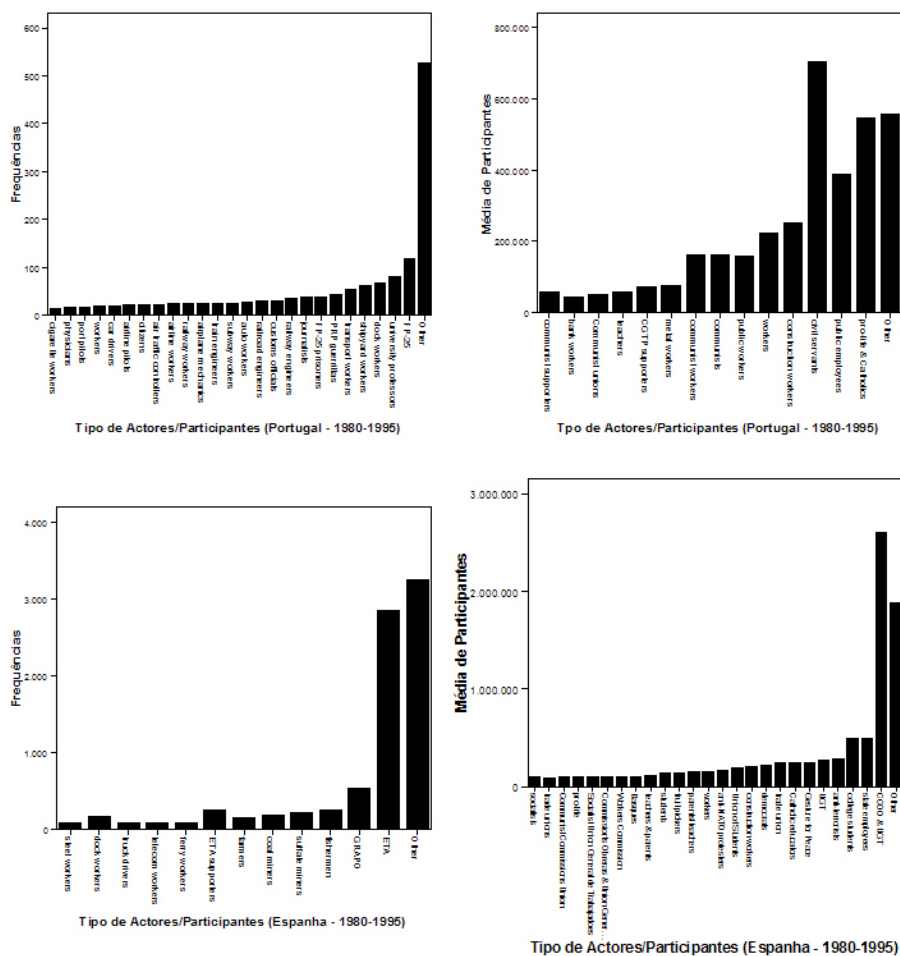


Figura 5:



## Referências

ROSAS, António, “Processos políticos contestatários e temas não convencionais em Portugal - 1980-1995. Alguns resultados preliminares”, *Working Paper* destinado à publicação, Outubro, 2007.

## La ideología liberal y los medios de comunicación en Polonia: Varios efectos de la transición poscomunista

Radoslaw Sajna

*Kazimierz Wielki University in Bydgoszcz, Poland*

E-mails: rs-epp@post.pl

**Q**UANDO el régimen comunista cayó en Polonia en el año 1989, era cierto que los cambios tocarían también el mundo de la prensa, la televisión, la radio y otros medios de comunicación que en un nuevo país libre deberían jugar un papel totalmente diferente que durante el periodo comunista. La doctrina leninista de los medios tuvo que dar plazo a la doctrina liberal que se fundamenta en algunos pilares sin los que no pueda funcionar la democracia en el sentido contemporáneo occidental. Los medios dejaron de ser sólo unas tubas propagandísticas del gobierno y unos emisores de los mensajes dirigidos al pueblo pasivo. La censura preventiva dejó de asustar a los periodistas. Comenzó un proceso de la transición de los medios como uno de los elementos de la democratización y la liberalización.

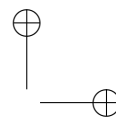
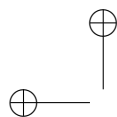
La democratización en Polonia y otros países de la región en principio de los años noventa ha sido diferente a los cambios de los setenta y ochenta en los países ibéricos o en Grecia porque los procesos de la democratización en la Europa poscomunista coincidieron con la revolución de los medios audiovisuales y el desarrollo de las nuevas tecnologías, como la televisión de cable, de satélite, la tecnología digital, la telemática y luego el Internet. Por eso, los cambios en Polonia y otros países de la región han pasado más rápidamente. Exactamente, gracias a las imágenes de la televisión el público global se enteraba de los sucesos en Polonia y otros países poscomunistas y las fuentes alternativas del extranjero presentaban a los polacos la otra realidad provocando una resistencia frente a los gobiernos comunistas. En la segunda mitad de los ochenta las nuevas tecnologías de comunicación ofrecían mejores posibilidades de luchar contra la censura y de traspasar las fronteras para comunicarse con la gente del mundo entero (Dobek-Ostrowska 2002).

Puesto que la Europa Centro-Oriental es muy heterogénea, la transición de los medios de comunicación en esta región no pasó idénticamente en todos los países, aunque en general los procesos del cambio encontraron unos

problemas semejantes. Unos países, como Polonia, Hungría o La República Checa, tuvieron durante el comunismo algunos periodos de cierta libertad de expresión y experiencias con los medios de oposición. En otros países, como Bulgaria o Rumanía, los gobiernos fueron más severos. A pesar de las diferencias, en todos los países comunistas existieron unos sistemas de medios más desarrollados que p.ej. en América Latina (J. L. Curry 2006). Naturalmente, los sistemas de medios comunistas funcionaron de acuerdo con la doctrina leninista que se basa en tres reglas principales: primero, los medios de comunicación son una propiedad del estado; segundo, el monopartido comunista, que es “la vanguardia de la clase obrera”, controla los medios de comunicación que son un elemento integral del estado; tercero, los medios de comunicación tienen que ser “unos medios de la influencia ideológica” y los periodistas y redacciones deben servir como “organizador, agitador y propagandista” para movilizar a la gente a la participación en la realización del programa del partido comunista y para formar la sociedad de acuerdo con la ideología comunista (Mrozowski 2001).

Aunque el modelo stalinista de la sociedad no previó ninguna sociedad cívica ni esfera pública en el sentido que propuso Jürgen Habermas (1989) – pues, como una debate continua de los ciudadanos formando una opinión pública – algunos investigadores creen que durante el periodo comunista en Polonia existieron tres diferentes esferas públicas: la oficial, la alternativa (relacionada con la Iglesia católica) y luego la de oposición (relacionada sobre todo con el movimiento “Solidaridad”) que surgió en el año 1976 (Jakubowicz 2001). Sin duda, estos tipos de la esfera pública emergieron en la realidad comunista y no pueden ser considerados razonablemente en el marco de la democracia moderna. Tampoco la sociedad cívica no existió en Polonia durante el comunismo, aunque no es cierto si hoy, casi 20 años después de la caída del Talón de Acero, la sociedad cívica en el sentido occidental existe en Polonia y en otros países de la región. Aunque hay varias definiciones de la sociedad cívica, es indudable que se ha hecho mucho para reemplazar el viejo sistema totalitario y modificar el funcionamiento de los medios de comunicación, aunque muchos de los participantes de la lucha por la libertad pueden juzgar que hoy los medios no cumplen perfectamente las aspiraciones democráticas (Sparks 2005). Quizás haga falta más tiempo para que la sociedad cívica y la esfera pública se desarrolle perfectamente en los países poscomunistas donde se realizaron los experimentos de la ideología leninista.



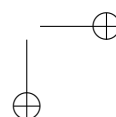
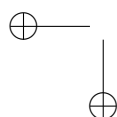


No obstante, después del año 1989, la doctrina leninista pasó a la historia (al menos en Polonia) y la doctrina liberal ha entrado en el mundo de los medios de comunicación polacos. La ideología liberal reemplazó la ideología comunista, aunque el liberalismo en Polonia es una cuestión complicada y multiforme, a menudo relacionada con otras ideologías, también con el socialismo y la religión católica (Karnowska 2004). Prácticamente, no hay definición única del liberalismo, tratado a menudo como una “metaideología” que contiene varios valores y convicciones. Sin duda, el liberalismo nació como un efecto de la caída del sistema feudal y del surgimiento de la sociedad capitalista del mercado. Se puede enumerar los principios generales del liberalismo que son el individualismo, la libertad, la razón, la igualdad, la tolerancia, el consenso y el constitucionalismo (Heywood 2002). Estos fundamentos tienen que formar base también para los medios de comunicación en una sociedad democrático-liberal.

A pesar de que la doctrina liberal de los medios está hoy “amenazada” por la doctrina de la responsabilidad social (que exige más autocontrol por parte de los medios) y – por razón de la expansión del Internet – por la doctrina de la participación democrática, la ideología liberal sigue siendo un fundamento del funcionamiento de los medios de comunicación en los países de la civilización occidental, también en el caso de la democracia polaca. En continuación, intento responder a la cuestión cómo esa ideología ha invadido el mundo de los medios polacos, tanto en el contexto político, como económico y social, considerando qué efectos de esta transición se perciben hoy.

## La libertad de expresión y de los medios

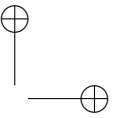
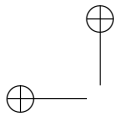
Cuando al principio de los años noventa apareció en Polonia una idea de la libertad de expresión, se observó una ola de ofensas y acusaciones – exactamente bajo el pretexto de la libertad de expresión – por parte de muchos políticos y ciudadanos quienes, generalmente, no conocían los apellidos de los pensadores liberales, como p.ej. John Stuart Mill. Este pensador británico, autor de varios libros, intentó convencer a todos en la mitad del siglo XIX que el hombre había de tener una posibilidad de expresar sus ideas porque toda la sociedad aprovecha del pensamiento creativo de los individuos (Mill 1986; Rivers, Mathews 1995). Esta afirmación convenció supuestamente a los po-



líticos polacos, porque en la nueva Constitución de la República Polaca (del año 1997) aparecieron unas garantías de la libertad de expresión. Artículo 5. de la carta magna polaca dice, entre otros, que la República Polaca “garantiza las libertades y derechos del ciudadano” y se sabe que entre ellos se encuentra también la libertad de expresar sus pensamientos y opiniones. Artículo 14. se refiere directamente a la libertad de los medios: “La República Polaca garantiza la libertad de la prensa y de otros medios de comunicación.” La Constitución establece también un nuevo órgano de control de medios audiovisuales (KRRiT, Consejo Nacional de Radiodifusión y Televisión) cuyo deber es “defender la libertad de expresión, el derecho a la información y el interés público en la radio y la televisión”.

Los detalles del funcionamiento de la KRRiT fueron determinados en una ley que introdujo un sistema paritario (9 personas: 4 nominados por el parlamento nacional, 3 por el presidente de Polonia y 2 por el senado). Este statu quo ha sido destruido por un nuevo gobierno polaco (derecho-populista, desde finales del 2005 en el poder) que cambió la ley, delegando al Consejo solamente 5 miembros nominados por la coalición gobernante y el presidente Lech Kaczynski, proveniente del partido gobernante PiS (Derecho y Justicia) y hermano gemelo del presidente de este partido. La KRRiT ha sido, de este modo, “limpiada” de la oposición política. La acción del PiS y los partidos de la coalición gobernante (actualmente dividida de nuevo) ha sido criticada no sólo por la oposición en Polonia, sino también por las organizaciones internacionales (p.ej. Reporteros sin fronteras).

La Ley de Prensa polaca también declara libertad de expresión y de los medios, aunque esta ley proviene del año 1984 (cuando Polonia era un país comunista) y hasta ahora no se ha preparado ninguna nueva ley, más adecuada a la nueva realidad política. Uno de los mayores expertos polacos en los asuntos de la ley de prensa escribe que la libertad de la prensa es posible en toda su amplitud sólo en el caso de la existencia real de las libertades de pensamiento, de opinión, de palabra, de información y de publicación (Sobczak 2000). Parece que en Polonia no todos lo entienden y tratan la libertad de los medios de comunicación del mismo modo que los que firmaron, con una gran dosis de hipocresía, la Ley de Prensa en la época comunista.



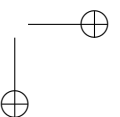
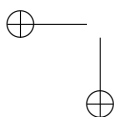
## La proliferación de los canales y el “cuarto poder”

La televisión y la radio estatal, tras la caída del comunismo, se convirtieron en los entes públicos, perdiendo el monopolio, porque las estaciones privadas han entrado en el mercado de medios, creado a base de los fundamentos recibidos de la época anterior. Aparecieron nuevas televisiones y radios, y las parabólicas se esparcieron sobre los tejados de las casas de los polacos que consiguieron acceso a muchos nuevos canales de transmisión, también a varias estaciones extranjeras. Ya no ha sido necesario pedir un permiso oficial para recibir la televisión de satélite.

Los políticos polacos regularon la cuestión de la prensa escrita, contribuyendo a la creación de un mercado de prensa que prácticamente no existió durante el comunismo. Aparecieron muchos nuevos títulos, aunque la mayoría fueron efeméricos, otros cayeron, dejando a veces una huella importante en la historia de la prensa polaca (p.ej. “Sztandar Młodych”, donde publicaba, entre otros, Ryszard Kapuscinski). Muchos títulos cambiaron su perfil político, como p.ej. el semanal “Polityka” o el diario “Rzeczpospolita” que, siendo antes un órgano del gobierno, se convirtió en un diario liberal-conservador de prestigio.

La caída del monopolio estatal significó un cambio total del papel de los medios que empezaron a buscar de nuevo la confianza del público. De acuerdo con la doctrina liberal, los medios – denominados el “cuarto poder” – desde entonces han ido a “observar cuidadosamente las acciones de todos los tres poderes y las élites del negocio controlando si funcionan de acuerdo con la ley, con los procedimientos democráticos y si realizan los fines indicados por la sociedad (en las elecciones democráticas)” (Mrozowski 2001). Muchos escándalos políticos que fueron descubiertos por los medios polacos durante los últimos años muestran que la implementación de esta regla a la vida pública en Polonia ha sido eficaz.

Sin embargo, continuamente los medios audiovisuales públicos quedan bajo la presión de los políticos que, usando sus influencias en la KRRiT, intentan subordinarse al menos la TVP SA (Televisión Polaca, Sociedad Anónima). Cada cambio del gobierno significa un cambio del jefe de la TVP y del perfil político de la estación que tiene gran influencia en la sociedad, acostumbrada a esta televisión de la procedencia comunista.

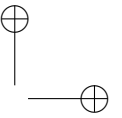
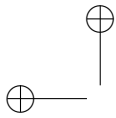


## El debate público

Las nuevas leyes que garantizan la libertad de expresión y de los medios, la proliferación de los canales y el cambio radical del papel de los medios contribuyeron a la creación en Polonia de una esfera pública, abierta al intercambio de opiniones y la confrontación ideológica. Nuevo sistema mediático iba a ser – de acuerdo con la doctrina liberal – un foro del debate público y crear un “mercado de ideas”. La única ideología justa dejó de existir y cada ciudadano puede ya tomar la palabra si tiene algo importante o interesante a decir, sin violar los derechos de otros.

Asimismo, los medios empezaron a ser asociados con la izquierda o la derecha o – en otras palabras – con el campo poscomunista o la oposición de “Solidarnosc”. El diario “Trybuna” iba a continuar la tradición de “Trybuna Ludu” (“La Tribuna del Pueblo”, el mayor diario polaco durante el comunismo), pero en la realidad democrático-liberal. El diario “Gazeta Wyborcza” (“La Gazeta Electoral”) fue fundado por la oposición y “adorado” con el logotipo de “Solidarnosc” para luego convertirse en un independiente órgano liberal, dirigido por un intelectualista liberal polaco, Adam Michnik. “Rzeczpospolita” (“La República”), que salía ya en los ochenta, llegó a ser un diario independiente que lucha también por la libertad de expresión. Nuevo diario “Dziennik Polska-Europa-Swiat” (“Diario Polonia-Europa-Mundo”), cuyo primer número apareció sólo 18 de abril del 2006, también defiende los valores democráticos y liberales, aunque es considerado como conservador y gran rival (político y económico) de la “Gazeta Wyborcza”. Otro diario, “Nasz Dziennik” (“Nuestro Diario”) representa una opción católico-nacionalista y es relacionado con la Radio Maryja, dirigida por un monje redemptorista Tadeusz Rydzyk, cuya “misión” es crear una Polonia de acuerdo con los valores católicos y nacionalistas (en contra de las tendencias europeas y con un acento antisemita). Sin embargo, las dos emisoras nacionales de radio privadas, RMF FM y Radio Zet, presentan una visión liberal y son populares sobre todo entre la gente joven.

También los semanales de opinión presentan unas inclinaciones políticas. “Wprost” (“Directamente”) publica cada año una lista de los 100 polacos más ricos, mientras “Polityka” (“La Política”) se atrevió a publicar la lista de los 100 polacos más pobres. Aunque ambos semanales, como también el “Newsweek Polska” (la versión polaca del semanal americano), apoyan la



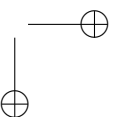
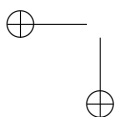
economía del mercado libre, “Wprost” glorifica el capitalismo, mientras “Polityka” presta más atención a la “sensibilidad social” izquierdista. El debate en los medios antes del referéndum sobre la entrada de Polonia en la Unión Europea también mostró un pluralismo que no existió durante la época comunista.

## El capital extranjero

El acceso de Polonia a la UE el 1 de mayo del 2004 significó también la liquidación de las barreras para el capital extranjero en las sociedades mediáticas polacas (sin embargo, se trata sólo del capital europeo). Aunque al principio de la transición los políticos intentaron imposibilitar (teniendo en cuenta los aspectos históricos y unos posibles protestas de los polacos) al capital alemán de “invadir” los medios polacos, hoy los alemanes tienen la mayor parte de participaciones en el mercado de la prensa polaca. Axel Springer Polska edita uno de los dos diarios más populares en Polonia, el tabloide “Fakt” (“El Hecho”), un popular semanal de opinión “Newsweek Polska”, un nuevo diario de prestigio, mencionado ya “Dziennik Polska-Europa-Swiat” de fórmula basada en el diario alemán “Die Welt” y muchas revistas. En el mercado de la prensa polaca también otros holdings alemanes consiguieron una posición fuerte, p.ej. Bauer, G+J o Burda. Sin embargo, el francés Hachette Filipacchi o Edipresse de Suiza y otros tienen también unas participaciones importantes.

En el mercado de la prensa regional y local, son dos holdings que partieron el mercado entre sí: Verlagsgruppe Passau (Alemania) y Orkla Media (Noruega) que vendió últimamente sus títulos polacos al fondo británico Mecom. Es significativo que ambos grupos invirtieron en otras regiones de Polonia: los alemanes en seis (sobre todo en el occidente del país) y los noruegos (ahora británicos) en otras ocho. Sólo en dos regiones de Polonia no hay periódicos de ninguna de estas dos empresas extranjeras. Naturalmente, hay también diarios regionales con un capital polaco y el diario de difusión nacional “Gazeta Wyborcza” (el otro de los dos diarios más populares en Polonia) edita en cada región unos suplementos locales.

La invasión del capital extranjero, aunque irrita a los nacionalistas polacos, ha resultado ventajoso al menos por algunas razones. Primero, ha introducido mucho dinero al mercado y a las empresas concretas que lo necesitaron



para sobrevivir. Segundo, ha suministrado unas tecnologías nuevas y el *know how*, imprescindible para el desarrollo de los medios. Tercero, ha estimulado la competencia en el mercado, ha creado nuevos canales y muchos nuevos puestos de trabajo para periodistas y otros especialistas del sector mediático.

## Los medios como empresas

El capital extranjero resultó también imprescindible por causas estructurales, en el sentido de la implementación de las reglas del mercado libre, porque los medios polacos se convirtieron en empresas que han de ganar dinero sin contar con los fondos del gobierno. Las reglas económicas liberales deciden ahora quién sobrevivirá y quién abandonará el mercado. Es la sociedad (los lectores, los oyentes, los telespectadores, los internautas), y no el monopartido, quienes deciden el éxito de los periódicos, los programas de radio y televisión etc. Los gustos del público son más importantes que la persuasión política porque los medios – de acuerdo con las reglas del mercado libre – tienen que atraer un público grande para vender mejor su producto mediático.

Por eso, “Fakt” llegó a ser el diario muy popular en Polonia, que atrajo atención no sólo con un contenido sensacional y con los pechos desnudos de unas mujeres bellas, pero también con un precio muy bajo (1 zloty que sería 0,25 euro). Aunque este tipo de prensa triunfaba ya en el siglo XIX en los EEUU, Francia o Gran Bretaña, en Polonia es una novedad. Los semanales de opinión polacos también cambian su imagen, publican más fotos y textos de varios satíricos, aunque ninguno parece p.ej. al “Interviú” español.

Las emisoras de radio y las televisiones privadas tampoco se rinden en la lucha por un público masivo. En la televisión polaca son los programas denominados “primitivos” los que batien récords de popularidad, p.ej. la edición polaca de “Big Brother” o “Idol” (en España conocido como “Operación Triunfo”) y otros, sin contar los culebrones, sobre todo de la producción polaca. Las televisiones privadas (Polsat y TVN) emiten la mayor cantidad de programas de un nivel bajo para un público masivo. La televisión pública (TVP 1, TVP 2 y la regional TVP 3) intenta – de acuerdo con la misión, pero sin éxitos – elevar los estándares programáticos, aunque también sabe atraer grandes públicos con los eventos deportivos o algunas películas.

Por primera vez, tras el comunismo, ha aparecido una noción “economía de los medios” (Kowalski 1998, Kowalski, Jung 2006). Los medios de comunicación, convirtiéndose en unas empresas (a menudo administradas por muchos managers), tienen que preocuparse de su imagen, su presupuesto y una estrategia de acción a largo plazo. Continuamente observan sus rivales en el mercado y – lo que es resultado de la competencia – aumentan calidad de sus productos, bajando al mismo tiempo los precios y beneficiando asimismo a los consumidores.

## Las publicidades y el mercado de medios

La competencia entre los medios de comunicación es, sin duda, específica por su dualismo. Los medios (aunque no todos) concurren en dos mercados paralelos y ligados entre sí: el mercado del contenido y de la publicidad. Más públicos significa para los medios más dinero recibido de las empresas que quieren emitir publicidades sólo en el caso de que éstas lleguen a mucha gente. Por eso, los medios, luchando por los públicos, intentan convencer a las empresas de que la emisión de una publicidad en un periódico, una revista, una radio o una televisión sea muy provechosa para estas empresas.

En el mercado aparecieron pues unas agencias de publicidades y otras empresas que sirven como intermediarios entre medios y empresas, aparecieron unas nuevas profesiones, como p.ej. *media planner*, *copywriter* etc., absolutamente desconocidos durante la época del comunismo. Para todos los polacos, sin embargo, una nueva realidad significa una multitud de publicidades, presentes por todas partes: antes de cada película en la televisión o en el cine, antes y durante muchos programas de radio y televisión, en las páginas de los periódicos y las revistas, en la calle y en el buzón etc.

Las publicidades en la nueva época son la más importante fuente de ingresos para los medios, a menudo más importante que la venta de los productos mediáticos. Sin embargo, algunos de ellos son gratuitos, porque nadie paga directamente por los programas de las televisiones privadas terrestres (aunque los polacos son obligados a pagar una licencia mensual por la recepción de la televisión y la radio públicos), de las emisoras de radio privadas o por los diarios gratuitos (p.ej. “Metro”). Estos medios cobran dinero solamente del

mercado de publicidades, sin contar unas actividades específicas, como p.ej. los *audioteles*.

Dado que durante el comunismo no existieron publicidades (sin contar algunos que propagaban viajes en trenes polacos de PKP, la margarina polaca, los relojes de la Unión Soviética o las máquinas para agricultores), para los polacos la nueva realidad parecía al principio algo chocante. Hoy el mercado de publicidades en Polonia está en una fase de un desarrollo dinámico y las publicidades polacas compiten en los festivales internacionales, p.ej. en la ciudad Portoroz (Slovenia), donde cada año se galardona las mejores publicidades de los países poscomunistas.

## La economía como un contenido nuevo

La economía liberal ha forzado a los polacos no sólo a percibir publicidades, pero también a preocuparse de su dinero, porque se les ha ofrecido muchas nuevas posibilidades, desde la elección del banco y una carta de crédito hasta la compra de participaciones en unas sociedades anónimas y el juego en la bolsa. Muchos polacos decidieron crear sus propias empresas y aunque muchas de ellas hicieron bancarrota, otras invierten hoy en el extranjero, desarrollando sus actividades dinámicamente.

Un desarrollo económico ha sido posible también gracias a los medios de comunicación que prestan cada vez más atención a los problemas de micro- y macroeconomía. En el mercado aparecieron periódicos, revistas, programas de televisión o radio y luego páginas de Internet consagrados en total al tema económico. La economía del mercado libre llegó a ser un fundamento del discurso económico en Polonia y las ideas de Adam Smith desterraron la ideología marxista-leninista, dejándola junto con los sueños de Ernesto “Che” Guevara.

Los medios que se ocupan de los problemas económicos no funcionan naturalmente como asociaciones altruistas, porque no es secreto que dirigiéndose sobre todo a los *menagers*, tienen los públicos más ricos y asimismo los mejores para atraer publicidades de los bienes lujosos. Por eso, el diario económico “Puls Biznesu” (“El Pulso de Negocios”), publicado por el Bonnier Business Polska en el papel de color del salmón (como “Financial Times”), tiene – a pesar de una difusión de un nivel bajo – unos ingresos mucho mayo-



res que otros títulos de una difusión semejante que tratan sobre todo de otros temas. También las revistas económicas pueden jactarse de unos ingresos considerables (Krowicka 2005; Sochaczewski 2005; Chmielewski 2005).

Por consiguiente, la economía del libre mercado, implementada en Polonia tras el fin del comunismo, siendo como un *perpetum mobile*, ha creado una prensa económica – desconocida antes en Polonia – contribuyendo asimismo al desarrollo del mercado libre y de la conciencia de los polacos, gracias a la que muchos de ellos se enriquecieron, compraron nuevos coches, casas o pasaron vacaciones en unas islas exóticas o tomando el sol en Copacabana.

### El capital en los medios y la profesión del periodista

Aunque gracias al desarrollo del mercado libre muchos polacos se han enriquecido, para muchos otros este tipo de economía parece muy injusta, dividiendo la sociedad – según el criterio económico – entre los ricos y los pobres. También en el mundo de los medios se puede encontrar fácilmente unos contrastes importantes. En el ranking de los polacos más ricos, publicado en el año 2006 por la edición polaca de “Forbes”, en la primera posición se ha encontrado Zygmunt Solorz-Zak, el presidente de un holding mediático al que pertenece, entre otros entes, la televisión Polsat. Mientras tanto, cientos de periodistas jóvenes corren con un micrófono ganando poquísimos dólares.

Para disminuir gastos y maximizar beneficios, las empresas mediáticas se unen – como prácticamente en toda Europa – creando grandes grupos, de los cuales las más grandes en Polonia son Agora SA (propietario de “Gazeta Wyborcza”, unas emisoras de radio, una empresa de outdoor etc.) y el grupo ITI (propietario de la televisión TVN, una red de cines “Multikino”, un popular portal de Internet Onet.pl etc.).

La concentración de medios influye también en la situación de la profesión del periodista. Mientras en la época comunista el periodista fue disidente del monopartido y emisor de la única ideología justa, hoy es disidente de un gran capital que está “escondido” detrás de la empresa mediática. Esta situación provoca unos graves dilemas éticos, a los que se ha referido Katarzyna Pokorna-Ignatowicz (2004) en un libro dedicado a los problemas de medios en Polonia frente a la integración europea: “En su propia piel los periodistas polacos aprendieron las realidades del mercado libre y las tentaciones éticas,

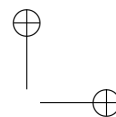
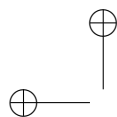
generadas por las nuevas condiciones económicas. La corrupción (...) se hizo una práctica común entre los periodistas quienes a menudo no se daban cuenta de la ruptura de las principales reglas de la ética profesional. (...) Tampoco hoy el periodismo polaco está libre de estas culpas éticas, aunque se ha disminuido considerablemente el alcance de estos fenómenos negativos y es común la conciencia de su vileza.”

### **“Playboy” y la prensa femenina**

De los problemas de la ética no se ocupa la revista “Playboy”, cuyo director decidió pagar una beca en una escuela privada por una chica que, presentando sus valores corporales en la portada de esta revista, fue echada de su liceo poco antes del bachillerato. Este problema provocó muchas disputas, aunque la misma introducción de “Playboy” al mercado polaco pasó sin tales protestas sociales que tocaron p.ej. Indonesia donde al principio del año 2006 esta revista iba a aparecer. La ideología liberal, que entró en Polonia tras la caída del comunismo, prevee también la posibilidad de decidir cada uno por su cuenta qué es para él/ella moral o no y dónde pasa la frontera de esa moralidad. Después de los años de la “sequía” han aparecido, pues, muchos títulos eróticos y pornográficos y las disputas se refieren prácticamente sólo al problema de su exposición y las horas de la emisión de las películas de este tipo.

Las revistas eróticas y pornográficas son determinadas a menudo como “masculinas”. Sin embargo, las mujeres polacas también pueden alegrarse de una multitud de revistas para ellas, determinadas como “femeninas”. Hoy el sector de este tipo de prensa en Polonia – como en otros países europeos – es uno de los más ricos y “Claudia” es el mensual más leído en el país (más de 12 por ciento de todos los lectores de la prensa declaran leerlo) y dos otros títulos “femeninos”, es decir “Olivia” y “Twoj Styl” (“Tu estilo”), ocupan las posiciones segunda y tercera.

Las revistas para mujeres se dividen habitualmente en tres “anaqueles” (niveles) que son: títulos de lujo (caros, para mujeres ricas), los del “anaquel medio” y los baratos (y peores de punta de vista de la calidad, para las mujeres más bien pobres). Por lo tanto, las mujeres han sido divididas en tres categorías, según el criterio económico, muy importante en la nueva realidad. Sin embargo, la prensa “femenina” ofrece también a las mujeres muchos nuevos

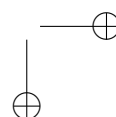
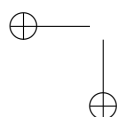


contenidos, desconocidos en la época anterior. Por fin, se puede leer sobre los bienes lujosos, sobre las nuevas tendencias en la moda, sobre el sexo, la anticoncepción, la belleza, las perspectivas profesionales para las mujeres etc.

## El pluralismo religioso

Para las feministas polacas la Iglesia católica (muy dominante en Polonia) siempre será enemigo, porque no estaría dispuesta a rechazar una de sus dogmas del Viejo Testamento que dice que la mujer (Eva) proviene de la costilla del hombre (Adán), pues debería estar subdita a él. Por eso, en Polonia tuvo lugar una “tormenta”, cuando una de las famosas feministas polacas, Kazimiera Szczuka, ofendió en un programa emitido en la televisión Polsat a una chica minusválida que reza sistemáticamente en las ondas de la Radio Maryja, una estación de radio católico-nacionalista polaca. La KRRiT (dominada por la coalición derecho-populista) decidió multar a Polsat por la emisión de este programa que – según el órgano estatal – había violado los sentimientos religiosos de muchos polacos. La disputa provocada por la decisión de la KRRiT sirve como un buen ejemplo del pluralismo ideológico que en la nueva realidad ya es observable.

Sin embargo, en la misma Iglesia Católica ha nacido también un pluralismo, aunque la jerarquía eclesiástica, que es natural, no admite generalmente ningún “mercado de ideas” en su seno. El pluralismo en la Iglesia ha aparecido gracias a un fraile Tadeusz Rydzyk quien fundó la mencionada estación de Radio Maryja (Radio María) y luego una televisión Trwam (Perdure). Un diario de difusión nacional, “Nasz Dziennik” (“Nuestro Diario”), ayuda a ambos medios audiovisuales a promover una opción nacionalista y xenófoba (y a veces antisemita) de Polonia, lo que provoca a menudo preocupaciones de la Conferencia Episcopal Polaca, porque la Iglesia intenta no comprometerse en los asuntos políticos, sugiriendo solamente a los creyentes cómo resolver los problemas axiológicos. No obstante, gracias a la presión de los medios liberales, los obispos, junto con los frailes de la orden que es propietaria de la licencia de la Radio Maryja, han creado un nuevo estatuto de la estación controversiva, esperando que los dilemas desaparezcan.

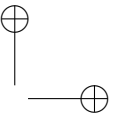
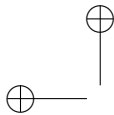


## La cultura de masas

Mientras la Radio Maryja provoca sentimientos extremos (desde el amor hacia el fraile T. Rydzyk por parte de sus oyentes hasta el odio de sus peores enemigos), la persona del difunto Juan Pablo II permanece para la gran mayoría de los polacos como símbolo de la bondad siempre resplandeciente. Sin embargo, el Papa-Polaco, casi ignorado por los medios comunistas, se convirtió también en un icono de la cultura católica de masas, lo que se pudo observar estando al menos una vez entre los peregrinos que gritaban “Te amamos!” con la misma fuerza en la voz que durante los torneos de los saltos de esquí “Vuela, Adam, vuela!”, cuando saltaba el mejor deportista polaco de los últimos años, Adam Malysz. Son los medios de comunicación – en la nueva realidad – los que crean iconos de la cultura de masas, no importa si se trata del Papa o de los deportistas, actores o cantantes. Una estrella creada da grandes beneficios a largo tiempo a los mismos medios de comunicación.

Sin embargo, las mismas estrellas contribuyeron a los cambios del sistema. Un cantante-médico Kuba Sienkiewicz, líder del grupo “Elektryczne Gitary” (“Las guitarras eléctricas”), entró en el partido liberal Unia Wolności (Unión de Libertad) y cantaba en la ola de la transición: “Ya es el final, no hay nada, estamos libres, podemos ir”, como si quiera responder al difunto ya cantante Jacek Kaczmarski, famoso por su canción “Mury” (“Los muros”) – basada en “L’Estaca” del cantante catalán Lluís Llach – que se refería a la esclavitud de los polacos bajo el régimen comunista, aunque con un estribillo optimista: “Y los muros van a caer, caer, caer...”.

También en la televisión y en el cine polaco aparecieron las películas nuevas, la mayoría del Hollywood, que es uno de los testimonios de la victoria de la cultura de masas en Polonia. En la misma cinematografía polaca se ha observado un radical cambio del sistema de la producción de películas. El propósito propagandístico perdió su importancia y en el cine han sido implementadas las reglas del mercado libre, pues el marketing ha triunfado sobre el nivel artístico. Los grandes artistas polacos, los directores del cine como Kieslowski o Zanussi tuvieron que dar paso al cine de un nivel bajo y dirigido a masas.

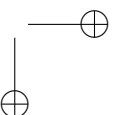


## El pluralismo para los niños

El pluralismo – uno de los efectos más importantes de la “transición” llegó también a los niños. Aunque ellos mismos sólo están en una fase del desarrollo de sus sistemas de valores, y más bien están expuestos a las influencias del ambiente familiar o escolar, son también uno de los objetos de las actividades de los medios de comunicación. Mientras la Polonia comunista garantizaba cada día unos dibujos animados desde las 19.00 y unos cuantos programas para niños durante fin de semana (p.ej. “5-10-15”), hoy los polacos más jóvenes tienen la posibilidad de selección enormemente mayor. Los héroes de la época anterior, como la Abeja Maja o el Osito Uszatek, hoy no tienen ya monopolio de formar las actitudes de los niños, porque a la “esfera pública infantil” entraron con ímpetu los Flinstones, los Simpsons, los Pokemons etc. Comparando con ellos, un famoso antes perrito Reksio parece un tétrico o nihilista.

En muchas nuevas películas está promovido un modelo liberal de las relaciones sociales, basado en la competencia, la lucha y el individualismo. Sin embargo, todo el tiempo son populares y estimados en Polonia los Smurfs (los Pitufos, en Polonia llamados “Smerfy”), unas criaturas que viven en un pueblo como si fuera de los sueños de Che Guevara. No es una casualidad que viven en una colectividad ideal, donde cada uno tiene su papel a jugar. Aunque todos los Smurfs llevan trajes del color blanco, el líder informal, llamado en Polonia Papa Smerf, lleva traje rojo y una barba que parece la de Karl Marx. Probablemente Gargamel – un terrible individualista que piensa sólo en una hecatombe de los Pitufos – simboliza todos los pecados de los liberales, como enemigos de los comunistas.

Aunque estas paralelas puedan parecer divertidas, es cierto que para los medios de comunicación la posibilidad de influir en la imaginación de los niños sea una de las ventajas mayores en la creación de la sociedad futura. Sin embargo, hoy las influencias en Polonia son muy pluralistas, en contra de la única razón de la época comunista.



## Conclusión

Aunque la implementación de la ideología liberal en Polonia ha causado tanto unos efectos positivos como negativos, no cabe duda que los medios de comunicación juegan su papel de acuerdo con las reglas democráticas. Se puede constatar que la transición de los medios de comunicación en Polonia pasó con éxito, aunque hay que instar en formar y mejorar la esfera pública, la sociedad cívica y eliminar todos los defectos de la vida pública, cuya calidad depende también de los medios de comunicación. Su papel es enorme en la democracia y es necesario que los periodistas mismos entiendan que la propaganda comunista debe ser reemplazada por las normas profesionales y éticas. La ideología liberal da mucha libertad, pero la libertad exige una responsabilidad. Pues, es necesario que los periodistas polacos trabajen con la responsabilidad en el marco de la libertad que Polonia consiguió tras varios años del comunismo. Lech Walesa (1991), en su libro “Droga do wolności” (“El camino hacia libertad”) escribió: “No obstante, la *Solidaridad* ha ganado por fin. El apego a los ideales de la libertad resultó más fuerte que la dictadura”. Es cierto que entre los polacos la libertad siempre ha sido un valor importante. Sin embargo, otro polaco, Juan Pablo II (2005), en su libro “Pamięć i tożsamość” (“La memoria y la identidad”) escribió que “el problema del uso apropiado de la libertad se relaciona estrechamente con las consideraciones por parte del hombre sobre el bien y el mal”. A pesar de todas las amenazas que puede provocar el mal uso de la libertad, hay que concluir que gracias a la ideología liberal, los medios de comunicación en Polonia son libres y la libertad de los medios es imprescindible para convivir democráticamente en una sociedad moderna.

## Referências

CHMIELEWSKI, Michał, Wiarygodność ekspertów, “Press”, suplemento “Prasa społeczna & ekonomiczna”, nr 4, noviembre 2005.

CURRY, Jane L., Transformacja mediów w Europie Środkowo-Wschodniej: komplikacje wolności dla każdego, en: Media masowe w demokratyzujących się systemach politycznych (ed. B. Dobek-Ostrowska), Wrocław, Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego, 2006.

- DOBEK-OSTROWSKA, Bogusława, Przejście do demokracji a transformacja systemów medialnych w Europie Środkowo-Wschodniej po upadku komunizmu, en: Transformacja systemów medialnych w krajach Europy Środkowo-Wschodniej po 1989 roku (ed. B. Dobek-Ostrowska), Wrocław, Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego, 2002.
- HABERMAS, Jürgen, The Structural Transformation of the Public Sphere, Cambridge, Polity, 1989.
- HEYWOOD, Andrew, Politics, New York-London, Palgrave Macmillan, 2002.
- JAKUBOWICZ, Karol, "Zabawa w krzesła"? – trzy sfery publiczne w Polsce, en: Komunikowanie i obywatelskość. Mass media w społeczeństwie, czyli atak na system nadawców publicznych (ed. P. Dahlgren, C. Sparks), Wrocław, Astrum, 2007.
- JUAN PABLO II, Pamięć i tożsamość, Kraków, Wydawnictwo Znak, 2005.
- KARNOWSKA, Danuta, W kierunku liberalizmu? Recepcja idei liberalnych w Polsce w warunkach transformacji ustrojowej, Toruń, Wydawnictwo Adam Marszałek, 2005.
- KOWALSKI, Tadeusz, Media i pieniądze. Ekonomiczne aspekty działania środków komunikowania masowego, Warszawa, TEX, 1998.
- KOWALSKI, Tadeusz, JUNG, Bohdan, Media na rynku. Wprowadzenie do ekonomiki mediów, Warszawa, Wydawnictwa Akademickie i Profesjonalne, 2006.
- KROWICKA, Beata, Obcowanie z elitą, "Press", suplemento "Prasa społeczna & ekonomiczna", nr 4, noviembre 2005.
- MILL, John Stuart, On Liberty, Buffalo NY, Prometheus Books, 1986.
- MROZOWSKI, Maciej, Media masowe. Władza, rozrywka i biznes, Warszawa, Aspra-Jr., 2001.
- POKORNA-IGNATOWICZ, Katarzyna, Etyka we współczesnym polskim dziennikarstwie, en: Media a integracja europejska (ed. T. Sasinska-Klas, A. Hess), Kraków, Wydawnictwo UJ, 2004. RIVERS, William MATHEWS, Cleve, Etyka środków przekazu, Warszawa, WAI, 1995.

SOBCZAK, Jacek, Prawo prasowe, Warszawa, Muza, 2000.

SOCHACZEWSKI, Jan, Fachowe narzędzia, "Press", suplemento "Prasa społeczna & ekonomiczna", nr 4, novembre 2005.

SPARKS, Colin, Civil Society as Contested Concept: Media and Political Transformation in Eastern and Central Europe, en: Democratizing Global Media. One World, Many Struggles (ed. R. Hackett, Y. Zhao), Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

WALESA, Lech, Droga do wolności, Warszawa, Editions Spotkania, 1991.



## Investigative Romanian journalism in electoral campaigns: 2000 vs. 2004

Valentina Marinescu

*University of Bucharest*

E-mails: valentinamarinescu9@yahoo.com

**T**HE Investigative Journalism represents the most difficult and most dangerous type of media but also the most expensive one. Still, if correctly practiced, this type of media is the easiest way to notoriety and prestige. (Ozon, S, Candea, St, 2004).

A journalistic investigation starts from the journalist's own idea and initiative. He chooses an unexplored subject which is of public interest. Any evidence which is at the base of an investigation is the result of the journalist's efforts to discover circumstances that others are trying to hide. How clear are the distinctive characteristics of the investigation journalism since the beginning of the 70's till nowadays.

In the reference material it is considered that (Ullmann, J., Colbert, J., 1991):

"...the aptitudes of the investigation journalists – the ability to localize, to understand and to utilize a big amount of files and documents in order to discover the true story- are unknown to the majority of journalists."

The main theme of this paper is "Investigative Romanian journalism in electoral campaigns" and it presents the results of applying the content analysis technique to investigative articles from the most important Romanian newspapers. The sample used for the content analysis consisted of the investigative articles published in three main Romanian newspapers: The observation period lasted 10 weeks and consisted of 277 investigative articles: 116 articles observed in 2000 and 161 for 2004.

The main objectives of the project were to identify possible answers to the following questions: 1. Which was the role of the investigative journalism in the electoral campaigns (2000 and 2004)? 2. What was the place and weight of the investigative article as journalistic genre in 2000 and 2004 electoral campaigns? 3. Which were the similarities and the differences in the coverage and journalistic style of the investigative articles in both electoral

campaigns (2000 and 2004)? 4. How reflected the investigative articles the relations between the Executive and the Opposition in the electoral campaign from 2000 vs. 2004?

During the monitored periods from 2000 and 2004, the three newspapers analyzed published 116 investigations (from November 13th to December 18th 2000) and 161 investigations from November 13th to December 18th 2004. During the 10 weeks observation, the dynamic of the number of investigations published changed, at a general level, as follows:

1. In 2000 the investigations were more emphatic before the second poll (24 articles) and the smallest number of investigations appeared after the first poll (14).

2. In 2004, the investigative journalism was more present in the three newspapers at the beginning of the electoral campaign and after the first poll (41 articles) and the fewest investigations were published in the 1st week after the elections ended. Thus, one can state that the investigative journalism, as a presence in the written media, has recorded a significant evolution as media style in the three analyzed papers in the period November – December 2004 in comparison with the electoral campaign from 2000. Thus, if the investigations published during the 2000 electoral campaign represented only 8% of the totality of the published articles, the articles published in 2004 represented more than 11%. This may be considered a proof of the growing interest of the leaders of the press headlines towards the investigative articles.

Also, from a comparative perspective with other types of press articles (leading article, opinion journalism, culturally- specialized journalism, economic journalism ...), the press materials which can be subordinated to the investigative journalism, were more often published during 2004 than during 2000. An important characteristic of the investigation material published by the analyzed newspapers during the two electoral campaigns was the type of article most frequently used during the two years. Thus, during the 2000 electoral campaign, the articles most published were “news without photo”, followed by “news with photo”, “stories without photo”, “stories with photo” and, on the last place, the investigative articles. This hierarchy didn’t maintain four years later, during the 2004 campaign, when the number of investigative articles exceeded the number of “stories with photo”.

As for the influences the evolutions from the political field had, in comparison with the investigative press, the results indicated that these ones are

visible in both electoral campaigns studied. Thus, the content analysis proved that there is a growing dynamic of publishing the journalistic investigations as election's day drew near. The number of the investigative articles published before the first ballot from 2000 was higher than the number of investigative article published before the beginning of the elections and even higher in the first week after the elections. During the 2004 electoral campaign the biggest number of investigations was recorded after the first ballot and before the second ballot. Thus, when the "protagonists" of the investigations were nominees to presidency, 90% of the investigations focused on the nominees considered to have the highest chances in the electoral competition. In this way, 16 of the investigations published in the period November – December 2000 had as target the main nominees for presidency: the PRM's nominee – C.V. Tudor- and the PSDR's nominee – Ion Iliescu. As for the 2004 campaign, it was noticed a growth of the investigative journalism's interest toward the activity of the presidency nominees who were in the top of public's preferences: 47 of journalistic investigations had as main character Adrian Năstase (PSD's nominee) and 8 of them had Traian Băsescu as main subject (the YES Alliance's nominee).

As for the "target" followed by the investigation journalists in their articles, the comparative content analysis inferred a change of the investigative articles within the four years. Thus, if in 2000 the investigative articles published aimed especially the illegal facts and the doubtful past of some candidates (especially of those from PRM/ RM Party), in 2004 the majority of the investigators followed the good gear of the elections and the cases of economic, social and political corruption and also the corruption at a more personal level. If during the 2000 campaign, 36 out of 116 investigative articles had as main subjects the public institutions (in general, the Police, The Law Court, Local Administrations: Town Halls, City Councils, ...), in the 2004 campaign they are to be found in 58 out of a total of 161 investigative articles. During the four years there was a significant change not only at the level of the journalistic "aims" but also at the level of political "characters" – the subjects of the articles. If in 2000 the journals' investigations presented corruption cases aiming the candidates for the presidency or for Member of the Romanian Parliament, in 2004 this cases were divided into clearly defined fields and had, socially, matters of a more general interest: economic, social, political. Moreover, in comparison with the investigative articles on corruption published

during the electoral campaign in 2000, one can observe that four years later these articles were included in the specialized sections of the newspapers (“economic”, “social”, “news”) and not spread at random in the economy of the paper.

The comparative dates prove that investigation journalists had been more than “subjective” as media style in 2000 since 62% of the published articles during this year contain equally the presentation of the case and its evaluation, the personal opinion of the journalist or of the journalists regarding the matter. The situation changed in 2004 when in 55% of the cases the investigators had a more objective style, meaning that journalists only presented the cases without including their personal opinion or making value judgments.

| Category  | Adevărul | România<br>Liberă | Evenimentul<br>Zilei |
|---|----------|-------------------|----------------------|
| The journalist presents the case without making an evaluation | 13       | 10                | 23                   |
| The journalist presents and evaluates the case equally        | 25       | 28                | 19                   |
| The journalist rather makes an evaluation than a presentation | 0        | 0                 | 0                    |
| <b>Total</b>  | 38       | 38                | 40                   |

Tabela 1: The media style used in the investigations published during the 2000 electoral campaign

The figures obtained after analyzing the three national newspapers during the two electoral campaigns (2000 and 2004) indicated a tendency towards

| Category  | Adevărul | România<br>Liberă | Evenimentul<br>Zilei |
|---|----------|-------------------|----------------------|
| The journalist presents the case without making an evaluation | 22       | 34                | 29                   |
| The journalist presents and evaluates the case equally        | 17       | 39                | 26                   |
| The journalist rather makes an evaluation than a presentation | 2        | 1                 | 0                    |
| <b>Total</b>  | 41       | 74                | 55                   |

Tabela 2: The media style used in the investigations published during the 2004 electoral campaign

the minimization of the presentation of the state authorities as “guilt” and the emphasis of the role of the political men as main “target” of the journalistic investigation.

The tonality approached by the investigation journalists of the three newspapers is not very different in the 2004 campaign.

The content analysis shows, also related to the tonality used by the investigation journalists in the investigations written during the two electoral campaigns from 2000 and 2004, that the journalists’ tonality changed substantially during the four years. Thus, if the investigations from 2000 had a more accusatory tone towards the “characters” (55%), in 2004 the situation changed as the journalists adopted a rather neutral tone when writing the investigative materials.

| Category                                 | Adevărul | România<br>Liberă | Evenimentul<br>Zilei |
|--|----------|-------------------|----------------------|
| Accusatory towards<br>the accused person | 18       | 17                | 12                   |
| Accusatory towards<br>the authorities    | 8        | 11                | 8                    |
| Accusatory towards<br>other persons      | 1        | 3                 | 5                    |
| Neutral                                  | 14       | 12                | 22                   |
| <b>Total</b>                             | 40       | 32                | 40                   |

Tabela 3: The tonality used by the investigation journalists in the written investigations during the 2000 electoral campaign

| Category                                 | Adevărul | România<br>Liberă | Eveni-<br>mentul<br>Zilei |
|--|----------|-------------------|---------------------------|
| Accusatory towards<br>the accused person | 12       | 32                | 18                        |
| Accusatory towards<br>the authorities    | 9        | 17                | 11                        |
| Accusatory towards<br>other persons      | 3        | 3                 | 4                         |
| Neutral                                  | 22       | 33                | 28                        |
| <b>Total</b>                             | 37       | 69                | 54                        |

Tabela 4: The tonality used by the investigation journalists in the written investigations during the 2004 electoral campaign

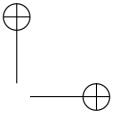
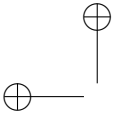
## Bibliography

Ullmann, John, Colbert, Jan, (1991) “The Reporter’s Handbook: An Investigator’s Guide to Documents and Techniques”, New York, St. Martin’s Press.

Ozon, Sorin; Candea, Stefan, (2005) *Optional course – Investigative Journalism*, Bucharest, CRJI

The collection of the newspapers: Evenimentul Zilei, România Liberă, Adevărul for the periods: November 14, 2004 - December 12, 2004 and November 13, 2004 - December 17, 2004.





## Horizontes do webjornalismo

Rui Torres

Universidade Fernando Pessoa

E-mails: rtorres@ufp.pt

O título deste ensaio é uma resposta ao desafio lançado pelo Centro de Estudos de Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, que na pessoa do Professor Jorge Pedro Sousa, e no contexto de um congresso sobre Jornalismo, promoveu um debate dedicado ao tema "*horizontes do webjornalismo*". De facto, uma análise dos conceitos implicados nesse título pareceu-me na altura bastante frutífera, e propus por isso alguns comentários com o objectivo de abrir caminhos, mais do que propor soluções ou adiantar respostas. E a questão que se encena nesse título é por demais pertinente: o que constitui um horizonte quando falamos da fronteira digital?, e a que nos referimos quando falamos em webjornalismo? Destas questões decorrem naturalmente novas perguntas e outras reflexões, a que tentarei dar resposta e continuidade no decurso destes comentários acerca daquilo que podemos considerar o *estado da arte* em estudos jornalísticos.

Regressando etimologicamente ao latim *horizonte* ou ao grego *horizontos*, percebemos que, em ambos os casos, horizonte é o *que limita*. E, de facto, o pano celeste que circunscreve a nossa visão do além confunde-se com um limite, interpondo-se simbolicamente, como uma fronteira. Espaço da superfície terrestre abrangido pela vista, o horizonte é a esfera celeste que limita o nosso campo de visão, que o impede de projectar *além de*. Neste título encena-se portanto um conjunto múltiplo de sentidos que nos podem colocar desde já de sobreaviso. Sentidos esses a que, naturalmente, se deve adicionar a definição de horizonte enquanto *perspectiva*. Limitado pela ilusão das vistas, o horizonte é aí o futuro, o futuro imaginado. E como Virílio nos avisava, na linha de contacto aparente entre o céu e a Terra interpõe-se a gravidade, a mais vasta fronteira de todos os pensamentos, forçando uma velocidade de libertação, se quisermos ultrapassar um mundo preso à terra. Desta forma, compreender o modo como se encerram perspectivas para o futuro do jornalismo digital obriga-nos a recorrer a uma compreensão prévia das limitações que, advindas ainda do modelo anterior, analógico, nos limitam e ofuscam o

campo de visão, nos agarram à gravidade do pensamento instituído. Vale a pena reler as palavras iniciais do livro de Virilio a que faço referência:

**O azul é a espessura óptica da atmosfera, a grande lente do globo terrestre, a sua retina brilhante.**

**De além-mar até além-céu, o horizonte separa a transparência da opacidade. Da matéria-terra ao espaço-luz vai apenas um passo, o do salto ou o do voo, capazes de num instante nos libertarem da gravidade.**

**Mas o horizonte, a linha do horizonte, não é unicamente a base do salto, é também o primeiríssimo litoral, o litoral vertical, o que separa absolutamente o “vazio” do “pleno”. (21)**

Curiosamente, é o mesmo Virilio a avisar que com a velocidade absoluta das ondas electromagnéticas supera-se a noção clássica de horizonte. Segundo o autor, com o progresso das teletecnologias, opera-se um desdobramento da vista, inaugurando-se uma segunda óptica, a grande óptica, dos espaços da realidade virtual, da tele-existência (1995; 2000, 62).

Regressando ainda à expressão de que me ocupo nesta breve introdução, no que diz respeito à palavra composta com *web* e *jornalismo*, e considerando pacífica uma definição do jornalismo enquanto actividade que tem por objectivo divulgar informação, classificando-a de acordo com critérios de novidade, ou, melhor ainda, a **“actividade de divulgação mediada, periódica, organizada e hierarquizada de informações com interesse para o público”** (Sousa, 2003, 53), então *webjornalismo* remeter-nos-ia para a actividade de divulgar informação através de redes telemáticas da Internet, de que o rosto social e cultural parece ser cada vez mais a World Wide Web. Ora, como Virilio também entendeu, essas redes, que existem a um nível supra-nacional, ultrapassando desse modo todas as fronteiras, põem em causa a distinção entre actual e virtual, entre próximo e longínquo, **“colocando desse modo em causa a nossa presença aqui e agora e, por via disso, desagregando as condições de necessidade da experiência sensível”** (73). Por tudo isto, e aceitando que a Internet está a mudar radicalmente não apenas os modos de distribuição e armazenamento da informação, mas principalmente a sua produção e a sua recepção como conhecimento, os estudos e as propostas para um *webjornalismo* não podem ficar alheios a uma reflexão acerca da crise dos discursos que o precede. Tratando-se de uma revolução ao nível do próprio conhecimento, é urgente que, antes de produzir para a web, se faça, dentro dos

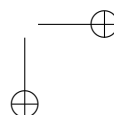
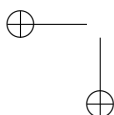


estudos jornalísticos, mais investigação acerca da constituição de um modelo de conhecimento à distância, de uma telepistemologia<sup>1</sup>. Nesta perspectiva, os horizontes do Webjornalismo coincidiriam com os horizontes, ainda por definir, da fronteira digital.

O que eu proponho é apresentar, primeiro, e sumariamente, alguns estudos onde a teoria da comunicação digital é utilizada e apropriada para compreender o fenómeno do webjornalismo, introduzindo e discutindo um conjunto de conceitos que surgem em discussões, cada vez mais frequentes, sobre o tema. Os limites da remediação, o futuro da convergência, a linguagem da hipermédia e os modos de visualização dos fluxos de informação em rede serão alguns dos temas através dos quais guiarei esta reflexão, e que conduzem com naturalidade a algumas reflexões sobre as transformações que é necessário operar nos cursos de jornalismo e de comunicação no sentido de acompanhar e recriar o jornalismo digital e multimédia.

Cabe por isso aqui começar por referir um debate que, não sendo recente, continua actual, o qual posiciona o horizonte digital numa região que é contestada pela esperança e pela desconfiança. Consideram alguns o paradigma digital como uma solução para a *crise* do jornalismo. Respondem outros que informação e poder, historicamente associados, reiteram nos dispositivos jornalísticos em rede uma encenação das suas estratégias de domínio e autoridade já confirmadas nos meios jornalísticos analógicos. Esta remediação de carácter ideológico, sugerem desconfiados, forçando a transposição dos modelos da estruturação do pensamento moderno, assente que era nas coordenadas do espaço e da linearidade, para uma outra, agora em crescimento, baseada no tempo e na sequencialidade, apenas conduz a novos mitos. No entanto, o lado utópico nos diz que, dependente de dispositivos tecnológicos, como sempre esteve, o jornalismo pode utilizar os meios digitais na articulação cuidada da linguagem da hipermédia, baseada na convergência e na actualização permanente dos meios, na interactividade e na personalização dos serviços de informação prestados. Dado o seu alcance de massas, contribuiria também desse modo para reduzir o fosso da infoexclusão, abrindo caminho para a literacia dos novos públicos. Ao que a distopia lembra que do mesmo modo pode o webjornalismo agregar todo o poder globalizado que tem à sua disposição e

<sup>1</sup>Termo proposto por Ken Goldberg no livro *The Robot in the Garden: Telerobotics and Telepistemology in the Age of the Internet*, MIT Press.



com facilidade ajudar a criar um Império da Comunicação, da comunicação multimédia. Estas contraditórias posições, que sustentam uma dualidade cruzada pela esperança e pela decepção, ficaram bem traduzidas nas palavras de Negroponte no seu epílogo a *Digital Being*, a que deu o título (irónico?) de “An Age of Optimism”: **“I am optimistic by nature. However, every technology or gift of science has a dark side. Being digital is no exception”**. Confirmando esta visão, Swiss e Herman, na introdução a *The World Wide Web and Contemporary Cultural Theory*, explicam que a WWW, enquanto tecnologia cultural do nosso tempo,

**is invested with plenty of utopian and dystopian mythic narratives, from those that project a future of a revitalized, Web-based public sphere and civil society to those that imagine the catastrophic implosion of the social into the simulated virtuality of the Web (2).**

Considerando a Web como espaço onde convergem a magia, a metáfora e o poder, estes autores parecem indicar que a rede permite a construção de uma arena multimediada de actividade(s) na qual **“identities are staged, negotiated, and transformed”** (1). Num gesto semelhante, David Thorburn, falando na Conferência Democracy and Digital Media no MIT em Maio de 1998, explicava que a World Wide Web lhe parecia bem mais do que uma mera tecnologia onde se somam modems, largura de banda e computadores. Pelo contrário, a Web aparecia-lhe como uma linguagem, inscrita numa mitologia própria. Thorburn chamou-lhe, por isso, uma *Web of Metaphor*. Explicando que as novas tecnologias - e Manovich lembrava que todos os média e todas as tecnologias foram um dia novas... - são sempre compreendidas inicialmente através, e como, metáforas, também ele apela para o nosso sentido crítico, exigindo mais investigação, e menos regozijo:

**the dominant metaphors deployed to describe our experience of things digital constrain our understanding, limit and channel our inventions and even our speculations. We need more discussion of such rich but also limiting descriptors as cyberspace, highway (or the bi-lingual neologism infobahn), market, space, site, frontier.**

E pergunta: **“Am I wrong to think that these are especially American and capitalist metaphors, carrying an undersong of adventure, of risk**

**and speed and danger, of entrepreneurs or starfleet commanders or homesteaders braving the wilderness?”** (*em rede*) Não parece estar errado. As metáforas sobre a fronteira digital são certamente mistificações, recriações de padrões de poder já culturalmente investidos. Também por isso a separação entre utopia e distopia se torna aqui clara:

**The computer encourages joining, interaction, sharing, the creation of communities of interest; yet it is also congenial to our uncivic preferences for isolation, the avoidance of human contact, solipsism, "lurking", voyeurism. Through its power to confer anonymity, it feeds instincts for scandal, revenge, name-calling, surveillance, pornography. It is the best of Webs, the worst of Webs. It promises, simultaneously, to become the Agora, True Democracy, but also Big Brother. But of course, and of course paradoxically, the reverse is true.** (*em rede*)

E, apelando a um comprometimento na continuidade, Thorburn conclui que **“The new grows out of the old, repeats the old, embraces, reimagines and extends the old. To understand the Web, I’m saying, to understand our emerging digital culture, we need a continuity, not a discontinuity principle”** (*em rede*). Mas uma nova linguagem requer novas e inovadoras experiências: requer formação, experiência. Além disso, esta proposta de continuidade parece negligenciar o facto de o jornalismo tradicional assentar basicamente na separação dos sentidos e na unidireccionalidade da informação. Ora a separação do ler, do ouvir e do ver não faz sentido para a informação partilhada na era digital. Pelo contrário, a fragmentação dos públicos poderá fomentar uma ampliação dos seus papéis tradicionais: a partir das comunidades virtuais, o acesso à informação depende de novos modos de interactividade e participação, depositando no leitor uma responsabilidade de co-autoria a que não podemos ficar alheios.

Mesmo assim, o conceito de transposição ou remediação é de tal modo recorrente dentro dos estudos de comunicação digital, que o webjornalismo não lhe escapou. A ponto de ser urgente ultrapassar o princípio da remediação. Jay David Bolter parece tê-lo feito. Além de, na obra em questão, *Remediation: Understanding New Media*, ter argumentado, em co-autoria com R. Grusin, que as formas digitais citam e copiam, mas também tentam ultrapassar, modelos anteriormente estabelecidos, em estudos mais recentes Bolter tem re-examinado o conceito de *aura* de Walter Benjamin, procurando nas novas formas mediáticas, principalmente na realidade aumentada e misturada,

manifestações da *aura* (ou do seu declínio). Pilar da maioria das abordagens que partem de comparações com modelos prévios para avaliar práticas novas, a mediação também legítima, e reafirma, o(s) poder(es) estabelecido(s), ao passo que um enfoque no conceito de *identidade* do meio e das suas linguagens, poderá levar-nos a investir mais nas potencialidades e nos horizontes, e a perder menos tempo com o conhecido, presos à gravidade do pensamento.

João Messias Canavilhas, em considerações gerais sobre jornalismo na web, remete-nos para uma dualidade semelhante. Começando por admitir que ao surgimento de novos meios de comunicação social corresponde sempre o aparecimento de **“novas rotinas e novas linguagens jornalísticas,”** Canavilhas lembra que o jornalismo - seja ele escrito, radiofónico ou televisivo - se adaptou historicamente às características do meio. No entanto, com o aparecimento da Internet, **“verificou-se uma rápida migração dos mass media existentes para o novo meio sem que (...) se tenha verificado qualquer alteração na linguagem”** (*em rede*). A questão aqui a debater é a possibilidade de a hipermédia constituir uma nova linguagem. Fora de um mapa de referências onde a revolução teleinformática opera a um nível antropológico, o webjornalismo nunca será mais do que uma **“simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofónico e televisivo para um novo meio”** (*em rede*). E Canavilhas está certo ao afirmar que **“o jornalismo na web pode ser muito mais do que o actual jornalismo online”**. Mas não podemos perceber a convergência dos meios como uma simples soma de partes. O multimédia remete para o audiovisual analógico: a televisão apresenta som, texto, imagem. Mas a convergência digital para a Web, embora partindo dessa multimodalidade, assegura na hipertextualidade e na interactividade o que no multimédia dos meios analógicos era apenas estático e linear. A convergência implica por isso uma abordagem intersemiótica, um reconhecimento das sintaxes que se movimentam nas novas textualidades. E a formação tecnológica é irreversível: como uma nova escrita, rejeita a especialização por tarefas, que não parece caber mais dentro do perfil do novo jornalista. Uma actualização, mas também uma nova mentalidade e um novo perfil de formação, impõem-se no jornalismo.

Palacios e seu Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online da FACOM/UFBA tentaram mapear as características e tendências de alguns jornais brasileiros existentes na Web, tendo chegado à conclusão que a mediação - vista como transposição dos conteúdos da edição em papel para a edição online -, seria

apenas uma fase inicial do fenómeno, imediatamente precedente ao aparecimento dos Portais, que os autores consideram como uma segunda etapa na criação do jornalismo online. Curioso que o façam: os Portais caracterizam-se pela tentativa de agregar toda a Comunicação online, misturando publicidade, marketing e vendas, com notícias e motores de busca. Nos portais, onde está o webjornalismo, especificamente? Palacios segue (e desenvolve) aqui o modelo de Pavlick (1997), que identifica três estágios no desenvolvimento de conteúdos para Web: o primeiro, transpositivo, em que na transposição do conteúdo analógico para o digital se operam pequenas ou até nenhuma modificação; o segundo, que denominam de adaptativo, caracteriza-se pela tentativa de fazer uma integração das linguagens dos meios tradicionais com as novas possibilidades da rede (embora estas possibilidades nunca sejam claramente propostas); finalmente, em terceiro lugar, correspondente à experiência do presente, a fase do desenho original de conteúdos noticiosos especificamente produzidos para a Web, vista como um novo meio de comunicação, e não apenas como meio rápido de divulgação. Claro que, embora hipertextualizada, a página de jornal continua a remediar a edição de papel. Mas Palacios e Pavlick, entre tantos outros, compreenderam a importância desse momento de construção de uma identidade a que deram a forma de terceiro estágio do webjornalismo, e caracterizam-no pela **“aceitação de repensar a natureza de uma comunidade online, mais, aceitação de experimentar novas formas de contar uma história”** (Pavlick, 1997).

Nesta tentativa de classificação e arrumação do webjornalismo, concorrem portanto basicamente três modelos narrativos (Pavlik, 2001; Mielniczuk, 2003; Palacios, 2002): linear, hipertextual básico e hipertextual avançado. E o que esta nomenclatura tem de insuficiente é o facto de pressupor que a linearidade foi ultrapassada. Terá realmente sido abandonada? Haverá hoje um webjornalismo com uma linguagem de convergência tão autónoma quanto a do radiojornalismo, ou do telejornalismo? Ou haverá antes um radiojornalismo na web, um jornalismo impresso na web, e um telejornalismo na web? A ausência de respostas sugere a necessidade de realizar mais estudos e contribuir entretanto para uma sólida formação tecnológica (assegurada por uma sociologia e uma semiótica da tecnologia) das novas gerações, de que poderão surgir resultados imprevisíveis. E lembramos aqui Derrick de Kerckhove, que tentando explicar o atraso na apropriação colectiva das melhores tecnologias, deduzia que **“mesmo a melhor e a mais útil tecnologia do mundo não pode**

**impor-se a um público não preparado. Porque pode não haver espaço para ela na nossa psicologia colectiva. Pelo menos por enquanto.” (31).**

Além destas fases da formação do webjornalismo, que funcionam num sentido diacrónico, – muito embora sobre uma fatia temporal bastante reduzida – o que uma leitura comparada dos vários estudos sobre webjornalismo aponta é a existência de um conjunto de características geralmente *empres-tadas* das teorias da comunicação digital e dos novos média. Mark Deuze identificou inicialmente a interactividade, a personalização e a convergência, e, posteriormente, com Bardoel, a hipertextualidade. Palacios adicionou duas novas características à lista: a actualização contínua e a memória. As propostas de Palacios são importantes. A arquitectura descentrada e múltipla da Web, com seu emaranhado de ligações hipertextuais e labirínticos percursos de leitura, permite o registo de todas estas relações inter-tele-pessoais. Além desta revolução no conceito de memória, é ainda possível utilizar a rede como meio de comunicação com informação actualizada em tempo real, continuamente. A tele-operacionalidade e consequente gestão do património de informação que depositamos em servidores é o Grande Big Brother ao mesmo tempo que promete ser de potencialidade para o jornalismo.

Torna-se por isso importante fazer uma (breve) descrição destas características, lembrando que aquilo que potencia o webjornalismo é a utilização, em consonância, de mais do que uma destas características ao mesmo tempo.

Em relação à *interactividade*, e esquecendo talvez que o próprio texto pode ser interactivo, porque virtual (dependente de actualização), esta tem sido utilizada essencialmente para definir o processo através do qual o leitor passa a fazer parte do processo de construção da notícia: pela troca de *emails* e *chats* com jornalistas, ou pela possibilidade de os leitores escreverem a sua opinião em foruns. Para Stovall, por exemplo, que publicou recentemente o livro *Web Journalism*, a mudança mais significativa do webjornalismo está nesta redefinição da relação entre o repórter e a sua audiência. Em vários outros ramos do saber se tem vindo a redimensionar os conceitos de autoria e recepção, baseados na própria natureza aberta das obras e dos textos. As propostas dos conceitos de *escreleitor* (o leitor que se torna autor por participar na realização final da obra) ou de *espectador* (o espectador de cuja participação numa peça de teatro se espera seja activa) foram assimiladas e reconhecidas pelos adeptos da teoria do hipertexto. De Ted Nelson a George Landow, a interconexão, a escolha e a interactividade, o hipertexto e a hipermedia, con-



firmam e amplificam a reformulação dos papéis do autor e do leitor que a teoria crítica também tem vindo a apontar. E também o webjornalismo passará a possibilitar uma maior e uma mais imediata comunicação entre repórteres e leitores.

A **personalização** (também considerada *customização* do conteúdo) resulta do facto de, com modelos de programação relativamente simples, ser possível permitir que os produtos jornalísticos sejam configurados e seleccionados pelo utilizador, de tal modo que as notícias podem chegar ao nosso computador imediatamente a seguir à sua publicação (rss feeds), de acordo com critérios de selecção previamente escolhidos. Além destes, e no centro da criação de uma nova linguagem, está a **convergência** (também chamada multimedialidade, ou multimodalidade), que pressupõe a mistura dos formatos dos média tradicionais (imagem, texto e som) num único meio, ou em híbridos entre si.

Estas características iniciais têm ao seu serviço a **hipertextualidade**, definidora da própria web, que se caracteriza pela possibilidade de estabelecer uma série quase infinita de ligações entre palavras, gráficos e imagens. Este modo de navegação é o que torna a Internet tão vasta e tão complexa. E por isso, quando Pierre Lévy nos diz que **“Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez mais perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar”** (1999, pp:120), ele traduz fielmente a vontade de circunscrever, através de um mapa, a estrutura não-linear da web. Mas, pese embora a importância das posições deste autor relativamente a uma melhor compreensão do virtual e das novas inteligências, é precisamente o contrário que se passa: a rede é o seu próprio mapa, visto ser possível visualizar de um modo dinâmico e em tempo real todos os tráfegos de informação e escolhas que se movimentam na web. O que se deve entender por actualização contínua é portanto a possibilidade de aproximar o momento de criação com o da sua distribuição, vertendo para um modo de encarar a informação que já não é baseado na periodicidade. Mas além dos podcastings e dos rss feeders que podemos subscrever e receber continuamente no nosso computador pessoal, o que nestas definições de uma **actualização contínua** parece esconder-se (ou desconhecer-se?) é o facto de qualquer mudança em rede poder ser devidamente e constantemente monitorizada (com grafos de visualização que a interpretam posteriormente)



e automatizada (com links e referências inteligentes), possibilitando um mapeamento dinâmico da geração e da recepção dos fluxos de informação, suas inter-relações e inter-conexões.

Quanto ao aspecto da memória, que Palacios propõe como característico do webjornalismo, ele releva do anterior: a informação está disponível, permanentemente, a partir de qualquer computador com ligação à Internet. António Fidalgo, que estudou a “Sintaxe e Semântica das Notícias Online”, propôs que o modo de gerir esta questão da memória seria criando uma estratégia para o jornalismo assente em Base de Dados:

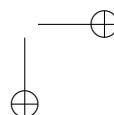
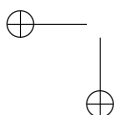
**A expansão à escala mundial, a possibilidade de aumentar indefinidamente o seu tamanho e o acréscimo ilimitado de temáticas abrangidas, a manutenção on-line dos arquivos das colecções, a interactividade, são factores que conduzirão o jornalismo on-line a ser impreterivelmente um jornalismo assente sobre base de dados. (*em rede*)**

E avisa: “A tarefa que fica em aberto é a experimentação e a investigação das novas formas de informação jornalística que os novos meios e as novas tecnologias vêm tornar possível”, apontando o jornalismo de fonte aberta como um exemplo específico de jornalismo sobre bases de dados.

De um modo semelhante, Silva Junior, Araújo e Antunes propõem uma interpretação das agências de notícias como “**antecipadoras de dinâmicas do jornalismo na web**”, sendo por isso “**a rede antes das redes**”. Aprofundando criticamente os conceitos de mediação e transposição, estes autores reconhecem que as dinâmicas historicamente existentes nas agências de notícias “**condicionam parcialmente características presentes em torno do conceito de web jornalismo de terceira geração**”. Neste sentido, verificam também o impasse metodológico a que nos temos vindo a referir:

**se, por um lado, a transposição de práticas para novos suportes cria ambientes mais amigáveis de reconhecimento da realidade emergente, ao mesmo tempo, pode atuar como um freio metodológico e de inovação, remetendo a práticas anteriores(em rede).**

Estes autores esclarecem ainda que as agências actuam na consolidação das redes de distribuição de conteúdo, “**em estreita sinergia com políticas coloniais ou pós-coloniais**”. Desse modo, explicam, as novas agências de



notícias estabelecem uma ligação com as necessárias **“infra-estruturas complexas de telecomunicações que envolvem, por sua vez, uma série de recursos em rede, através de satélites, fibras ópticas, circuitos de telefonia e linhas privadas de transmissão de dados”**. Segundo os autores, as agências de notícias tradicionais, ao concentrarem-se **“no fluxo de conteúdos e na capacidade de circular e distribuir conteúdos segundo uma lógica complexa de redes”**, obrigam-nos a reconhecer que **“uma das primeiras redes tecnológicas do mundo foi uma rede para a circulação de notícias, claro, com um carácter nomeadamente comercial, mas todavia, com estreito vínculo com o jornalismo”**. Ora um fluxo, explicam ainda com bastante pertinência, não é uma categoria neutra, nem se podem dissociar esses problemas dos **“processos e práticas possibilitados pelas infra-estruturas tecnológicas”** (*em rede*). Por isso, sugerem **“a importância de desenvolvimento de uma proposição metodológica de análise dos fluxos [e d]a criação de categorias que permitam, no caso das agências, mapear como ocorre esse deslocamento de informação e entender o procedimento das agências como um processo contínuo, e não orientado por intervalos, como no jornalismo em geral.”**

Esta rede de fluxos, devido à actualização constante e à memória ilimitada, pode ser interpretada pelos mesmos procedimentos tecnológicos das redes semânticas da web, através da criação de agentes inteligentes que observam a rede, e que podem ser traduzidos num grafo de representação de fluxos. Um desses programas a correr nos servidores é o TouchGraph, que pode ser observado em <http://www.touchgraph.com/TGGoogle-Browser.html>.

Nesta perspectiva de trabalho, de salientar que Mark Tremayne iniciou em 1997 um projecto com vista à preservação de informação da Web para análise. Nos resultados desse projecto, que publicou no artigo *“The Web of Context: Applying Network Theory to the Use of Hyperlinks in Journalism Stories on the Web”*, procurou perceber se as histórias na web seguem os padrões de crescimento típicos da web como um todo. Posteriormente, propôs-se analisar que tipo de histórias eram mais citadas, ou hiperligadas. Para isso, partiu de estudos de Barnhurst e Mutz, que documentaram uma mudança no jornalismo do final do século passado em direcção a um **“long journalism, long on interpretation and context, short on new fact”**, e de Nerone e Barnhurst, que identificaram **“a shift in newspaper design that resulted in fewer small individual news items”**. Este declínio dos factos, que corresponde a uma

orientação do discurso para a análise ou a especulação, está ligado ao desenvolvimento do jornalismo interpretativo, no qual o “*contextual material*” é central. De acordo com Tremayne, “**The technology of the Web allows news presentations that might satisfy both those wanting shorter fact-driven accounts and those wanting context, interpretation and opinion**” (*em rede*). Na web, este material contextual é representado pelas hiperligações, que podem providenciar contextos históricos, geográficos, políticos, etc. Ao propor a utilização de “*Networks, or graphs*” como uma forma de medição dos fluxos da web, o autor verificou que quando se escolhem páginas para estabelecer hiperligações, a escolha recai (quase) sempre naquelas páginas que são já imensamente citadas. Neste sentido, como refere ironicamente, “**the “rich get richer” and proportionally, the poor get poorer.**” Aplicando esta teoria ao jornalismo, coloca algumas hipóteses de investigação que vale referir:

**If Web pages about news follow the growth patterns of the Web as a whole we should expect to find evidence of Barabasi and Albert’s two principles, growth and preferred attachment. Therefore: H1: The number of links in news stories will increase over time; H2: Stories about international relations will be more heavily linked than other stories; H3: Spot news stories will be less heavily linked than other stories; H4: The gap in the number of links used between spot news and international relations should widen over time.**(*em rede*)

Face a estas transformações, se quisermos investir num discurso jornalístico apropriado ao meio web, impõe-se uma redefinição dos estudos de comunicação e do jornalismo em particular. A urgência da redifinição dos currículos tem sido documentada, e algumas experiências têm sido feitas que vale a pena referir. Para António Fidalgo, da UBI, por exemplo, “*O ensino do jornalismo no e para o século XXI*” ofereceu-lhe três lições. Primeira, a convicção de que não é “**necessário alterar a estrutura curricular de um curso de ciências da comunicação do curso para utilizar as novas potencialidades da Internet no âmbito do ensino e da aprendizagem.**” Segunda, que “**os novos meios de comunicação permitem de uma forma fácil, e barata, dotar os cursos de instrumentos para reforçar a sua formação tradicional**”, de que seriam exemplo para o autor o (seu) jornal on-line *Urbi et Orbi* e a BOCC. Finalmente, a descoberta de que “**os alunos precisam da mesma preparação teórica que os meios tradicionais exigiam e exigem.**” Pese embora o

facilitismo das conclusões, é salutar a tentativa, pioneira em Portugal, que tem dado resultados bem interessantes e abriu um campo de investigação alargado.

Também devotado às soluções que temos em mão enquanto educadores de jornalistas é o artigo de Elizabeth Saad Corrêa e Hamilton Luís Corrêa, “*O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: Perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências*”, onde os autores enunciam um perfil mais arrojado, implicando no processo uma educação orientada para o conhecimento das ferramentas indispensáveis ao exercício da práxis comunicacional digital, que passam por

**softwares de publicação em ambientes hipermídia, sistemas de captura e edição de imagens e sons, sistemas de armazenamento, indexação e recuperação de dados, processamento editorial não-linear, sistemas de reconhecimento de padrão informativo de usuários, softwares agentes inteligentes, sistemas de mensuração de desempenho, apenas para citar pequena parte do arsenal tecnológico à disposição do profissional de comunicação. (em rede)**

Estes autores colocam por isso a tecnologia digital como “**um aspecto contextual da era das TIC’s.**” Uma prática interdisciplinar surge neste contexto como fundamental. Por isso, e seguindo o estudo de Pavlik em que este apresentou as tendências para o ensino do Jornalismo (PAVLIK: 2001, 206-13), os autores apoiam

**a opção por estruturas curriculares que integrem os aspectos das tecnologias digitais em todas as disciplinas previstas na grade tradicional, em detrimento de uma introdução isolada de uma ou duas disciplinas que incorporem o uso das TIC’s; uma reestruturação das IES que ministram cursos de Comunicação em especial quanto aos conceitos de sala de aula, aula presencial e períodos letivos fixos.**

Além disso, propõem que todo um “**conjunto de competências e habilidades [deverão ser] convertidos em disciplinas, oficinas, veículos laboratoriais ou outras metodologias de ensino-aprendizagem**”, passando por exemplo pela criação de publicações online, a partir de Dreamweaver, Photoshop, Java, Flash, etc.

Uma integração de saberes, partindo da unidade das ciências e do conhecimento, permitirá a educação da nova linguagem da hipermídia, certamente

baseada na inevitável continuidade, mas aberta a reinvenções. E as disciplinas dependentes do suporte da escrita verbal e visual terão que se adaptar à escrita digital, se compreenderem que o apelo da hipertextualidade também foi seu.

Retomando Virilio, para quem a tele-existência coloca em causa a nossa percepção do real, será altura de perguntar se a rede em que o jornalismo se está a integrar não poderá ser parte de uma maior estratégia global do Império da Comunicação. James Der Derian, homem da ciência política e das relações internacionais, falou a este propósito em *Virtuous Wars*, identificando simbolicamente o *Cyberspace as Battlespace*. Avaliar e mapear a rede que se estabelece com a aliança (virtual) entre os complexos militar, industrial, média, divertimento/lazer, como a grande marcha rumo a um novo totalitarismo.

Perdido no horizonte da linha electromagnética que o separa do pixel, o ciberleitor aguarda o salto da gravidade que lhe permita ver além do horizonte tecnológico.

## Bibliografia

- BARABASI, A.-L. (2002). *Linked: The New Science of Networks*. Cambridge, Mass.: Persues
- BARNHURST, K. G. & MUTZ, D. (1997). American Journalism and the Decline in Event-Centered Reporting. In: *Journal of Communication*, 47 (December 1997): 27-53.
- BARNHURST, K. G. & NERONE, J. (1995). Design Changes in Us Newspapers, 1920-1940. In: *Journal of Communication*, 45 (June 1995): 9-43.
- BARNHURST, K. G. & STEELE, C. A. (1996). The Journalism of Opinion: Network News Coverage of U.S. Presidential Campaigns, 1968-1988. In: *Critical Studies in Mass Communication*, 13 (September 1996): 187-209.
- BASTOS, H. (2002). A viragem digital do jornalismo. In: MIRANDA, J.B. e SILVEIRA, J.F., eds. *As ciências da comunicação na viragem do século*. Lisboa: Vega. pp.1000-15.

- BOCZKOWSKI, P. J. (2005). *Digitizing the News: Innovation in Online Newspapers*. Mass: MIT Press.
- BOLTER, J. D. e GRUSIN, R. (2000). *Remediation: Understanding New Media*. Mass., MIT Press.
- CÁDIMA, F. R. (2000). Virtualidades do jornalismo e jornalismo virtual: Para uma análise do dispositivo da informação televisiva. In: TRAQUINA, N., org. *Jornalismo 2000. Revista de Comunicação e Linguagens*, 27.
- CORREIA, F. (2002). Jornalistas: crise de identidade e novo paradigma. In: MIRANDA, J.B. e SILVEIRA, J.F., eds. *As ciências da comunicação na viragem do século*. Lisboa: Vega. pp.975-82.
- DEUZE, M. (1999). Journalism and the Web: An Analysis of Skills and Standards in an Online Environment. In: *Gazette*, 61 (5), 373-90.
- GITLIN, T. (1980). *The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making & Unmaking of the New Left*. Berkeley: University of California Press.
- LOPES, A. de S. (2000). Notícias na Internet: Um novo jornalismo? In: TRAQUINA, N., org. *Jornalismo 2000. Revista de Comunicação e Linguagens*, 27.
- PAVLIK, J. V. (2001). *Journalism and new media*. New York: Columbia University Press.
- PINTO, R. J. & SOUSA, J. P. (1999). O futuro da Internet. In: *Comunicação & Sociedade*, 31, pp.99-116.
- SCHUDSON, M. (1982). The politics of narrative form: The emergence of news conventions in print and television. In: *Daedalus* 3 (summer 1982): 97-112.
- SOUSA, J. P. (2000). Um estudo prospectivo sobre jornalismo on-line e outros conteúdos na Internet portuguesa. In: *Cadernos de Estudos Mediáticos*, II, pp.263-87.

- STOVALL, J. G. (2004). *Web Journalism: Practice and Promise of a New Medium*. Boston: Pearson Allyn and Bacon.
- VIRILIO, Paul (2000). *A Velocidade de Libertação*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa, Relógio d'Água.
- WOLTON, D. (1999). *Internet et après: une theorie critique des nouveaux médias*. Paris: Flammarion.

## Webliografia

- ADGHIRNI, Z. L. Informação online: jornalista ou produtor de conteúdos? Mudanças estruturais no jornalismo.  
<http://intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/NP2ADGHIRNI.pdf>
- BALDESSAR, M. J. Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições. Um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses.  
[http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/Jornalismo\\_tecnologia\\_pioneirismo\\_e\\_contradicoes.pdf](http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/Jornalismo_tecnologia_pioneirismo_e_contradicoes.pdf)
- BARBOSA, E. Interactividade: A grande promessa do Jornalismo Online.  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.pdf>
- BASS, A. Shifting the Balance: Citizens, Employers, Journalists and the Internet.  
<http://www.tru.ca/ae/bjour/Alan%20Bass/ShiftingtheBalance.pdf>
- CANAVILHAS, J. M. Webjornalismo: Considerações gerais sobre jornalismo na web. I Congresso Ibérico de Comunicação, Universidade da Beira Interior.  
[http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html)
- CORRÊA, E. S. & CORRÊA, H. L. O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências.



<http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/beth/o-ensino-da-comunicacao.pdf>

DEUZE, M. & BARDOEL, J. Network Journalism.

<http://home.pscw.uva.nl/deuze/pub19.htm>

FERREIRA, J. C. F. (2003). A imagem na Web: fotojornalismo e Internet. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, BH/MG, 2 a 6 Set 2003.

[http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003\\_NP02\\_ferreira.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP02_ferreira.pdf)

FIDALGO, A. O ensino do jornalismo no e para o século XXI.

<http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>

FIDALGO, A. Sintaxe e Semântica das Notícias Online: Para um Jornalismo Assente em Base de Dados.

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.pdf>

MIELNICZUK, L. Interatividade e hipertextualidade no jornalismo online: mapeamentos para uma discussão.

<http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt03/gt03b2.pdf>

MOURA, C. O jornalismo na era slashdot.

<http://bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>

ORIHUELA, J. L. Los 10 Paradigmas de la e-Comunicación.

<http://www.unav.es/facom/mmlab>

PALACIOS, M. (2002). Jornalismo Online, Informação e Memória: Aparentamentos para debate. Jornadas de Jornalismo Online, 21 e 22 de Junho de 2002, Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf)

PALACIOS, M.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B. & NARRITA, S. (2002). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro.

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_mapeamentojol.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf)

PAUL, N. & FLEBISH, C. Os elementos da narrativa digital.

<http://www.inms.unm/Elements.php>

SILVA JR., J. A.; GUSMÃO DE ARAÚJO, M.; & ANTUNES, A. M. M. (2004). A rede antes das redes: As agências de notícias como antecipadoras de dinâmicas do jornalismo na web. V Congresso Ibero-Americano de Jornalismo na Internet - Faculdade de Comunicação da UFBA Salvador - Bahia

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004\\_silvajr\\_rede\\_antes\\_das\\_redes.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_silvajr_rede_antes_das_redes.pdf)

THORBURN, D. (1998). Web of Paradox. Democracy and Digital Media Conference, MIT, May 8-9.

<http://web.mit.edu/m-i-t/articles/thorburn.html>

TREMAYNE, M. (2004). The Web of Context: Applying Network Theory to the Use of Hyperlinks in Journalism Stories on the Web. In: Journalism and Mass Communication Quarterly, 81(2).

[http://communication.utexas.edu/news/research\\_txt/web\\_of\\_context.pdf](http://communication.utexas.edu/news/research_txt/web_of_context.pdf)



## O Espaço Público na rádio do século XXI: Interação para a cidadania ou para o consumo?

Vítor Soares

*Universidade Complutense de Madrid*

E-mails: [vitorsoares2003@yahoo.com](mailto:vitorsoares2003@yahoo.com)

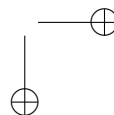
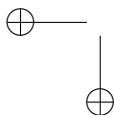
**A** interação social, propiciada pela interactividade técnica, é um dos conceitos chave que deverá marcar a rádio no século XXI, consequência natural das rápidas transformações tecnológicas a que, já hoje, vamos assistindo. Assim, para a rádio, ou o que dela resultar na migração para o digital – telefones móveis multimédia?, radiovisão?, rádio *on-demand*?, rádio pessoal? – parece indiscutível que os papéis do emissor e do receptor tenderão a confluir, num percurso que ocorre paralelamente à concentração e à convergência dos *media* (Cfr. Hendy, 2000: 48).

As transformações tecnológicas em curso dão também resposta ao anseio de participação das audiências, numa altura em que se acentua o domínio do Estado e da Economia sobre a Comunicação Pública (Cfr. Esteves, 2005) e, por outro lado, se assiste à fragmentação do Espaço Público (Cfr. Correia, 2004). Ora, estes cenários poderão ter repercussões na qualidade da participação cívica, levando a que a interação se dilua numa lógica de consumo, de produtos e serviços, mas também de mensagens políticas.

Torna-se, portanto, essencial repensar o papel dos cidadãos/consumidores (Cfr. García Canclini, 2001) à luz de um Espaço Público cada vez mais distante do primitivo conceito habermasiano (Cfr. Habermas, 1994), no qual os *media* desempenham um papel de centralidade, cada vez maior, na vida das sociedades democráticas (Cfr. Timoteo Álvarez, 2006).

### A interação social entre a cidadania e o consumo

O trabalho que a seguir se apresenta teve em vista conseguir uma aproximação ao conhecimento do que está subjacente aos processos interactivos na rádio. Partindo do pressuposto, apoiado pela generalidade das contribuições teóricas, de que a rádio, tal como os outros *media*, integra o Espaço Público con-



temporâneo, procurou-se, através de um estudo de caso, o programa “Fórum TSF”, caracterizar as motivações dos agentes envolvidos num fórum interativo. Este estudo teve ainda como objectivo determinar as consequências da crescente interacção entre emissor e receptor, na rádio, no quadro da esfera pública ou Espaço Público. Tentou-se, sobretudo, uma aproximação de resposta à interrogação sobre a forma como as participações e o consumo deste tipo de programas se ligam a outros comportamentos, especialmente, os relacionados com os aspectos do empenhamento cívico. Deste modo, tornou-se essencial reunir no presente estudo os termos de um triângulo formado pela interacção, cidadania e consumo e inscrever em cada um destes três conceitos as dimensões pessoal, cívica e económica.

A pesquisa foi suscitada, como já se referiu, pela crescente interactividade técnica decorrente da migração para o digital, isto é, tratou-se de saber se, por um lado, as transformações tecnológicas que se abrem (permitindo aos receptores colaborar na produção das emissões com a consequente redução de custos para os operadores) indiciam que a interacção social conduzirá ao primado da economia e entronizará o consumo (também de mensagens políticas) em detrimento da cidadania (vota-se como quem compra!), ou se, pelo contrário, a participação das audiências, embora possa ser pensada pela indústria a partir de uma lógica de rendibilidade, não deixará de ter repercussões na esfera pública. Os fóruns interactivos constituem uma boa solução para o desígnio economicista na medida em que a rádio em directo é geralmente mais barata do que qualquer outra forma de produzir rádio: “Liveness, and its corollary, newness, therefore appeals both to radio’s need to distinguish itself from other media and to its goal of reducing costs” (Hendy, 2000: 88). Na hora da opção dos fóruns como formato, este é um aspecto que a indústria não pode deixar de ter em conta.

Esta problemática foi igualmente bem levantada por Rosalía Winocur quando afirma que “los medios han descubierto que abrir los micrófonos y ponerse la camiseta de defensor del pueblo es un negocio redondo para obtener credibilidad.” (Winocur, 2002: 114). Todavia, ainda segundo esta autora, há que atender à ambivalência dos efeitos: “los espacios que ofrecen no dejan de ser alternativas válidas como foro de expresión, instancia de presión, difusión de sus necesidades y recurso de mediación frente a las autoridades.” (*idem, ibidem*). Com efeito, a dimensão da afirmação dos participantes, mesmo que seja por anseio de promoção social ou de visibilidade, pode acabar por ser

relevante do ponto de vista político e obrigar a encontrar respostas novas para uma velha questão, ou seja, como articular, de um ponto de vista racional, o Mercado e o Espaço Público, o Consumo e a Cidadania. Assim, a pergunta contida no título deste texto, isto é, saber se a interacção na rádio promove a cidadania ou favorece o consumo, pretende desencadear a reflexão e descortinar a pertinência de algum tipo de articulação entre as duas instâncias. Tendo, pois, a interacção como pano de fundo, foi estabelecido o seguinte corpo de hipóteses:

**Hipótese 1** – A interacção promove a cidadania

**Hipótese 2** – A interacção favorece o consumo

**Hipótese 3** – A interacção promove o alargamento do Espaço Público

**Hipótese 4** – A interacção estabelece a vinculação entre a cidadania e o consumo

À primeira vista, a interactividade técnica favorece, pura e simplesmente, o consumo. Porém, a dialéctica resultante da interacção dos actores sociais e económicos poderá acabar por incrementar o exercício da cidadania se o consumo passar a ser assumido como uma prática cívica, num Espaço Público alargado. A contribuição de interacções situadas já fora de uma estrita racionalidade dialógica permitirá a formação de uma opinião pública inserida num conceito de Espaço Público mais lato do que aquele que foi inicialmente pensado por Habermas e que esteve, entretanto, sujeito às transformações tecnológicas, à mediatização, à fragmentação social e cultural e à generalização do consumo.

Neste âmbito, a actividade dos *media* revelar-se-á como tendo consequências determinantes no exercício da cidadania, na sequência da inépcia ou da incapacidade do Estado que, com as suas respostas lentas ou inexistentes aos anseios da população, abriu espaço para ser substituído pelos meios de comunicação social. Reclamações, protestos, ou simplesmente espaço para exprimir opiniões, encontraram eco no consumo dos *media* que, assim, fizeram deslocar o desempenho da cidadania em direcção às práticas do Mercado. Concorrendo com a cidadania, o consumo passou a ser utilizado como estratégia política. Nos meios de comunicação social, o aumento de formas de participação foi permitindo às pessoas exercer a sua liberdade de expressão e aceder ao Espaço Público que lhes foi negado noutras instâncias, por exemplo, nos partidos políticos, nas organizações sociais, etc.

De resto, o próprio conceito de cidadania “está sujeito a mudar ao longo do tempo e consoante as condições” (Puhle, 2000: 32). Isin & Wood especificaram o alcance desta mudança: “Citizenship can be described as both a set of practices (cultural, symbolic and economic) and a bundle of rights and duties (civil, political and social) that define an individual’s membership in a polity. It is important to recognize both aspects of citizenship – as practice and as status” (Isin & Wood, 1999: 4). Actualmente, parece claro que é insuficiente uma estrita dimensão civil, política e social da cidadania. Assim sendo, importa reconfigurar o conceito, na sequência dos fenómenos de mediatização e da generalização do consumo que envolveram o exercício da cidadania, à semelhança do que sucedeu com as transformações ocorridas no Espaço Público: “new concepts of citizenship are emerging as modern capitalism is transformed in new ways and thereby dislocates us as producers and consumers” (*idem, ibidem: ix*).

Segundo Adela Cortina, a participação cidadã não tem que ser só política, mas também económica. Quem não é cidadão no económico também não o é no político. Por isso, o consumo implica gozar de direitos, estar obrigado a cumprir deveres, assumir responsabilidades e reforçar o *solidum* da comunidade (Cfr. Cortina, 2002: 269). Os limites e as prerrogativas dos cidadãos económicos são, assim, sintetizados por Adela Cortina: “La noción de ciudadanía económica es sumamente compleja pero, a mí juicio ver, se despliega fundamentalmente en tres lados: es ciudadano económico quien participa de los bienes económicos de una comunidad política, quien decide junto con sus conciudadanos “qué se produce”, como y para qué, y, por último, quien decide junto con sus ciudadanos “qué se consume”, “para qué” y “quién consume””. (Cortina, 2002: 138-139).

Esta proposta de cidadania económica, apresentada por Adela Cortina (2002), entronca com as teses de Garcia Canclini (2001) e Isin & Wood (1999). Todos eles sublinham que a concepção moderna de cidadania necessita de uma transformação radical na sua teoria e prática. Enquanto estratégia política, o conteúdo da cidadania é definido pela luta política sendo capaz de incorporar novas dimensões de subjectividade, aspirações, desejos e interesses que consigam generalizar-se como interesse colectivo e instituir-se como direitos. Assim sendo, novas formas de cidadania estarão a emergir, envolvendo um conjunto de práticas sociais e culturais, entre elas o consumo.

## De Habermas ao cidadão / consumidor

No quadro teórico utilizado nesta investigação, partiu-se do modelo de Espaço Público generalizado por Habermas, e tentou-se detectar, através de olhares mais seguidistas ou mais críticos, as virtualidades e as insuficiências das teorias do pensador alemão. Nos seus primeiros trabalhos, Habermas define o Espaço Público ou esfera pública como sendo pública em dois sentidos: por causa das opiniões ou acordos conseguidos e validados por argumentos publicamente apresentados e porque a esfera é aberta ao acesso de todos os cidadãos de forma idêntica. Todavia, a primitiva descrição habermasiana racional e dialógica, baseada no que se passava nos cafés londrinos do século XVIII, foi perdendo adesão à realidade com o advento da comunicação mediatizada, uma situação que o próprio Habermas acabou por reconhecer. Naquilo que é descrito como a decadência do Espaço Público vinculado aos *media*, podemos destacar a perda de três características básicas da esfera pública burguesa: a acessibilidade aos debates para todos os que tivessem condições de participação; a discursividade, como garantia da afirmação do melhor argumento fora da influência do poder político e económico; e a possibilidade de problematização racional de objectos, temas e obras (Cfr. Habermas, 1994: 36-37).

Apesar disso, vários autores têm questionado a herança de Habermas com base na reflexão sobre a alteração estrutural da natureza dos meios de comunicação social, designadamente, no que respeita à capacidade de autonomia dos *media*. Segundo Annel A. Vásquez “los medios de comunicación siguen la racionalidad sistémica, se están volviendo más independientes y complejos, y – junto com los sistemas económico y administrativo – están subordinando los espacios del mundo de la vida a la lógica sistémica” (Vásquez, 2004: 248). No entender de Annel A. Vásquez, há uma omissão de Habermas sobre a lógica de mercado dominando os *media* e omissão dos efeitos dos *media* no mundo da vida. Nesta linha de pensamento, podemos sublinhar que, por exemplo, em *Facticidad y Validez*, é admitido o processo de centralização dos *media* e reconhecido que os actores da sociedade civil têm um poder de influência muito limitado (Cfr. Habermas, 2005: 457-458), mas não são concretizados os termos de uma subordinação sistémica.

Outros autores caracterizam as transformações por que tem passado o Espaço Público na sequência da evolução tecnológica e das mudanças comunicacionais e sócio-culturais ocorridas nos últimos anos (Braga, 2001; Correia,

2004; Dahlgren, 1995; Fraser, 1996; Gomes, 2000; Keane, 1997; Kellner, 2004; Thompson, 1998; Wolton, 1995), ou olham em pormenor para as articulações emergentes entre cidadania e consumo, conceitos que não têm forçosamente que ser entendidos como dicotómicos. A cidadania e o consumo não são entidades arredias uma da outra, estão cada vez mais interligadas e, portanto, não devem colocar-se em situação dicotómica (Cfr. García Canclini, 2001).

Desde sempre, a dicotomia cidadão versus consumidor foi apresentada de uma forma maniqueísta e o consumo começou por ser concebido como oposto à cidadania. Ao contrário do cidadão, os meios de expressão do consumidor eram limitados: enquanto os cidadãos podiam falar sobre qualquer aspecto da vida cultural, social ou económica (operando naquilo que Habermas chamou a esfera pública) os consumidores só encontravam capacidade de expressão no Mercado. Porém, se nos lembrarmos que foi o próprio Habermas quem sublinhou que o Mercado e o Estado definiam em conjunto a esfera pública, então o cidadão e o consumidor não são entidades contraditórias, mas sempre e inevitavelmente interligadas numa sociedade capitalista.

Outra vertente desta dicotomia, apresentava a cidadania como colectiva – idealmente os cidadãos constituíam um corpo homogéneo com direitos iguais perante a lei – enquanto o consumo era visto habitualmente como um acto individual. García Canclini (2001) contesta que o consumo seja uma actividade privada e despoliticizada e sustenta que, com a degradação da política e a descrença nas instituições sociais, o consumo surge fortalecido como modo de participação política e de identidade cultural. A possibilidade de politização da esfera privada permite, assim, alargar o campo das práticas políticas. Consumidores conscientes da sua influência podem ser tão politicamente relevantes como os cidadãos empenhados civicamente e a construção de novas formas de acção política, por parte dos consumidores, pode fortalecer a cidadania e revitalizar o Espaço Público. Na perspectiva de García Canclini, o ideal de consumidor não seria apenas aquele que usa e usufrui dos bens que consome, mas aquele que os utiliza nas suas múltiplas possibilidades simbólicas para reflectir e com a sua actuação construir uma nova cidadania.

No seu livro *Consumers and Citizens*, Néstor García Canclini (2001) justifica a opção pela análise conjunta da cidadania e do consumo com o crescimento vertiginoso das tecnologias audiovisuais de comunicação. Dentro do contexto mediático das sociedades contemporâneas há um jogo de opostos que



é recorrente: o público e o privado entrecruzam-se, muitas vezes com fronteiras difíceis de definir. é na sequência da mudança nos referentes básicos da sociedade ocidental, marcada pelo absoluto peso dos meios de comunicação, que também Jesús Timoteo Álvarez sustenta que “os media são o território em que os vários actores públicos jogam o jogo da conquista de opinião, da presença pública, da ocupação de espaço público” (Timoteo Álvarez, 2006: 223).

Por outro lado, ao situar-se entre o político e o económico, o campo dos *media* torna-se num espaço ideal para examinar a suposta dicotomia entre cidadão e consumidor. Uma vez que a política não conseguiu fugir às leis do Mercado, a análise do exercício da cidadania no Espaço Público tem de se ater aos condicionamentos de ordem económica, na medida em que a separação estrutural entre os produtores e as audiências está ditada pelas relações no Mercado (Cfr. Garnham, 2000: 116). Néstor García Canclini propõe um programa estratégico para travar a mercantilização da política. O objectivo é apropriar-se do consumo para desenvolver, através do Mercado, um regresso à política. A proposta é sugestiva, mas obriga a juntar à cidadania práticas de consumo que nunca tinham sido objecto dessa vinculação (Cfr. García Canclini, 2001: 21). Segundo García Canclini a globalização propicia a conversão de cidadãos em consumidores e a interculturalidade democrática está sobretudo subordinada ao Mercado. Não se trata apenas de uma alteração de conceitos, sob o desenrolar de um novo cenário cultural, pois, como refere este autor, os cidadãos do século XVIII foram transformados nos consumidores do século XXI (*idem, ibidem*: 25).

García Canclini (2001) sustenta que, num mundo globalizado, o exercício da cidadania não pode ser desvinculado do consumo. Paralelamente, aquele autor rejeita as concepções que julgam os comportamentos dos consumidores como irracionais e alienados, negando igualmente a ideia de que os cidadãos actuam somente em função da racionalidade dos princípios ideológicos. O consumidor também pensa e o cidadão consome políticas e atitudes. Se podemos afirmar que o consumo integra alguma dose de racionalidade, também a cidadania, ainda antes do consumo, já tinha uma componente não racional: o amor à pátria, o desejo de justiça, o desejo de liberdade, não podem ser reduzidos ao imperativo categórico. Estão ligados a emoções. Pode, assim, concluir-se que o debate público discursivo concebido por Habermas, com uma crença desmesurada na racionalidade pura e esquecendo enviesamentos

provocados pela retórica, demagogia, background social e pulsões afectivas e emocionais dos intervenientes, sofre, na pós-modernidade, das debilidades evidenciadas pelo esfumar da dicotomia racionalidade/emoção.

## Metodologias e técnicas de análise

Como se referia no início deste texto, a pesquisa realizada para a presente investigação inscreve-se na linha dos estudos de caso, por dizer respeito a uma realidade actual contextualizada, tendo-se escolhido como unidade de análise o Fórum TSF. Dada a necessidade de verificar e validar hipóteses previamente definidas recorreu-se a uma análise correlacional entre os conceitos em estudo com o objectivo de retirar inferências associativas. A descrição e análise reflexiva dos dados foram feitas a partir de uma perspectiva simultaneamente quantitativa e qualitativa porque, conforme Martin W. Bauer e George Gaskell (2004), não há quantificação sem qualificação, nem análise estatística sem interpretação.

Os dados foram obtidos, ao longo de treze programas, a partir da aplicação de um questionário respondido telefonicamente pelos ouvintes intervenientes do Fórum que se mostraram disponíveis para colaborar. Ao todo foram contactados 149 participantes do programa: 34 recusaram participar no inquérito, 9 eram repetentes de emissões anteriores nas quais já tinham respondido ao questionário e 3 não foi possível contactar para recolher as respostas depois de, inicialmente, terem acedido participar. Deste modo, foram validados 103 questionários.

Trata-se de uma amostra arbitrária, constituída na base daquilo que pareceu razoável de acordo com os objectivos e em função das condições da pesquisa. Tendo em conta a amostra escolhida e o recurso à comunicação telefónica, optou-se pela aplicação de um questionário com perguntas fechadas (Quadro 1) de forma a tornar o processo simples e rápido e tentando evitar os pretextos de não participação devido à morosidade ou à complexidade do inquérito.

Quadro 1. Questionário aos participantes do Fórum TSF

| Perguntas  | Respostas                |                          |                          |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
|  | Sim                      | Não                      | Out./<br>Não<br>sabe     |
| 1) É a primeira vez que participa no programa?   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2) Tenciona voltar a participar?   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3) Fala com os seus amigos e conhecidos sobre a intervenção?   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4) Tenta intervir seja qual for o tema?  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5) Utiliza o Fórum para expor situações pessoais?  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6) Acha que a sua intervenção produz efeitos junto dos ouvintes e das entidades responsáveis?                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7) A sua participação deve-se só a razões de cidadania?  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8) Gosta de saber que o (a) ouvem na rádio?  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9) Era capaz de pagar para participar?   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10) Admite receber dinheiro pela participação?   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11) Ao participar no Fórum tem consciência que está a ajudar a fazer uma emissão de rádio?                     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12) Acha que a rádio pede a participação dos ouvintes somente por razões cívicas e de responsabilidade social? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

|                         |                          |                          |                          |
|-------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
|                         | Feminino                 | Masculino                |                          |
| Sexo                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |                          |
| Idade                   |                          |                          |                          |
|                         | Básico                   | Secundário               | Superior                 |
| Grau de Escolaridade    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Actividade Profissional |                          |                          |                          |

Para além da recolha das variáveis sócio-demográficas supra-citadas, o questionário tinha em vista detectar as linhas de força que permitissem clarificar o objectivo da investigação: motivações e consequências da interacção entre emissor e receptor na rádio, no quadro da esfera pública ou espaço público e testar o corpo de hipóteses. Nessa perspectiva foi definido um conjunto de indicadores: grau de envolvimento com o programa, busca de notoriedade/interesse próprio, grau de altruísmo, motivação cívica e credibilidade atribuída ao meio. Com estes cinco indicadores pretendeu-se avaliar a dimensão cívica, pessoal e económica de cada um dos conceitos em estudo: cidadania, consumo e interacção na rádio. A articulação de conceitos e hipóteses, através dos indicadores e das dimensões, permitiu construir o modelo de análise da investigação (Quadro 2).

Quadro 2. Modelo de análise da investigação

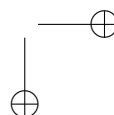
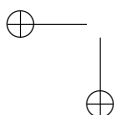
| CONCEITOS         | DIMENSÕES        | INDICADORES  |
|-------------------|------------------|--|
| <b>Cidadania</b>  | <b>Cívica</b>    | <b>Motivação cívica</b> (perg. 7 para testar hipótese 1)   |
|                   | <b>Pessoal</b>   | <b>Busca de notoriedade/ Interesse próprio</b> (pergs. 4 e 5 para testar hipótese 1)   |
|                   | <b>Económica</b> | <b>Grau de altruísmo</b> (perg. 10 para testar hipótese 1)   |
| <b>Consumo</b>    | <b>Pessoal</b>   | <b>Grau de envolvimento com o programa</b> (pergs. 1 e 2 para testar hipótese 2)   |
|                   | <b>Económica</b> | <b>Grau de envolvimento com o programa</b> (perg. 9 para testar hipótese 2)  |
|                   | <b>Cívica</b>    | <b>Busca de notoriedade/Interesse pessoal</b> (perg. 3 para testar hipótese 2)   |
| <b>Interacção</b> | <b>Pessoal</b>   | <b>Busca de notoriedade/Interesse pessoal</b> (perg. 8 para testar hipótese 2)   |
|                   | <b>Cívica</b>    | <b>Motivação cívica</b> (perg. 7 para testar hipótese 4); <b>Credibilidade atribuída ao meio</b> (perg. 6 para testar hipótese 3)  |
|                   | <b>Económica</b> | <b>Grau de envolvimento com o programa</b> (perg. 9 para testar hipótese 4); <b>Grau de altruísmo</b> (perg. 11 para testar hipótese 4); <b>Credibilidade atribuída ao meio</b> (perg. 12 para testar hipótese 4). |



## **Análise de resultados**

Terminada a recolha dos dados, procedeu-se à análise dos resultados tendo como referência as hipóteses definidas a partir do objectivo de investigação, o modelo de análise acima proposto e o quadro teórico do estudo.

Assim, apresentam-se, em primeiro lugar, os resultados obtidos no questionário a que foram sujeitos 103 participantes do Fórum TSF (Quadro 3).



Quadro 3. Resultados do questionário aos participantes do Fórum TSF

| Perguntas  | Respostas % |      |                      |
|--|-------------|------|----------------------|
|  | Sim         | Não  | Out./<br>Não<br>sabe |
| 1) É a primeira vez que participa no programa?   | 44,7        | 55,3 |                      |
| 2) Tenciona voltar a participar?   | 99,0        |      | 1,0                  |
| 3) Fala com os seus amigos e conhecidos sobre a intervenção?   | 89,3        | 10,7 |                      |
| 4) Tenta intervir seja qual for o tema?  | 19,4        | 80,6 |                      |
| 5) Utiliza o Fórum para expor situações pessoais?  | 19,4        | 80,6 |                      |
| 6) Acha que a sua intervenção produz efeitos junto dos ouvintes e das entidades responsáveis?                  | 74,8        | 9,7  | 15,5                 |
| 7) A sua participação deve-se só a razões de cidadania?  | 47,6        | 11,6 | 40,8                 |
| 8) Gosta de saber que o (a) ouvem na rádio?  | 46,6        | 20,4 | 33,0                 |
| 9) Era capaz de pagar para participar?   | 54,3        | 43,7 | 2,0                  |
| 10) Admite receber dinheiro pela participação?   | 19,4        | 78,6 | 2,0                  |
| 11) Ao participar no Fórum tem consciência que está a ajudar a fazer uma emissão de rádio?                     | 96,0        | 2,0  | 2,0                  |
| 12) Acha que a rádio pede a participação dos ouvintes somente por razões cívicas e de responsabilidade social? | 39,8        | 56,3 | 3,9                  |



Com base nas respostas ao questionário expressas em percentagem (Quadro 3) explicitam-se, de seguida, os resultados obtidos, ordenados pelas hipóteses:

### **Hipótese 1 – A interacção promove a cidadania**

Apenas 11,6% dos inquiridos reconhecem que a sua participação no Fórum não se deve a razões de cidadania. A maioria (47,6%) disse que a sua participação se deve somente a razões de cidadania e outros 40,8% admitiram que se deve “essencialmente” a razões de cidadania, o que permite verificar que a esmagadora maioria dos inquiridos (88,4%) aponta a “motivação cívica” como a razão principal para a interacção com o Fórum, donde se pode inferir que, do ponto de vista dos participantes, o processo interactivo serve para promover a cidadania.

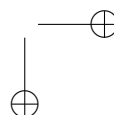
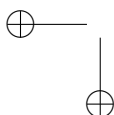
Por outro lado, o interesse pessoal na participação foi admitido apenas por 19,4% dos inquiridos, enquanto que uma larga maioria (80,6%) diz não utilizar o Fórum para expor situações pessoais. A mesma percentagem de inquiridos (80,6%) rejeita implicitamente atribuir importância à notoriedade que uma qualquer intervenção possibilita, garantindo que tenta intervir apenas quando tem algo a dizer sobre o tema em discussão.

Também o indicador “grau de altruísmo”, que serve para avaliar a resposta à pergunta 10, revela claramente uma atitude de consciência cidadã por parte de uma larga maioria, uma vez que 78,6% dos inquiridos não admite receber dinheiro pela sua participação no Fórum.

### **Hipótese 2 – A interacção favorece o consumo**

As respostas às perguntas 1 e 2 são bem elucidativas quanto ao elevado “grau de envolvimento com o programa”, o que permite avaliar a dimensão pessoal do consumo. Dos participantes inquiridos 55,3% já tinham intervindo por mais de uma vez, enquanto que para 44,7% tratava-se da primeira participação no Fórum. Acresce ainda que uma esmagadora maioria de inquiridos (99,0%) disse que tenciona voltar a participar.

Com o intuito de medir a dimensão pessoal da interacção foi utilizado o indicador “busca de notoriedade/interesse próprio” decorrente da pergunta 8. Apesar de 33,0% dos inquiridos terem respondido que não lhes interessa saber







se são ouvidos (as) na rádio e de 20,4% ter mesmo dito que não aprecia tal facto, uma maioria (46,6 %) admitiu que gosta de saber que é ouvida na rádio.

Para detectar em que ponto se situava o “grau de envolvimento com o programa”, por parte dos inquiridos, e avaliar a respectiva dimensão económica do consumo, foi-lhes perguntado se seriam capazes de pagar para participar. Uma maioria (54,3%) admite que “sim”, enquanto 43,7% rejeitam a ideia.

A dimensão cívica do consumo foi avaliada através do indicador “busca de notoriedade/interesse próprio”, na pergunta 3, à qual uma esmagadora maioria de inquiridos (89,3%) respondeu que costuma falar com os amigos e conhecidos sobre a sua intervenção no Fórum.

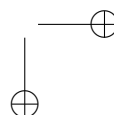
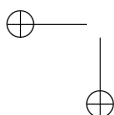
### **Hipótese 3 – A interacção promove o alargamento do Espaço Público**

Através do indicador “credibilidade atribuída ao meio”, que está inerente à pergunta 6, podemos verificar que uma larga maioria de respondentes “sim” (74,8%) tem a percepção de que as suas intervenções no Fórum produzem efeitos junto dos outros ouvintes e das entidades responsáveis promovendo, assim, o alargamento do Espaço Público.

### **Hipótese 4 – A interacção estabelece a vinculação entre a cidadania e o consumo**

Há dois indicadores que permitem estabelecer um resultado claro na vinculação entre a cidadania e o consumo. São eles a “motivação cívica” e o “grau de envolvimento com o programa” aplicados às perguntas 7 e 9. Correlacionando os resultados verificamos que uma maioria de 47,6% de inquiridos reconhece que a sua participação se deve somente a razões de cidadania (a maioria sobe para 88,4% se substituirmos o “somente” por “essencialmente”) e, paralelamente, também uma maioria de 54,3% diz estar disposta a pagar para poder participar no Fórum, o que permite inferir uma interligação entre a dimensão cívica e a dimensão económica nas percepções dos participantes do processo interactivo.

Por outro lado, o indicador “grau de altruísmo”, que é avaliado pela resposta à pergunta 11, mostra que 96,0% dos inquiridos revelam estar conscientes de que, com a sua intervenção, estão a ajudar a fazer uma emissão de



rádio. No entanto, uma maioria de 56,3%, confrontada com a pergunta 12, destinada a medir a “credibilidade atribuída ao meio”, deixa entender que reconhece a dimensão económica da interacção ao admitir que a rádio não pede a participação dos ouvintes somente por razões cívicas e de responsabilidade social.

Concluindo, através dos resultados ordenados por hipóteses, a correlação que foi possível estabelecer entre uma maioria de inquiridos que alega participar no Fórum TSF por razões de cidadania e uma outra maioria que admite estar disposta a pagar para poder participar mostra claramente a existência de uma vinculação, por parte dos inquiridos, entre a cidadania e o consumo.

Também os resultados ordenados por indicadores permitem estabelecer correlações entre pares de conceitos. Tomando em conta os indicadores utilizados para quantificar a dimensão cívica na cidadania (“motivação cívica”) e a dimensão cívica no consumo (“busca de notoriedade/interesse próprio”), e comparando as respostas, verifica-se uma consonância nos valores, o que permite inferir que uma larga maioria dos participantes do Fórum associa a cidadania ao consumo (Cfr. Figura 1).

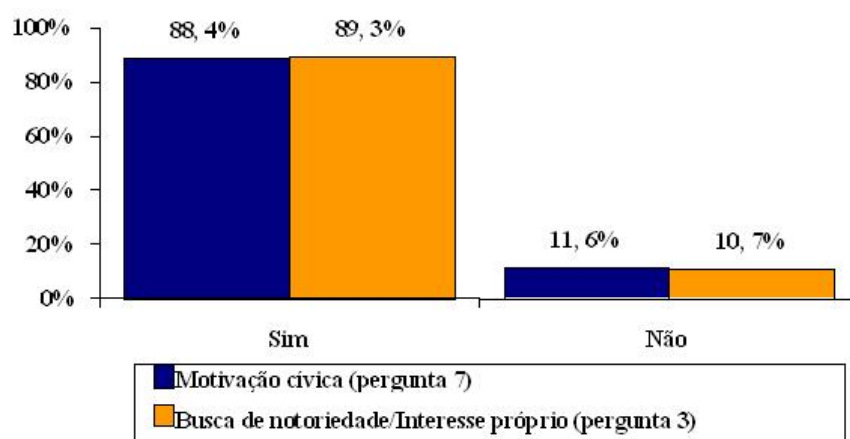


Figura 1: Correlação entre indicadores da dimensão cívica na cidadania e da dimensão cívica no consumo

Por outro lado, através das respostas a uma pergunta relativa ao indicador da dimensão pessoal no consumo (“grau de envolvimento com o programa”) é possível chegar a uma consonância de valores com os resultados do indicador da dimensão pessoal na interacção (“busca de notoriedade/interesse próprio”). Assim, (Cfr. Figura 2) uma maioria de participantes habituais do Fórum TSF (55,3% que já tinham intervindo por mais de uma vez) coincide com uma maioria de 46,6% que admite gostar de saber que o (a) ouvem na rádio, o que permite inferir uma associação implícita entre o consumo e a interacção.

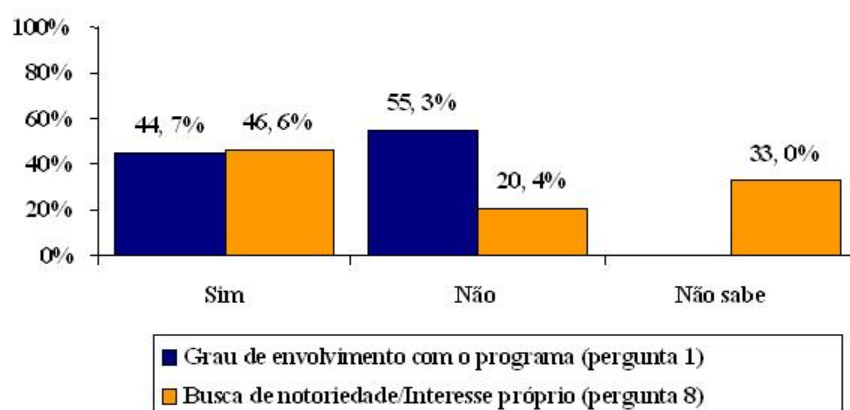


Figura 2: Correlação entre a dimensão pessoal no consumo e a dimensão pessoal na interacção

Finalmente, (Cfr. Figura 3), o indicador da dimensão económica na cidadania (“grau de altruísmo”) pode ser correlacionado com um outro indicador da dimensão económica na interacção (“credibilidade atribuída ao meio”).

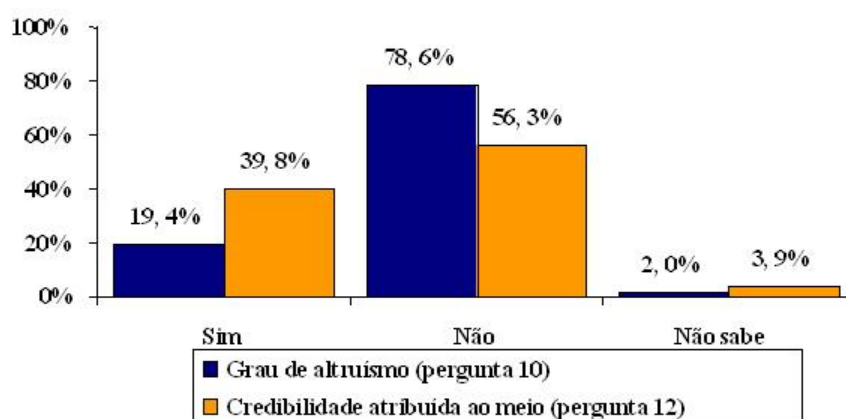


Figura 3: Correlação entre indicadores da dimensão económica na cidadania e da dimensão económica na interacção

Nesta associação entre a cidadania e a interacção é possível verificar que, independentemente das razões de cidadania que levam uma maioria dos inquiridos a intervir rejeitando receber dinheiro pela participação (78,6%), os participantes no Fórum expressam, também maioritariamente (56,3%), a convicção que a rádio, ao pedir a participação dos ouvintes, não está a agir somente por razões cívicas e de responsabilidade social, o que remete para a dimensão económica. Desta forma, pode inferir-se que, segundo a percepção dos inquiridos, o consumo está indissolivelmente ligado à cidadania e à interacção.

## Conclusão

Por que motivos interagem os ouvintes? Quais as razões que levam a indústria de rádio a promover programas de antena aberta? Este desdobramento da pergunta inicial (no século XXI, a rádio como Espaço Público constitui-se como um agente de interacção para a cidadania ou para o consumo?) permite, desde já, evidenciar uma lacuna: as razões da indústria não puderam ser apuradas, directamente, visto que não foi possível obter, em tempo útil, resposta dos responsáveis pela direcção e administração da rádio TSF. Esta é uma das

perspectivas que limita a abrangência deste estudo e que merece ter desenvolvimento em posteriores pesquisas. Simultaneamente, deverá ser alargada a investigação a outras emissões de rádio interactiva com o objectivo de apurar se há ou não coincidência com os resultados agora obtidos. No que respeita às motivações dos ouvintes do Fórum TSF e às consequências da crescente interacção entre emissor e receptor, na rádio enquanto Espaço Público, foi possível reunir um conjunto de dados que confirmam, genericamente, o corpo de hipóteses colocadas.

Para construir uma resposta coerente à pergunta de partida foi elaborado um modelo que estabelecia a relação entre os principais conceitos em estudo e as hipóteses. O modelo de análise revelou-se operativo visto que, de uma maneira geral, os indicadores escolhidos para caracterizar os conceitos tornaram observáveis as hipóteses.

A principal hipótese era a de que a cidadania e o consumo não são entidades arreadas uma da outra, estão cada vez mais interligadas e, portanto, não devem colocar-se em situação dicotómica (Cfr. García Canclini, 2001; Cortina, 2002). A correlação que foi possível estabelecer entre uma maioria de inquiridos que alega participar no Fórum TSF por razões de cidadania e, simultaneamente, admite estar disposta a pagar para poder participar mostra claramente a existência de uma vinculação entre a cidadania e o consumo.

Decorrente desta situação, não ficou claro se as pessoas participam no Fórum mais por razões altruístas ou mais por motivos de interesse próprio como, de resto, tinha acontecido com a série de estudos recenseados por Mendelberg citado por Delli Carpini, Cook and Jacobs (2004: 324): “As Mendelberg notes, however, these studies cannot demonstrate that altruism (as opposed to self-interest) is the prime motivator for cooperative behavior.” Na presente investigação deve dizer-se que aqueles dois indicadores, colocados em oposição, não se revelaram operativos, o que, por outro lado, poderá significar que, no processo interactivo, não há razões para colocar dicotomicamente altruísmo e interesse próprio.

A dificuldade em estabelecer uma contradição nítida entre altruísmo e o interesse próprio também ficou patente na correlação estabelecida a partir das perguntas 9 e 10, entre os indicadores da dimensão económica. Apesar de uma larga maioria de participantes no Fórum rejeitar a hipótese de receber dinheiro pela participação, há também uma maioria que admite pagar para



poder participar, o que permite inferir a existência de uma correlação entre a cidadania, por um lado, e o consumo e a interacção, por outro.

Para além das correlações entre pares de conceitos, que foi possível estabelecer com os resultados obtidos a partir dos indicadores das dimensões cívica e pessoal – vinculando a cidadania e o consumo, a cidadania e a interacção, e a interacção e o consumo – as correlações entre os indicadores da dimensão económica permitiram vincular, simultaneamente, o consumo, a cidadania e a interacção (ver Fig. 3).

Parece agora mais claro que, no século XXI, na rádio como Espaço Público, a dicotomia expressa na questão de partida (interacção para a cidadania ou para o consumo?) é apenas retórica. Em contrapartida, apresenta-se com mais pertinência a hipótese de a interacção servir, simultaneamente, para a cidadania e para o consumo. É também a crescente interacção vivida através dos *media* que pode ajudar a explicar a emergência do conceito de cidadãos-consumidores, no qual a cidadania deixa de ter apenas uma dimensão sócio-política, mas passa também a ter uma dimensão sócio-comunicacional, cultural e económica (Cfr. García Canclini, 2001; Isin & Wood, 1999; e Cortina, 2002).

Assim, na actual sociedade de informação, uma nova prática cidadã interage directamente com a cultura do consumo através de um modelo de convivência que gera um novo paradigma de cidadania e que transforma o receptor em produtor. A interactividade técnica proporciona o ponto de encontro entre estas duas entidades, dando resposta ao anseio de participação das audiências e dos públicos em convergência com os interesses da indústria dos *media*, cujo objectivo é comercializar toda a espécie de mensagens simbólicas e não simbólicas. Desta forma fica estabelecida a ponte entre a cidadania e o consumo. Entre o Mercado e o Espaço Público. Na rádio, os fóruns representam um novo paradigma de interacção que está a ganhar cada vez mais espaço no processo produtivo, a que não será alheio o facto de tal formato ser possível de realizar com baixos custos.

Ao equacionar o papel do exercício da cidadania na rádio como Espaço Público, invocando a herança de Habermas, podemos concluir que não há uma tendência única, mas antes uma tensão dialéctica permanente entre uma dimensão condicionante e uma dimensão emancipatória. Conforme refere Douglas Kellner (2004): “New forms of citizenship and public life are si-



multaneously enabled by new technology and restricted by market power and surveillance”.

Em qualquer das perspectivas, uma cidadania alargada à dimensão económica, num Espaço Público reformulado, poderia envolver o consumo de bens, serviços e mensagens simbólicas, num processo de abrangência semelhante ao que aconteceu anteriormente quando o discurso político foi integrando as questões ambientais, os direitos das mulheres ou as reivindicações dos trabalhadores. Se os cidadãos se tornaram consumidores parece não haver razão para que a prática do consumo (e não só a educação para o consumo que já integra a esfera pública) não seja considerada um acto de cidadania. Retomo o que diz Néstor García Canclini: “Recognizing these transformations does not mean endorsing the dissolution of the citizenship in consumption” (García Canclini, 2001: 5). O intuito não é dissolver, mas articular, quiçá integrar o consumo como parte da cidadania e não o contrário. Subordinando o consumo à cidadania, o consumidor deve estar preparado para a melhor escolha e inclusive para, eventualmente, não consumir. A única solução verdadeiramente emancipatória parece ser a de integrar as práticas de consumo nas práticas de cidadania e, desse modo, consagrá-las como um direito para que mais interacção através do consumo possa significar mais cidadania.

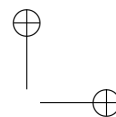
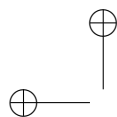
## Referências

- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2004). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (3ª edição)*. Petrópolis: Vozes.
- Braga, J. L. (2001). *Interação e recepção*. In A. F. Neto et al (Org.), *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade* (pp. 109-165), Vol. 2, Porto Alegre: Edipucrs e Compós.
- Correia, J. C. (2004). *Comunicação e cidadania: Os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cortina, A. (2002). *Por una ética del consumo: La ciudadanía del consumidor en un mundo global*. Madrid: Taurus.



- Dahlgren, P. (1995). *Television and the public sphere: Citizenship, democracy and the media*. London: Sage.
- Delli Carpini, M. X., Cook, F. L., & Jacobs, L. R. (2004). *Public deliberation, discursive participation, and citizen engagement: A review of the empirical literature*. *Annual Review of Political Science*, 7, 315-344.
- Esteves, J. P. (2005). *O espaço público e os media: Sobre a comunicação entre normatividade e facticidade*. Lisboa: Edições Colibri.
- Fraser, N. (1996). *Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy*. In C. Calhoun (ed) *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Garcia Canclini, N. (2001). *Consumers and citizens: Globalization and multicultural conflicts (Originally published as Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización. 1995, Editorial Grijalbo, México)*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press.
- Garnham, N. (2000). *Emancipation, the media, and modernity: Arguments about the media and social theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Gomes, W. (2000). *Opinião pública política hoje – uma investigação preliminar*. In A. F. Neto et al (Org.), *Práticas midiáticas e espaço público* (pp. 61-82), Vol. 1, Porto Alegre: Edipucrs e Compós.
- Habermas, J. (1994 [1962]). *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society (Sixth printing)*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Habermas, J. (2005). *Facticidad y validez: Sobre el derecho y el Estado democrático de derecho en términos de teoría del discurso (Cuarta edición)*. Madrid: Editorial Trotta.
- Hendy, D. (2000). *Rádio in the global age (Reprinted 2004)*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Isin, Engin F. & Wood, Patricia K. (1999). *Citizenship & identity*. London: Sage.

- Keane, J. (1997). *Transformaciones estructurales de la esfera pública*. Consultado em 13 de Abril de 2006 em Universidad Nacional Autónoma de México em:  
[http://www.hemerodigital.unam.mx/ANUIES/colmex/estud\\_soc/ene-abr97/estud43/sec\\_4.html](http://www.hemerodigital.unam.mx/ANUIES/colmex/estud_soc/ene-abr97/estud43/sec_4.html)
- Kellner, D. (2004). *Habermas, the Public Sphere, and Democracy: A Critical Intervention*. Consultado em 18 de Setembro de 2005 em GSE&IS Faculty:  
<http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/habermaspublicsphe redemocracy.pdf>
- Puhle, H. J. (2000). *Cidadania e estado-nação*. In J. M. Leite Viegas & E. Costa Dias (org), *Cidadania, Integração, Globalização* (25-35). Oeiras: Celta Editora.
- Thompson, J. B. (1998). *A Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Timoteo Alvarez, J. (2006). *Gestão do poder diluído: A construção da sociedade mediática (1989-2004)*. Lisboa: Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa.
- Vásquez, A. A. (2004). *Más allá de Habermas: La realidad de los medios de comunicación*. *Comunicación y Sociedad*, num.2, nueva época, Universidad de Guadalajara, México, 247-273.
- Winocur, R. (2002). *Ciudadanos mediáticos: La construcción de lo público en la radio*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Wolton, D. (1995). *As Contradições do Espaço Público Mediatizado*. *Revista de Comunicação e Linguagens, Comunicação e Política*, 21/22, 167-188. Lisboa: Cosmos.



## Evolução da regulamentação da mídia eletrônica no Brasil

Edgard Rebouças, Mariana Martins

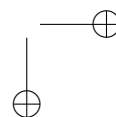
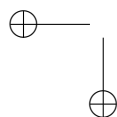
*Universidade Federal de Pernambuco*

E-mails: edreboucasuolcom.br, marimartins.pe@uol.com.br

A comunicação eletrônica e de massa como hoje a conhecemos por meio do rádio, da televisão, dos telefones, da internet ou de qualquer convergência tecnológica está prestes a passar por mais uma mudança estrutural: da transmissão analógica para a transmissão digital. Essa mudança vai possibilitar inúmeras – e ainda não totalmente conhecidas – formas de interligação desses meios. Tal situação vai se deparar com o emaranhado legal referente ao setor e, mais, uma vez, há a eminente possibilidade de a conjuntura pautar a estrutura e o que ocorrer de fato definir o que será de direito.

Como está explícito que historicamente não há uma política clara para o setor de comunicações no país, o aceno do atual governo para mais uma versão do que viria a ser uma Lei Geral da Comunicação de Massa (BERNARDES, 2007) corre o risco de se tornar mais um factóide político que, pela inércia, acaba beneficiando apenas os interesses privados, em detrimento do interesse público.

Este artigo tem o objetivo de fazer um resgate de como se deu a evolução da regulamentação da mídia eletrônica no país, às vésperas de se completar 150 anos do primeiro serviço telegráfico em território brasileiro, inaugurado em 7 de Agosto de 1858, com a linha entre as cidades do Rio de Janeiro e Petrópolis. Tal resgate se faz necessário para que seja melhor compreendido como se deu o processo de aquisição e uso desses meios no Brasil e para uma melhor análise das mudanças que deram origem a eles ou até mesmo as mudanças às quais eles deram origem. Desta forma, pretende-se neste artigo resgatar um pouco do que foi a história e as políticas de comunicações no país, e oferecer uma base para reflexão e análise para que futuras iniciativas não cometam equívocos correntes ao longo desta história.



## Ainda no século XIX

Como dito anteriormente, a primeira comunicação oficial por meio eletrônico ocorrida no Brasil foi em 7 de Agosto de 1858. Neste dia foi criado o primeiro serviço de telegrafo do país, que contava com uma linha entre o Rio de Janeiro - a época capital federal - e Petrópolis - cidade na qual o imperador D. Pedro II tinha a sua casa de campo. A linha, a princípio, servia quase que exclusivamente para o contato do imperador com a Corte.

Dois anos depois, em 1860, houve a primeira regulamentação do telegrafo com o Dec. Imperial nº2.624, de 21/07/60. O decreto tinha por finalidade estabelecer os objetivos, os tipos de serviços e as tarifas do novo meio de comunicação. Em 1864, outro decreto, de nº3.288, fez uma pequena alteração no anterior e incluiu a determinação de que o telégrafo devia atender às necessidades do governo, do comércio e dos cidadãos. No final de 1870, o Dec. Imperial nº4.653, de 28/12/70, fez com que os serviços de telégrafos voltassem para as mãos do Estado, e o governo começou a elaborar um plano nacional para o serviço.

Pouco mais de vinte anos depois da chegada do telégrafo foi registrada no Brasil, em 1879, a primeira regulamentação do serviço telefônico. Com o Dec. Imperial nº7.539, de 06/08/79, D. Pedro II autorizou a criação da Brazilian Telephone Company para instalar telefones no Rio de Janeiro. Esta regulamentação só entrou em atividade em 1880.

Em 1889 foi proclamada a República, e a primeira Constituição da República, de 1891, deu aos estados da federação o poder de criar seus próprios sistemas telefônicos e vender serviços. Porém, este decreto foi revogado em 1917 pelo Dec. nº3.296/17, que devolveu ao domínio exclusivo do Governo Federal o poder de vender os serviços de telégrafo e telefone.

## O século das comunicações

O século XX foi marcado pela explosão das tecnologias de comunicação eletrônicas e de massa. No Brasil, a primeira transmissão oficial de rádio no foi feita pelo então presidente Eptácio Pessoa em 7 de Setembro de 1922, em um discurso comemorativo dos 100 anos da independência, apesar de já em 1894, o padre Landell de Moura ter sido o pioneiro mundial nas experiên-

cias de transmissão radiofônicas. Mesmo já existindo estações da rádio em várias cidades brasileiras, em 1924 foi aprovada uma nova regulamentação dos serviços de radiotelegrafia e de radiotelefonia, sendo que o serviço de rádio propriamente dito ficou de fora. Foi somente em 1931, com o Decreto nº 20.047, de 27/05/31, que a radiocomunicação foi regulamentada no país. Este decreto tem importante significado para o histórico das políticas públicas de comunicações no Brasil, pois estabeleceu regulamentações tais como:

1. Os serviços “são da exclusiva competência da união”;
2. Normatizou o processo de concessões;
3. Garantiu o direito autoral;
4. Criou a Comissão Técnica de Rádio, formada por três profissionais para o estudo das questões de caráter técnico, sugestão de medidas e coordenação das frequências; e
5. Se adiantou no tempo ao dizer que “constituem serviços de radiocomunicação, a radiotelegrafia, a radiotelefonia, a radiofotografia, a *radiotelevisão*, e quaisquer outras utilizações de radioeletricidade, para a transmissão ou recepção, sem fio, de escritos, sinais, imagens ou sons de qualquer natureza” [grifo nosso].

No entanto, ainda mais importante, foi o Decreto 21.111 de 01/03/32, que regulamentou o decreto do ano anterior e ainda definiu importantes pontos que perduraram pelos 30 anos seguintes. O decreto de 1932 estabeleceu prazo de concessões de 10 anos; um mínimo de 2/3 de diretores brasileiros para empresas nacionais; que as emissoras deviam ter uma orientação educacional; que o tempo máximo de publicidade em um programa devia ser de 10%, sendo que cada inserção não podia passar de 30 segundos e deviam ser intercaladas; e criava ainda uma escola profissionalizante para técnicos e operadores de rádio.

O ano de 1937 foi marcado pelo início do Estado Novo, após o auto-golpe de Getúlio Vargas. O país entrou em um regime ditatorial e o rádio passou a ser um dos instrumentos de poder mais utilizados por Vargas, a exemplo do que já faziam seus inspiradores Adolf Hitler, na Alemanha; e Benito Mussolini, na Itália.

Em 1938 foi fundado o grupo Emissoras e Diários Associados, de Assis Chateaubriant, com cinco emissoras de rádio, doze jornais e a revista O Cru-

zeiro. Mais tarde, nos anos 50, Chateaubriant viria a ser o responsável pela entrada da televisão no Brasil.

Em 1939, ainda no governo de Vargas, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), vinculado diretamente ao gabinete da Presidência da República, que tinha como função controlar os conteúdos dos rádios, impressos, cinema e teatro. Foi também neste ano que se iniciaram as retransmissões obrigatórias e em cadeia nacional da Hora do Brasil, programa produzido pelo DIP.

Em 1940 a ditadura Vargas se apropriou da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a transformou em veículo oficial do Estado Novo. Aquela ditadura acabou no ano de 1945 e com ela acabou também a censura prévia, com o Decreto nº8.356/45.

Final da década de 1940, começaram os preparativos para a chegada - que se fazia iminente - do veículo de comunicação de massa que além do som trazia a imagem, a televisão. Foi 1946 que ocorreram as primeiras experiências de transmissão da televisão feita pela Rádio Nacional, mas iniciativa não passou das experiências técnicas.

Um fato raro nas políticas de comunicações no país foi a criação da regulamentação da televisão antes mesmo de sua inauguração. Por meio da portaria nº692, de 26 de Julho de 1949, foram estabelecidas as normas para a utilização da frequência VHF, o que definia o modelo de 12 canais para o serviço de televisão. O lançamento da TV Tupi de São Paulo só ocorreria em 18 de Setembro de 1950 por conta do empresário Assis Chateaubriand.

Getúlio Vargas voltou ao poder e publicou o Decreto nº29.783/51 estabelecendo o prazo de concessão dos canais de TV em três anos, e criando uma comissão para elaborar um Código Brasileiro de Radiodifusão e Telecomunicações - com o suicídio do presidente em 1954, o decreto foi revogado depois da pressão dos radiodifusores junto ao governo Café Filho. No ano de 1952, o Decreto nº31.835/52 incorporou à portaria criada em 1949, o sistema de UHF e definiu o padrão de imagem de 30 quadros por segundo, com 525 linhas, idêntico ao padrão adotado nos Estados Unidos.

A instalação de torres para transmissão entre Rio de Janeiro e São Paulo foi toda arcada pelas emissoras comerciais existentes. Em 1956, Assis Chateaubriand inaugurou mais nove estações em diferentes capitais brasileiras. Isto ocorreu sem nenhuma regulamentação que observasse a possibilidade de monopólio e/ou a propriedade cruzada dos meios, as regulamentações existentes

já não davam conta de acompanhar o crescimento rápido do empresariado do setor.

Os anos 1960 foram marcados pelo aparecimento mais forte do Estado nas políticas de comunicações. Em 1961, importantes decisões, como o Decreto nº50.450/61, de 12 de Abril, obrigava a exibição de filmes nacionais na televisão à proporção de um nacional para cada dois estrangeiros (em 1962 este decreto foi reformulado para a obrigação apenas um filme nacional por semana sem importar a quantidade de filmes estrangeiros); o Decreto nº50.566/61, que estabelecia a criação do Conselho Nacional de Telecomunicações (ConTEL), para propor uma nova legislação para o setor; e o Decreto nº5.840/61, de 24 de Junho, que voltava a limitar o prazo de concessão de rádio e TV em três anos, não mais em dez. O último decreto desse ano, o nº51.134, de 3 de Agosto, restabeleceu a censura prévia e ditou uma série de normas como a proibição de cenas de crueldade, sensacionalismo e preconceito, além de proibir a exibição de cenas de atores com maiô ou peças íntimas, mesmo em comerciais. Este foi o último ato de Jânio Quadro para o setor, antes de renunciar à Presidência em 25 de Agosto alegando a pressão de “forças ocultas”.

Em 27 de Agosto de 1962 a Lei nº4.117/62 instituiu o Código Brasileiro de Telecomunicações, que autorizou a criação de uma empresa pública, a Empresa Brasileira de Telecomunicações. A Embratel além de amenizar as sanções deu maiores garantias aos concessionários. Nesse código, que se tornou o documento máximo do setor até 1997, estava prevista a regulamentação nas concessões de rádio e televisão, mas as decisões de renovação e novas concessões eram exclusivas do poder executivo.

O Código Brasileiro de Telecomunicações passou por reformulações em 1963, com o Decreto nº52.026/63, que o regulamenta; em 1967, com os Decretos-lei nº200/67 e nº236/67; em 1972, com o Decreto nº70.568/72; em 1976, com o Decreto nº78.921/76; e ao longo dos anos que seguiram com leis, decretos e portarias não diretamente relacionados ao setor, mas que viriam a interferir no Código. Entre as determinações de seus 129 artigos negociados no Congresso Nacional desde 1953, a maior parte preserva os princípios dos decretos de 1931 e 1932:

1. A manutenção do sistema misto público/privado, nos procedimentos de concessão, na interdição do capital estrangeiro;

2. O caráter educativo e cultural;
3. A definição dos limites para a propriedade de empresas do setor;
4. A criação do Conselho Nacional de Telecomunicações, com função de acompanhar a regulação/regulamentação das comunicações.

O decreto nº59.366, de 1966, instituiu o Fundo de Financiamento de Televisão Educativa, mas não saiu do papel efetivamente. Por outro lado o Departamento Federal de Segurança Pública aumentou a censura dos meios de comunicação.

Um ano importante para entender as políticas de comunicação no Brasil foi 1967. Durante esse ano muitos foram os acontecimentos promovidos pela ditadura militar. Foi criado o Ministério das Comunicações, que englobou a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a Embratel e a Companhia Telefônica Brasileira. Apesar de criada em 1962, a Embratel começou a ser operada de fato em 1967. O Decreto-Lei nº236, de 1967 modificou o anterior Código Brasileiro de Telecomunicações, estabelecendo o total de no máximo dez estações para cada grupo/entidade. Sendo limitando em cinco a quantidade de emissoras em VHF. Manteve a decisão de que pessoas estrangeiras não poderiam participar da sociedade e/ou dirigir empresas de radiodifusão. O decreto também determinou que a origem e o montante dos recursos financeiros dos interessados em desfrutar de concessões deviam ser submetidos à aprovação do Contel. Deveriam também estar submetidos à aprovação prévia do órgão e do Ministério das Comunicações todos os atos modificativos da sociedade, assim como contratos com empresas estrangeiras. Esse Decreto-Lei ainda continua em vigor.

Começou em 1968 o período mais duro da ditadura. O Ato Institucional nº5 estabeleceu a censura em sua forma mais perversa. Nada que não fosse conveniente ao regime poderia ser exibido e o desrespeito estava enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Naquele ano também foi criada a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), responsável pela propaganda política da ditadura militar.

Em 1972 o Programa Nacional de Telecomunicação regulamentou a formação de redes nacionais. A Rede Globo se tornou a maior rede nacional de emissoras de televisão, com mais de 36 filiadas e centenas de retransmissoras pelo país. Enquanto em 1972 as emissoras comerciais conseguiram se organizar em forma de Rede e estabeleceram o seu poder em cadeia nacional, só em



1982, portanto dez anos depois, foi que as emissoras públicas conseguiram fazer tal tipo de organização e, mesmo assim, sem tantas condições financeiras, até hoje passam por dificuldades para se manter.

Ainda em 1972 o Decreto nº 70.568/72 substituiu o Conselho Nacional de Telecomunicações pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Den- tel), foi criada a Telecomunicações Brasileiras S.A. (Telebrás). Foi desse ano também o início das transmissões de TV em cores, adotado o sistema PAL-M.

Em 1985 o Brasil passou a dominar a tecnologia da transmissão própria via satélite foi lançado, da Guiana Francesa, o primeiro satélite brasileiro, o Brasilsat1, e em 1986 foi lançado o Brasilsat 2. Em 1988 o Ministério das Comunicação regulamentou a TV por assinatura (TVA) e o DisTV, sistemas de distribuição de sinais que foram enquadrados como serviços especiais de telecomunicações.

Com a Constituição Federal de Outubro de 1988 foi criado um capítulo próprio da comunicação. Capítulo este que teve muitos problemas para ser construído. A comissão criada para elaborar uma proposta foi a única de todas as demais comissões da Constituição que não concluiu o relatório dos seus trabalhos, resultado da falta de acordos entre os setores representados e dos diferentes interesses. A Constituição tirou do presidente da República a decisão final pelas concessões, que passaram a ter que ser aprovadas pelo Congresso Nacional. Também foi reduzida para dez anos a concessão de Rádio e permaneceu em quinze anos a de TV. Foi também resgatada a função educativa como princípio primordial de qualquer emissora, sendo ela pública ou comercial. Alguns artigos da Constituição Federal:

Art. 220 - Fala sobre liberdade de expressão, proibição da censura, propaganda de alguns produtos, interdição de monopólio ou oligopólio e liberdade de imprensa escrita.

Art. 221 - Diz que a programação de rádio e de TV deve ser educativa e cultural, estimular a produção independente e a regionalização, e respeitar valores éticos e sociais.

Art. 222 - Interditava a participação de capital estrangeiro e limitava em 30% os investimentos de pessoas jurídicas nas empresas (modificado em 2002).

Art. 223 - Sobre o processo de concessão - dez anos para rádio e 15 para TV.

Art. 224 - Sobre a criação do Conselho de Comunicação Social como órgão

auxiliar do Congresso Nacional.

A década de 1990 tem contribuições pontuais a dar à comunicação. Em 1990 o governo Collor de Mello extinguiu o Ministério das Comunicações, que foi incorporado pelo novo Ministério da Infra-Estrutura – que, em 1991, se tornaria Ministério de Transportes e Comunicações. Em 1991, o Decreto nº177/91 regulamentou o MMDS, sigla em inglês de Sistema Multicanal de Distribuição de Microondas, permitindo a transmissão de programas similares aos da TV a Cabo. Em 30 de Dezembro daquele ano também foi publicada a Lei nº8.389/91, que regulamentaria as atividades do Conselho de Comunicação Social.

No ano de 1995 foi criada a Lei do Cabo - Lei nº8.977, de 06/01/95 - que abriu 49% do mercado para empresas estrangeiras e classificou o serviço como de telecomunicações. Esta abertura gerou um importante debate na sociedade. Havia quem defendesse que este seria um instrumento par a democratização da comunicação. Porém, este modelo se mostrou ainda mais elitista do que a televisão generalista, e o máximo que se conseguiu foi a regulamentação de canais comunitário e universitários, até hoje pouco utilizados.

Em 1997, na gestão de Fernando Henrique Cardoso, foi publicada em 16 de Julho a Lei Geral das Telecomunicações - Lei nº9.472/97. Ela substituiu muitas atribuições do Código de 1962 e criou a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), que regulamenta e fiscaliza o setor das telecomunicações. A criação da Anatel teve como principal motivação a privatização do sistema Telebrás.

Em 1998 foi publicada a Lei das Rádios Comunitárias - Lei nº9.612, de 19/02/89, que limitou o uso das frequências para entidades sem fins lucrativos. Esta lei, na prática, deixa o processo de concessão das rádios comunitárias ainda mais lento e burocratizado e tenta acabar com este tipo de comunicação.

Do final dos anos 1990 até os dias de hoje não existe concretamente muitas mudanças no que diz respeito à legislação de comunicação no Brasil. Continuam em vigor as leis e o jogo de interesses que historicamente fortaleceram o sistema comercial. Em 2002, com a chegada ao poder do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva as expectativas de mudanças cresceram, mas nada foi, até então, de fato, concretizado. Neste mesmo ano foi aprovada uma emenda ao artigo 222 da Constituição, que permitiu a abertura de 30% do capital das empresas de comunicações para grupos estrangeiros e 100% para grupos nacio-

nais. Foi também publicada a Lei nº 10.610/02, de 20/12/02, que regulamenta a participação do capital estrangeiro nas empresas e criado, enfim, o Conselho de Comunicação Social.

Além destas medidas deu-se início a discussões que a princípio seriam importantes, mas que foram enterradas ainda no seu processo de gestação, como o caso da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual (Ancinav), do Conselho Federal de Jornalismo e das discussões sobre a Lei Geral de Comunicação.

Em 30 de Junho de 2006, o Governo Federal publicou o Dec. nº 5.820, conhecido como o Decreto da TV Digital. Esta regulamentação dispõe sobre a implementação do SBTVD-T (Sistema Brasileiro de TV Digital – Terrestre), a partir da adoção do padrão ISDB de modulação. Tal medida descumpre o Dec. nº 4.901 de 26 de Novembro de 2003, que previa, dentre outras coisas, a expansão de tecnologias brasileiras e da indústria nacional relacionada às tecnologias de informação e comunicação, e disponibilizou recursos para tais desenvolvimentos. Esta mais recente regulamentação reabriu as discussões sobre a importância de uma Lei Geral de Comunicações que regulamente a atuação do setor, visto que a legislação vigente de base data de 1962 e não contempla os avanços pelos quais passaram os meios de comunicação, tampouco a convergência digital, prevista pelo novo decreto.

### **Para uma imponderável conclusão**

A abertura do debate das bases legais e das políticas públicas que venham a quebrar com o oligopólio dos interesses comerciais em detrimento dos interesses públicos é fundamental para a construção de uma sociedade democrática. Só que esta abertura esbarra em uma questão quase estrutural. As relações entre parlamentares e grandes corporações de comunicação também são peculiarmente intensas, configurando uma grande força dos políticos-radiodifusores e dos radiodifusores-políticos. Evidentemente, essa realidade dificulta a aprovação de uma nova base legal que tenha como perspectiva a democratização dos meios de comunicação.

Mesmo com a Constituição de 1988, que timidamente tem alguns avanços no que diz respeito à função da comunicação, na garantia do direito à informação e da “livre expressão”, na prática não há um marco regulatório claro

para o setor. As concessões continuam sendo quase automáticas e praticamente inviáveis os mecanismos para sua cassação, a quebra dos oligopólios e a falta de compromisso com a proposta inicialmente educativa, regional e com produção independente de todas as emissoras passa longe de ser cumprida.

As leis base que tratam das comunicações ainda datam da Ditadura Militar ou são anteriores, como é o caso do Código Brasileiro de Telecomunicações de 1962. As leis elaboradas naquele período pouco ou nada têm a ver com a realidade colocada para as comunicações atualmente. Mesmo depois da Constituição Federal de 1988 rever alguns conceitos básicos da comunicação, as leis não foram atualizadas para permitir a garantia e regulação de alguns direitos previstos por ela, deixando um abismo entre o defendido na Constituição e a prática das políticas de comunicação no país.

## Bibliografia

BERNARDES, Cristiane. *Hélio Costa diz que canal digital público é possível*. Disponível em:

<http://www2.camara.gov.br/homeagencia/materias.html?pk=100403>

Acessado em 2 abr. 2007.

BRASIL. Decreto nº20.047, de 27 de Maio de 1931. Regula a execução de radiocomunicações no território nacional. Atos do governo provisório. Rio de Janeiro: Senado Federal, [s.d], p. 262-270.

\_\_\_\_\_. Decreto nº21.111, de 1º de Março de 1932. Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional. Atos do governo provisório. Rio de Janeiro: Senado Federal, [s.d], p. 285-323.

\_\_\_\_\_. Lei Nº4.117, de 27 de Agosto de 1962. Código Brasileiro de Telecomunicações. Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 27 de Agosto de 1962. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 11 jun. 2005

\_\_\_\_\_. Decreto-Lei nº200, de 25 de Fevereiro de 1967. Dispõe sobre a organização da Administração Federal, estabelece diretrizes para a re-

forma administrativa, e dá outras providências. Reforma administrativa. 3. ed., Brasília: Senado Federal, [s.d], p. 12-78.

\_\_\_\_\_. Decreto nº62.236, de 8 de Fevereiro de 1968. Estabelece a estrutura básica do Ministério das Comunicações, define áreas de competência dos órgãos que o integram e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 9 fev. 1968.

\_\_\_\_\_. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei 8.389, de 30 de Dezembro de 1991. Institui o Conselho de Comunicação Social, na forma do art. 224 da Constituição Federal e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 31 dez. 1991.

\_\_\_\_\_. Lei Nº8.977, de 6 de Janeiro de 1995. Dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e dá outras providências. Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 06 de Janeiro de 1995. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 11 jun. 2005.

\_\_\_\_\_. Lei 9.472, de 16 de Julho de 1997. Dispõe sobre a organização dos serviços de telecomunicações, a criação e funcionamento de um órgão regulador e outros aspectos institucionais, nos termos da Emenda Constitucional nº8, de 1995. Diário Oficial da União, Brasília, 17 jul. 1997.

\_\_\_\_\_. Lei nº10.610, de 20 de Dezembro de 2002. Dispõe sobre a participação de capital estrangeiro nas empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens, conforme o §4º do art. 222 da Constituição, altera os arts. 38 e 64 da Lei nº 4.117, de 27 de Agosto de 1962, o §3º do art. 12 do Decreto-Lei nº 236, de 28 de Fevereiro de 1967, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2002.

CHAGAS, Cláudia M. F.; ROMÃO, José E. E.; LEAL, Sayonara. *Classificação indicativa no Brasil: desafios e perspectivas*. Brasília: Ministério da Justiça, 2006, p. 95-106.

\_\_\_\_\_. *O direito à comunicação e o regime de propriedade intelectual*. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER,

- Luciano (Orgs.). *Mídia cidadã: utopia brasileira*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2006, p. 65-82.
- COSTELLA, Antonio. *Comunicação: do grito ao satélite*. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira, 1984.
- ERBOLATO, Mário L. *A radiodifusão brasileira*. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Umesp, n. 4, out. 1980, p. 133-145.
- INTERVOZES - COLETIVO BRASIL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. (A) Plataforma Intevozes pelo Direito à Comunicação. Disponível em: [http:// www.intevozes.org.br](http://www.intevozes.org.br). Acesso em: 12 mar. 2005.
- Jambeiro, Othon. *Regulando a TV: uma visão comparativa do Mercosul*. Salvador: Edufba, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: Edufba, 2001.
- MACIEL, Laura Antunes. *Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil*. *Revista Brasileira de História*, 2001, v. 21, n. 41, p.127-144.
- MARTINS, Mariana. *Políticas de comunicação no Brasil: na contramão do interesse público: uma análise da TV Universitária do Recife*. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- RAMOS, Murilo César. “Políticas nacionais de comunicação” e crise dos paradigmas, *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro: Cebela/UFRJ, n. 17, 1993, p. 61-70.
- \_\_\_\_\_. *Uma nova legislação para as comunicações brasileiras e o paradoxo da radiodifusão*. *Tendências XXI*, n. 2, Lisboa: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, set. 1997, p. 176-182.
- \_\_\_\_\_. *Às margens da estrada do futuro: comunicações, políticas e tecnologia*. Brasília: UnB, 2000.
- REBOUÇAS, Edgard. *Modelo de representatividade social na regulamentação das emissões de televisão*. In: BOLAÑO, César (Org.). *Economia*

*política das telecomunicações, da informação e da comunicação*. São Paulo: Intercom, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sintonia fina: a lei que regulamenta o rádio e a televisão vai mudar - mas será para melhor?* Negócios Exame. São Paulo, n. 13, out. 2001, p. 66.

\_\_\_\_\_. *O discurso/escudo da liberdade de expressão dos "donos" da mídia*. In: CHAGAS, Claudia M.F.; ROMÃO, José E.E.; LEAL, Sayonara. *Classificação indicativa: desafios e perspectivas*. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2006, p. 95-106.

ROCHA FILHO, Aloisio da França. Comunicação de massa e Estado: televisão e política de telecomunicação (1950-1975). Dissertação (Mestrado em Comunicação), ECA-USP, 1981.

SALOMÃO AMORIM, José. A radiodifusão no Brasil: 1974-1981. Comunicação & Política. Rio de Janeiro: Cebela/UFRJ, v. 1, n. 2, jun.-set. 1983, p. 51-67.

SAMPAIO, Mario Ferraz. História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo : memórias de um pioneiro. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.